



ESCOLA DE DOUTORAMENTO
INTERNACIONAL DA USC

Márlio
Barcellos Pereira da Silva

Tese de doutoramento

DINÂMICAS DE PODER E TRADUÇÃO: A
FICÇÃO DE MACHADO DE ASSIS EM
LÍNGUA INGLESA (1950-2024)

Santiago de Compostela, 2025

TESE DE DOUTORAMENTO

**DINÂMICAS DE PODER E
TRADUÇÃO: A FICÇÃO DE
MACHADO DE ASSIS EM LÍNGUA
INGLESA (1950-2024)**

Autor

Márlío Barcellos Pereira da Silva

Directora: M. Carmen Villarino Pardo

Codirectora: M. Felisa Rodríguez Prado

PROGRAMA DE DOUTORAMENTO EN ESTUDOS DA LITERATURA E DA CULTURA

SANTIAGO DE COMPOSTELA

“O fato dos textos circularem sem seu contexto, de não importarem junto consigo o campo de produção — para empregar meu próprio jargão — dos quais são o produto e dos receptores, eles próprios inseridos em um campo de produção diferente, reinterpretarem-nos em função da estrutura do campo de recepção é gerador de mal entendidos colossais. É evidente que se pode tirar da minha descrição, que acredito ser objetiva, conclusões otimistas ou pessimistas: por exemplo, devido ao fato de alguém que é uma autoridade em seu país não levar consigo sua autoridade, a leitura estrangeira pode às vezes ter uma liberdade ausente da leitura nacional, submetida a efeitos de imposição simbólica, de dominação ou mesmo de limitação. O que leva a pensar que o julgamento do estrangeiro é um pouco parecido com o julgamento da posteridade.”

P. Bourdieu. *As condições sociais da circulação internacional das idéias* (1990)

AGRADECIMENTOS

Esta tese não teria sido possível sem o apoio de muitas pessoas que, de diferentes maneiras, estiveram presentes ao longo deste percurso.

Agradeço, em primeiro lugar, à professora Carmen Villarino, minha orientadora. Sua orientação foi marcada por escuta, firmeza e cuidado. Em momentos decisivos, contou com a sensibilidade necessária para compreender as dificuldades enfrentadas e, ao mesmo tempo, me encorajar a seguir adiante. Mesmo atravessando agora um período de recuperação de saúde, Carmen segue sendo uma referência de presença intelectual e humana. Deixo aqui meu reconhecimento pelo papel central que teve na construção deste trabalho e meu desejo sincero de que esteja de volta em breve às suas atividades, com saúde e tranquilidade.

À professora Maria Felisa, que assumiu a coorientação num momento difícil, com pouco tempo, mas com generosidade, disponibilidade e respeito, agradeço por ter acolhido o projeto e contribuído de maneira decisiva para sua continuidade.

Agradeço também ao professor Hélio Guimarães, que me orientou no mestrado e, mesmo sem saber, me deu estímulos importantes. Seus textos foram uma referência constante neste trabalho.

Ao Gonçalo, agradeço pela ajuda decisiva na fase de construção do banco de dados da tese. Seu apoio técnico foi essencial para que eu pudesse estruturar essa etapa inicial do trabalho.

À Rede Galabra, agradeço pela convivência e pelas discussões compartilhadas ao longo do tempo em que estive vinculado ao grupo. Em especial, agradeço ao professor Elias pelo acolhimento e generosidade.

Aos colegas do Grupo de Português da Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela — Fornoiro, Carlos Quiroga, Mariana, Célia, Isabel, José Antônio e José Luís — agradeço pelo convívio, pelas trocas e pelas colaborações ao longo dos anos.

Agradeço também à professora Maria Soledad, coordenadora do programa de doutoramento, pela atenção nas ocasiões em que precisei resolver questões administrativas e acadêmicas ao longo do percurso.

Registro aqui um agradecimento especial à Yamilé, minha companheira. Esteve ao meu lado em todas as fases deste trabalho: leu, revisou, organizou referências, sugeriu mudanças e manteve meu ânimo em alta enquanto eu tentava manter o foco na escrita. Sua presença foi um suporte prático e emocional que fez toda a diferença.

Aos amigos que, de maneiras diversas, acompanharam esta travessia: ao Saulo, que não deixou que eu perdesse o ritmo, sempre chamando para seguir, à Flávia, que acompanhou de perto a longa duração desta tese, inclusive nos momentos de pausa e incerteza, ao Paulo, pela confiança e pelas palavras pontuais de incentivo, à Uxía, por sua presença e pelas músicas que, em muitos momentos, me fizeram companhia, ao Mauro, que mesmo à distância se manteve por perto.

Agradeço ao Roberto e ao Francisco pela disponibilidade em colaborar com a formatação e organização final da tese, mesmo que essa ajuda não tenha sido, no fim, diretamente utilizada. E à Nereyda, minha sogra, pelo suporte no cotidiano e pela alegria que trouxe à casa durante todo esse percurso.

Às minhas irmãs — Isadora, Iari e Mariana — agradeço pelo vínculo que permanece firme, apesar da distância. Aos meus sobrinhos e sobrinhas, que, com sua existência, trouxeram alegria e me ajudaram a lembrar da importância de manter os afetos em movimento.

Por fim, aos meus pais, Carlos e Maria, que despertaram em mim, desde cedo, o gosto pela leitura, pela escrita e pela investigação. Muito do que sou — e do que pude realizar — começou com eles.

RESUMO

Esta tese analisa a circulação da ficção de Machado de Assis mundo anglófono (1950–2024), especificamente nos Estados Unidos e na Inglaterra, partindo do referencial teórico da sociologia da tradução e da literatura (Bourdieu, Casanova, Heilbron, Sapiro). A investigação sustenta que a trajetória internacional do autor foi moldada por dinâmicas de poder – geopolíticas, econômicas e institucionais – que operam em múltiplos níveis (macro, meso e micro). Por meio de uma cartografia sistemática das traduções e de estudos de caso focados em agentes editoriais chave (Noonday Press, editoras universitárias, Oxford University Press, Penguin Classics, Liveright/Norton), a pesquisa demonstra como a seleção, tradução, mediação paratextual e recepção das obras machadianas não resultaram de um reconhecimento espontâneo, mas de um processo de construção social e institucional. A análise desnaturaliza a canonização de Machado, revelando-a como um fenômeno negociado, no qual sua imagem foi sucessivamente reconstruída para dialogar com os interesses e as agendas dos campos culturais de chegada, desde o contexto da Guerra Fria até os debates identitários do século XXI. A tese conclui que a consagração de um autor de uma literatura periférica no centro do sistema mundial é um processo contingente, que evidencia as relações de poder que estruturam o campo mundial da tradução.

Palavras-chave: Machado de Assis, Sociologia da Tradução, Mercado Editorial, Relações de Poder, Canonização.

RESUMEN

Esta tesis analiza la circulación de la ficción de Machado de Assis en el mundo anglófono (1950–2024), específicamente en los Estados Unidos e Inglaterra, partiendo del marco teórico de la sociología de la traducción y de la literatura (Bourdieu, Casanova, Heilbron, Sapiro). La investigación sostiene que la trayectoria internacional del autor fue moldeada por dinámicas de poder – geopolíticas, económicas e institucionales – que operan en múltiples niveles (macro, meso y micro). A través de una cartografía sistemática de las traducciones y de estudios de caso centrados en agentes editoriales clave (Noonday Press, editoriales universitarias, Oxford University Press, Penguin Classics, Liveright/Norton), la investigación demuestra cómo la selección, traducción, mediación paratextual y recepción de las obras machadianas no resultaron de un reconocimiento espontáneo, sino de un proceso de construcción social e institucional. El análisis desnaturaliza la canonización de Machado, revelándola como un fenómeno negociado, en el que su imagen fue sucesivamente reconstruida para dialogar con los intereses y las agendas de los campos culturales de llegada, desde el contexto de la Guerra Fría hasta los debates identitarios del siglo XXI. La tesis concluye que la consagración de un autor de una literatura periférica en el centro del sistema mundial es un proceso contingente, que evidencia las relaciones de poder que estructuran el campo mundial de la traducción.

Palabras clave: Machado de Assis, Sociología de la Traducción, Mercado Editorial, Relaciones de Poder, Canonización.

ABSTRACT

This thesis analyzes the circulation of Machado de Assis's fiction in the Anglophone world (1950–2024), specifically in the United States and England, based on the theoretical framework of the sociology of translation and literature (Bourdieu, Casanova, Heilbron, Sapiro). The research argues that the author's international trajectory was shaped by power dynamics — geopolitical, economic, and institutional — operating on multiple levels (macro, meso, and micro). Through a systematic mapping of translations and case studies focused on key editorial agents (Noonday Press, university presses, Oxford University Press, Penguin Classics, Liveright/Norton), the research demonstrates how the selection, translation, paratextual mediation, and reception of Machado's works were not the result of spontaneous recognition, but of a process of social and institutional construction. The analysis denaturalizes Machado's canonization, revealing it as a negotiated phenomenon in which his image was successively reconstructed to dialogue with the interests and agendas of the receiving cultural fields, from the context of the Cold War to the identity debates of the 21st century. The thesis concludes that the consecration of an author from a peripheral literature in the center of the world system is a contingent process, which highlights the power relations that structure the world field of translation.

Keywords: Machado de Assis, Sociology of Translation, Publishing Market, Power Relations, Canonization.

Lista de abreviaturas

AAUP	Association of American University Presses
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
FSG	Farrar, Straus and Giroux
INL	Instituto Nacional do Livro
LATP	Latin American Translation Program
LoLA	Library of Latin America
MinC	Ministério da Cultura (Brasil)
OUP	Oxford University Press
UCP	University of California Press
UPK	University Press of Kentucky
UTP	University of Texas Press
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

ÍNDICE

1	Introdução.....	13
1.1	Machado de Assis no Palco Mundial.....	13
1.2	Justificativa e Relevância da Investigação.....	14
1.3	Questões Norteadoras e Hipótese Central.....	15
1.4	Fundamentos Teórico-Metodológicos e Delimitação do Estudo.....	16
1.5	Contribuições Centrais da Tese.....	17
1.6	Possíveis Limitações.....	18
1.7	Roteiro da Tese: Percurso da Análise.....	19
2	Estado da questão: machado de assis e a crítica de suas traduções para o inglês.....	21
2.1	Primeiras Interpretações Críticas.....	22
2.2	Tradução e Crítica Literária: O Olhar de John Gledson.....	25
2.3	Historiografia Editorial e Recepção de Machado de Assis em Língua Inglesa.....	28
2.4	Circulação, mediações editoriais e construção do cânone de contos machadianos.....	36
2.5	Poéticas da Tradução e Leitura Comparativa.....	40
2.6	Ética, poder simbólico e disputas identitárias.....	46
2.7	Lacunas da Crítica.....	50
2.8	Contribuição da Tese.....	51
2.9	Considerações Finais.....	52
3	Referencial Teórico e Metodologia.....	55
3.1	Referencial Teórico: Circulação Literária, Tradução e Mediação.....	55
3.2	Estratégia Metodológica.....	76
4	Cartografia das Traduções Machadianas para o Inglês.....	91
4.1	Panorama Cronológico das Traduções (1950–2024).....	92
4.2	Panorama Tipológico das Traduções.....	104
4.3	Dinâmicas de Poder na Cartografia Machadiana.....	116
4.4	Conclusões do capítulo.....	118
5	A Noonday Press e a Canonização Inicial de Machado de Assis no Mundo Anglófono....	121
5.1	O Contexto da Edição: A Noonday Press e o Clima Cultural do Pós-Guerra.....	121
5.2	As Traduções Pioneiras da Noonday Press: Um Projeto de Canonização?.....	124
5.3	A Recepção Crítica Inicial e a Construção da Imagem de Machado de Assis.....	128
5.4	A Noonday Press e o Legado da Canonização Inicial.....	134
5.5	Considerações finais.....	136

6 Machado de Assis, Editoras Universitárias e a Legitimação Acadêmica nos Estados Unidos (1963-1984).....	139
6.1 Políticas de Fomento, Agendas Institucionais e a Tradução de Machado de Assis	141
6.2 Estratégias Tradutórias e Paratextuais nas Edições das Editoras Universitárias	147
6.3 A Articulação: Interjogo de Financiamento, Tradução e Legitimação Acadêmica.....	154
6.4 Conclusão	160
7 Peter Owen Publishers e Robert L. Scott-Bucleuch.....	163
7.1 Estratégia editorial da Peter Owen Publishers.....	164
7.2 Perfil do tradutor – Robert L. Scott-Bucleuch.....	167
7.3 Estudos de caso.....	169
7.4 Comparação transversal das três traduções	176
7.5 Impactos no campo literário britânico	178
7.6 Conclusão	179
8 Oxford University Press e a Virada Institucional (1997-2005)	181
8.1 Recepção Anglófona Anterior à “Virada Institucional” da OUP (Pré-1997).....	181
8.2 A Oxford University Press e o Lançamento Estratégico da “Library of Latin America” (LoLA) (1997)	183
8.3 As Traduções Machadianas da LoLA	186
8.4 O Aparato Paratextual da LoLA.....	188
8.5 Dinâmicas de Poder Editorial e Legitimação Acadêmica	191
8.6 Conclusão	193
9 O “Boom” das Antologias de Contos de Machado de Assis (2000-2024)	195
9.1 Mapeamento e Caracterização da Produção Editorial Anglófona.....	195
9.2 A Consagração de Machado de Assis como Contista	198
9.3 Recepção Internacional e o Desafio Anglófono	200
9.4 Os Desafios da Tradução Machadiana:	201
9.5 6. Machado de Assis no Cenário Literário Mundial e Perspectivas Futuras	203
10 Romances em Tradução no Século XXI: Penguin Classics e Norton (2018-2024).....	205
10.1 Novas Traduções de Romances.....	207
10.2 Planos Editoriais Paralelos: Penguin Classics vs. Norton/Liveright	210
10.3 A Centralidade dos Paratextos e Notas Culturais na Mediação de Machado	213
10.4 Recepção Crítica Internacional das Novas Traduções (2020-2024).....	216
10.5 Machado no Século XXI – Um Cânone em Expansão e os Desafios da Periferia.....	217
11 Considerações finais	221
11.1 Síntese dos Achados: A Construção da Trajetória Anglófona de Machado de Assis	221
11.2 Implicações Teóricas e Contribuições da Pesquisa	227

11.3 O Legado de Machado de Assis no Século XXI.....	228
11.4 Limitações da Pesquisa e Perspectivas para Investigações Futuras	229
11.5 Machado de Assis e as Dinâmicas de Poder na Literatura Mundial	230
12 Referências bibliográficas	231
13 Lista de tabelas	239

1 INTRODUÇÃO

1.1 MACHADO DE ASSIS NO PALCO MUNDIAL: ENTRE A CONSAGRAÇÃO NACIONAL E O DESAFIO DA TRADUÇÃO

A produção literária de Joaquim Maria Machado de Assis (1839–1908) ocupa um papel central dentro do cânone brasileiro, influenciando não apenas o desenvolvimento da literatura nacional no século XIX e início do XX, mas também permanecendo relevante na atualidade como um marco da identidade cultural e como objeto de estudo contínuo. A profundidade psicológica de seus personagens, a ironia sutil que perpassa sua prosa, a crítica arguta às estruturas sociais e aos comportamentos humanos, bem como a inovação formal de suas narrativas conferem à sua obra uma dimensão que ultrapassa fronteiras, ombreando-o aos grandes mestres da literatura ocidental.

Contudo, essa consagração quase unânime em seu país de origem contrastou, por um longo e significativo período, com uma presença internacional relativamente modesta. O paradoxo, já notado por Antônio Candido em 1968, entre a “glória nacional quase hipertrofiada” de Machado e sua “desalentadora obscuridade internacional” (1995, p. 19), serve como ponto nevrálgico e catalisador para a problemática que anima a presente tese. Este “enigma machadiano” na esfera global não é um caso isolado, mas sintomático dos desafios enfrentados por autores de literaturas escritas em línguas de menor circulação no sistema literário mundial.

As razões tradicionalmente apontadas para essa projeção internacional tardia e desigual são múltiplas e complexas. A barreira imposta pela língua portuguesa, um idioma considerado periférico nos principais circuitos de tradução e intercâmbio cultural, certamente desempenhou um papel crucial. Some-se a isso a pouca influência geopolítica do Brasil no cenário mundial durante grande parte do século XX, um fator que, segundo Candido, frequentemente limita a “irradiação política do país” e, por conseguinte, a difusão de sua produção cultural (1995, p. 19). Além disso, os desafios intrínsecos à tradução da prosa machadiana – sua sutileza estilística, sua ironia velada, suas referências culturais específicas – representaram obstáculos consideráveis para tradutores e editores. No entanto, a persistência dessa obscuridade relativa, mesmo diante de um crescente reconhecimento da genialidade do autor, sugere que a questão vai além de meras dificuldades linguísticas ou contextuais. A necessidade de investigar a fundo a trajetória anglófona de Machado, que se estende por mais de sete décadas e envolve múltiplos agentes e esforços editoriais (Guimarães, 2023), indica que sua recepção não foi um processo orgânico e espontâneo de reconhecimento de mérito. Se a qualidade literária fosse o único critério determinante, a obscuridade não teria perdurado por tanto tempo nem exigiria tantos esforços mediados por diferentes formas de poder – geopolítico, editorial, acadêmico – para ser gradualmente superada. A própria focalização desta tese nas “dinâmicas de poder” busca, portanto, desnaturalizar essa obscuridade inicial, compreendendo-a não como um destino inevitável, mas como um sintoma de como o sistema literário mundial opera seletivamente, privilegiando obras oriundas de centros culturais e linguísticos dominantes e impondo desafios adicionais àquelas provenientes de suas periferias.

Nesse contexto mais amplo da circulação de obras de literaturas “periféricas” em “centros” culturais hegemônicos, a tradução emerge não como um processo neutro de transferência linguística, mas como um campo complexo, atravessado por relações de poder, interesses e disputas simbólicas. É precisamente essa dimensão que a presente tese se propõe a investigar. O objetivo central deste estudo é analisar como as “dinâmicas de poder” – em suas manifestações simbólicas, econômicas, geopolíticas e institucionais – moldaram a seleção, tradução, publicação, mediação paratextual e recepção da ficção de Machado de Assis em língua inglesa, no extenso período compreendido entre 1950 e 2024. A jornada anglófona de

Machado é aqui tomada como um estudo de caso paradigmático, capaz de desvelar os mecanismos de poder que regem a consagração (ou a marginalização) de autores de literaturas não hegemônicas no campo literário global, revelando as tensões, as negociações e as reconfigurações de valor inerentes a esse processo.

1.2 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DA INVESTIGAÇÃO

A investigação das dinâmicas de poder na tradução e circulação da ficção de Machado de Assis em língua inglesa reveste-se de significativa relevância para múltiplos campos do saber, oferecendo contribuições originais tanto em termos empíricos quanto teórico-metodológicos.

No âmbito dos Estudos da Tradução, a tese contribui ao demonstrar, por meio de uma análise histórica e sociologicamente informada, como a tradução literária se configura como uma prática social e um campo de disputa, conforme teorizado por Gisèle Sapiro (2014). As escolhas tradutórias e editoriais que marcaram a trajetória anglófona de Machado não foram meramente determinadas por critérios linguísticos ou estéticos isolados, mas profundamente influenciadas por relações de poder, interesses institucionais e contextos socioculturais específicos. A análise minuciosa dos paratextos – prefácios, introduções, notas, – como instrumentos de mediação e, fundamentalmente, como veículos de poder, enriquece a compreensão da tradução como um ato de “reescrita” e de construção ativa de significado, que molda a forma como uma obra e seu autor são percebidos e consumidos em um novo ambiente cultural.

Para a Sociologia da Literatura, o estudo de caso de Machado de Assis oferece um terreno fértil para a aplicação e o refinamento de conceitos teóricos consagrados. As formulações de Pierre Bourdieu (1990) sobre campo literário, capital simbólico e *habitus*, as reflexões de Pascale Casanova (2008) acerca da República Mundial das Letras e dos processos de consagração, e as análises de Johan Heilbron e Gisèle Sapiro (2007) sobre o sistema mundial de tradução e a hierarquia das línguas fornecem o arcabouço para compreender como o capital simbólico de um autor de uma literatura periférica é construído, negociado e legitimado nos centros culturais hegemônicos. A tese ilumina, de forma concreta, os mecanismos pelos quais uma obra atravessa fronteiras, as resistências que encontra e as transformações que sofre nesse percurso, evidenciando a natureza socialmente construída do valor literário em escala global.

No campo dos Estudos Machadianos, esta pesquisa apresenta um panorama inédito e sistemático da trajetória anglófona da ficção do autor, preenchendo uma lacuna importante na literatura crítica, como se mostra na revisão do estado da questão. Ao investigar como a imagem de Machado foi construída e reconstruída para o público de língua inglesa ao longo de mais de sete décadas, incluindo a crescente e significativa atenção dispensada à sua identidade racial e ao legado da escravidão em sua obra nas interpretações mais recentes¹, a tese aprofunda a compreensão das múltiplas facetas de sua recepção internacional.

A originalidade da abordagem reside, fundamentalmente, no foco explícito e sustentado na intersecção entre *poder*, *tradução* e *recepção* ao longo de um período extenso (1950-2024). A aplicação de um modelo analítico multinível – macro (estruturas globais), meso (instituições e agentes) e micro (práticas textuais e paratextuais)² – para desvendar essas dinâmicas de forma integrada constitui um diferencial metodológico significativo. A trajetória de Machado de Assis em língua inglesa, com suas diferentes fases de “descoberta”, legitimação acadêmica e, mais recentemente, de renovado interesse por grandes editoras³, não é apenas um caso de “recepção”

¹ A questão não será aprofundada, mas é relevante por ganhar importância no contexto da publicação das traduções recentes de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

² O modelo é apresentado por Heilbron e Sapiro (2007) e explicitado em Es e Heilbron (2015) e Heilbron (2020).

³ É o caso das traduções recentes, 2018, 2020, 2023 e 2024, de editoras comerciais como a Penguin e a Liveright.

passiva de uma obra genial. Ela se revela um microcosmo das lutas por reconhecimento, das disputas por capital simbólico e da redefinição de valor que caracterizam o campo literário global. As “dinâmicas de poder” não são apenas forças externas que atuam sobre a obra de Machado (como a geopolítica da Guerra Fria ou as políticas de fomento); elas são também internas ao próprio campo da tradução e da edição, manifestando-se nas tensões entre diferentes editoras, nas distintas abordagens tradutórias e críticas, e nas estratégias de apresentação paratextual. A competição entre as duas traduções de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* publicadas em 2020⁴ é um exemplo eloquente dessa dinâmica agonística. A canonização de Machado no mundo anglófono é, portanto, um processo construído, contestado e continuamente negociado, resultado dessas múltiplas e, por vezes, conflitantes manifestações de poder.

1.3 QUESTÕES NORTEADORAS E HIPÓTESE CENTRAL

A presente investigação foi orientada por um conjunto de questões centrais, destinadas a explorar as múltiplas facetas da relação entre poder, tradução e a circulação da ficção machadiana no mundo anglófono. Estas perguntas, inspiradas na problemática geral da tese e nas lacunas identificadas na literatura crítica, buscaram guiar a coleta e a análise dos dados, bem como a formulação dos argumentos centrais. As principais questões norteadoras foram:

- Como as dinâmicas de poder – em suas dimensões simbólica, econômica, geopolítica e institucional – influenciaram a seleção de obras de Machado de Assis para tradução, as estratégias tradutórias adotadas, as políticas editoriais, a mediação paratextual e a recepção crítica e pública de sua ficção em língua inglesa, no período compreendido entre 1950 e 2024?
- Quais agentes (tradutores, editores, críticos, acadêmicos, instituições de fomento) e instituições (editoras comerciais, editoras universitárias, fundações) foram determinantes nesse processo de transposição cultural, e de que maneira suas estratégias e tomadas de posição refletiram e, simultaneamente, moldaram essas dinâmicas de poder?
- De que forma os contextos sociopolíticos e culturais mais amplos – como a Guerra Fria, os movimentos por direitos civis, a globalização, os debates sobre identidade racial e o legado colonial, e as transformações no mercado editorial – impactaram a trajetória anglófona de Machado de Assis e a maneira como sua obra foi interpretada e valorizada?
- Como os elementos paratextuais (títulos, prefácios, introduções, notas, capas, material promocional) funcionaram como instrumentos de poder na construção da imagem de Machado de Assis, na orientação da leitura de suas obras e na sua legitimação (ou marginalização) no campo literário anglófono?
- De que maneira a evolução da presença de Machado de Assis em língua inglesa, desde as primeiras traduções sistemáticas na década de 1950 até o “boom” tradutório observado no século XXI, revela transformações nas relações de poder no sistema literário global e nos processos de canonização transnacional de autores de literaturas não hegemônicas?

Para responder a estas questões, a investigação propõe e busca sustentar a hipótese de que a trajetória da ficção de Machado de Assis em língua inglesa, no período de 1950 a 2024, é sistemática e profundamente moldada por dinâmicas de poder que operam em múltiplos níveis

⁴ Trata-se das traduções de Thomsom-Deveaux (2020) e de Costa e Patterson (2020) de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

interdependentes – macro (referente às estruturas globais do sistema literário e às conjunturas geopolíticas), meso (envolvendo os agentes e instituições dos campos editoriais e culturais de origem e chegada) e micro (concernente às práticas textuais e paratextuais específicas de tradução e mediação). A análise dessas dinâmicas interdependentes revela não apenas os complexos mecanismos de construção da reputação e da canonização internacional de um autor oriundo de uma literatura considerada periférica, mas também expõe as tensões, negociações e reconfigurações de valor que são inerentes ao funcionamento do campo literário global. A forma como Machado de Assis foi selecionado, traduzido, editado, apresentado e recebido no mundo anglófono é, portanto, um reflexo direto dessas relações de poder e das estratégias empregadas pelos diversos mediadores culturais para posicioná-lo nesse novo contexto.

Esta hipótese, fundamentada nos pressupostos teóricos da sociologia da tradução e da literatura⁵, orientou a análise dos dados e a estruturação dos argumentos ao longo de toda a tese, buscando demonstrar que a “fortuna” de Machado de Assis em inglês é menos o resultado de um reconhecimento espontâneo de sua genialidade e mais o produto de um intrincado e contínuo processo de construção social, cultural e institucional.

1.4 FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

A análise das dinâmicas de poder na tradução e circulação da ficção machadiana em língua inglesa apoia-se em um robusto arcabouço teórico e em uma estratégia metodológica cuidadosamente delineada, que buscam dar conta da complexidade do objeto de estudo.

Os fundamentos teóricos desta tese provêm, eminentemente, da sociologia da tradução e da sociologia da literatura, campos que oferecem ferramentas conceituais poderosas para investigar as relações entre texto, contexto, agentes e estruturas de poder. As contribuições de Pierre Bourdieu são centrais, particularmente seus conceitos de campo literário (como espaço de lutas e concorrência por legitimidade), capital simbólico (como forma de reconhecimento e prestígio), e *habitus* (como sistema de disposições que orienta as práticas dos agentes). A perspectiva de Pascale Casanova sobre a República Mundial das Letras e os processos de consagração de autores de literaturas periféricas nos centros culturais hegemônicos ilumina a dimensão transnacional da trajetória de Machado. As análises de Johan Heilbron e Gisèle Sapiro sobre a estrutura hierárquica do sistema mundial de tradução, o papel das línguas centrais e periféricas, e a compreensão da tradução como prática social e campo de disputa são igualmente cruciais. No que tange à mediação textual e paratextual, a obra de Gérard Genette sobre os paratextos e sua função na orientação da leitura e na apresentação do livro ao público oferece um instrumental analítico indispensável. Embora a presente introdução não se aprofunde na exposição detalhada dessas teorias, é fundamental assinalar que elas constituem as lentes através das quais as dinâmicas de poder são examinadas ao longo da tese.

A delimitação do estudo, em termos de corpus e escopo, foi definida de modo a permitir uma investigação aprofundada e, ao mesmo tempo, abrangente. O *corpus* da pesquisa é constituído pela ficção de Machado de Assis – romances e coletâneas de contos – traduzida para a língua inglesa. O *período* analisado estende-se de 1950 a 2024. O marco inicial, 1950, justifica-se pelo início das primeiras traduções sistemáticas e de maior impacto dos romances machadianos para o inglês, notadamente pela Noonday Press a partir de 1952. O marco final, 2024, permite incluir as mais recentes e significativas iniciativas de tradução e reedição, que caracterizam o “boom” contemporâneo e a contínua reconfiguração da imagem de Machado. Este extenso recorte temporal não é arbitrário; ele reflete a própria “vida” de Machado de Assis no sistema literário anglófono, desde sua cautelosa “introdução” em um contexto de Guerra

⁵ Sobretudo nas formulações de Bourdieu (1990), Casanova (2008), Heilbron e Sapiro (2007) Sapiro (2014).

Fria até sua vigorosa “reafirmação” em um mundo globalizado e digital. As dinâmicas de poder que influenciam a tradução de Machado não são estáticas, mas historicamente situadas e mutáveis. O contexto geopolítico e cultural de 1950, por exemplo, que favoreceu uma “diplomacia do livro”, difere substancialmente do cenário de 2020, marcado por debates sobre identidade, diversidade e o legado colonial, que informam as novas traduções e paratextos.¹ A cobertura deste longo período permite, portanto, rastrear a evolução dessas dinâmicas e identificar como diferentes formas de poder (político-estratégico, mercadológico-simbólico, acadêmico-institucional) tornaram-se mais ou menos proeminentes em distintas fases da trajetória anglófona de Machado. O escopo geográfico concentra-se no mundo anglófono, com foco principal nos mercados editoriais dos Estados Unidos e do Reino Unido, reconhecidos como centros de produção, legitimação e difusão da literatura em língua inglesa. O foco analítico reside, como reiterado, nas dinâmicas de poder manifestas nos processos de seleção, tradução, edição, paratextualidade e recepção das obras.

A estratégia metodológica adotada é a de um método misto com ênfase qualitativa, que combina a análise quantitativa descritiva de dados editoriais (provenientes da cartografia das traduções) com uma investigação qualitativa aprofundada de paratextos, contextos institucionais e recepção crítica. A pesquisa organiza-se em torno de estudos de caso instrumentais e coletivos, que permitem examinar em detalhe a atuação de agentes e instituições específicas, e de uma análise multinível (macro, meso, micro) para articular as diferentes dimensões do poder em jogo.

1.5 CONTRIBUIÇÕES CENTRAIS DA TESE

A presente investigação sobre as dinâmicas de poder na tradução e circulação da ficção de Machado de Assis em língua inglesa (1950-2024) oferece um conjunto de contribuições originais e significativas para diversos campos do conhecimento, que se espera que avancem a compreensão não apenas da trajetória particular deste autor canônico, mas também dos processos mais amplos que regem o intercâmbio literário global.

Primeiramente, a tese realiza um mapeamento abrangente e inédito da produção anglófona de Machado de Assis, conforme detalhado no Capítulo 4. Esta cartografia, que sistematiza informações sobre traduções, editores, tradutores e paratextos ao longo de mais de sete décadas, constitui um recurso documental de fundamental importância para pesquisadores dos Estudos Machadianos, dos Estudos da Tradução e da História Editorial, preenchendo uma lacuna sensível na literatura crítica existente.

Em segundo lugar, a pesquisa oferece uma análise aprofundada das múltiplas mediações que configuraram a imagem e a recepção de Machado no mundo anglófono. A investigação detalhada do papel das diferentes editoras (desde as pioneiras e independentes até as grandes casas comerciais e universitárias), dos diversos tradutores (com seus perfis e abordagens distintas) e, de forma crucial, dos paratextos (prefácios, introduções, notas, capas) revela os mecanismos concretos através dos quais a obra machadiana foi “marcada”, interpretada e apresentada a um novo público. Os Capítulos 5 a 10 demonstram como esses elementos de mediação não são neutros, mas instrumentos ativos na construção do significado e do valor literário.

Uma terceira contribuição central reside na aplicação consistente e sistemática de um modelo sociológico multinível para desvendar as complexas dinâmicas de poder em jogo. Ao articular as dimensões macro (estruturas globais do sistema literário, contextos geopolíticos), meso (instituições editoriais e culturais, redes de agentes) e micro (práticas textuais e paratextuais), a tese demonstra a fecundidade da sociologia da tradução e da literatura (Bourdieu, Casanova, Heilbron, Sapiro) para analisar a circulação internacional de autores de

literaturas consideradas periféricas. Este modelo analítico oferece uma alternativa robusta a abordagens que isolam o texto de seu contexto de produção e recepção.

Conseqüentemente, a pesquisa contribui para a desnaturalização dos processos de canonização literária. Ao evidenciar que a consagração de um autor como Machado de Assis no cenário internacional é um fenômeno socialmente construído, permeado por relações de poder, interesses institucionais e contingências históricas, a tese desafia noções ingênuas de que o reconhecimento literário é um mero reflexo de um valor estético intrínseco e universalmente perceptível. A canonização emerge, assim, como um processo dinâmico, contestado e continuamente negociado.

Por fim, ao focar nas dinâmicas de poder que influenciaram a trajetória anglófona de Machado, a tese oferece uma reinterpretação dessa própria trajetória. Ela lança novas luzes sobre as razões pelas quais o autor brasileiro demorou a alcançar um reconhecimento internacional mais amplo e sobre como esse reconhecimento foi, e continua sendo, moldado por forças que transcendem o âmbito puramente literário. A trajetória de Machado de Assis em língua inglesa, com suas particularidades e sua evolução ao longo de mais de sete décadas, espelha, de forma exemplar, as próprias transformações do sistema literário mundial e das relações culturais Norte-Sul. Analisar essa jornada é, portanto, analisar as metamorfoses do poder no campo da literatura global. O “caso Machado” não é apenas sobre um autor individual, por mais genial que seja; ele se torna uma lente através da qual se podem observar as formas como o “centro” define, consome e, por vezes, reconfigura o “outro” cultural em diferentes momentos históricos. A maneira como Machado foi traduzido e recebido em cada fase – seja como um instrumento de “diplomacia do livro” no auge da Guerra Fria ou como um “clássico redescoberto” e relevante para os debates identitários na era da globalização – reflete essas mudanças contextuais mais amplas e a contínua renegociação de seu legado.

Espera-se, assim, que as contribuições desta tese não se limitem a um aprofundamento do conhecimento sobre Machado de Assis, mas que também estimulem reflexões mais amplas sobre o poder, a cultura e a tradução no mundo contemporâneo.

1.6 POSSÍVEIS LIMITAÇÕES

Esta pesquisa espera elucidar como, ao longo de várias décadas, um conjunto de agentes – tradutores, editores, críticos – trabalhou, conscientemente ou não, para formar uma ideia específica sobre Machado de Assis nos países de língua inglesa. Ao mesmo tempo, reconhece-se que há limitações inerentes:

- Acesso parcial a documentos: Muitas cartas, contratos e registros editoriais podem estar dispersos, não digitalizados ou indisponíveis para consulta. Esse fato restringe a possibilidade de reconstituir integralmente certos processos decisórios.
- Foco nas traduções em inglês: O estudo não abarca a totalidade das traduções de Machado para outras línguas, como o espanhol ou o francês. Ainda que tal recorte seja justificável, impede comparações diretas que poderiam aprofundar a compreensão do fenômeno de circulação global.
- Oscilações no mercado editorial: Mudanças bruscas na economia ou na política cultural de diferentes países podem influenciar a publicação de autores estrangeiros. Apesar de a pesquisa levar em conta alguns desses fatores, não é possível cobrir todas as variações conjunturais que, em maior ou menor grau, afetam as editoras.

Apesar dessas limitações, a riqueza do material coletado e a perspectiva teórico-metodológica adotada permitem avançar na interpretação dos mecanismos que definem o lugar de Machado de Assis no campo literário mundial.

1.7 ROTEIRO DA TESE: PERCURSO DA ANÁLISE

A presente tese está estruturada de modo a conduzir o leitor por um percurso analítico que progressivamente desvela as complexas dinâmicas de poder envolvidas na tradução e circulação da ficção de Machado de Assis em língua inglesa. Cada capítulo contribui de forma específica para a construção do argumento central, articulando evidências empíricas com o referencial teórico adotado.

O Capítulo 2, intitulado “Estado da Questão: Machado de Assis e a Crítica de Suas Traduções para o Inglês”, oferece uma revisão exaustiva da literatura crítica existente sobre o tema. Este capítulo mapeia os principais debates, abordagens e contribuições de pesquisadores que se debruçaram sobre a tradução e recepção de Machado no mundo anglófono, identificando as lacunas que a presente tese se propõe a preencher, com destaque para a necessidade de uma análise sociológica mais integrada e sistemática das dinâmicas de poder que permearam essa trajetória.

O Capítulo 3, “Referencial Teórico e Metodologia”, estabelece os fundamentos conceituais e os procedimentos de investigação que sustentam a análise. São apresentados os principais aportes da sociologia da tradução e da literatura (com ênfase em Bourdieu, Casanova, Heilbron e Sapiro) e dos estudos paratextuais (Genette), que informam a compreensão das dinâmicas de poder. Detalha-se, ainda, a estratégia metodológica adotada, que combina métodos mistos com ênfase qualitativa, uma abordagem multinível (macro, meso, micro) e o uso de estudos de caso.

O Capítulo 4, “Cartografia das Traduções Machadianas para o Inglês (1950–2024): Um Panorama Cronológico e Tipológico”, constitui um dos pilares empíricos da tese. Este capítulo apresenta um mapeamento inédito e sistemático das traduções da ficção de Machado para o inglês, identificando padrões de publicação, “ondas” de interesse, os principais agentes (tradutores, editoras) e os contextos socioculturais de cada período. Analisa também as características tipológicas das traduções, como os gêneros privilegiados, o perfil das editoras e as estratégias paratextuais, servindo como base factual para as análises aprofundadas dos capítulos subsequentes.

Os Capítulos 5 a 10 desenvolvem uma série de estudos de caso, cada um focado em um conjunto específico de agentes editoriais, um período particular ou um fenômeno editorial relevante, com o objetivo de desvendar as dinâmicas de poder em ação. O Capítulo 5, “A Noonday Press e a Canonização Inicial de Machado de Assis no Mundo Anglófono”, analisa o papel pioneiro desta editora nova-iorquina na introdução dos romances de Machado nos Estados Unidos durante a década de 1950, examinando as estratégias de tradução, os paratextos e a recepção crítica inicial. O Capítulo 6, “Machado de Assis, Editoras Universitárias e a Legitimação Acadêmica nos Estados Unidos (1952-1984)”, investiga a contribuição de editoras como a University of California Press (UCP), a University Press of Kentucky (UPK) e a University of Texas Press (UTP) para a consolidação de Machado no meio acadêmico norteamericano, considerando a influência do contexto da Guerra Fria e de programas de fomento à tradução. O Capítulo 7, “Peter Owen Publishers e Robert L. Scott-Buccleuch (1976-1992): Mediação Britânica e Estratégias de Tradução”, foca na atuação desta editora independente britânica e nas controversas traduções de Scott-Buccleuch, analisando a introdução de Machado no mercado do Reino Unido. O Capítulo 8, “Oxford University Press e a Virada Institucional (1997-2005)”, examina o impacto da prestigiosa OUP e de sua série “Library of Latin America” na canonização acadêmica de Machado, bem como os debates críticos suscitados por suas edições. O Capítulo 9, “O ‘Boom’ das Antologias de Contos de Machado de Assis (2000-2024)”, analisa o expressivo aumento na publicação de coletâneas de contos machadianos no século XXI, explorando o papel de diversas editoras e o impacto do apoio institucional, como o da Fundação Biblioteca Nacional. O Capítulo 10, “Romances em Tradução no Século XXI:

Penguin Classics e Norton (2018-2024)”, investiga as recentes e influentes traduções de romances por grandes chancelas, com ênfase na análise dos paratextos, nas estratégias de (re)legitimação contemporânea e na crescente atenção à questão racial na obra de Machado.

Finalmente, o Capítulo 11, “Considerações Finais”, retoma os principais achados da tese, discute suas implicações teóricas e práticas para os estudos da tradução, a sociologia da literatura e os estudos machadianos, e aponta direções para pesquisas futuras, consolidando a argumentação sobre as dinâmicas de poder na trajetória anglófona de Machado de Assis.

2 ESTADO DA QUESTÃO: MACHADO DE ASSIS E A CRÍTICA DE SUAS TRADUÇÕES PARA O INGLÊS

Joaquim Maria Machado de Assis (1839–1908) é amplamente celebrado no Brasil como o maior nome da literatura nacional, porém sua projeção internacional sempre foi relativamente modesta. Ao longo do século XX, críticos apontaram a disparidade entre a sua estatura literária e a sua fama fora do país. Antônio Candido já observava, em 1968, o paradoxo de Machado ter sido “um escritor de estatura internacional” e, ainda assim, “permanecer quase totalmente desconhecido fora do Brasil”, notando que a “glória nacional quase hipertrofiada” de Machado contrastava com “uma desalentadora obscuridade internacional” (1995, p. 19). Candido atribuía essa falta de visibilidade externa em parte à barreira linguística e ao desequilíbrio de poder cultural: a fama literária frequentemente acompanha a “irradiação política do país” (p. 19), algo de que o Brasil carecia no cenário mundial do período. Em outras palavras, por mais genial que Machado de Assis fosse, escrevia em língua portuguesa – um idioma periférico nos circuitos internacionais – e era proveniente de um país de pouca influência geopolítica, o que limitou a difusão de sua obra no exterior.

Esse diagnóstico inicial de Candido explicita o cerne do problema que motiva esta pesquisa: por que Machado de Assis – um autor comparado aos maiores nomes do Ocidente – demorou tanto a conquistar leitores em língua inglesa? Como suas traduções para o inglês, iniciadas apenas na segunda metade do século XX, foram recebidas e mediadas por fatores culturais e políticos? E que dinâmicas de poder permeiam o processo de tradução e promoção da obra machadiana no contexto anglófono de 1950 a 2024? Estas são as perguntas que orientam a presente tese. Este capítulo inicial oferece uma revisão crítica ampla da literatura sobre o tema, mapeando o estado da questão quanto à tradução e circulação da obra de Machado de Assis em língua inglesa.

A estrutura que guia esta revisão abrange diferentes facetas desse debate. Na Seção 1.1, abordam-se as primeiras interpretações críticas sobre a circulação internacional de Machado, com destaque para as análises pioneiras de Antônio Candido (1995)¹ e Daphne Patai (1999, 2009), que problematizaram a visibilidade limitada do autor fora do Brasil. Em 1.2, examina-se a relação entre tradução e crítica literária, focalizando as contribuições de John Gledson (2012, 2013) – ele próprio tradutor de Machado – acerca dos desafios de verter o estilo machadiano para o inglês. Na Seção 1.3, traça-se a historiografia editorial das traduções inglesas de Machado, ressaltando pesquisas de Hélio de Seixas Guimarães (2009, 2019, 2023; Guimarães & Oliveira, 2021) e recuperando o papel de tradutores e editores fundamentais como Helen Caldwell, Clotilde Wilson e Cecil Hemley, bem como estudos mais recentes (Z. L. Frank, 2022) sobre esse processo. Em 1.4, considera-se a recepção sociopolítica da obra machadiana no mundo anglófono, especialmente no contexto da Guerra Fria e do meio acadêmico estadunidense, apoiando-se em reflexões de Daniela Cohn (2023) e Earl Fitz (2009, 2022) sobre as forças culturais que influenciaram a canonização (ou a falta dela) de Machado nos EUA. A seção 1.5 enfoca os estudos tradutológicos *stricto sensu*, analisando trabalhos que dissecam as traduções em si – por exemplo, Krause (2015) e Piseta (2023) no exame comparativo de traduções e seus enganos, e as observações da tradutora Flora Thomson-DeVeaux (2018, 2023) sobre estratégias tradutórias. Na 1.6, discute-se o papel dos paratextos e do gênero editorial na mediação da obra traduzida, com base em estudos de Freitas e Costa (2015, 2018), Hatje-Faggion (2013, 2017), Braccini (2022), Sotelino (2008, 2011) e Nunes (2021) – abordando prefácios, capas, séries editoriais e outras formas de enquadramento de

¹ Como indicado acima, a análise de Candido é de 1968, mas a versão citada é de uma edição de 1995.

Machado para o público estrangeiro. A Seção 1.7 adentra a dimensão racial na recepção machadiana, debatendo como a questão da afrodescendência de Machado foi historicamente negligenciada ou ressaltada por diferentes críticos, à luz de Guimarães (2017), Santos e Daniel (2022), bem como das intervenções de Harold Bloom (2002) e David Damrosch (2003) sobre o lugar de Machado no cânone mundial e negro. Em 1.8, sintetizam-se as lacunas identificadas na crítica existente – aspectos pouco explorados ou perguntas em aberto que emergem dessa revisão. Em seguida, em 1.9, explicita-se a contribuição original da tese, isto é, de que modo esta pesquisa pretende suprir algumas dessas lacunas e avançar o entendimento sobre Machado em tradução. Por fim, 1.10 traz as considerações finais do capítulo, amarrando os principais pontos da revisão e preparando o terreno para os capítulos subsequentes.

2.1 PRIMEIRAS INTERPRETAÇÕES CRÍTICAS

Esta seção examina os diagnósticos inaugurais que buscaram elucidar a discrepância entre a consagração de Machado de Assis no Brasil e sua limitada projeção no cenário internacional, particularmente no mundo anglófono, antes de um engajamento tradutório e crítico mais sistemático. As análises de Antônio Candido e Daphne Patai são fundamentais nesse esforço. Embora distintas em seus enfoques, convergem na identificação de fatores extraliterários como determinantes para a modesta circulação global do autor. Tal convergência inicial direcionou o debate para além de qualidades textuais intrínsecas, sugerindo que a recepção literária internacional é significativamente mediada por dinâmicas socioculturais e políticas.

2.1.1 O Diagnóstico de Antônio Candido

Antônio Candido, em seu ensaio “Esquema de Machado de Assis”, originalmente escrito em 1968, oferece uma das primeiras e mais influentes análises do paradoxo machadiano (o foco de seu ensaio é mais amplo, tratando da obra de Machado e de sua recepção no Brasil). Candido (1995) mostra como o percurso de Machado de Assis no campo literário brasileiro culminou em um reconhecimento interno expressivo: “aos cinquenta anos era considerado o maior escritor do país, objeto de uma reverência e admiração gerais, que nenhum outro romancista ou poeta brasileiro conheceu em vida, antes e depois dele” (p. 18). No entanto, essa proeminência doméstica contrastava de forma acentuada com sua posição no exterior. Candido observa:

Doutro lado, se encararmos a sua obra, não dentro do panorama estreito da literatura brasileira do tempo, mas na corrente geral da literatura dos povos ocidentais, veremos a contrapartida irônica e por vezes melancólica do seu êxito sem quebra. Pois sendo um escritor de estatura internacional, permaneceu quase totalmente desconhecido fora do Brasil [...] À glória nacional quase hipertrofiada, correspondeu uma desalentadora obscuridade internacional (1995, p. 19).

As razões para essa disparidade, segundo Candido, transcendiam a qualidade intrínseca da obra machadiana. Ele sublinhou dois fatores principais: a barreira imposta pela língua portuguesa e a posição geopolítica do Brasil. Candido afirma:

Das línguas do Ocidente, a nossa é a menos conhecida, e se os países onde é falada pouco representam hoje, em 1900 representavam muito menos no jogo político. Por isso ficaram marginais dois romancistas que nela escreveram e que são iguais aos maiores que então escreviam: Eça de Queirós, bem ajustado ao espírito do naturalismo; Machado de Assis, enigmático e bifronte, olhando para

o passado e para o futuro, escondendo um mundo estranho e original sob a neutralidade aparente das suas histórias ‘que todos podiam ler’ (1995, p. 20).

O argumento de Candido estabelece, assim, uma correlação entre o poder político e a difusão cultural, onde a visibilidade de uma literatura no exterior é mediada pelo prestígio e influência de sua nação de origem, ou, como ele coloca, a “irradiação política do país” (Candido, 1995, p. 19).

A “neutralidade aparente” (Candido, 1995, p. 20) da prosa machadiana, que no contexto brasileiro podia ser lida como um véu para profundas originalidades, arriscava-se a ser interpretada como superficialidade por leitores internacionais desprovidos das chaves culturais específicas. Candido descreve como, para a “opinião culta ou semi-culta do começo do século, ele aparecia como uma espécie de Anatole France local, tendo a mesma elegância felina e menos devassidão de espírito” (1995, p. 22). Essa percepção inicial evoluiu no Brasil, passando por interpretações psicológicas que revelaram o “homem subterrâneo” (Candido, 1995, p.24) até abordagens sociológicas e filosóficas. Essa rica trajetória interpretativa em seu próprio país apenas realçava a incongruência de sua limitada projeção internacional.

O diagnóstico de Candido, ao focar em fatores macro-históricos e geopolíticos, estabelece um quadro fundamental para se compreender que a obscuridade internacional de Machado não era um acaso, mas uma consequência de desequilíbrios de poder inerentes ao sistema literário mundial.

2.1.2 A Contribuição de Daphne Patai

Daphne Patai, em seus ensaios “Machado in English” (1999) e “Machado em inglês: em busca de um nicho de mercado” (2009), aprofunda e expande a análise de Candido. Seu enfoque desloca-se para as dinâmicas de mercado, os desafios intrínsecos da tradução e os complexos mecanismos de recepção no mundo anglófono. Patai corrobora a percepção de Candido sobre as dificuldades enfrentadas por autores de contextos linguístico-culturais não hegemônicos:

Assim, o problema para um autor como Machado, uma figura importante escrevendo em uma língua considerada “menor” (ou, como às vezes se diz, vindo de um lugar que, literariamente falando, é um “pequeno país”), é como expandir sua reputação além de seus limites nacionais e linguísticos imediatos. Jorge de Sena disse há muitos anos que a tragédia de escritores de língua portuguesa – e ele certamente também se referia aos brasileiros – é que escrevem em português² (Patai, 1999, p. 85).

Patai ainda nota a ironia do próprio Machado que, em *Esau e Jacó*, sugere que um discurso “muito provavelmente será ainda melhor”³ se traduzido para o francês (Patai, 1999, p. 85).

A análise de Patai é particularmente incisiva ao explorar a complexidade da tradução e suas implicações. Ela discute as declarações contraditórias do tradutor Robert L. Scott-Bucleuch, que inicialmente tinha afirmado que Machado seria “muito mais fácil de traduzir”⁴ (Patai, 1999, p. 98), para depois asseverar que seu estilo conciso se tornava “virtualmente impossível de traduzir satisfatoriamente em inglês”⁵ (Patai, 1999, p. 99). Patai sugere que essa mudança de

² No original: “Thus, the problem for an author like Machado a major figure writing in what is considered a ‘minor’ language (or, as it is sometimes said, from a place that is, literarily speaking, a ‘small country’) is how to extend his reputation beyond his immediate national and linguistic boundaries. Jorge de Sena said many years ago that the tragedy of Portuguese writers and he surely meant Brazilians as well-is that they write in Portuguese” (Patai, 1999, p. 85).

³ No original: “very likely be even better” (Patai, 1999, p. 85).

⁴ No original: “far easier to translate” (Patai, 1999, p. 98).

⁵ No original: “virtually impossible to render satisfactorily in English” (Patai, 1999, p. 99).

perspectiva pode ter resultado da experiência de traduzir *Dom Casmurro*, uma obra de maior complexidade. Essa oscilação na avaliação de um mesmo tradutor ilustra como a “traduzibilidade” não é uma propriedade fixa do texto, mas uma relação dinâmica, influenciada pela subjetividade do tradutor, pela especificidade de cada obra e, potencialmente, por fatores contextuais como as expectativas do mercado ou a crescente percepção das nuances perdidas na transposição linguístico-cultural.

A crítica de Patai estende-se à metodologia tradutória de Scott-Bucleuch, notadamente à sua decisão de eliminar capítulos inteiros de *Dom Casmurro* (1999, p. 99). Para Patai, tal prática, ao sacrificar a narrativa fragmentada e a estrutura inovadora de Machado em prol de uma linearidade de enredo mais convencional, resultou em uma falha de mediação. A recepção dessa tradução, com algumas resenhas demonstrando flagrante incompreensão da obra e reduzindo-a a uma história simplista, corrobora essa falha, evidenciando como intervenções editoriais no processo de tradução podem distorcer a obra original para adaptá-la às normas percebidas do mercado receptor, em detrimento de sua integridade artística.

Um episódio central na análise de Patai é o da Noonday Press. Ao relançar *Dom Casmurro*, a editora substituiu a introdução da tradutora e especialista Helen Caldwell pela de Elizabeth Hardwick. Patai comenta:

Assim como, em 1953, o então popular romancista e crítico social americano Waldo Frank forneceu uma introdução [...] para a edição da Noonday, quase quarenta anos depois essa introdução por um nome que já não era reconhecido foi descartada pela Noonday em sua busca por um patronato mais forte proporcionado por Elizabeth Hardwick. Não importa que Hardwick conheça pouco sobre o assunto ou sobre a história brasileira - ela descreve a mãe de Machado como 'espanhola, dos Açores' e o próprio Machado como tendo 'um status desprotegido no mundo intelectual hierárquico do colonialismo português'⁶ (1999, p. 109).

Este caso ilustra como a busca por um “nicho de prestígio” (Patai, 2009, p. 220) e a lógica da “invisibilidade do tradutor” (Venuti, citado por Patai, 2009, p. 215) podem se sobrepor à erudição.

Patai (2009) também questiona a eficácia da aclamação crítica para impulsionar as vendas de autores traduzidos, contrastando Machado com o fenômeno Paulo Coelho. Ela observa:

“Quanto a Machado, apesar do esforço de várias figuras imponentes da república das letras em inglês, o fato é que raramente se encontra uma pessoa culta, fora do âmbito da língua portuguesa, que reconheça o nome dele e muito menos que tenha lido um de seus romances” (Patai, 2009, p. 210).

Em contrapartida, “É impossível desprezar o êxito extraordinário de Coelho: os números, por si sós, tornam imprescindível que se fale nele” (Patai, 2009, p. 210). Para Patai, o apoio de figuras proeminentes como Sontag ou Bloom “não necessariamente estimula as vendas” de traduções brasileiras, pois “Machado é um exemplo perfeito: um escritor com o apoio de figuras destacadas nos Estados Unidos, que o elogiam em jornais e revistas importantes, sem conseguir torná-lo numa estrela em nosso firmamento literário” (Patai, 2009, p. 223).

⁶ No original: “Just as in 1953 the then-popular American novelist and social critic Waldo Frank provided an introduction [...] to the Noonday edition, nearly forty years later this introduction by a no-longer-recognizable-name was discarded by Noonday in its bid for the stronger patronage afforded by Elizabeth Hardwick. Never mind that Hardwick knows little of her subject or of Brazilian history-she describes Machado’s mother as ‘Spanish, from the Azores’ and Machado himself as having ‘an unprotected status in the hierarchical intellectual world of Portuguese colonialism’” (Patai, 1999, p. 109).

2.1.3 Comparação e Síntese das Abordagens de Candido e Patai

Ao comparar as perspectivas de Antônio Candido e Daphne Patai, observa-se uma complementaridade fundamental. Candido oferece um diagnóstico macro, atribuindo a obscuridade internacional de Machado à condição geopolítica da língua portuguesa e dos países lusófonos no início do século XX, focando na dimensão histórica e cultural da recepção. Patai, por sua vez, amplia essa base ao mergulhar nas minúcias do processo de tradução e recepção no cenário literário anglófono contemporâneo, desvelando as engrenagens do mercado editorial, a invisibilidade do trabalho do tradutor e as idiosincrasias da formação da fama literária. Enquanto Candido estabelece as condições estruturais amplas – linguísticas e geopolíticas – que historicamente limitaram a projeção de Machado, Patai examina os mecanismos processuais e agenciadores – tradutores, editores, críticos e o próprio mercado – através dos quais essas condições se manifestam.

Enquanto Candido aponta para um “destino” inerente à condição de uma literatura escrita em uma língua “marginal” no jogo político mundial, Patai detalha os processos pelos quais essa marginalidade se perpetua ou é, por vezes, desafiada por agentes como tradutores, que “muitas vezes iniciam a publicação de uma obra literária” (Patai, 2009, p. 227). O que em Candido era um problema de “ajuste” ao cenário internacional, em Patai torna-se uma questão de agência, poder e estratégias de mediação cultural.

Ambos os críticos, no entanto, convergem ao deslocar o foco da análise: de uma suposta “dificuldade” intrínseca da obra de Machado de Assis – argumento que mesmo Scott-Bucleuch chegou a defender ao considerá-la “virtualmente impossível de traduzir satisfatoriamente em inglês”⁷ (citado por Patai, 1999, p. 99) – a crítica passou a considerar uma “falha de mediação” como o principal impedimento à sua projeção universal. Essa falha não residiria primordialmente na complexidade inerente ao autor, mas sim nas estruturas e nos agentes que deveriam transpor e promover seu legado além-fronteiras, como exemplificado pela decisão de Scott-Bucleuch de sacrificar aspectos da narrativa machadiana em prol de uma suposta fluidez do enredo.

A discussão, assim, sofisticou-se, indo além da mera valoração estética para investigar as complexas dinâmicas de poder que governam a circulação do capital simbólico no sistema literário mundial. Ao politizar e sociologizar a compreensão da recepção literária, as análises de Candido e Patai, em conjunto, estabeleceram as bases para investigações que consideram como o valor literário é construído, negociado e disseminado, preparando o terreno para um exame mais aprofundado das práticas tradutórias e editoriais.

2.2 TRADUÇÃO E CRÍTICA LITERÁRIA: O OLHAR DE JOHN GLEDSON

A compreensão da trajetória de John Gledson no cenário dos estudos machadianos e da tradução impõe-se como um imperativo para elucidar as dinâmicas de poder e circulação da ficção de Machado de Assis em língua inglesa. Gledson não se restringe à figura do acadêmico ou do tradutor isolado; ele personifica uma combinação entre crítica literária e prática translacional, atividades que ele próprio reconhece estarem intrinsecamente interligadas. Sua perspectiva, forjada por décadas de imersão na obra machadiana, vai além da mera acuidade linguística, configurando-se como uma abordagem heurística que utiliza a tradução como uma metodologia de leitura rigorosa. Ao contrário de uma adesão dogmática a teorias específicas, Gledson (2012, 2013) adota uma postura pragmática, inspirada na díade “experiência/reflexão” proposta por

⁷ No original: “virtually impossible to render satisfactorily in English” (Patai, 1999, p. 99).

Antoine Berman (2007), na qual a análise de suas próprias traduções e as de outrem funciona como um motor para a compreensão profunda do universo machadiano.

A obra de Machado de Assis, intrinsecamente complexa, apresenta desafios estilísticos que testam a argúcia de qualquer tradutor. Gledson ressalta a natureza calculada e “detalhista ao extremo” da prosa machadiana, onde “praticamente não há frase que não tenha segunda intenção ou propósito espiritual” (2013, p. 30). Essa precisão meticulosa, aliada a uma notável concisão, exige do tradutor uma atenção microscópica aos pormenores, que uma leitura superficial, por mais rigorosa que seja, pode negligenciar. A ironia sutil, a ambiguidade inerente e a intertextualidade velada são marcas registradas do estilo machadiano. Um exemplo paradigmático é a manipulação dos tempos verbais e o posicionamento do leitor, que Machado convoca de maneira oblíqua, através de reflexivos impessoais como “Compreende-se... entender-se-á... em se sabendo” e marcadores temporais que criam um presente narrativo que estabelece um meio-termo entre leitor e narrador (Gledson, 2012, p. 24). A falha em apreender essas nuances, como demonstra Gledson, pode levar a equívocos significativos e a uma “desnecessariamente desajeitada” (2012, p. 26) supressão da voz do narrador e da própria existência do leitor no texto⁸.

Adicionalmente, a “volubilidade” da prosa machadiana, conceito explorado por Roberto Schwarz (2000) e abraçado por Gledson, implica que a narrativa machadiana constitui um “espetáculo histórico-social complexo” (2013, p. 30) que transcende o assunto de primeiro plano. Essa característica exige do tradutor a capacidade de operar em múltiplos níveis de significado simultaneamente. A reticência do autor, por vezes “agressivamente reticente”, conforme Múcio Leão citado por Gledson, que “deliciava-se em ser incompreendido” e ansiava por “acabar com este costume do escritor dizer tudo” (2013, p. 14), torna a tarefa ainda mais árdua. Machado, ao “arejar” sua prosa e “deixar o ar entrar”, nos torna conscientes de um “narrador implícito” que questiona a realidade e usa a língua de forma singular, não pirotécnica, para nos fazer ver o “levemente inesperado” (Gledson, 2012, p. 33). Essa laconicidade e a recusa em “dizer tudo” constituem uma pedra de toque para o tradutor.

Os adjetivos machadianos representam outro campo de complexidade. Gledson destaca que a tradução de adjetivos como “grave”, “dobradiço”, “inquieto”, “teso” e “flexível” em *Dom Casmurro* demanda não apenas o conhecimento lexicográfico, mas uma profunda compreensão do caráter do *agregado* José Dias e de sua inserção na estrutura social da época (2013, pp. 34-37). As “contradições” intrínsecas ao personagem, que é simultaneamente “calculado e deduzido” mas “rápido e lépido”, revelam uma falsidade arraigada, quase natural, decorrente de seu *status* ambíguo na casa (2013, p. 37). A escolha de Machado por vocábulos incomuns, como “acionados” (p. 37) para descrever os gestos de José Dias, sublinha a teatralidade inerente à sua conduta. Uma tradução desprovida dessa sensibilidade contextual fatalmente distorceria o significado e a complexidade psicológica machadiana.

A crítica de Gledson às traduções de Gregory Rabassa é contundente e ilustra a falha na captação desses desafios. Sua célebre asserção, “tenho pena daqueles que tiverem que dar aula usando a tradução de Rabassa de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (The Posthumous Memoirs of Brás Cubas) ou que apenas a leram” (Gledson, 2012, p. 20), sintetiza a frustração e a perplexidade diante da inadequação dessas versões. Gledson demonstra que Rabassa cometeu “erros, com um inglês sofrível, com frases deselegantes, desrespeito à pontuação de

⁸ As observações aqui reunidas foram formuladas com base na análise comparativa das traduções do conto “D. Paula”, de Machado de Assis, conforme discutido por John Gledson (2012) em seu ensaio “Traduzindo Machado de Assis: ‘Dona Paula’”. O autor destaca como elementos estilísticos fundamentais — como a alternância sutil de tempos verbais, o uso de reflexivos impessoais e a interpelação indireta ao leitor — constroem uma ironia e uma cumplicidade narrativa que desafiam o tradutor. A omissão ou o nivelamento dessas marcas, como ilustrado na tradução de Schmitt e Ishimatsu, pode comprometer o efeito literário e apagar a presença do narrador e do leitor no tecido narrativo machadiano

Machado”, atribuindo tais falhas à “preguiça pura e simples” (2013, p. 19). A negligência de Rabassa em consultar traduções anteriores, movida por uma suposta “confiança excessiva” e pelo “medo de não parecer original” (Gledson, 2013, p. 27), é apontada como um erro fundamental.

Um exemplo elucidativo da crítica de Gledson reside na tradução do episódio do chicoteamento no Valongo em *Memórias póstumas*. Rabassa, ao traduzir “o primeiro” e “o outro” por “the first one” e “the other one”, não apenas torna a prosa deselegante e confusa, mas perde a implicação temática de Machado em mostrar senhor e escravo como “lados da mesma moeda” e de despersonificar Prudêncio, identificando-o com o próprio chicote (“o vergalho”) (Gledson, 2013, p. 22). Grossman, por outro lado, com o uso da palavra “victim”, embora perca parte da intensidade, capta o sentido essencial (Gledson, 2013, pp. 22-23). A ousadia de Machado em “Replicava o vergalho” é ignorada por ambos os tradutores de maneiras distintas: Rabassa “normaliza” a sinédoque para “whipper”, enquanto Grossman omite a frase, talvez por considerá-la demasiado estranha para o leitor (Gledson, 2013, p. 23).

O desrespeito à pontuação machadiana por Rabassa, transformando ponto-e-vírgulas em pontos finais, quebra a economia e o ritmo da prosa, produzindo versões “desadequadas” e, por vezes, incorretas (Gledson, 2013, p. 24). Ademais, a falta de conhecimento cultural e contextual de Rabassa é flagrante. A referência a “aquele Valongo”, por exemplo, perde toda a sua significância se não for contextualizada como o principal mercado de escravos do Rio de Janeiro (Gledson, 2013, p. 25). A omissão ou interpretação equivocada de gestos culturais como “pediu-me a bênção” ou vocábulos como “nhonhô” revelam “um erro e uma indicação real do cuidado e da qualidade da versão de Grossman” (Gledson, 2013, p. 26), que, ao contrário, demonstra um admirável conhecimento dos costumes brasileiros. Essas falhas, que Gledson sintetiza como a não aderência de Rabassa à máxima de que a “estratégia [da preguiça] não funciona no caso do maior romancista brasileiro” (Gledson, 2013, p. 29), corroem a integridade da obra original.

Essa miríade de traduções insatisfatórias, como as de Rabassa, é central para a hipótese de Gledson de que traduções de baixa qualidade influenciaram negativamente a recepção internacional de Machado de Assis. Ele corrobora a avaliação de Daphne Patai em “Machado in English”, que apresenta um cenário “bastante insatisfatório” (Gledson, 2012, p. 21) da presença machadiana no mercado anglófono, com vendas descritas como “um desastre”. Gledson argumenta que, embora uma boa tradução não garanta a fama, ela é uma “condição *sine qua non*” (2013, p. 8) para que um autor alcance o prestígio merecido na literatura mundial.

Um dos maiores obstáculos é a cisão entre “dois Machados, *grosso modo* o brasileiro e o modernista, mas [que] não se unem” (Gledson, 2013, p. 12). Enquanto o autor é muitas vezes vendido como um precursor da modernidade por sua narração em primeira pessoa não confiável, digressões e diálogo irônico com o leitor, a contextualização social e cultural de sua obra é frequentemente negligenciada. Isso resulta em uma separação artificial entre forma e conteúdo, que não ocorre, por exemplo, na leitura de Henry James ou Joseph Conrad em seus originais, onde o leitor compreende o contexto mesmo que distante. Gledson ilustra isso com o caso de Harold Bloom, que elogia as traduções de Rabassa, demonstrando uma falta de familiaridade com o texto original e uma compreensão superficial da obra machadiana. A reticência intrínseca de Machado, aliada a um título “impenetrável” como *Dom Casmurro*, adiciona uma camada de dificuldade para o leitor estrangeiro (Gledson, 2013, p. 13). Gledson, portanto, sustenta que a tarefa de conferir a Machado um perfil mais elaborado em inglês, com fundamentos sólidos e menos suscetível às flutuações de reputação, apenas começou.

A prática tradutória de Gledson está profundamente arraigada em sua crítica literária, notadamente na leitura sociológica de Roberto Schwarz. Para Gledson, a tradução é uma

“excelente maneira de apreciar o original e até mesmo de considerar algumas das opções de Machado” (Gledson, 2013, p. 30). Schwarz, com *Ao Vencedor as Batatas*, de 1977, e *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*, de 1990, foi um “divisor de águas” (Gledson, 2013, p. 15) na crítica machadiana, permitindo a Gledson, que morou no Brasil nos anos 70, “ler Machado” (p.16) ao elucidar a centralidade das relações de favor e a “volubilidade” (p. 15) do estilo machadiano como uma estilização da conduta da classe dominante brasileira. Essa perspectiva sociológica é fundamental para Gledson, pois um bom tradutor deve estar ciente dos “dois níveis de significado” (Gledson, 2013, p. 40) que ultrapassam o capítulo em questão: o caráter e *status* social do personagem (como José Dias, o *agregado*) e o contexto mais amplo da sociedade brasileira, indissociável da escravidão e das relações de favor.

A opção de Gledson por adicionar notas de rodapé em sua tradução de *Dom Casmurro* e na antologia de contos para a Companhia das Letras é uma manifestação direta dessa consciência. Embora reconheça que as notas podem interromper a leitura e impor o ponto de vista do tradutor ou editor, ele as considera uma forma “sensata” de tornar o romance “menos distante e mais prazeroso” (Gledson, 2013, p. 25), especialmente para informações culturais cruciais que não podem ser perfeitamente ajustadas no corpo do texto. Sua tradução busca uma fidelidade ao significado do original que, paradoxalmente, resulta em uma versão “melhor e mais convincente” em inglês (Gledson, 2013, p. 43). Essa abordagem demonstra a indissociabilidade entre o linguístico e o cultural na tradução, conforme a análise dos adjetivos de José Dias ilustra perfeitamente.

Em última análise, Gledson concebe o tradutor como um mediador crítico e um agente vital na circulação literária. A tarefa principal do tradutor é a fidelidade ao original, mas essa fidelidade não é passiva; ela exige “competência e empatia” (Gledson, 2013, p. 57). O processo de tradução é uma jornada de experiência e reflexão, em que mesmo uma tradução imperfeita pode lançar luzes sobre o original. O tradutor deve “deixar que [Machado] se divirta” (Gledson, 2012, p. 33), ou seja, deve preservar a singularidade da prosa machadiana, sem simplificações excessivas ou normalizações que comprometam sua essência. A responsabilidade do tradutor é, portanto, imensa: ele não apenas transcodifica palavras, mas reconstrói um universo, mediando as complexidades culturais e estilísticas para um novo público. Ao fazê-lo, contribui para que o autor ganhe “um novo fôlego” (Gledson, 2013, p. 16) e sua obra se solidifique no cânone da literatura mundial, apesar dos “obstáculos tão imprevistos como as traduções de Rabassa” (Gledson, 2013, p. 57). A esperança de Gledson em um futuro mais promissor para a reputação de Machado no exterior reside na persistência de uma tradução que combine a precisão linguística com uma profunda sensibilidade cultural e crítica, transformando o “choque cultural” (p. 15) em enriquecimento hermenêutico.

2.3 HISTORIOGRAFIA EDITORIAL E RECEPÇÃO DE MACHADO DE ASSIS EM LÍNGUA INGLESA

Depois dos estudos, por assim dizer, pioneiros, destaca-se um conjunto de estudos que tratam de questões que podem ser apresentadas de maneira interrelacionadas. As questões abordadas incluem a história editorial, circulação institucional e recepção da obra de Machado de Assis em língua inglesa; as estratégias editoriais e paratextuais e seu impacto na percepção da obra; os contextos político-culturais e institucionais, especialmente durante a Guerra Fria, e sua influência na tradução e recepção; e os entraves da recepção crítica e os vieses culturais que permearam a leitura da obra machadiana. Estas questões são exploradas em profundidade por quatro pesquisadores: Hélio de Seixas Guimarães (2009, 2019; Guimarães & Oliveira, 2021; 2023), Zephyr L. Frank (2022), Deborah Cohn (2023) e Earl Fitz (Fitz, 2009, 2012, 2022), cujas contribuições fundamentais serão analisadas nesta seção.

2.3.1 A Gênese Editorial das Traduções Machadianas em Inglês

A introdução sistemática de Machado de Assis ao público de língua inglesa ocorreu principalmente a partir da década de 1950, um período marcado por iniciativas editoriais pioneiras e desafios consideráveis. A análise dos estudos de Hélio de Seixas Guimarães e Zephyr L. Frank é fundamental para compreender esta fase inicial.

2.3.1.1 O Papel Pioneiro da Noonday Press (Década de 1950)

Os estudos de Guimarães e Frank convergem ao atribuir um papel seminal à Noonday Press no estabelecimento inicial de Machado de Assis no cenário editorial anglófono. Guimarães elucida que a Noonday Press, fundada em Nova York em 1951 por Cecil Hemley e Arthur Cohen, foi a editora que introduziu Machado de Assis de forma significativa ao público anglófono (2023, p. 2). Seu catálogo, descrito como “cosmopolita”, abrigava autores de renome internacional como Boris Pasternak e Jean-Paul Sartre, o que, segundo Guimarães, auxiliou a posicionar “Machado de Assis como escritor de estatura global” (2023, p. 3).

As três primeiras traduções de romances de Machado de Assis publicadas pela Noonday Press foram *Epitaph of a Small Winner* (tradução de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* por William Grossman, 1952), *Dom Casmurro* (tradução de Helen Caldwell, 1953) e *Philosopher or Dog?* (tradução de *Quincas Borba* por Clotilde Wilson, 1954). A primeira é apontada por Guimarães (2023, p. 4) e Frank (2022, p. 11) como a obra inaugural da série machadiana da Noonday. Earl Fitz analisa sua recepção crítica, destacando, entre outras reações, a resenha de S. M. Fitzgerald, que classificava o romance como expressão de um “cheap nihilism” — ou “nihilismo barato” (2009, p. 19). A tradução de *Dom Casmurro*, por sua vez, é reiteradamente destacada por Guimarães (2019, p. 113; 2023, p. 4) e Frank (2022, p. 3), sobretudo pela importância de Helen Caldwell no processo de introdução de Machado no meio acadêmico anglófono. Já *Philosopher or Dog?*, traduzido por Clotilde Wilson, é objeto de análise por Guimarães e Oliveira (2021) e por Frank (2022), que discutem as escolhas tradutórias e o impacto dessa versão na consolidação da obra de Machado nos Estados Unidos.

A concretização dessas publicações dependeu crucialmente da agência de indivíduos específicos. Cecil Hemley, editor da Noonday, é consistentemente retratado como um agente engajado. Frank aponta que Hemley, junto com os tradutores, “fizeram o seu melhor de maneiras improvisadas e oportunistas durante a década de 1950 para gerar interesse e fomentar vendas”⁹ (2022, p. 1). Guimarães (2023, p. 3) sugere que Hemley conheceu a obra de Machado por intermédio de William Grossman. A correspondência entre Hemley e Caldwell e entre Hemley e Wilson revela sua participação ativa nas decisões editoriais e, notavelmente, nas discussões interpretativas que moldaram a apresentação das obras.

Helen Caldwell emerge como uma figura de dedicação singular. Guimarães a descreve como “uma mulher de um homem só” em sua lealdade a Machado, recusando-se a traduzir Guimarães Rosa para se dedicar ao autor brasileiro (2019, p. 118, 124). Mais do que uma tradutora, Caldwell formulou uma interpretação inovadora de *Dom Casmurro*, caracterizando Bento Santiago como um “neurótico”, conforme expresso em sua correspondência com Hemley: “Dom Casmurro com certeza não é nenhum pessimista. Ele é um neurótico, isso sim, com uma bela cisão na sua psique mas é um grande neurótico” (Caldwell, 1952, citado em

⁹ No original: “tried their best in improvised and opportunistic ways during the 1950s to generate interest and foment sales” (Frank, 2022, p. 1).

Guimarães, 2019, p. 115). Essa leitura, que questionava a infidelidade de Capitu, culminou em seu influente estudo *The Brazilian Othello of Machado de Assis* (1960)¹⁰.

Clotilde Wilson, tradutora de *Quincas Borba*, também desempenhou um papel ativo. Guimarães e Oliveira (2021, p. 4) revelam que Wilson contactou a Noonday Press em 1952, motivada pelo sucesso de *Epitaph of a Small Winner*, para oferecer sua tradução, que já estava adiantada. A correspondência entre Wilson e Hemley detalha o processo, incluindo os debates sobre o título *Philosopher or Dog?* e as revisões textuais, evidenciando o cuidado da tradutora com o acabamento da obra.

As estratégias editoriais e paratextuais iniciais da Noonday buscaram legitimar Machado de Assis para o público anglófono. Guimarães destaca que os paratextos, como prefácios e capas, visavam posicionar Machado internacionalmente: Grossman associou *Memórias Póstumas* a Nietzsche, Caldwell vinculou *Dom Casmurro* a Shakespeare, e Wilson conectou *Quincas Borba* a Erasmo de Roterdã (2023, pp. 3-4). A introdução de Waldo Frank à edição de *Dom Casmurro* da Noonday é particularmente significativa, pois, como aponta Guimarães, Frank encampou a leitura de Hemley e Caldwell sobre a “ambiguidade essencial – uma ambiguidade que a circunstância do narrador não permite esclarecer”, afirmando que “A ambiguidade compõe a textura e a visão de mundo do livro” (Frank, 1953, citado em Guimarães, 2019, p. 123). A escolha de títulos em inglês, como *Epitaph of a Small Winner* e *Philosopher or Dog?*, também reflete essas decisões estratégicas para o mercado anglófono.

Contudo, o pioneirismo da Noonday Press enfrentou desafios consideráveis. A análise de Zephyr Frank sobre a “espinhosa questão dos direitos autorais” (2022, p. 1) revela as complexas e, por vezes, confusas negociações com W. Montgomery Jackson e a Editora Merito, descritas como “fishy”, ou seja, “suspeitas” (2022, p. 5-7)¹¹. Os esforços de publicidade também foram, em grande medida, “improvisados e oportunistas” (Frank, 2022, p. 1). Isso incluía o trabalho de base realizado pela própria Helen Caldwell, que, conforme relatado por Frank (2022, p. 7-8), distribuía cópias para resenha, visitava livrarias e tentava gerar interesse em seus círculos sociais e acadêmicos. Adicionalmente, Guimarães (2023, p. 8-9) e Cohn (2023, p. 20) mencionam as gestões da Noonday junto a órgãos oficiais brasileiros, como o Ministério das Relações Exteriores, para a aquisição de lotes de exemplares das tiragens iniciais, uma estratégia para abater os custos de edição. A natureza reativa e as manobras *ad hoc* da Noonday, mais do que uma estratégia de mercado consistente e de longo prazo, sugerem que a sustentabilidade inicial de Machado no mercado anglófono era frágil e altamente dependente da dedicação de poucos indivíduos. A “descoberta” de Machado parece ter sido, em parte, uma consequência afortunada de circunstâncias e paixões individuais, tornando sua permanência inicial no mercado uma questão incerta.

2.3.1.2 A Transição Editorial e a Ascensão da University of California Press (Década de 1960)

A aquisição da Noonday Press pela Farrar, Straus e Cudahy (posteriormente Farrar, Straus and Giroux, FSG) em 1960 marcou uma transição significativa. Guimarães observa que, embora a Noonday tenha sido mantida como um selo para “formato brochura”, “os livros de Machado de Assis deixaram de ter a atenção mais intensiva e artesanal” que a editora original lhes tinha dispensado (2023, p. 11).

¹⁰ O estudo original foi publicado em inglês como *The Brazilian Othello of Machado de Assis: A Study of Dom Casmurro* (1960). A tradução para o português, intitulada *O Otelo Brasileiro de Machado de Assis: Um Estudo de Dom Casmurro*, foi lançada em 2002 pela Ateliê Editorial.

¹¹ “It is equally clear that there was something “fishy” about Montgomery Jackson/Merito in the business” (Frank, 2022, p. 7).

Nesse novo cenário, a University of California Press (UC Press) emergiu como o novo epicentro da difusão da obra machadiana nos Estados Unidos. Helen Caldwell foi uma figura crucial nessa transição, e a UC Press, sob a direção editorial de August Frugé, tornou-se a “principal editora de obras de e sobre Machado de Assis fora do Brasil” por três décadas (Guimarães, 2023, p. 16). O catálogo da UC Press incluiu a publicação do seminal estudo de Caldwell, *The Brazilian Othello of Machado de Assis* (1960), seguido por uma coletânea de contos, *The Psychiatrist and Other Stories* (1963, com traduções de William Grossman e Helen Caldwell), e novas traduções de romances como *Esau and Jacob* (1965), *Counselor Ayres’ Memorial* (1972) e *Helena* (1984), todas com a marca de Caldwell (Guimarães, 2023, p. 16).

Este deslocamento para a UC Press coincidiu com um período de crescente interesse institucional pela América Latina, impulsionado em parte pelo Latin American Translation Program (LATP). Este programa, financiado pela Fundação Rockefeller e administrado pela Association of American University Presses (AAUP), contou com August Frugé como uma figura chave (Guimarães, 2023, pp. 16-17). Machado de Assis foi um dos poucos escritores brasileiros e, notavelmente, um autor do século XIX, a ter obras (especificamente *The Psychiatrist and Other Stories* e *Esau and Jacob*) subsidiadas por este programa (Guimarães, 2023, p. 18). A inserção de Machado no catálogo da UC Press, facilitada por figuras como Caldwell e Frugé e apoiada por iniciativas como o LATP, solidificou sua imagem como um autor de indiscutível valor acadêmico (Guimarães, 2023, p. 12). No entanto, essa trajetória, ao mesmo tempo que garantia sua permanência e estudo, potencialmente limitou sua exposição a um público leitor mais amplo, confinando-o, em certa medida, ao nicho universitário, uma dinâmica que contrasta com a maior visibilidade popular alcançada por alguns autores do “boom latino-americano” através de editoras comerciais e programas com maior alcance de marketing (Guimarães, 2023, pp. 17-18).

A “estatura internacional” conferida a Machado pela Noonday através de paratextos que o associavam a grandes nomes da literatura europeia, como Nietzsche, Shakespeare e Erasmo¹², pode ser vista como uma estratégia de legitimação de dois gumes. Por um lado, essa abordagem buscava inserir Machado em um cânone reconhecível para o leitor anglófono, conferindo-lhe prestígio por associação. Por outro lado, como aponta Earl Fitz (2009), essa mesma tática submetia a obra machadiana a um quadro de referência predominantemente eurocêntrico. Essa submissão resultava, frequentemente, em “leituras míopes” e na incompreensão de sua originalidade e de suas raízes profundamente brasileiras¹³. A tentativa de tornar Machado “universal” ou “comparável” aos cânones europeus arriscava obscurecer precisamente os elementos que constituíam sua singularidade. Evidencia-se, assim, uma tensão inerente ao processo de tradução e recepção de autores de literaturas consideradas “periféricas” em centros culturais hegemônicos: a necessidade de assimilação para garantir a aceitação e o

¹² “O posicionamento de Machado de Assis como escritor de estatura internacional no catálogo cosmopolita da Noonday é bastante reiterado nos paratextos que acompanham as edições. Uma frase do crítico Dudley Fitts, que aparece na quarta capa da primeira edição de *Epitaph of a Small Winner* e frequentemente foi lembrada na apresentação do escritor, sintetiza bem o contexto em que *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi apresentado ao público norte-americano: ‘Machado de Assis foi uma força literária que transcendeu a nacionalidade e a língua’. (‘Machado de Assis was a literary force, transcending nationality and language’.) Foi com esse espírito que William Grossman traduziu e apresentou *Memórias póstumas* sob o signo de Nietzsche, Helen Caldwell traduziu e interpretou *Dom Casmurro* à luz de Shakespeare, e Clotilde Wilson verteu para o inglês *Quincas Borba*, associando-o ao *Elogio da loucura* de Erasmo na breve introdução que escreveu para o romance” (Guimarães, 2023, p. 3).

¹³ “More than this, the continual referencing of Machado’s novel with Laurence Sterne and *Tristram Shandy*, had the effect of relegating *Epitaph* to the status of a mere imitation of a renowned text from the English novelistic tradition and, thus, to dismiss it as inherently inferior. By not taking the trouble to compare the two texts closely and to consider the possibility that Machado’s text actually goes further than Sterne’s with both the thematic and structural fireworks ... American critics blinded themselves to the novel’s most extraordinary features” (Fitz, 2009, p. 21).

reconhecimento corre o risco de levar a uma descaracterização ou a uma compreensão superficial da obra.

2.3.2 Machado de Assis em Inglês no Contexto da Guerra Fria e da Academia

A inserção e a recepção da obra de Machado de Assis no mercado de língua inglesa durante as décadas de 1950, 1960 e 1970 não podem ser dissociadas das tensões geopolíticas da Guerra Fria e das dinâmicas internas do campo acadêmico e editorial norte-americano. As análises de Deborah Cohn e Earl Fitz são particularmente elucidativas nesse sentido, revelando como a literatura latino-americana, incluindo a de Machado, foi simultaneamente um objeto de interesse estratégico e um campo de incompreensões e vieses culturais.

2.3.2.1 A Tradução como “Soft Power” e “Diplomacia do Livro” (Deborah Cohn)

A pesquisa de Deborah Cohn (2023) argumenta de forma convincente que o crescimento das traduções de literatura latino-americana nos Estados Unidos, no período que se estende do pós-Segunda Guerra Mundial até a década de 1970, foi estrategicamente impulsionado por “agentes privados – editoras, tradutores e organizações filantrópicas” como uma forma de “diplomacia do livro”. O objetivo, segundo Cohn, era “estabelecer uma relação de boa vontade com seus autores e defensores e, em última análise, com seus compatriotas latino-americanos”, num esforço para apresentar os EUA e o sistema democrático de forma positiva. Este esforço ganhava urgência no contexto da Guerra Fria e das ansiedades geradas pela Revolução Cubana, que, como aponta Cohn (2023, p. 2), fomentavam o antiamericanismo na América Latina e levavam organizações públicas e privadas dos EUA a criar oportunidades de financiamento para “líderes de opinião”, incluindo escritores.

Cohn (2023, p. 3-4) destaca o papel de editoras como a Alfred A. Knopf, Inc. que, mesmo enfrentando prejuízos financeiros com a publicação de literatura latino-americana, valorizava o “capital simbólico” adquirido, exercendo um significativo “soft power”. A figura de Alfred A. Knopf foi descrita por Gilberto Freyre como a de um “embaixador extraoficial” (Freyre, 1965, p. 209, citado em Cohn, 2023, p. 4). Tradutores como Harriet de Onís também são centrais na análise de Cohn, que a apresenta como uma mediadora que via seu trabalho como “um modo de diplomacia cultural privada que ajudava a promover os esforços oficiais da política externa” (Cohn, 2023, p. 5). Seu empenho em promover autores como Jorge Amado e sua oferta de retrabalhar a tradução de *Grande Sertão: Veredas* “sem crédito ou pagamento”, como sua “contribuição para a Aliança pelo Progresso” (Cohn, 2023, p. 5), exemplificam essa postura.

Programas de fomento à tradução, como o Latin American Translation Program (LATP), financiado pela Fundação Rockefeller e administrado pela AAUP, e o Departamento de Literatura do Center for Inter-American Relations (CIAR), são analisados por Cohn (2023, p. 6-15) como instrumentos dessa diplomacia do livro. Enquanto o LATP, que subsidiou obras de Machado pela UC Press, teve um impacto importante no aumento do volume de publicações mas operou com prejuízo e vendas modestas, o CIAR, concebido como um contrapeso à cubana Casa de las Américas, foi mais eficaz em “tirar proveito da atividade que então se via no campo da literatura latino-americana” (Cohn, 2023, p. 12). O CIAR subsidiou autores de diversas orientações políticas, incluindo marxistas, e foi fundamental na promoção de obras do “Boom”, como *Cem Anos de Solidão*, construindo uma infraestrutura de publicidade e networking que alcançou tanto a elite cultural quanto leitores populares.

No que tange a Machado de Assis, Cohn (2023, p. 19-20) considera sua história de tradução nos anos 1950 “anômala”, pois ocorreu “bem antes do aumento do interesse pela literatura latino-americana – e dos benefícios mais tangíveis para as editoras que veio com o Boom”. A

Noonday Press, segundo sua análise, teria capitalizado “um momento político que buscava promover o entendimento e a boa vontade internacionais”, conseguindo apoio de agências governamentais e privadas dos EUA e do Brasil para promover as traduções e adquirir exemplares. Assim, o interesse inicial por Machado pode ter “lançado algumas das bases para a publicação de suas obras e de outras obras latino-americanas traduzidas nos anos seguintes à Revolução Cubana, gerando interesse em Machado e pelo Brasil nos EUA e, suspeito, uma enorme boa vontade para com os EUA no Brasil” (Cohn, 2023, p. 20).

2.3.2.2 Entraves da Recepção Crítica e Vieses Culturais (Earl Fitz)

Earl Fitz (2009, 2022) oferece uma perspectiva complementar, focando nos obstáculos que a obra de Machado de Assis enfrentou na sua recepção crítica nos Estados Unidos. Fitz (2009, p. 20) descreve a resposta crítica inicial nos anos 1950 como “cautelosamente positiva” (*guardedly positive*), mas marcada por “leituras míopes” (*myopic readings*) que frequentemente falhavam em apreender as inovações narrativas do autor, como sua experimentação com o tempo, a metaficção, a criação de narradores não confiáveis e o uso sofisticado da ironia. O clima intelectual norte-americano da década de 1950, caracterizado pela conformidade, pelo excepcionalismo americano e pelo anticomunismo, “não oferecia um ambiente intelectual que teria sido hospitaleiro à voz ácida e desiludida de Machado de Assis” (Fitz, 2009, p. 20, tradução nossa).

Um ponto crucial levantado por Fitz é a influência de uma formação “rigorosamente eurocêntrica” (*stringently Eurocentric training*) e a “falta de exposição à história e cultura latino-americana (ou, pior, paralisados pelo desdém por ela)” (Fitz, 2009, p. 21, tradução nossa) entre os críticos americanos. Essa predisposição levou à subvalorização da originalidade de Machado e a comparações frequentes e redutoras com Laurence Sterne, tratando *Epitaph of a Small Winner* como “mera imitação”. Fitz (2022, p. 3) reitera a existência de um “cego preconceito literário” (*blind literary prejudice*) que historicamente denegriu a literatura latino-americana.

Durante o “Boom” latino-americano dos anos 1960, a marginalização de Machado e da literatura brasileira se acentuou. Fitz (2009, p. 21-24; 2022, p. 4-5) argumenta que o “Boom” foi identificado quase exclusivamente com a literatura hispano-americana. A Revolução Cubana, segundo Fitz (2022, p. 5), fez com que “todas as coisas espanholas passassem a dominar a mídia, a indústria editorial e até mesmo o discurso universitário”, tornando o Brasil “quase ‘invisível’ aos olhos americanos” (Fitz, 2009, p. 24).¹ Machado, cuja estreia em inglês ocorrera na década anterior, não foi incluído entre os escritores do “Boom” e não se encaixava na percepção de “tropicalidade” que alguns leitores buscavam na ficção latino-americana, sendo, nas palavras de Fitz (2009, p. 25), “um dos escritores menos ‘tropicais’ que se poderia encontrar”. A ausência de menção a Machado por John Barth em seus influentes ensaios sobre a “Literatura da Exaustão”, apesar de sua admiração pessoal pelo brasileiro, é sintomática dessa marginalização.

Fitz (2022, p. 8-11) também aborda a questão da identidade racial de Machado em sua recepção contemporânea nos EUA, onde o autor é cada vez mais lido como um “escritor negro”. Citando Harold Bloom, que descreveu Machado como “o supremo artista literário negro até hoje” (Bloom, 2002, p. 674, citado em Fitz, 2022, p. 8), Fitz alerta para o risco de “séria má interpretação” devido às diferentes compreensões de raça no Brasil e nos EUA, e ao fato de que Machado “não escreve como se fosse negro, o que ele em parte era” (Fitz, 2022, p. 11).

As iniciativas de “diplomacia do livro”, como detalhadas por Cohn, e a recepção crítica efetiva, analisada por Fitz, parecem ter operado em planos parcialmente desconectados. Enquanto instituições e editoras buscavam utilizar a literatura como uma ferramenta de “soft

power”, os vieses culturais, o eurocentrismo e o desconhecimento específico do contexto brasileiro por parte dos críticos limitavam a profundidade e a precisão da recepção de Machado. A “oferta” de Machado como um produto cultural de prestígio não garantiu uma “demanda” informada ou uma assimilação crítica sofisticada. Havia, portanto, um descompasso entre a intenção diplomático-cultural e a realidade da interpretação literária no terreno. O sucesso da diplomacia do livro não pode ser medido apenas pela quantidade de obras traduzidas, mas pela qualidade e profundidade de sua recepção, que, no caso de Machado, foi notavelmente problemática.

Ademais, a “invisibilidade” do Brasil durante o “Boom”, conforme apontado por Fitz, não foi meramente uma questão linguística (português versus espanhol), mas uma consequência direta da forma como a Guerra Fria direcionou o foco geopolítico e cultural dos Estados Unidos para a América Hispânica, especialmente após a Revolução Cubana. O CIAR, por exemplo, foi explicitamente concebido como um contrapeso à Casa de las Américas de Havana.¹ Embora o Brasil fosse reconhecido como estrategicamente importante – Fitz (2022, p. 5) menciona que o português brasileiro foi declarado uma “língua crítica” –, a urgência política e o apelo narrativo da revolução e da resistência na América Hispânica parecem ter dominado a imaginação e os recursos editoriais e críticos nos EUA. Assim, a marginalização de Machado não foi apenas um infortúnio literário, mas um subproduto da maneira como as prioridades da Guerra Fria moldaram a percepção e o consumo da cultura latino-americana nos Estados Unidos.

Finalmente, a discussão contemporânea sobre a identidade racial de Machado nos EUA, levantada por Fitz, representa um novo ciclo de recepção. Este ciclo, embora potencialmente enriquecedor ao trazer à tona dimensões da obra e da biografia do autor anteriormente negligenciadas no contexto anglófono, também corre o risco de anacronismo e da imposição de categorias identitárias norte-americanas a um contexto histórico e cultural brasileiro profundamente distinto. Isso reflete uma tendência contínua de apropriação e reinterpretação de Machado através de lentes anglófonas, onde a obra do autor continua a ser filtrada e recontextualizada pelas preocupações e paradigmas do momento no mundo anglófono. A recepção de um autor estrangeiro revela-se, assim, um processo dinâmico e interminável de (re)construção de significado, onde cada geração de leitores e críticos o “traduz” para seus próprios termos, com os riscos e benefícios inerentes a esse processo.

2.3.3 Convergências e Divergências Analíticas

A análise conjunta das contribuições de Hélio de Seixas Guimarães, Zephyr L. Frank, Deborah Cohn e Earl Fitz permite traçar um panorama multifacetado da trajetória editorial e da recepção da obra de Machado de Assis em língua inglesa. Embora cada pesquisador aborde o tema com ênfases e metodologias distintas, suas conclusões frequentemente se complementam, revelando a complexidade das causas estruturais que levaram a uma recepção por vezes limitada ou enviesada do autor brasileiro no mundo anglófono.

Uma convergência fundamental entre os quatro estudiosos é o reconhecimento de que a jornada de Machado de Assis para o público de língua inglesa foi árdua e sua assimilação, incompleta ou problemática. Todos identificam a década de 1950, com as publicações pioneiras da Noonday Press e o trabalho dedicado de tradutores como William Grossman, Helen Caldwell e Clotilde Wilson, e do editor Cecil Hemley, como um marco inicial crucial. O contexto mais amplo – seja ele editorial, político-cultural da Guerra Fria, ou crítico-acadêmico – é invariavelmente apontado como um fator determinante na forma como Machado foi traduzido, publicado e lido.

Os contrastes nas abordagens, no entanto, são instrutivos. Guimarães e Frank oferecem uma perspectiva predominantemente micro-histórica e editorial. Seus trabalhos mergulham nos

“bastidores” da publicação, examinando as negociações de direitos autorais (Frank, 2022), as decisões sobre títulos e paratextos (Guimarães, 2023; Guimarães & Oliveira, 2021), a correspondência entre tradutores e editores, e a agência de indivíduos específicos. Guimarães (2009), por exemplo, já havia documentado o interesse do próprio Machado em ser traduzido e as frustrações que enfrentou ainda em vida. As análises de Guimarães e Frank iluminam os desafios práticos e as estratégias concretas que marcaram as primeiras décadas da presença de Machado em inglês, desde as táticas “improvised and opportunistic” da Noonday Press até a posterior consolidação no meio acadêmico via UC Press.

Deborah Cohn, por sua vez, adota uma lente mais macro, de natureza sociopolítica. Sua análise situa a tradução da literatura latino-americana, incluindo a de Machado, dentro das dinâmicas da Guerra Fria, interpretando-a como um instrumento de “soft power” e “diplomacia do livro”. Para Cohn, editoras como a Knopf e programas de fomento como o LATP e o CIAR operavam, em parte, com motivações geopolíticas, buscando cultivar boa vontade e projetar uma imagem positiva dos EUA. A inserção inicial de Machado nesse contexto, embora “anômala” por sua precocidade em relação ao “Boom”, beneficiou-se de um “momento político que buscava promover o entendimento e a boa vontade internacionais” (Cohn, 2023, p. 20).

Earl Fitz concentra-se primariamente na fenomenologia da recepção crítica e nos obstáculos culturais e intelectuais que se impuseram a uma compreensão mais profunda da obra machadiana. Sua investigação questiona *como* Machado foi lido – ou mal lido – pelos críticos norte-americanos, apontando o eurocentrismo, a falta de familiaridade com o contexto cultural brasileiro e a subsequente marginalização do Brasil durante o “Boom” hispano-americano como causas centrais para uma recepção aquém do mérito do autor. Fitz (2009, p. 20) argumenta que “1950s America did not offer an intellectual climate that would have been hospitable to the acerbic and disillusioned voice of Machado de Assis” (tradução nossa: “a América dos anos 1950 não oferecia um clima intelectual que teria sido hospitaleiro à voz ácida e desiludida de Machado de Assis”).

A recepção limitada ou enviesada de Machado de Assis em inglês, portanto, não pode ser atribuída a um único fator, mas a uma confluência de causas estruturais que emergem da análise comparativa desses estudiosos. Guimarães e Frank demonstram que o esforço inicial da Noonday Press, embora fundamental, caracterizou-se por uma publicidade improvisada, complexas disputas de direitos autorais e uma forte dependência do entusiasmo de poucos indivíduos. As próprias estratégias paratextuais, ao buscarem “universalizar” Machado por meio de comparações com o cânone europeu, corriam o risco de diluir sua especificidade brasileira e originalidade. A posterior transição para o meio acadêmico, com a UC Press, garantiu a sobrevivência e o estudo de Machado, mas potencialmente o confinou a um nicho.

A análise de Cohn sugere que, embora a Guerra Fria tenha aberto portas para a literatura latino-americana como um todo, esse interesse foi muitas vezes instrumentalizado e seletivo. Machado, por sua cronologia e talvez por sua natureza menos explicitamente “política” ou “exótica” aos olhos de alguns promotores culturais da época, não se encaixou perfeitamente nos moldes dos autores do “Boom” que foram mais ativamente promovidos por programas como o do CIAR, que visavam um impacto mais amplo e talvez estivessem mais sintonizados com narrativas de revolução ou alteridade cultural que capturavam a imaginação norte-americana. A “invisibilidade” do Brasil, como aponta Fitz, foi um subproduto desse foco geopolítico direcionado.

Fitz argumenta de forma contundente que as causas mais profundas da recepção limitada residem nos vieses culturais e no paroquialismo intelectual do *establishment* crítico norte-americano da época. O “cego preconceito literário” contra literaturas não europeias (Fitz, 2022, p. 3), a incapacidade de lidar com a ironia e a complexidade machadianas sem recorrer a moldes

familiares como o de Sterne, e a posterior “invisibilidade” do Brasil no contexto do “Boom” hispano-americano constituíram barreiras estruturais significativas. A própria dinâmica da atenção geopolítica, que privilegiou a América Hispânica após a Revolução Cubana, contribuiu decisivamente para essa marginalização.

As iniciativas de “diplomacia do livro”, detalhadas por Cohn, e a recepção crítica real, analisada por Fitz, não são mutuamente excludentes, mas revelam uma tensão fundamental: o desejo de usar a cultura para fins geopolíticos pode ser frustrado pela incapacidade da cultura receptora de verdadeiramente “receber” ou compreender a obra em seus próprios termos. O “soft power” encontra limites impostos pelos filtros culturais do receptor. Se a obra não é compreendida ou apreciada em sua complexidade, o objetivo da diplomacia cultural pode ser comprometido ou distorcido. A imagem projetada pode não ser a imagem efetivamente recebida.

A trajetória editorial e receptiva de Machado de Assis em língua inglesa, desde os esforços pioneiros da Noonday Press, passando por sua consolidação como figura de estudo acadêmico com a UC Press, até as discussões contemporâneas sobre sua identidade racial, ilustra um ciclo mais amplo. Este ciclo demonstra como literaturas de contextos culturais considerados “periféricos” são introduzidas, assimiladas, por vezes mal interpretadas, e continuamente reavaliadas dentro de um sistema literário mundial dominado por centros hegemônicos. A história de Machado em inglês é, nesse sentido, um microcosmo das dinâmicas de poder inerentes à circulação literária global, onde a introdução é seguida pela assimilação (frequentemente no cânone acadêmico), que pode ser acompanhada por interpretações seletivas ou enviesadas, e subsequentemente por reavaliações através de novas lentes críticas do centro hegemônico. Este processo contínuo de (re)construção de significado sublinha a natureza fluida e mediada da reputação literária internacional.

Em conclusão, os estudos de Hélio de Seixas Guimarães, Zephyr L. Frank, Deborah Cohn e Earl Fitz, em conjunto, oferecem um quadro complexo e matizado da presença de Machado de Assis no mundo anglófono. Eles revelam como fatores editoriais, políticos, institucionais e culturais se entrelaçaram para moldar o destino de um dos maiores escritores da língua portuguesa, demonstrando que a sua recepção limitada ou enviesada resultou de uma intrincada interação de forças estruturais que transcenderam a mera qualidade literária da obra.

2.4 CIRCULAÇÃO, MEDIAÇÕES EDITORIAIS E CONSTRUÇÃO DO CÂNONE DE CONTOS MACHADIANOS

Pode-se distinguir ainda um conjunto de estudos que abordam os mecanismos que condicionam a circulação internacional da obra de Machado de Assis e a construção de sua imagem no espaço anglófono. Tais estudos se distribuem em dois eixos principais e complementares: por um lado, os que se fundamentam na sociologia da tradução e buscam compreender os fluxos transnacionais que regem a inserção de autores oriundos de sistemas literários periféricos no mercado global; por outro, os que se debruçam sobre as práticas editoriais concretas – especialmente as antologias –, enfocando as escolhas de tradução, seleção textual e mediação acadêmica que moldam o “Machado anglófono”.

2.4.1 Sociologia da Tradução e os Fluxos Transnacionais da Obra Machadiana

A compreensão da trajetória internacional de Machado de Assis requer, inicialmente, uma análise das estruturas que regem os fluxos de tradução literária em escala global. Autores como Camila Werner (2009) e Paulo Moreira (2009) oferecem ferramentas conceituais valiosas para desvendar a posição da literatura brasileira, e de Machado em particular, nesse cenário.

O modelo de “sistema mundial cultural” proposto por Johan Heilbron, e aplicado por Werner ao estudo das traduções de livros, descreve uma estrutura hierárquica de centro-periferia que condiciona os fluxos de tradução entre diferentes grupos linguísticos (2009, p. 6)¹⁴. Nesse sistema, línguas como o inglês ocupam uma posição “hipercentral”, funcionando como as principais fontes de tradução para o resto do mundo, enquanto outras, como o francês e o alemão, são consideradas “centrais”. Línguas como o português, por outro lado, são classificadas como “periféricas”, o que implica que suas obras literárias enfrentam maiores barreiras para serem traduzidas e reconhecidas internacionalmente (Werner, 2009, p. 6)¹⁵.

Werner introduz um refinamento a esse modelo ao propor o conceito de “língua-hub” ou “língua-intermediária” (2009, p. 43). Segundo a autora, para obras de línguas periféricas, a tradução para uma língua cultural ou linguisticamente próxima muitas vezes serve como um degrau inicial antes de alcançar o centro do sistema. Ela argumenta que,

No caso de línguas periféricas, o primeiro passo seria a tradução para uma ‘língua-hub’ que pertence ao mesmo grupo linguístico e/ou é cultural e historicamente mais próxima. No caso do português, não há dúvida de que é a língua espanhola que desempenha esse papel¹⁶ (Werner, 2009, p. 43).

Esta mediação inicial através do espanhol, especialmente no contexto latino-americano, é crucial para entender as primeiras incursões internacionais de Machado de Assis. A posição estruturalmente marginal da literatura brasileira significa que o acesso direto ao hipercentro anglófono é raro; a passagem por uma língua-hub como o espanhol confere uma validação preliminar e acesso a um mercado culturalmente mais receptivo.

Moreira, ao discutir o lugar de Machado na “República Mundial das Letras”, também parte dessa premissa de um sistema desigual, onde Nova Iorque emerge como a “nova capital” desse espaço simbólico, e onde a consagração de autores de fora do eixo anglo-europeu depende de complexas negociações e mediações¹⁷ (2009, p. 96).

O fluxo específico das traduções de Machado de Assis ilustra vividamente essas dinâmicas. Werner (2009) detalha que as primeiras traduções de Machado ocorreram, de fato, para o espanhol, com publicações na Argentina e no Uruguai já em 1902, e até mesmo edições em espanhol publicadas em Paris por editoras francesas visando ao mercado latino-americano (Hatje-Faggion, 2013)¹⁸. Essa etapa inicial via esfera hispânica foi fundamental antes que sua obra começasse a penetrar, de forma gradual e mediada, o mercado de língua inglesa.

¹⁴ “According to Heilbron book translations constitute a cultural world-system ‘based on a core periphery structure, [that] accounts for the uneven flows of translations between language groups as well as for the varying role of translations within language groups’. It’s also an historical system, which the major changes are long-term processes” (Werner, 2009, p. 6).

¹⁵ “According to Heilbron, the English language occupies a hyper-central position in the system, being the source language for 40% of all translations world wide around 1980. German, French and Russian follow, being the source language of 10 to 12% each of translations in the world in the same period, thus they are called ‘central languages’./Next come the semi-peripheral languages, source of between 1 to 3% each of translations. In 1978 Spanish, Italian, Danish, Swedish, Polish and Czech could be considered as such according to Heilbron. The languages in this category however cannot be clearly distinguished from the ones in the next category, the peripheral languages. Chinese, Japanese, Arabic, and Portuguese, for instance, could be placed in this category around 1980” (Werner, 2009, p. 6).

¹⁶ “In the case of peripheral languages, the first step would be the translation into a ‘hub language’ that belongs to the same linguistic group and/or is culturally and historically closer. In the case of Portuguese, there is no doubt that Spanish plays this role” (Werner, 2009, p. 43).

¹⁷ Moreira baseia-se no conceito de Pascale Casanova (2008) ao discutir a posição de Machado de Assis na *República Mundial das Letras*. Casanova propõe um sistema literário desigual, no qual a consagração de autores periféricos exige mediações complexas. Esse conceito será explorado com mais profundidade no capítulo 3.

¹⁸ As primeiras traduções da obra machadiana deram-se para o espanhol, já em 1902, com publicações na Argentina e no Uruguai. Werner (2009, p. 17) aponta essas edições de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, referenciando Sorá (2003, p. 73) para a versão argentina e Broca (1956, p. 261) para a uruguaia (Werner, 2009, p. 17). Hélio de Seixas Guimarães (2009, p. 40; 2012, p. 41) reitera a tradução de *Brás Cubas* por Julio Piquet em Montevideu (1902) e a edição argentina da Biblioteca La

A língua inglesa, como aponta Werner (2009), funciona como a língua hipercentral que confere prestígio e aumenta as chances de traduções subsequentes para outros idiomas. No entanto, essa passagem não é isenta de filtros. Moreira (2009) destaca como intelectuais e críticos influentes no mundo anglófono – como Susan Sontag, Harold Bloom, John Updike e Michael Wood – e figuras latino-americanas com trânsito internacional, como Carlos Fuentes, desempenharam um papel crucial na “redescoberta” ou maior visibilidade de Machado a partir dos anos 1990. Esses mediadores, ao resenharem e comentarem a obra machadiana, especialmente *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em veículos de prestígio, introduziram-no a um público leitor mais amplo, para além dos círculos estritamente acadêmicos.

Contudo, esse processo de mediação frequentemente envolve um enquadramento específico. Moreira observa que esses críticos, muitas vezes partindo de traduções e com conhecimento limitado da fortuna crítica brasileira ou do contexto cultural de origem, tendem a inserir Machado em tradições literárias ocidentais já estabelecidas (comparando-o a Sterne, Cervantes, etc.) para torná-lo “legível” e “universal” aos olhos do público anglófono (2009, p. 106). Como afirma Moreira,

Convencidos da excelência de Machado de Assis, os críticos metropolitanos se atiram ao desafio de integrar o autor de uma língua, um país e uma tradição literária desconhecidos numa tradição que lhes seja plenamente reconhecível. Trata-se de uma vontade de identificar não a alteridade do texto machadiano, mas o que nele se pode encontrar de um reconfortante e universal mesmo (Moreira, 2009, p. 106).¹

Essa busca pelo “universal mesmo” pode levar a uma universalização seletiva, onde aspectos da obra que ressoam com as expectativas do centro são destacados, enquanto a especificidade brasileira e a complexidade de sua crítica social podem ser minimizadas ou descontextualizadas (Moreira, 2009, p. 106). Sontag, citada por Moreira (2009), adverte que

“Nossos padrões de modernidade formam um sistema de ilusões autoelogiosas, que nos permitem colonizar o passado de modo seletivo, assim como nossas ideias do que seja provinciano, que permitem certas partes do mundo serem condescendentes com todo o resto” (Sontag, 1990, citado por Moreira, 2009, p. 106),

uma observação que lança luz sobre os riscos de uma apropriação que descaracteriza a obra em nome da sua internacionalização.

2.4.2 Antologias e a Engenharia do Cânone Machadiano em Inglês

Se a sociologia da tradução nos mostra os grandes fluxos e as relações de poder que condicionam a circulação internacional, a análise das práticas editoriais, como a publicação de antologias, revela os mecanismos concretos de seleção e recorte que constroem a imagem de um autor para um público específico. Os estudos de Válmí Hatje-Faggion (2013) e de Luana de Freitas e Cynthia Costa (2015, 2018) sobre as antologias de contos de Machado de Assis em inglês são particularmente elucidativos a esse respeito.

Nación, baseando-se também em Sorá (2003). Posteriormente, editoras francesas, como os Irmãos Garnier, publicaram em Paris edições em espanhol, visando ao mercado hispano-americano; Werner (2009, p. 128-129), fundamentando-se em Hallewell (1982, p. 140), detalha a publicação de *Dom Casmurro* (1910), *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1911, também em francês), e *Quincas Borba* (1912).

Ambos os estudos convergem ao apontar que as antologias de contos machadianos em língua inglesa tendem a privilegiar esmagadoramente a produção da chamada “fase madura” do autor, geralmente a partir de *Papéis Avulsos* (1882). Hatje-Faggion observa que as coletâneas são compostas pelos contos “mais conhecidos” dessa fase (2013, p. 126). Freitas e Costa aprofundam essa análise, argumentando que tal seleção editorial, ao priorizar um critério de “qualidade” percebida em detrimento da representatividade da “obra geral”, acaba por corroborar a “tese do milagre” machadiano (2018, p. 52). Essa tese, criticada pelas autoras, apresenta Machado como um gênio surgido “pronto”, desvinculado de seu processo formativo e do contexto intelectual brasileiro do século XIX, uma visão que consideram redutora e condescendente (Freitas & Costa, 2018, pp. 35-36). A consequência desse recorte é a apresentação de um Machado parcialmente amputado de sua trajetória evolutiva, o que pode, por um lado, facilitar a sua inserção em um cânone de “clássicos”, mas, por outro, obscurece a complexidade de seu desenvolvimento como escritor. Freitas e Costa (2018) chegam a notar uma “pouca ousadia” (p. 51) ou “timidez na escolha” (p. 46) em algumas antologias mais recentes, que preferem republicar textos já consagrados academicamente em vez de explorar facetas menos conhecidas do autor.

Um fator determinante na configuração desse “Machado anglófono” é o perfil dos agentes responsáveis pela sua mediação. Tanto Hatje-Faggion (2013) quanto Freitas e Costa (2018) destacam que a grande maioria dos organizadores e tradutores das antologias de contos de Machado são professores universitários, figuras com fortes vínculos acadêmicos nos Estados Unidos e na Inglaterra. Nomes como Isaac Goldberg, Helen Caldwell, William L. Grossman, John Gledson, entre outros, exemplificam essa tendência.

Essa predominância acadêmica tem implicações diretas. Como salienta Hatje-Faggion (2013), “o exame detalhado dessas coletâneas revela que elas são compostas pelos contos mais conhecidos do escritor, organizadas, traduzidas e retraduzidas quase sempre por acadêmicos e publicadas, primordialmente, por editoras universitárias” (Hatje-Faggion, 2013, p. 107). O interesse subjacente a essas publicações parece ser mais filológico, crítico e voltado para um público estudantil ou especializado do que orientado por imperativos comerciais de grande alcance. Os paratextos dessas edições – introduções, notas, prefácios – frequentemente refletem essa orientação, contextualizando a obra machadiana, justificando as escolhas editoriais e, crucialmente, comparando Machado a autores canônicos do panteão ocidental, como forma de legitimação e familiarização para o leitor anglófono¹⁹. Essa mediação predominantemente acadêmica direciona, assim, o perfil da recepção, confinando-a em grande medida ao ambiente universitário.

A consequência natural da atuação de professores-tradutores e da publicação por editoras universitárias é uma circulação restrita das obras de Machado de Assis no mercado anglófono. Hatje-Faggion aponta que essas edições costumam ter tiragens limitadas e, não raro, contam com o apoio financeiro de fundações ou empresas, indicando um interesse mais voltado para a difusão cultural do que para a lucratividade comercial²⁰. Freitas e Costa corroboram essa visão,

¹⁹ “Nesse contexto, parece haver uma tendência (ainda que do ponto de vista acadêmico e/ou independente) de retirar Machado de Assis do âmbito unicamente latino-americano, localizando-o ou em seu país, ou colocando-o em pé de igualdade com grandes nomes da literatura ocidental, como ocorre no volume organizado por James Daley – o nome de Machado aparece na capa junto com o de Maupassant, Tolstoi, Mann, Woolf, Hemingway, Borges, entre outros” (Freitas & Costa, 2018, p. 45).

²⁰ “Com relação às editoras que publicaram as obras de Machado em inglês, a maioria delas pertence a empresas particulares ou está ligada a universidades. Dado o baixo número de exemplares publicados por essas editoras em cada tiragem, é de se supor que não visaram lucro com essas traduções. Elas revelam sobretudo o interesse na política e na difusão cultural da literatura brasileira no cenário anglo-americano. Pode-se dizer que fato semelhante ocorre no caso das quatro coletâneas em estudo, que focalizam, crê-se, um público mais restrito, geralmente apenas o acadêmico” (Hatje-Faggion, 2013, p. 118).

afirmando categoricamente que “Machado não vende para o grande público” e que sua circulação se dá quase toda da esfera acadêmica (2018, p. 49).

Esse ciclo – onde Machado é apresentado *por acadêmicos*, *para* um público primariamente acadêmico, através de canais e com uma roupagem que ressoam nesse mesmo meio – solidifica um cânone machadiano específico no mundo anglófono: respeitado e estudado no nicho universitário, mas com dificuldades significativas em transbordar para o mercado editorial mais amplo e atingir um público leitor geral. O relativo fracasso comercial das coletâneas em atingir esse público mais vasto é, portanto, uma característica marcante da presença de Machado de Assis em língua inglesa, condicionada pelas próprias estruturas de sua mediação.

2.4.3 Obstáculos e Mediações na Construção do “Machado em Inglês”

A análise conjunta dos estudos de Werner (2009), Moreira (2009), Hatje-Faggion (2013) e Freitas e Costa (2018) desvela um panorama complexo da circulação e canonização de Machado de Assis no mundo anglófono. Emerge um sistema de filtros e mediações que opera em múltiplos níveis, desde as macrodinâmicas do sistema literário mundial até as micropráticas editoriais das antologias. Os principais obstáculos incluem a posição periférica da literatura brasileira, as relações de poder assimétricas que regem os fluxos de tradução, e as lógicas editoriais do campo acadêmico que, embora promovam o autor, também limitam seu alcance. As mediações cruciais, por sua vez, envolvem a função da língua espanhola como “hub” inicial, o papel central dos professores-tradutores como guardiões e intérpretes da obra para o público universitário, e a intervenção de críticos literários influentes que, ao “apresentarem” Machado ao centro anglófono, o fazem frequentemente através de enquadramentos que buscam universalizá-lo, por vezes à custa de sua especificidade cultural e histórica. O “Machado em inglês” que resulta desse processo é, portanto, uma construção particular, um reflexo tanto da riqueza da obra original quanto das expectativas, interesses e limitações do campo cultural receptor. A sua presença no cânone literário em tradução é, assim, menos uma chegada espontânea e mais o produto de uma intrincada engenharia cultural, cujos contornos continuam a ser negociados e redefinidos.

2.5 POÉTICAS DA TRADUÇÃO E LEITURA COMPARATIVA: TRADUÇÃO COMO LABORATÓRIO DE ANÁLISE TEXTUAL E ESTILÍSTICA

A tradução literária, particularmente no contexto da obra de Joaquim Maria Machado de Assis, ultrapassa a mera transposição linguística para se configurar como uma potente ferramenta de crítica e análise. Estudos recentes têm explorado a tradução não apenas como um produto, mas como um processo heurístico e interpretativo capaz de desvelar camadas profundas da linguagem e da poética machadiana, funcionando como um verdadeiro laboratório de análise textual e estilística.

2.5.1 A Crítica Via Tradução: Desvelando Estruturas Ocultas e “Nós de Sentido”

O conceito de “crítica via tradução”, referenciado por Thomsom-DeVeaux (2018) em Ezra Pound (1934), encontra um terreno fértil na complexa prosa machadiana. A ideia subjacente é que, ao distanciar-se do original e desenraizá-lo de sua língua materna, é possível contemplá-lo com “olhos livres”, na expressão de Oswald de Andrade, permitindo uma nova forma de apreensão²¹. Flora Thomson-DeVeaux (2018, 2023) e Karen C. Sherwood Sotelino (2008,

²¹ “In a 1934 essay, Ezra Pound (1954, p. 74) referred glancingly to the practice of “criticism by translation,” failing to elaborate beyond the phrase - perhaps because he found it to be self-evident. Here, it may be understood as follows: it is in taking distance from Machado and *Memórias póstumas*, and in uprooting them from their language that we may hope to behold them once again - see them with *olhos livres*, free eyes, in Oswald de Andrade's tum of phrase” (Thomsom-Deveaux, 2018, p. 97).

2011) são duas pesquisadoras cujos trabalhos exemplificam essa abordagem. Thomson-DeVeaux argumenta que “a leitura das versões em inglês permite que nós, enquanto leitores dos leitores de Machado, mapeemos ambiguidades e referências intertextuais” (2018, p. 96). Assim, a prática da “crítica via tradução” se estabelece como uma metodologia comparativa pertinente para a exegese machadiana, na qual o corpus de traduções se torna um objeto de estudo que gera novas compreensões do original, não apenas o validando, mas também o interrogando. A riqueza da obra machadiana é tal que múltiplas leituras tradutórias são não só possíveis, mas necessárias para apreender sua complexidade.

Nessa perspectiva, as divergências entre diferentes traduções não são necessariamente falhas, mas “pontos de fricção” que iluminam “nós de sentido” ou “estruturas ocultas do texto” (Thomson-Deveaux, 2018, p. 97)²². Essas discrepâncias funcionam como “pistas” para as ambiguidades e complexidades inerentes ao texto original machadiano. A comparação de múltiplas traduções, como um “raio-X”, identifica “pontos que muitas vezes nos indicam o mais interessante, o mais essencial do texto” (Thomson-DeVeaux, 2023, p. 6).

Um exemplo paradigmático dessa abordagem é a análise de Thomson-DeVeaux sobre o termo “repelão” em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2023, p. 6). A autora mapeia suas diversas ocorrências – desde os “gritos e repelões” da infância de Brás, passando pelos “grandes repelões aos nervos” causados pela baixela, até os “repelões da consciência” – e as contrasta com as soluções de tradutores como William L. Grossman, E. Percy Ellis e Gregory Rabassa (Thomson-Deveaux, 2023, pp. 6-12). As escolhas variam entre “struggles”, “shoves”, “terrible attacks of nerves”, “my conscience pricked me”, “revulsion in my conscience” e “tug” (Thomson-Deveaux, 2023, pp. 6-12). A própria Thomson-DeVeaux, ao traduzir os “repelões da consciência” como “twitch”, sugere um “movimento involuntário, tipo uma pequena contração muscular”, o que oferece uma “dimensão diferente para esse embate entre o protagonista e sua consciência” (2023, p. 10). Este exame minucioso demonstra como um único termo polissêmico pode gerar um “florescimento de sinônimos e frases explicativas” e como as diferentes escolhas tradutórias reconfiguram a relação de Brás com sua consciência, revelando que, para a tradutora, “o repelão é uma pancada silenciosa, uma propensão oculta à agressão” (Thomson-Deveaux, 2023, p. 12).

De forma similar, Thomson-DeVeaux (2018) discute a ambiguidade do vocábulo “gesto” na frase “Virgília teve um gesto aflitivo” (p. 99). As traduções de Grossman (“Virgília made a worried gesture”), Ellis (“Virgília gave a sign of pain”) e Rabassa (“Virgília had an afflicted expression”) (Thomson-DeVeaux, 2018, p. 100) alteram significativamente a interpretação da cena, influenciando a percepção da personagem e da subsequente reação de Brás Cubas. A polissemia deliberada de termos como “repelão” e “gesto” por Machado de Assis não é, portanto, uma mera característica estilística, mas uma estratégia para engajar o leitor em um processo interpretativo ativo. A tradução, ao forçar uma escolha semântica onde o original permite múltiplas, torna-se um ato de “leitura close-up” que dissecar esses “nós de sentido”, revelando a intencionalidade da ambiguidade machadiana. Machado é reconhecido por sua prosa ambígua e sutil, e as divergências consistentes entre tradutores experientes diante desses termos específicos indicam que não se trata de obscuridade acidental, mas de pontos focais de ambiguidade intencional. Como Sotelino observa, nas obras tardias de Machado, “escolhas lexicais e sintaxe elusivas permitem a participação no texto [...] num processo semelhante ao

²² Nesse ponto, Thomson-DeVeaux apoia-se em Antoine Berman: “The points of friction in the text are where it is possible for us, the readers of the readers of Machado, to observe what Antoine Berman (1992, p. 6) referred to as the “hidden structures of the text,” duly unveiled in translation” (Thomson-Deveaux, 2018, p. 97).

da memória/eventos recordados”²³ (2008, p. 3). A tradução, ao ter que optar por uma das facetas da polissemia, expõe a mecânica dessa estratégia machadiana. Como Flora Thomson-DeVeaux articula, referindo-se a um momento em que o narrador machadiano exige atenção redobrada do leitor: “Nesses momentos, sinto que o único leitor possível – a única leitora possível – é uma tradutora. Alguém que, por força de necessidade, vai ter que prestar atenção, sim, naquele substantivo repetido acrescido de um adjetivo” (2023, p. 4).

A tese de doutorado de Karen C. Sherwood Sotelino (2008), *The Unreliable Memories of Machado de Assis: The Ambiguous Language of Remembrance in Translation*, é fundamental para compreender como a tradução ilumina a linguagem da memória e a ambiguidade em Machado. Sotelino (2008) postula que “confrontos ocasionais entre o original e a tradução, bem como discrepâncias entre duas versões traduzidas do mesmo texto, destacam sua preocupação [de Machado] com a capacidade da linguagem de capturar a percepção mental”²⁴ (p. 2). As obras maduras de Machado, como *Dom Casmurro*, são caracterizadas por Sotelino (2008) como “textos abertos” que “permitem o engajamento” (p. 195), em contraste com obras anteriores como *Ressurreição*, marcadas pela “não ambiguidade” e por “campos lexicais bastante estreitos”. Essa “abertura” é uma escolha estilística deliberada, que convida à participação do leitor e, por extensão, do tradutor. Sotelino (2008) conclui que as divergências na tradução “são diferenças resultantes de um texto aberto, um texto que permite o engajamento”²⁵ (p. 195).

Um exemplo notável é a análise de Sotelino (2008) da frase “Grande foi a sensação do beijo” de *Dom Casmurro*. A tradução de Helen Caldwell (“The sensation of the kiss was immense and sudden”) e a de John Gledson (“The kiss had an extraordinary effect”) demonstram como a “vagueza da palavra grande” no original possibilita distintas representações, espelhando como “a memória também é vaga e interpretada de acordo com a experiência e inclinações pessoais de um indivíduo”²⁶. A “narração não confiável” (unreliable narration) em Machado é outro campo fértil para a análise comparativa de traduções, pois as “discrepâncias de tom e atmosfera e nos traços de caráter [...] nas duas traduções [...] revelam como Machado de Assis usou a narração não confiável em primeira pessoa”²⁷ (Sotelino, 2008, p. 10). A natureza de “texto aberto” das obras maduras de Machado, como identificada por Sotelino, impõe ao tradutor um papel explicitamente interpretativo que transcende a mera transferência linguística. Cada tradução, portanto, materializa uma leitura crítica específica, tornando o ato tradutório em si um exercício hermenêutico visível. Um texto “aberto”, no sentido de Eco (1989, citado por Sotelino, 2008, p. 16), é inerentemente polissêmico. O tradutor, ao verter esse texto, é obrigado a fazer escolhas interpretativas que, de certa forma, “fecham” essa abertura para a sua versão específica. Assim, a comparação dessas diferentes concretizações (traduções) revela o espectro da “abertura” do original.

A leitura de Machado em tradução intensifica a necessidade de atenção a elementos estilísticos que, no original, podem ser percebidos de forma mais subliminar. Thomson-

²³ No original: “In contrast, Machado de Assis's later works do require readers' participation. His intrusive narration and, at times, elusive lexical choices and syntax allow for participation in the text, through conjured images and speculation, in a process similar to that of memory/recalled events” (Sotelino, 2008, p. 3).

²⁴ No original: “In the case of Brazilian author Joaquim Maria Machado de Assis, occasional clashes between the original and the translation, as well as discrepancies between two translated versions of the same text highlight his concern with the ability of language to capture mental perception” (Sotelino, 2008, p. 2).

²⁵ No original: “The difference in the two translations is not mechanical like some of alternatives I have analyzed for sentences from *Ressurreição*, they are differences resulting from an open text, a text that allows for engagement” (Sotelino, 2008, p. 195).

²⁶ No original: “In the same way that the original Portuguese has allowed Gledson and Caldwell their own renderings, memory too is vague and interpreted according to an individual's personal experience and inclinations” (Sotelino, 2008, pp. 4-5).

²⁷ No original: “Translation differences inflect literary characteristics remarkably. Discrepancies in tone and atmosphere and in character traits (egotistical, naive, manipulative, sentimental, calculating, oblivious, obsessive) in the two translations of each of the novels reveal how Machado de Assis used unreliable first person narration” (Sotelino, 2008, p.10).

DeVeaux (2018, 2023) destaca a importância do ritmo, da pontuação, da carga afetiva das expressões e da intertextualidade. A pontuação, por exemplo, não é um mero detalhe técnico. Thomson-DeVeaux (2023) analisa o uso machadiano do ponto e vírgula no Capítulo CLII de *Memórias Póstumas*, observando que a tendência de Rabassa em convertê-los para pontos finais pode alterar a “ligação elíptica e cinematográfica entre as ações” do original, enquanto a tradução de Ellis preserva essa característica (p. 19). Isso demonstra que as escolhas de pontuação na tradução afetam a “voz” estilística de Machado.

A carga afetiva e a subjetividade também são moldadas pelas escolhas tradutórias. O trabalho de Sotelino sobre *Memorial de Aires* explora como a forma diarística e “escolhas lexicais abertas” (e.g., “engenho”, “espírito”) constroem o afeto. A tradução de uma frase como “do lado oposto” por Helen Caldwell como “coming from the opposite direction” pode, segundo Sotelino, alterar a percepção da distância e do papel de outsider do Conselheiro Aires, impactando o tom afetivo geral ((2011, p. 119). A “revelação da informação é a narrativa, não a informação em si”, acessando o leitor em um “nível subconsciente e afetivo”²⁸ (Sotelino, 2011, pp. 120-121).

A intertextualidade, ou seja, as alusões de Machado a outros autores, especialmente europeus, também é um desafio para os tradutores. Thomson-DeVeaux (2018, 2023) discute como a decisão de explicitar ou manter a sutileza dessas alusões afeta a dimensão intertextual da obra traduzida. Um exemplo é a alusão à moeda de Vespasiano em *Memórias Póstumas*, Capítulo CLII: Grossman expande e “traduz duplamente” a alusão ((Thomson-DeVeaux, 2023, p. 18); Ellis parece não captar a referência; Rabassa e Thomson-DeVeaux optam pela concisão, com Thomson-DeVeaux adicionando uma nota explicativa. Sotelino (2008) resume bem essa dinâmica ao afirmar: “As diferenças de tradução influenciam notavelmente as características literárias. Discrepâncias de tom e atmosfera e nos traços de caráter (egoísta, ingênuo, manipulador, sentimental, calculista, alheio, obsessivo) nas duas traduções de cada um dos romances revelam como Machado de Assis usou a narração não confiável em primeira pessoa”²⁹ (p. 10).

2.5.2 Abordagens Sistemáticas da Microanálise Linguística e Estilística na Tradução Machadiana

Para além das leituras comparativas mais amplas, um conjunto de estudos tem se dedicado à aplicação de teorias linguísticas e tradutológicas visando dissecar com maior precisão as escolhas tradutórias na obra machadiana e seus impactos. Estes trabalhos oferecem uma microanálise que complementa e aprofunda as percepções sobre a tradução como crítica.

A aplicação de teorias formais à tradução machadiana representa um avanço metodológico, permitindo uma análise mais objetiva e detalhada das transformações que o texto sofre ao ser vertido para o inglês. Maria G. C. Nogueira (Nogueira, 2011), em sua tese sobre as estratégias tradutórias em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, utiliza o arcabouço das Teorias Textuais. Nogueira (2011) concebe a tradução como uma “reescrita” e o tradutor como um “produtor de significados” (p. 8), cujas escolhas refletem não apenas o texto de partida, mas também as normas e o contexto cultural de chegada. Sua análise microestrutural das traduções de Grossman e Rabassa examina, por exemplo, a não tradução do jogo de palavras em “autor defunto/defunto autor” por ambos os tradutores, o que, segundo ela, enfraquece a carga emotiva e a intencionalidade machadiana. Nogueira (2011) conclui que “A análise permitiu evidenciar

²⁸ No original: “The revealing of the information is the narrative, not the information itself. The information may have a referent, but the revealing of the information does not, this is one of the reasons that the novel accesses the reader at a subconscious, affective level” (Sotelino, 2011, pp. 120-121).

²⁹ Cf. nota 27.

diferenças e singularidades nas escolhas das estratégias tradutórias centradas nos elementos da língua e da cultura tanto do texto de partida quanto dos textos de chegada” (p. 8).

Camila M. V. Nunes (2021), por sua vez, emprega a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e a teoria da Avaliatividade (Appraisal) para comparar as traduções de *Memórias Póstumas* por Rabassa e Thomson-DeVeaux. Seu foco reside em como as escolhas relacionadas aos significados ideacionais, interpessoais (Afeto, Julgamento, Apreciação) e textuais moldam a persona narrativa de Brás Cubas e a interação com o leitor. Nunes (2021) observa que, de modo geral, “a tradução de Rabassa se aproxima mais do original do que a de DeVeaux, com evidentes reflexos no significado interpessoal, no sentido de, talvez, a segunda assemelhar-se mais com o fluir linguístico da língua inglesa” (p. 8). Um exemplo disso é a tradução de “dúvidas” (original) por “doubts” (Rabassa) versus “anguish” (Thomson-DeVeaux), em que a última escolha opta por um termo com “avaliatividade de afeto com força maior”, refletindo uma tradução moderna mais interpretativa (Nunes, 2021, p. 65).

Adriana M. I. Braccini (2022), em sua dissertação sobre as traduções de *Iaiá Garcia* por Scott-Bucleuch e Bagby Jr., aplica sistematicamente as normas de Toury (1995, 2012) e o conceito de (in)visibilidade do tradutor de Venuti (1995, 2004). Braccini (2022) conclui que Bagby Jr. tende a ser mais estrangeirizador, utilizando notas de rodapé e mantendo termos em português, enquanto Scott-Bucleuch demonstra uma abordagem mais domesticadora, priorizando a fluidez no texto de chegada (p. 72). A aplicação de quadros teóricos rigorosos, como os de Nogueira, Nunes e Braccini, permite uma compreensão mais objetiva de como escolhas tradutórias específicas afetam a recepção da “voz” e do significado de Machado em inglês, superando julgamentos impressionistas e fortalecendo o campo dos estudos da tradução machadiana.

A “voz” narrativa distintiva de Machado de Assis é um construto complexo, resultado da interação de múltiplos elementos linguísticos e estilísticos. A tradução desses elementos inevitavelmente impacta a percepção dessa voz. Nogueira (2011), por exemplo, discute como Grossman e Rabassa manejam a sintaxe machadiana em passagens irônicas e no discurso indireto livre. Em um trecho de *Memórias Póstumas* (Cap. LXXXI: “Tudo ia bem; a filha estava linda como os amores. O marido viria mostrar-ma, se eu consentisse.”), Grossman torna explícita a atribuição do pensamento (“according to Sabina”), o que, segundo Nogueira (2011, p. 138), altera a sutileza da técnica machadiana, ao passo que Rabassa preserva o estilo indireto livre.

Os marcadores culturais, profundamente enraizados na crítica social de Machado, representam um desafio particular. Braccini (2022, pp. 88-102) demonstra em sua análise de *Iaiá Garcia* que termos como “agregada” são frequentemente traduzidos de forma superficial – “companion” por Scott-Bucleuch, “addition” por Bagby Jr. – falhando em transmitir a complexa relação de dependência que caracterizava a sociedade imperial brasileira. Similarmente, “filha de criação” é vertida como “adopted daughter” (Scott-Bucleuch) ou, de forma inconsistente, como “‘adopted’ child” e “foster child” (Bagby Jr.), opções que não capturam a nuance cultural de uma criação sem adoção legal. As formas de tratamento também sofrem transformações: “Doutor”, um título que no Brasil oitocentista indicava status social e educacional para além da medicina, é traduzido por Bagby Jr. como “doctor” (acompanhado de uma nota de rodapé que Braccini considera incompleta) e por Scott-Bucleuch como “my friend” ou simplesmente omitido, o que afeta a representação da hierarquia social. O termo “sinhá moça”, carregado de conotações históricas ligadas à escravidão, é traduzido por Scott-Bucleuch como “girl” ou “young mistress” e por Bagby Jr. de maneira inconsistente (“sinhá moça” e depois “young girl”), sem que sua carga semântica original seja plenamente comunicada. Braccini (2022) resume essa questão ao afirmar: “Os dados obtidos apontam que

os marcadores culturais foram efetivamente traduzidos na sua superficialidade, porém sem que os significados mais profundos que envolvem o entendimento das relações sociais no Brasil Império fossem explicitados” (p. 7).

Nogueira (2011) também aborda a tradução do dialeto, como na fala do personagem Prudêncio em *Memórias Póstumas* (Cap. XI): “ai, Nhonhô”. Grossman mantém “Nhonhô” mas traduz “ai” por “Gee”, quebrando a equivalência semântica (sugerindo surpresa em vez de dor) (p. 151). Rabassa utiliza “Ouch, little master!”, mais adequado para a dor, mas domesticando “Nhonhô” para um termo genérico (Nogueira, 2011, p. 151). A forma de tratamento “vosmecê”, característica de um falar específico, é ignorada por ambos, com Rabassa optando por “sir”, elevando o registro da fala (Nogueira, 2011, p. 152). Essas escolhas demonstram como a “voz” machadiana, em sua multiplicidade social e estilística, é filtrada e, por vezes, homogeneizada no processo tradutório. A tradução da “voz” machadiana, portanto, não é apenas uma questão de mimetismo estilístico, mas uma complexa negociação entre sistemas linguísticos, contextos culturais e abordagens teóricas, resultando frequentemente numa representação parcial ou transformada da singular assinatura autoral de Machado.

As microanálises linguísticas e estilísticas oferecidas por Nogueira (2011), Nunes (2021) e Braccini (2022) fornecem um substrato empírico para as teses mais hermenêuticas sobre a tradução como prática crítica, defendidas por Thomson-DeVeaux (2018, 2023) e Sotelino (2008, 2011). Os “nós de sentido” e “pontos de fricção” identificados por estas últimas não são meras intuições, mas fenômenos textuais localizáveis e cujas transformações translacionais podem ser sistematicamente descritas.

Por exemplo, a constatação de Braccini (2022) de que o termo “agregada” é traduzido superficialmente corrobora a observação de Sotelino (2008), citada por Thomson-DeVeaux (2018), de que o tradutor precisa encontrar o autor “a meio caminho”, especialmente quando o original “não ditou um tipo moral”, mas “apenas esboça um indivíduo através do uso de itens lexicais com amplos campos semânticos”³⁰ (Sotelino, 2008, p. 106). A tradução inadequada de “agregada” representa uma falha em encontrar Machado nesse “meio caminho” para a compreensão daquele particular esboço social. Da mesma forma, a análise de Nunes (2021) sobre como a escolha de “anguish” (Thomson-DeVeaux) para “dúvidas” (original) intensifica o afeto na narração de Brás Cubas e exemplifica como uma decisão tradutória, revelada pela LSF, se torna um ato interpretativo que salienta uma camada emocional específica. Assim, a aplicação sistemática de teorias linguísticas fornece evidência empírica para as afirmações hermenêuticas, criando uma ponte entre a crítica literária interpretativa e os estudos descritivos da tradução, enriquecendo ambas as áreas e equipando o “laboratório” da tradução machadiana com ferramentas analíticas cada vez mais sofisticadas.

2.5.3 A Tradução como Ferramenta Heurística para uma Crítica Estilística Machadiana Refinada

Os estudos aqui discutidos, ao abordarem a tradução da obra de Machado de Assis não como um mero processo de transferência linguística, mas como um laboratório de análise textual e estilística, oferecem contribuições significativas para uma crítica machadiana mais refinada e elaborada. A convergência das abordagens de “crítica via tradução”, propostas por pesquisadoras como Flora Thomson-DeVeaux e Karen C. Sherwood Sotelino, com as microanálises sistemáticas baseadas em teorias linguísticas e tradutológicas, como as de Maria

³⁰ No original: “The importance of the contrast is that the narrator in the original has not dictated a moral type. He merely sketches an individual through the use of lexical items with broad semantic fields, and the reader/translator must meet him half-way” (Sotelino, 2008, p. 106).

G. C. Nogueira, Camila M. V. Nunes e Adriana M. I. Braccini, demonstra a vitalidade e a crescente sofisticação dos estudos da tradução no campo machadiano.

Essas investigações, nascidas do próprio ato tradutório e da reflexão sobre ele, revelam camadas interpretativas e especificidades estilísticas – o uso singular da ambiguidade, da ironia, da voz narrativa digressiva, da pontuação expressiva e dos marcadores culturais profundamente enraizados no tecido social brasileiro do século XIX – que, por vezes, permanecem menos evidentes ou são negligenciadas em leituras estritamente monolíngues. As divergências entre traduções, longe de serem vistas apenas como falhas, emergem como preciosas “pistas” para os “nós de sentido” da prosa machadiana, iluminando as complexidades e as ambiguidades deliberadamente construídas pelo autor. A necessidade de fazer escolhas concretas diante da polissemia do original transforma o tradutor no leitor mais atento, e cada tradução, em uma hipótese crítica materializada.

O conjunto dessas pesquisas aponta para uma maturação metodológica nos estudos machadianos, onde a tradução deixa de ser um apêndice ou uma preocupação secundária para se tornar uma ferramenta heurística central. Ao dissecar as implicações de cada escolha lexical, sintática ou cultural no texto traduzido, esses estudos não apenas avaliam a “fidelidade” ou o impacto da tradução, mas retroalimentam a própria compreensão do texto original, expondo suas “estruturas ocultas”³¹ (Berman, 1995, p. 20) e a genialidade de sua construção. A tradução, portanto, firma-se como uma prática indispensável que ativamente descobre, interroga e enriquece a nossa apreciação da inesgotável poética de Machado de Assis.

2.6 ÉTICA, PODER SIMBÓLICO E DISPUTAS IDENTITÁRIAS: VISIBILIDADE DO TRADUTOR, INTEGRIDADE TEXTUAL E RACIALIZAÇÃO DO AUTOR

Outro conjunto de estudos aborda a circulação das traduções da obra de Machado de Assis no mundo anglófono como uma arena complexa onde se manifestam e se confrontam considerações éticas, dinâmicas de poder simbólico e intensas disputas identitárias. Este processo de recepção não é neutro; ao contrário, revela-se um campo de significativa negociação ideológica, especialmente no que tange à visibilidade do tradutor, à integridade do texto original e à própria construção da persona do autor, incluindo a sua identidade racial. A análise que se segue examinará como esses elementos se entrelaçam, demonstrando que a circulação internacional da ficção machadiana é, fundamentalmente, um espaço atravessado por forças políticas e simbólicas.

2.6.1 A Arena da Tradução: Responsabilidade Editorial, Confiabilidade e a Figura Contestada do Tradutor

A tradição ocidental de tradução frequentemente idealizou a invisibilidade do tradutor, valorizando uma fluidez que supostamente garantiria acesso direto ao original. Contudo, Kremer (2007) argumenta, citando Venutti, que tal prescrição dissimula a transformação inerente à prática tradutória, pois a busca pela fluência pode apagar a “deliberada intervenção do tradutor no texto” (Venutti, 1986, citado por Kremer, 2007, p. 4004). Essa invisibilidade, ao invés de proteger o original, pode isentar tradutor e editora da “responsabilidade pelo trabalho realizado”, facilitando manipulações e a “domesticação da cultura fonte” (Kremer, 2007, pp. 4004-4005). O imperativo ético, portanto, reside na assunção da responsabilidade pela mediação e pelas transformações textuais, questionando a proteção oferecida pela invisibilidade e defendendo a visibilidade como prática ética que reconhece as decisões interpretativas da tradução.

³¹ No original: “En ce sens, Pound pouvait dire que la traduction était une forme sui generis de critique, dans la mesure où elle rend manifestes les structures cachées d’un texte” (Berman, 1995, p. 20).

A tradução de *Dom Casmurro* por Robert L. Scott-Bucleuch (Peter Owen Ltd., 1992; Penguin Classics, 1994) exemplifica práticas editoriais eticamente dúbias. Krause (2015) denuncia a exclusão não informada de nove capítulos, uma “decisão deliberada e calculada” (p. 66) que Zulfikar Ghose descobriu ao notar que Scott-Bucleuch “havia cortado vários capítulos do livro e, como num truque de prestidigitação, emendou tão bem os cortes que a obra parecia estar na íntegra” (Krause, 2015, p. 65). Affonso Romano de Sant’Anna classificou a ação como “mutilação do texto machadiano” (citado por Krause, 2015, p. 65).

Scott-Bucleuch não indicou a condensação em sua nota explicativa, transformando uma possível decisão editorial de abreviação em fraude (Krause, 2015, p. 66). A Penguin, mesmo notificada, não agiu, questionando sua responsabilidade. Kremer (2007) descreve a prática como “ética ‘ilusionista’” (p. 4006), em que a fluência dissimula a intervenção, comprometendo a estrutura e estilística machadianas pela omissão de capítulos cruciais. Tais omissões “se tornam evidentes quando contrastados com a tradução dos outros dois tradutores de *Dom Casmurro* e com o ‘original’” (Kremer, 2007, p. 4007). Este caso ilustra, segundo Krause (2015) o tradutor “não confiável” (p. 69), cuja “prestidigitação textual” (p.66), acobertada pelo silêncio editorial, engana o leitor e expõe a vulnerabilidade de obras de literaturas periféricas a interesses comerciais e pressões domesticadoras.

Em contraste com Scott-Bucleuch, a tradução de *Dom Casmurro* por John Gledson (Oxford University Press, 1997) ilustra uma abordagem de visibilidade e responsabilização crítica. Freitas (2011, 2012) e Kremer (2007) analisam como Gledson utiliza os paratextos – prefácios, notas – não apenas para justificar escolhas tradutórias, mas como ferramenta para enriquecer a compreensão do leitor sobre a obra e seu contexto. Freitas (2011) ressalta o profundo conhecimento de Gledson sobre a cultura brasileira, refletido em seus “prefácios e notas ricamente ilustrados, nos quais ele esmiúça o estilo e o ritmo do autor, além de fornecer ao leitor um panorama cultural, social e político da época em que a obra foi escrita” (p. 89).

Um exemplo é o tratamento do termo “agregado”: enquanto Scott-Bucleuch opta por “The Friend of the Family”, Gledson usa “dependent” e dedica parte de sua introdução para explicar a complexidade da figura do agregado na sociedade brasileira oitocentista. Kremer (2007) cita a advertência de Gledson de que o agregado “com certeza não é, como aparece em outra tradução, ‘um amigo da família’” (p. 4007). Essa visibilidade crítica transforma o tradutor em um mediador cultural responsável, que instrumentaliza o leitor com conhecimento para apreender a alteridade do texto. Freitas (2012) argumenta que tal abordagem pode retroalimentar a crítica na cultura de origem. A prática de Gledson evidencia como a visibilidade do tradutor, exercida criticamente, converte-se em responsabilização benéfica à obra e ao público.

A análise paratextual – capas, títulos, informações biográficas – revela disputas e manifestações de poder editorial cruciais na construção da imagem autoral e orientação da leitura. Hatje-Faggion (2001, 2017) e Macedo (2023) exploram como esses elementos refletem escolhas editoriais, marketing e tensões ideológicas na recepção de Machado. Hatje-Faggion (2001) detalha variações paratextuais em diferentes edições, como a apresentação do nome do tradutor e a escolha de títulos, a exemplo de “Lord Taciturn” para *Dom Casmurro* (trad. Scott-Bucleuch) ou *Epitaph of a Small Winner* para *Memórias Póstumas*. Tais alterações direcionam a percepção do leitor, refletindo prioridades editoriais.

A capa da edição de *Dom Casmurro* da Oxford (trad. Gledson) foi criticada por Freitas (2011) por sua inadequação (imagem rural para romance urbano), ilustrando como decisões

editoriais podem desservir a obra (p. 91)³². Macedo (2023) analisa como prefácios de traduções norte-americanas apresentaram a biografia e cor de Machado de formas distintas, refletindo correntes críticas e a circulação de ideias entre Brasil e EUA. Grossman (1952), por exemplo, vinculou obra e biografia, ecoando Lúcia Miguel Pereira, enquanto Waldo Frank (1953) rejeitou tal determinismo. Essas variações demonstram que paratextos são agentes ativos na construção da imagem internacional de um autor, refletindo negociações complexas e indicando um interesse latente pela racialidade de Machado, preparando debates futuros.

2.6.2 A Racialização de Machado de Assis: Identidade em Disputa na Circulação Global

A trajetória internacional de Machado de Assis tem sido marcada, mais recentemente, por uma crescente e explícita racialização de sua figura e obra. Este fenômeno, particularmente visível no mercado anglófono, contrasta com o processo histórico de “embranquecimento” pelo qual o autor passou no Brasil (Guimarães, 2017), e levanta questões complexas sobre identidade, representatividade e as dinâmicas de poder na consagração literária global.

A nova tradução de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* por Flora Thomson-DeVeaux (Penguin Classics, 2020) representa um ponto de inflexão na racialização de Machado de Assis no mercado anglófono. Conforme analisam Santos e Daniel (2022), a editora, selo de grande prestígio canônico, promoveu a obra destacando a identidade racial do autor. Os paratextos editoriais descrevem Machado como parte de “um dos maiores autores negros das Américas”, ressaltando que “O neto mestiço de ex-escravos, Machado de Assis não é apenas o escritor mais célebre do Brasil, mas também um escritor de estatura mundial”³³ (Santos & Daniel, 2022, p. 10). Para os autores, essa ênfase paratextual cumpre um propósito estratégico, inserindo Machado em um cânone literário negro para atender a novas demandas do mercado. A coincidência do lançamento com o auge dos protestos *Black Lives Matter*, que esgotou a edição em um dia, “adiciona, no mínimo, uma camada simbólica”³⁴ à sua recepção (Santos & Daniel, 2022, p. 11). A decisão da Penguin Classics ilustra como as forças institucionais e os movimentos sociais contemporâneos moldam ativamente a circulação e a reinterpretação de autores canônicos no cenário global.

Com base na análise de Hélio de Seixas Guimarães (2017), o processo de “embranquecimento” de Machado de Assis no Brasil atingiu seu ápice em sua morte, quando o autor foi oficialmente registrado como de “cor branca” (p. 13). Esse ato é descrito como “um sintoma inequívoco de preconceito baseado na cor que associa sucesso com a brancura”³⁵, refletindo as tensões raciais da época (Guimarães, 2017, p. 13). Ainda em vida, a percepção de sua cor era um campo de disputas: enquanto detratores enfatizavam seus traços mestiços, figuras como Joaquim Nabuco minimizavam essa origem, insistindo que Machado era branco. Em carta, Nabuco afirmou: “O Machado para mim era um branco, e creio que por tal se tomava”

³² “Aliada a essa complacência, a escolha da capa surpreende pela mais absoluta falta de curiosidade da série pelas obras que pretensamente quer promover, uma vez que, para um romance que não poderia ser mais urbano como *Dom Casmurro*, a Library of Latin America exibe uma capa com um casal de caipiras tocando viola e cantando” (Freitas, 2011, p. 91).

³³ No original: “Other recent publications also focus on Machado’s race when promoting his books. For instance, the official webpage for the 2021 Penguin Classics edition of *Brás Cubas*, a best-selling translation by Flora Thomson-DeVeaux, emphasized Machado’s race as much as the book itself by advertising the book as “A revelatory new translation of the playful, incomparable masterpiece of one of the greatest black authors in the Americas.” It notes that “The mixed-race grandson of ex-slaves, Machado de Assis is not only Brazil’s most celebrated writer but also a writer of world stature, who has been championed by the likes of Philip Roth, Susan Sontag, Allen Ginsberg, John Updike, and Salman Rushdie” (Santos & Daniel, 2022, p. 10).

³⁴ No original: “This adds at least a symbolic layer” (Santos & Daniel, 2022, p. 11).

³⁵ No original: “an unequivocal symptom of prejudice based on color that associates success with whiteness” (Guimarães, 2017, p. 13).

(citado por Guimarães, 2017, p. 16). A visão sobre sua mestiçagem só foi ressignificada positivamente a partir da década de 1930, sob a influência do pensamento de Gilberto Freyre, reconfigurando o escritor como um símbolo nacional (Guimarães, 2017, p. 17-18).

Em contraste com a recepção brasileira, a crítica anglo-saxônica, especialmente a norte-americana, tem crescentemente situado Machado de Assis num cânone literário negro. Santos e Daniel (2022) argumentam que, nesse contexto, leituras com foco racial passaram a “agregar valor à sua escrita ou destacar sua genialidade”³⁶ (p. 2). O exemplo mais notório é o do crítico Harold Bloom, que o classificou como “o supremo artista literário negro até hoje”³⁷. Essa ressignificação evidencia lógicas sociorraciais distintas. Enquanto no Brasil o “*mulatto escape hatch*” [válvula de escape mulata] permitia uma ascensão social que culminava no branqueamento do autor, o paradigma norte-americano da “*one-drop rule*” [regra da gota única] historicamente impôs uma classificação binária (branco ou negro)³⁸. A trajetória póstuma de Machado demonstra, assim, como a identidade racial é uma construção social, sujeita a diferentes dinâmicas de poder e reinterpretações no campo literário mundial.

A trajetória póstuma da identidade racial de Machado de Assis revela uma crescente tensão entre as percepções nacionais e internacionais. A classificação do autor como “*Black author*” em bibliotecas norte-americanas desde a década de 1950 representa um movimento que, segundo Guimarães (2017), “tensiona a imagem que se tem do escritor no Brasil”³⁹ (p. 20). Essa categorização externa dialoga com recentes reivindicações internas de movimentos negros brasileiros que, na análise de Guimarães (2017), buscam “configurá-lo como um ícone da Negritude”⁴⁰ (p. 11).

Este fenômeno sugere uma retroalimentação, na qual o reenquadramento internacional catalisa reinterpretações no Brasil, como o movimento “Machado de Assis Real” (Santos & Daniel, 2022). O processo alinha-se às dinâmicas da literatura mundial, em que a visibilidade de um autor periférico no centro hegemônico é frequentemente negociada. Santos e Daniel (2022), apoiando-se em David Damrosch, apontam que obras que exibem “identidade étnica específica ou diferença cultural”⁴¹ são cada vez mais valorizadas. Assim, a “re-racialização” de Machado, ao mesmo tempo que corrige um apagamento histórico, insere-o num complexo jogo de poder simbólico, condicionando sua consagração global à sua legibilidade nos termos da cultura de chegada.

2.6.3 A Tradução como Campo de Forças Ideológicas e Simbólicas na Projeção Internacional de Machado de Assis

A análise da circulação da obra de Machado de Assis em língua inglesa, ao examinar a ética tradutória e as disputas sobre a identidade racial do autor, revela a tradução literária como um campo atravessado por forças ideológicas e simbólicas. Longe de ser neutra, a tradução e

³⁶ No original: “add value to his writing or to highlight his genius” (Santos & Daniel, 2022, p. 2).

³⁷ No original: “*the supreme black literary artist to date*” (citado por Santos & Daniel, 2022, p. 7).

³⁸ No original: “Because of slavery, many Brazilians have historically avoided identifying with their African ancestry although most are of mixed race. Indeed, the *mulatto escape hatch* in its broadest sense has allowed millions of individuals with African ancestry, who display a more European phenotype, to be self-identified and designated as Whites. They partake in all the privileges of Whiteness and thus completely escape Blackness and its social liabilities. Conversely, in the U.S., the *one-drop rule* could transform into Black individuals who appeared White and subject them to the accompanying social indignities. In Brazil, the *escape hatch* became a form of social control as many individuals possessing the socio-cultural capital to serve as voices in the antiracist struggle were and still are co-opted into silence” (Santos & Daniel, 2022, p. 2).

³⁹ No original: “strains the image held of the writer in Brazil” (Guimarães, 2017, P. 20).

⁴⁰ No original: “More recently, Machado de Assis has been reclaimed by black movements that aim at configuring him as an icon of Negritude” (Guimarães, 2017, P. 11).

⁴¹ No original: “specific ethnic identity or cultural difference” (Damrosch, 2003, citado por Santos & Daniel, 2022, p. 14).

recepção internacional de Machado estão implicadas em dinâmicas de poder que moldam como sua obra é lida e sua figura autoral é construída.

As controvérsias éticas sobre a visibilidade do tradutor e a integridade textual, como o contraste entre os cortes não informados por Scott-Bucleuch em *Dom Casmurro* (Krause, 2015; Kremer, 2007) e as estratégias paratextuais críticas de John Gledson (Freitas, 2011, 2012), mostram como decisões editoriais podem comprometer ou enriquecer a obra. O caso Scott-Bucleuch expõe uma falha ética e a vulnerabilidade de textos de culturas literárias menos dominantes a imperativos de mercado ou pressões domesticadoras (Krause, 2015). Em contraste, a abordagem de Gledson, ao visibilizar sua mediação, representa uma responsabilidade crítica (Freitas, 2012).

Paralelamente, as disputas sobre a identidade racial de Machado – seu “embranquecimento” no Brasil (Guimarães, 2017) e sua “re-racialização” como escritor negro no cenário internacional, impulsionada por edições como a da Penguin Classics (trad. Thomson-DeVeaux) (Santos & Daniel, 2022) – revelam as forças ideológicas em jogo. Essa reconfiguração identitária reflete diferentes lógicas raciais e políticas de representatividade (Santos & Daniel, 2022). O enquadramento da biografia de Machado nos paratextos das primeiras traduções já sinalizava um interesse latente por sua origem (Macedo, 2023), agora manifesto.

Conjuntamente, a ética da tradução e a política da identidade demonstram que a projeção internacional de Machado é um fenômeno em que o poder se manifesta no controle editorial, nas escolhas do tradutor, na construção paratextual da imagem do autor e na aplicação de categorias identitárias da sociedade receptora. A tradução emerge como um prisma que refrata e reconstrói a obra e o autor em contínua negociação simbólica. Compreender a circulação de Machado por esta lente crítica desvela as dinâmicas de poder na disseminação global da literatura e na formação de cânones mundiais.

2.7 LACUNAS DA CRÍTICA: O QUE AINDA FALTA EXPLORAR

Apesar da crescente sofisticação e diversidade da literatura crítica sobre a tradução e recepção de Machado de Assis em língua inglesa, uma análise atenta revela a persistência de certas lacunas e áreas que merecem maior aprofundamento. A identificação dessas lacunas é fundamental não apenas para direcionar pesquisas futuras, mas também para justificar a originalidade e a contribuição da presente tese.

Uma das ausências notáveis é a de um panorama cronológico e tipológico consolidado das traduções de Machado para o inglês. Embora existam estudos que abordam traduções específicas ou períodos delimitados, como o trabalho de Piseta (2023) sobre *Memórias Póstumas* ou as análises de Macedo (2023) sobre os prefácios das primeiras traduções, ainda não dispomos de um mapeamento exaustivo que catalogue todas as traduções publicadas (de romances, contos, crônicas, poesia, teatro), suas diferentes edições e variantes, e que analise as tendências tradutórias e editoriais de forma sistemática ao longo de todo o período de 1950 a 2024. O Capítulo 3 desta tese visa suprir parcialmente essa lacuna, oferecendo um levantamento detalhado e uma análise das características gerais dessas publicações.

Conectada à lacuna anterior, percebe-se a falta de um banco de dados sistemático e de acesso público sobre as traduções de Machado para o inglês. Tal ferramenta seria de imenso valor para pesquisadores, tradutores e editores, permitindo consultas rápidas sobre tradutores, editoras, datas de publicação, paratextos existentes, e facilitando estudos comparativos e historiográficos. A construção de um protótipo desse banco de dados é um dos objetivos metodológicos e resultados esperados do Capítulo 2 desta tese.

Outra área que demanda maior desenvolvimento é a de estudos integrados que articulem de forma mais consistente os níveis textual, editorial e sociológico da tradução e recepção. Embora muitos trabalhos se concentrem em um ou dois desses níveis (por exemplo, análise textual de traduções ou estudos sobre o contexto editorial), são menos comuns as pesquisas que buscam uma síntese mais abrangente, investigando como as escolhas tradutórias no nível microtextual se relacionam com as políticas editoriais no nível meso e com as macrodinâmicas socioculturais e de poder que influenciam a circulação de Machado no mundo anglófono.

No que tange aos paratextos, embora haja estudos importantes como os de Freitas & Costa (2018), Hatje-Faggion (2013, 2017) e Macedo (2023), ainda há espaço para análises mais sistemáticas dos paratextos como dispositivos de mediação cultural e de construção da imagem autoral. Uma investigação aprofundada de um corpus mais amplo de prefácios, introduções, notas, posfácios e até mesmo capas e projetos gráficos poderia revelar com maior detalhe as estratégias de apresentação de Machado e as ideologias subjacentes a essas escolhas ao longo do tempo e em diferentes contextos editoriais.

Finalmente, e de forma crucial para o argumento central desta tese, observa-se uma relativa escassez de abordagens explicitamente fundamentadas na sociologia da tradução, nos moldes propostos por teóricos como Pierre Bourdieu (Bourdieu, 1990), Gisèle Sapiro (Sapiro, 2014) ou Johan Heilbron (Heilbron, 1999). Embora muitos estudos tangenciem questões de poder, capital simbólico e dinâmicas de campo, poucas pesquisas aplicam de forma sistemática e rigorosa os conceitos e metodologias da sociologia da tradução para analisar o “caso Machado”. Uma abordagem bourdieusiana, por exemplo, poderia iluminar as lutas por legitimidade e reconhecimento no campo da tradução machadiana, o papel dos diferentes agentes (tradutores, editores, críticos, acadêmicos) e as hierarquias que estruturam esse campo. Da mesma forma, as perspectivas de Sapiro sobre o mercado internacional de traduções e de Heilbron sobre a economia mundial das trocas linguísticas poderiam oferecer ferramentas analíticas poderosas para compreender a posição de Machado e da literatura brasileira no sistema literário global.

A identificação dessas lacunas não invalida a importância e o rigor dos estudos existentes, muitos dos quais foram fundamentais para a elaboração deste estado da questão. Pelo contrário, aponta para a vitalidade de um campo que continua a se expandir e a se refinar, e para a necessidade de novas pesquisas que, partindo dos conhecimentos já consolidados, busquem avançar em direções ainda pouco exploradas. A presente tese, ao focar explicitamente nas “Dinâmicas de Poder e Tradução”, busca dialogar diretamente com essas lacunas, especialmente no que se refere à integração dos níveis de análise e à aplicação de um referencial teórico sociológico para desvendar as complexas relações de poder que moldam a trajetória de Machado de Assis em língua inglesa.

2.8 CONTRIBUIÇÃO DA TESE

A presente tese de doutorado, intitulada *Dinâmicas de Poder e Tradução: A Ficção de Machado de Assis em Língua Inglesa (1950–2024)*, propõe-se a oferecer uma contribuição original e significativa para o campo de estudos sobre a tradução e recepção de Machado de Assis, respondendo diretamente a várias das lacunas identificadas na literatura crítica existente. Ao adotar uma perspectiva que articula a análise textual com investigações institucionais e sociológicas, e ao focar explicitamente nas dinâmicas de poder que permeiam todo o processo de transposição da obra machadiana para o contexto anglófono, esta pesquisa busca oferecer um olhar renovado e aprofundado sobre um tema de relevância persistente.

Primeiramente, a tese empreenderá um mapeamento inédito e sistemático das traduções da ficção de Machado de Assis para a língua inglesa publicadas entre 1950 e 2024. Conforme delineado na seção anterior, a ausência de um panorama cronológico e tipológico consolidado

é uma lacuna sensível. O Capítulo 4 desta tese dedicar-se-á a essa tarefa, identificando não apenas os romances, mas também coletâneas de contos, seus respectivos tradutores, editoras, datas de publicação e, quando possível, informações sobre reedições e paratextos. Essa cartografia, além de seu valor documental intrínseco, servirá de base para análises quantitativas e qualitativas sobre as tendências de tradução e publicação ao longo das décadas, revelando quais obras foram priorizadas, quais tradutores e editoras se destacaram, e como o perfil das publicações evoluiu. Complementarmente, o Capítulo 3 detalhará a construção de um protótipo de banco de dados que sistematizará essas informações, oferecendo um recurso valioso para futuras pesquisas.

Em segundo lugar, a tese realizará análises paratextuais e institucionais aprofundadas, com o objetivo de desvendar como os paratextos (prefácios, introduções, notas) funcionam como dispositivos de mediação cultural e de construção da imagem de Machado, e como as instituições editoriais (editoras comerciais, universitárias, pequenas editoras) e acadêmicas moldam sua circulação e recepção. Serão investigadas as estratégias de apresentação do autor, as narrativas biográficas e críticas veiculadas nos paratextos, e como essas escolhas refletem e reforçam (ou contestam) certas dinâmicas de poder.

Em terceiro lugar, a pesquisa se distinguirá pela realização de estudos de caso sociologicamente fundamentados, que buscarão integrar a análise textual das traduções com uma compreensão das condições sociais, culturais e políticas de sua produção e recepção. Inspirando-se em abordagens da sociologia da tradução (Bourdieu, Sapiro, Heilbron), a tese investigará o papel dos diferentes agentes (tradutores, editores, críticos, acadêmicos, agências de fomento), suas posições e tomadas de posição no campo literário, e como as relações de poder e o capital simbólico influenciam as escolhas tradutórias, as políticas editoriais e os processos de canonização. A análise da trajetória de tradutores específicos, das estratégias de editoras-chave e da evolução da crítica acadêmica será conduzida sob essa perspectiva.

Finalmente, uma contribuição metodológica central da tese será a aplicação integrada dos níveis macro, meso e micro de análise para compreender as dinâmicas de poder na tradução de Machado. O nível macro envolverá a análise da posição de Machado e da literatura brasileira no sistema literário mundial, considerando as relações centro-periferia e as políticas culturais globais. O nível meso focará nas instituições (editoras, universidades, associações de tradutores), nas redes de sociabilidade e nas dinâmicas de campo que estruturam a tradução e recepção de Machado no mundo anglófono. O nível micro se concentrará na análise textual das traduções e dos paratextos, examinando como as escolhas linguísticas e editoriais específicas refletem e refratam as dinâmicas de poder mais amplas. A articulação desses três níveis permitirá uma compreensão mais completa e nuançada do fenômeno em estudo.

Ao responder a essas lacunas com um mapeamento inédito, análises paratextuais e institucionais detalhadas, estudos de caso sociologicamente informados e uma abordagem multinível, esta tese almeja não apenas preencher vazios na literatura crítica existente, mas também oferecer um modelo analítico para o estudo da tradução e recepção de autores de literaturas não hegemônicas. Espera-se, assim, contribuir para uma compreensão mais profunda de como as dinâmicas de poder moldam a vida internacional da obra de Machado de Assis e, por extensão, o funcionamento do campo literário global.

2.9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão da literatura crítica sobre a tradução e recepção de Machado de Assis em língua inglesa, empreendida neste capítulo, revela um campo de estudo consolidado e em contínua expansão, mas que ainda apresenta lacunas significativas e espaço para novas investigações. Desde os primeiros diagnósticos sobre sua “obscuridade internacional” (Candido, 1995),

passando pelas análises das dificuldades intrínsecas à tradução de sua prosa complexa e irônica, até os debates mais recentes sobre sua identidade racial e sua inserção como “escritor negro global” (Santos & Daniel, 2022), a trajetória de Machado no mundo anglófono tem sido objeto de intenso escrutínio e de múltiplas interpretações.

Os avanços trazidos por essa revisão crítica são notáveis. Identificamos o papel crucial de tradutores pioneiros como Helen Caldwell e de editores como Cecil Hemley na introdução de Machado nos Estados Unidos, bem como a importância do contexto sociopolítico da Guerra Fria e do papel das universidades nesse processo inicial. Acompanhamos a evolução das abordagens críticas, desde as leituras biografistas e influenciadas pelo New Criticism até as análises textuais comparativas mais recentes, os estudos sobre paratextos e a crescente atenção à dimensão racial. As contribuições de estudiosos como Antonio Candido, Daphne Patai, John Gledson, Hélio de Seixas Guimarães, Earl Fitz, Lenita Piseta, James Krause, Flora Thomson-DeVeaux, entre muitos outros citados, forneceram um arcabouço rico e diversificado para a compreensão dos desafios e das complexidades envolvidas na transposição da obra machadiana para o inglês.

No entanto, como destacado na seção sobre lacunas, persistem áreas que demandam maior aprofundamento, como a necessidade de um panorama tradutório mais completo e sistemático, estudos que integrem de forma mais completa os níveis textual, editorial e sociológico, e, crucialmente, abordagens que apliquem de maneira mais explícita e rigorosa os aportes da sociologia da tradução para desvendar as dinâmicas de poder que subjazem à trajetória internacional de Machado.

É precisamente nesse ponto que a presente tese busca se inserir e oferecer sua contribuição mais original. Ao propor um mapeamento inédito das traduções, análises paratextuais e institucionais aprofundadas, estudos de caso sociologicamente fundamentados e uma aplicação integrada dos níveis macro, meso e micro de análise, esta pesquisa almeja não apenas preencher algumas dessas lacunas, mas também oferecer uma perspectiva renovada sobre como as complexas e muitas vezes assimétricas relações de poder moldam a seleção, tradução, circulação e canonização de um autor como Machado de Assis no competitivo e hierarquizado campo literário global.

3 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA

O presente capítulo articula o referencial teórico e a estratégia metodológica que sustentam esta investigação sobre as dinâmicas de poder implicadas na tradução e circulação da ficção de Machado de Assis no espaço editorial de língua inglesa, entre 1950 e 2024. Ao longo das próximas seções, busca-se explicar, em primeiro lugar, o enquadramento conceitual capaz de tratar a tradução não como mero procedimento linguístico, mas como prática social situada em campos de disputa simbólica; em segundo, o desenho empírico que operacionaliza tal enquadramento, integrando múltiplas escalas de análise e combinando técnicas qualitativas e quantitativas.

Ao expor, portanto, os fundamentos teóricos e as opções metodológicas, este capítulo estabelece o arcabouço analítico que orientará os capítulos subsequentes. Ele mostra de que modo categorias como *habitus*, capital simbólico, posição periférica, enquadramento paratextual e centralidade linguística serão mobilizadas para responder às perguntas de pesquisa, bem como justifica a combinação de técnicas — da estatística descritiva à análise paratextual — empregadas para deslindar as forças visíveis e invisíveis que condicionam a (re)construção internacional do cânone machadiano.

3.1 REFERENCIAL TEÓRICO: CIRCULAÇÃO LITERÁRIA, TRADUÇÃO E MEDIAÇÃO

Esta seção estabelece, pois, o arcabouço teórico que fundamenta esta investigação. Adotando uma perspectiva predominantemente sociológica, examina-se a tradução não como um mero processo de transferência linguística, mas como uma prática social complexa, imersa em relações de poder, disputas simbólicas e hierarquias culturais que moldam a seleção, produção, difusão e recepção de obras literárias no cenário global. A compreensão da trajetória internacional da obra machadiana requer, portanto, uma análise que transcenda o texto em si, investigando as estruturas e os agentes que condicionam sua transposição para o universo anglófono.

Serão explorados, primeiramente, os conceitos de tradução como prática social e campo de disputa, com base nas contribuições de Gisèle Sapiro (2009, 2014), elucidando o papel dos agentes tradutórios e suas lutas por legitimidade simbólica, em diálogo com as noções bourdieusianas de *habitus* e capital. Em seguida, a partir de Pierre Bourdieu (1990) e Sapiro (2014), a circulação internacional de ideias e, por extensão, de obras literárias, será analisada como um processo de transposição simbólica, marcado por mecanismos de seleção, marcação e recepção desigual, que reconfiguram os textos ao cruzarem fronteiras culturais.

Posteriormente, a discussão se voltará para a estrutura hierárquica do sistema mundial de tradução, conforme teorizado por Johan Heilbron (1999), Heilbron & Sapiro (2007), Abram de Swaan (2001) e Gisèle Sapiro (2014), com ênfase na posição dominante do inglês e nas implicações dessa hierarquia para a circulação de literaturas de línguas periféricas, como a brasileira. A lógica da consagração no espaço literário global será investigada através do conceito de República Mundial das Letras de Pascale Casanova (1999, 2008), que demonstra como a tradução pode funcionar como um rito de legitimação para autores de nações literariamente menos centrais.

A abordagem dos polissistemas literários de Itamar Even-Zohar (1990) e os estudos descritivos da tradução de Gideon Toury (2000, 2012) fornecerão ferramentas para analisar as posições que as traduções de Machado de Assis podem ter ocupado nos sistemas literários de língua inglesa, bem como as normas que guiaram essas traduções. Finalmente, o modelo de análise multinível (macro, meso e micro) proposto por van Es e Heilbron (2015) e Heilbron (2020) será apresentado como a estrutura metodológica que orientará a investigação dos estudos

de caso na presente tese, permitindo uma compreensão integrada dos diversos fatores que influenciam a tradução e recepção da ficção machadiana no contexto anglófono. Este percurso teórico visa, em suma, desvelar as complexas mediações e as dinâmicas de poder inerentes ao processo que leva uma obra literária de uma cultura periférica a circular e, eventualmente, a ser (re)conhecida em um centro cultural dominante.

3.1.1 A Tradução como Prática Social e Campo de Disputa

A tradução, especialmente no âmbito da literatura, transcende sua definição mais imediata de transposição de um texto de uma língua para outra. Conforme argumentado por Heilbron & Sapiro (2007), além de outros teóricos da sociologia da tradução, ela se configura como uma prática social intrinsecamente situada e complexa, mediada por uma miríade de fatores que extrapolam o meramente linguístico. Esta subseção explora a tradução sob essa ótica, examinando seu papel como um campo de disputa onde diversos agentes, munidos de seus *habitus* e em busca de capital simbólico, interagem e moldam a circulação internacional de obras literárias.

3.1.1.1 Definição da Tradução como Prática Social

A sociologia da tradução propõe uma ruptura com abordagens puramente textuais ou hermenêuticas, buscando reintegrar na análise “todos os agentes – indivíduos e instituições – que participam desta prática” (Heilbron & Sapiro, 2007, p. 104)¹. Nessa perspectiva, a tradução é compreendida como uma atividade social que se desenrola na interseção de múltiplos campos – o literário, o editorial, o político e o econômico. Cada um desses campos possui suas próprias regras, lógicas de funcionamento e relações de poder, que, em conjunto, condicionam o processo tradutório desde a escolha da obra a ser traduzida até sua forma final e sua recepção pelo público leitor.

Heilbron e Sapiro (2007) enfatizam que, para entender a tradução como prática social, é crucial considerar três dimensões interligadas. Primeiramente, enquanto transferências transnacionais, “as traduções implicam primeiramente a existência de um campo de relações internacionais de troca”² (Heilbron & Sapiro, 2007, p. 93). Este campo é, por sua vez, atravessado por dinâmicas políticas, econômicas e culturais específicas, que constituem a segunda dimensão. Finalmente, a terceira dimensão reside na “estrutura do espaço de recepção e na maneira como intermediários relevantes (tradutores, críticos, agentes, editores) moldam a demanda social”³ (Heilbron & Sapiro, 2007, p. 93). A interação dessas dimensões revela que a tradução não é um ato isolado, mas um evento socialmente construído e determinado.

Sapiro (2009), ao analisar a globalização editorial, demonstra como a tradução se tornou um meio privilegiado para a circulação transnacional de livros, especialmente a partir da segunda metade do século XIX, permitindo a importação de modelos literários e fomentando o desenvolvimento da indústria editorial em diversos países. Contudo, essa circulação não ocorre em um vácuo de poder. Pelo contrário, ela é profundamente marcada pelas relações de força entre diferentes culturas e línguas, refletindo e, por vezes, reforçando hierarquias existentes no sistema literário mundial. A sociologia da tradução, portanto, “abrange todo o conjunto de

¹ No original: “all the agents – individuals and institutions – that participate in this practice” (Heilbron & Sapiro, 2007, p. 104).

² No original: “translations first imply the existence of a field of international relations of exchange” (Heilbron & Sapiro, 2007, p. 93).

³ No original: “structure of the space of reception and on the way in which relevant intermediaries (translators, critics, agents, publishers) shape social demand” (Heilbron & Sapiro, 2007, p. 93).

relações sociais dentro das quais as traduções são produzidas e circulam”⁴ (Heilbron & Sapiro, 2007, p. 94).

3.1.1.2 O Papel dos Agentes Tradutórios e Suas Disputas por Legitimidade Simbólica

A circulação internacional de uma obra literária não é um processo neutro de transferência textual entre duas culturas. Pelo contrário, trata-se de uma complexa operação social mediada por múltiplos atores. Os diversos agentes envolvidos no processo de tradução – tradutores, editores, críticos literários, agentes, instituições de fomento e acadêmicos – não são meros facilitadores técnicos. São, antes, agentes sociais ativos, dotados de *habitus* específicos e que mobilizam diferentes formas de capital (simbólico, cultural, social, econômico) em suas interações. A sociologia da tradução aborda esta prática como “uma atividade social envolvendo agentes (como autores, tradutores, editores, críticos, agentes literários e funcionários do governo) e instituições (como escolas de tradução, revistas literárias e acadêmicas, editoras, prêmios de tradução e associações profissionais)”⁵ (Sapiro, 2014, p. 82).

O conceito de *habitus*, central na sociologia de Pierre Bourdieu, é fundamental para compreender as ações desses agentes. O *habitus* refere-se a um sistema de disposições internalizadas que orienta as práticas e percepções dos indivíduos. No campo da tradução, ele é moldado pela trajetória social e profissional de cada agente. Como apontam Heilbron e Sapiro (2007), “o *habitus* do tradutor, o modo de aquisição da competência linguística, o tipo de educação e formação, as normas editoriais, a tradição nacional no que diz respeito às normas de tradução – tudo contribui para orientar as escolhas linguísticas e estilísticas”⁶ (p. 104). Assim, o *habitus* de um tradutor influenciará suas escolhas, sua interpretação do original e sua própria concepção do que constitui uma “boa” tradução, operando como um princípio gerador de suas práticas.

Esses agentes atuam dentro de campos que são, por definição, espaços de luta e concorrência. Conforme a teoria de campo de Bourdieu, estes são estruturados por relações de poder e disputas constantes para desestabilizá-las (Sapiro, 2014). No campo da tradução, uma das principais moedas em disputa é o capital simbólico, que se manifesta como prestígio, reconhecimento e autoridade. As escolhas feitas pelos agentes – qual autor traduzir, qual obra privilegiar, qual editora buscar – são, em grande medida, estratégias para acumular esse capital. Para um autor, “ser traduzido para outra língua é um passo importante na sua carreira e um sinal de consagração” (Sapiro, 2014, p. 85), e esse ato confere capital simbólico não apenas ao autor, mas também aos próprios mediadores. De forma análoga, para um editor, “traduzir pode ser uma forma de acumular capital simbólico” (Sapiro, 2014, p. 87), especialmente para casas editoriais que buscam consolidar seu prestígio no polo de produção restrita.

A disputa por legitimidade simbólica manifesta-se de forma clara na tensão entre o polo de grande difusão e o polo de difusão restrita no mercado editorial. Bourdieu distingue “o polo de produção em larga escala, regido pela lei do mercado e pela busca do lucro a curto prazo (‘shortsellers’), do polo de produção em pequena escala, onde critérios culturais, intelectuais ou estéticos prevalecem sobre as considerações econômicas” (Sapiro, 2014, p. 88). O primeiro, orientado por lógicas comerciais, favorece a padronização, enquanto o segundo valoriza a

⁴ No original: “embraces the whole set of social relations within which translations are produced and circulated” (p. 94).

⁵ No original: “Sociology approaches translation as a social activity involving agents (such as authors, translators, editors, critics, literary agents, and government officials) and institutions (such as translation schools, literary and academic journals, publishing houses, translation prizes, and professional associations)” (Sapiro, 2014, p. 82).

⁶ No original: “The habitus of the translator, the mode of acquisition of linguistic competence, the type of education and training, the publishing norms, the national tradition with respect to translation norms all contribute to orienting linguistic and stylistic choices” (Heilbron & Sapiro, 2007, p. 104).

inovação e a qualidade, muitas vezes dependendo de sistemas de subsídios para se proteger dos efeitos das restrições econômicas (Heilbron & Sapiro, 2007). Esta clivagem estrutura o campo e influencia diretamente as práticas de tradução, desde a seleção de títulos até as estratégias de marketing empregadas.

A profissionalização dos tradutores, embora um processo histórico complexo, insere-se nesse contexto de lutas por reconhecimento. Heilbron e Sapiro (2007) observam que “a organização profissional dos tradutores é relativamente recente” (“The professional organization of translators is relatively recent”, p. 102), citando a fundação da *Société des traducteurs* na França em 1947 e da *Association des traducteurs littéraires* em 1973. Esse desenvolvimento, contudo, “encontrou obstáculos” (“has encountered obstacles”, p. 102) e permanece marcado por um mundo “altamente bifurcado entre a tradução acadêmica e a profissional” (“highly bifurcated between academic and professional translation”, p. 102), além de outras clivagens sociais. A busca por profissionalização é, em si, uma estratégia coletiva para aumentar o capital simbólico e a autonomia do grupo de tradutores.

Portanto, a disputa por legitimidade no campo da tradução não se reduz a uma mera busca por prestígio individual. Ela constitui um motor que impulsiona a própria dinâmica da circulação literária. As estratégias dos agentes para acumular capital simbólico – como “descobrir” um autor estrangeiro, promover um estilo de tradução alinhado a correntes estéticas valorizadas ou associar-se a instituições de renome – moldam ativamente quais literaturas, especialmente as de origem periférica como a brasileira, ganham visibilidade nos centros. A habilidade dos agentes em navegar essas disputas simbólicas é, por vezes, mais determinante para o destino internacional de um texto do que sua “qualidade” intrínseca.

Ademais, o *habitus* dos mediadores explica a emergência de padrões recorrentes na tradução de autores de uma determinada periferia para um centro específico. Se um grupo de tradutores e editores num centro compartilha um *habitus* similar — devido a formações educacionais comuns, participação nas mesmas redes intelectuais ou submissão a pressões editoriais semelhantes —, é provável que favoreçam consistentemente certos aspectos da obra de um autor. A preferência por determinadas temáticas, estilos ou mesmo por uma certa imagem de autor de Machado de Assis no mercado anglófono pode ser, em parte, atribuída ao *habitus* predominante entre os mediadores de cada período. Essas disposições internalizadas, que orientam as práticas de forma muitas vezes não consciente, podem resultar em um padrão de recepção que, ao mesmo tempo que facilita a entrada da obra no novo contexto, pode também limitar a compreensão de sua complexidade original.

Esses agentes atuam dentro de campos que são, por definição, espaços de luta e concorrência. Conforme a teoria de campo de Bourdieu, estes são estruturados por relações de poder e disputas constantes para desestabilizá-las (Sapiro, 2014). No campo da tradução, uma das principais moedas em disputa é o capital simbólico, que se manifesta como prestígio, reconhecimento e autoridade. As escolhas feitas pelos agentes – qual autor traduzir, qual obra privilegiar, qual editora buscar – são, em grande medida, estratégias para acumular esse capital. Para um autor, “ser traduzido para outra língua é um passo importante na sua carreira e um sinal de consagração”⁷ (Sapiro, 2014, p. 85), e esse ato confere capital simbólico não apenas ao autor, mas também aos próprios mediadores. De forma análoga, para um editor, “traduzir pode ser uma forma de acumular capital simbólico”⁸ (Sapiro, 2014, p. 87), especialmente para casas editoriais que buscam consolidar seu prestígio no polo de produção restrita.

⁷ Aqui Sapiro baseia-se em Casanova: “for an author, to be translated into another language is an important step in her career and a sign of consecration” (Sapiro, 2014, p. 85).

⁸ No original: “For a publisher, translating can be a way to accumulate symbolic capital” (Sapiro, 2014, p. 87).

A disputa por legitimidade simbólica manifesta-se de forma clara na tensão entre o polo de grande difusão e o polo de difusão restrita no mercado editorial. Bourdieu distingue “o polo de produção em larga escala, regido pela lei do mercado e pela busca do lucro a curto prazo (‘shortsellers’), do polo de produção em pequena escala, onde critérios culturais, intelectuais ou estéticos prevalecem sobre as considerações econômicas”⁹ (Sapiro, 2014, p. 88). O primeiro, orientado por lógicas comerciais, favorece a padronização, enquanto o segundo valoriza a inovação e a qualidade, muitas vezes dependendo de sistemas de subsídios para se proteger dos efeitos das restrições econômicas (Heilbron & Sapiro, 2007). Esta clivagem estrutura o campo e influencia diretamente as práticas de tradução, desde a seleção de títulos até as estratégias de marketing empregadas.

A profissionalização dos tradutores, embora um processo histórico complexo, insere-se nesse contexto de lutas por reconhecimento. Heilbron e Sapiro (2007) observam que “a organização profissional dos tradutores é relativamente recente” (“The professional organization of translators is relatively recent”, p. 102), citando a fundação da *Société des traducteurs* na França em 1947 e da *Association des traducteurs littéraires* em 1973. Esse desenvolvimento, contudo, “encontrou obstáculos” (“has encountered obstacles”, p. 102) e permanece marcado por um mundo “altamente bifurcado entre a tradução acadêmica e a profissional” (“highly bifurcated between academic and professional translation”, p. 102), além de outras clivagens sociais. A busca por profissionalização é, em si, uma estratégia coletiva para aumentar o capital simbólico e a autonomia do grupo de tradutores.

Portanto, a disputa por legitimidade no campo da tradução não se reduz a uma mera busca por prestígio individual. Ela constitui um motor que impulsiona a própria dinâmica da circulação literária. As estratégias dos agentes para acumular capital simbólico – como “descobrir” um autor estrangeiro, promover um estilo de tradução alinhado a correntes estéticas valorizadas ou associar-se a instituições de renome – moldam ativamente quais literaturas, especialmente as de origem periférica como a brasileira, ganham visibilidade nos centros. A habilidade dos agentes em navegar essas disputas simbólicas é, por vezes, mais determinante para o destino internacional de um texto do que sua “qualidade” intrínseca.

Ademais, o *habitus* dos mediadores explica a emergência de padrões recorrentes na tradução de autores de uma determinada periferia para um centro específico. Se um grupo de tradutores e editores num centro compartilha um *habitus* similar — devido a formações educacionais comuns, participação nas mesmas redes intelectuais ou submissão a pressões editoriais semelhantes —, é provável que favoreçam consistentemente certos aspectos da obra de um autor. A preferência por determinadas temáticas, estilos ou mesmo por uma certa imagem de autor de Machado de Assis no mercado anglófono pode ser, em parte, atribuída ao *habitus* predominante entre os mediadores de cada período. Essas disposições internalizadas, que orientam as práticas de forma muitas vezes não consciente, podem resultar em um padrão de recepção que, ao mesmo tempo que facilita a entrada da obra no novo contexto, pode também limitar a compreensão de sua complexidade original.

3.1.2 Circulação Internacional de Ideias e Tradução

A circulação internacional de ideias, e por extensão de obras literárias, é um fenômeno central para a compreensão da dinâmica cultural global. Pierre Bourdieu, em “Les conditions sociales de la circulation internationale des idées” (1990), oferece um arcabouço teórico decisivo para analisar esse processo, não como uma simples difusão de conteúdos, mas como

⁹ No original: “In his analysis of the “field of publishing”, Bourdieu (1977, 1999) distinguishes the pole of large-scale production, ruled by the law of the market and by the search for short-run profit (“shortsellers”), from the pole of small-scale production, where cultural, intellectual, or esthetic criteria prevail over economic considerations” (Sapiro, 2014, p. 88).

uma complexa operação de transposição simbólica, intrinsecamente sujeita a mal-entendidos e reconfigurações. A tradução emerge, nesse contexto, como um mecanismo crucial, mas também como um local privilegiado onde essas transformações ocorrem. Esta subseção explora os conceitos bourdieusianos de seleção, marcação e recepção desigual, e como eles se aplicam à maneira pela qual as ideias – e, por implicação, as obras literárias de contextos periféricos – são reconfiguradas ao serem introduzidas em campos culturais centrais.

3.1.2.1 A Circulação Internacional como Transposição Simbólica e Fonte de Mal-entendidos

O ponto de partida da análise de Bourdieu (Bourdieu, 2002) é a constatação de que “les textes circulent sans leur contexte” (os textos circulam sem seu contexto) (p. 4). Esta separação entre a obra e seu “champ de production dont ils sont le produit” (campo de produção do qual são produto) é identificada como o “premier facteur [...] générateur de malentendus” (primeiro fator [...] gerador de mal-entendidos) (Bourdieu, 2002, pp. 4). As ideias, ao viajarem, não carregam consigo o universo de debates, as posições relativas dos agentes, as lutas simbólicas e as problemáticas específicas do campo intelectual de onde emergiram.

Consequentemente, os receptores, que estão eles próprios “intégrés dans un champ de production différent” (integrados em um campo de produção diferente), inevitavelmente “réinterprètent [les textes] en accordance avec leur position dans le champ de réception” (reinterpretem [os textos] de acordo com sua posição no campo de recepção) (Bourdieu, 2002, p. 4). Bourdieu ilustra essa dinâmica com o exemplo de Marx sobre os pensadores alemães que, ao receberem textos políticos franceses em um campo predominantemente filosófico, leram-nos como textos puros, dessocializados, despolitizados, desistoricizados (Bourdieu, 2002, p. 4). Este processo de reinterpretação não é uma falha individual de compreensão, mas um efeito estrutural da transposição de um produto cultural de um campo para outro. Assim, Bourdieu conclui que “le sens et la fonction d’une œuvre étrangère sont déterminés au moins autant par le champ d’accueil que par le champ d’origine” (o sentido e a função de uma obra estrangeira são determinados tanto pelo campo de acolhimento quanto pelo campo de origem) (Bourdieu, 2002, p. 4). A tradução, como principal veículo dessa circulação, está no cerne desse processo de descontextualização e recontextualização.

3.1.2.2 Conceitos de Seleção, Marcação e Recepção Desigual

A introdução de uma obra estrangeira em um novo campo cultural não é um processo aleatório, mas sim mediado por uma série de operações que Bourdieu agrupa em torno dos conceitos de seleção, marcação e leitura (ou recepção).

Antes que uma obra possa circular internacionalmente através da tradução, ela passa por uma “opération de sélection” (operação de seleção) (Bourdieu, 2002, p. 4). Bourdieu indaga: “qu’est-ce qu’on traduit? qu’est-ce qu’on publie qui traduit? qui publie?” (o que se traduz? o que se publica que traduz? quem publica?) (Bourdieu, 2002, p. 4). Os agentes responsáveis por essa seleção – editores, tradutores, diretores de coleção, críticos influentes, referidos como “sélectionneurs” (selecionadores) ou “gate-keepers” (guardiões) – não agem de forma desinteressada. Suas escolhas são guiadas por “intérêts” (interesses), que podem variar desde “profits subjectifs tout à fait sublimés et sublimes” (lucros subjetivos totalmente sublimados e sublimes), como o prestígio intelectual, até afinidades baseadas na “l’identité (ou l’homologie) des positions dans des champs différents” (identidade (ou homologia) das posições em campos diferentes) (Bourdieu, 2002, p. 5). Um exemplo seria um editor de vanguarda que publica um autor estrangeiro experimental porque ambos compartilham uma posição homóloga em seus respectivos campos nacionais. Além disso, “les importations hérétiques sont souvent le fait de

marginiaux dans le champ, qui importent pour renforcer leur position de dominés dans le champ” (as importações heréticas são frequentemente feitas por marginais no campo, que importam para reforçar sua posição de dominados no campo) (Bourdieu, 2002, p. 5). Esses agentes marginais podem usar obras estrangeiras como “armas simbólicas” para desafiar as ortodoxias e os dominantes em seu próprio campo.

Uma vez selecionada, a obra traduzida é submetida a uma “opération de marquage” (operação de marcação) que “achève le travail” (completa o trabalho) de recontextualização (Bourdieu, 2002, p. 5). Essa marcação é realizada por diversos elementos que acompanham o texto: a editora, a coleção em que é publicado, o nome do tradutor e, de forma particularmente significativa, o prefácio. Bourdieu destaca o papel do prefaciador: “Le préfacier, c’est quelqu’un qui présente l’œuvre en se l’appropriant et en l’annexant à sa propre vision et, en tout cas, à une problématique inscrite dans le champ d’accueil” (O prefaciador é alguém que apresenta a obra apropriando-se dela e anexando-a à sua própria visão e, em todo caso, a uma problemática inscrita no campo de acolhimento) (Bourdieu, 2002, p. 6). A própria capa do livro, o design da coleção e o prestígio (ou a falta dele) da editora funcionam como “une imposition symbolique” (uma imposição simbólica), orientando a percepção e a leitura da obra (Bourdieu, 2002, p. 6). Essas “transformations, voire de déformations du message originare” (transformações, ou mesmo deformações da mensagem original) são, portanto, inerentes ao processo de importação (Bourdieu, 2002, p. 6).

Finalmente, a “opération de lecture” (operação de leitura) no campo de recepção é realizada através das “catégories de perception et des problématiques qui sont le produit d’un champ de production différent” (categorias de percepção e problemáticas que são produto de um campo de produção diferente) daquele de origem da obra (Bourdieu, 2002, p. 5). Isso leva a uma recepção inerentemente desigual e, frequentemente, a “usages très instrumentalistes” (usos muito instrumentalistas) dos autores e obras estrangeiras (Bourdieu, 2002, p. 5). Um autor pode ser invocado para legitimar posições ou atacar adversários no campo receptor, de maneiras que seriam irreconhecíveis ou inaceitáveis em seu contexto original.

Os “mal-entendidos” que surgem na circulação internacional de ideias, portanto, não devem ser vistos primariamente como falhas de comunicação ou de tradução individual. Em vez disso, são efeitos estruturais da interação entre campos nacionais que possuem diferentes configurações de poder, diferentes capitais em disputa e diferentes problemáticas dominantes. A tradução, nesse cenário, atua como um local privilegiado onde esses mal-entendidos – que podem ser produtivos para o campo receptor ou redutores para a obra original – se manifestam e se consolidam. O processo de tradução, abrangendo a seleção, a marcação paratextual e a própria transposição linguística, funciona como um filtro ativo e um agente transformador, e não como um canal neutro de transmissão. As reconfigurações sofridas pelo texto estrangeiro são, em muitos casos, aquilo que o torna funcional, utilizável e relevante dentro das lutas e lógicas específicas do campo de recepção.

3.1.2.3 Reconfiguração de Ideias Periféricas para Aceitação nos Centros

Embora Bourdieu não se dedique explicitamente à questão da reconfiguração de ideias periféricas para serem aceitas nos centros, sua análise geral da circulação internacional fornece elementos cruciais para entender esse processo. A lógica da seleção e da marcação sugere que qualquer texto, ao cruzar fronteiras – especialmente de um espaço cultural considerado periférico para um considerado central – passará por um intenso processo de adaptação, reinterpretação e, possivelmente, simplificação ou exotização para se alinhar com as expectativas, os interesses e as disputas do campo receptor.

A importação de autores “*particulièrement élastiques*” (particularmente elásticos) ou cujas “*grandes prophéties sont polysémiques*” (grandes profecias são polissêmicas) é favorecida, pois permite uma “*interprétation annexionniste et pour les usages stratégiques*” (interpretação anexionista e para usos estratégicos) (Bourdieu, 2002, p. 5). Isso indica que obras provenientes de periferias que possuem uma maior plasticidade semântica ou uma abertura a múltiplas leituras podem ter mais chances de serem “aceitas” – ou, mais precisamente, apropriadas e instrumentalizadas – pelos agentes dos campos centrais. A “aceitação” não implica necessariamente uma compreensão fiel da obra em seus termos originais, mas sim sua capacidade de ser integrada e utilizada nas dinâmicas do campo receptor.

A seleção de obras periféricas para tradução em centros dominantes parece ser governada por uma dupla lógica. Por um lado, pode haver uma “afinidade eletiva” baseada em posições homólogas, onde um agente no centro reconhece na obra periférica um valor (talvez universal, ou inovador para os padrões do próprio centro) que ressoa com suas próprias disposições e projetos. Por outro lado, e talvez mais frequentemente no caso de literaturas pouco conhecidas, pode ocorrer a “importação herética” por agentes que ocupam posições marginais ou dominadas no campo central. Estes últimos podem utilizar obras “exóticas” ou “alternativas” da periferia como forma de contestar as ortodoxias de seu próprio campo, buscando acumular um tipo específico de capital simbólico (e.g., de descobridor, de conhecedor de literaturas raras) ou de introduzir novas problemáticas. Ambas as lógicas podem coexistir e ajudam a explicar por que certas obras periféricas conseguem “atravessar” as fronteiras simbólicas e outras não, e como são subsequentemente transformadas no processo. A “força intrínseca das ideias” ou da qualidade literária, embora não negada, é sempre mediada e refratada por essas condições sociais de circulação.

A análise de Bourdieu sobre as condições sociais da circulação internacional de ideias oferece um quadro explicativo consistente para entender como a obra de Machado de Assis foi – e continua sendo – selecionada, traduzida, apresentada e lida no mundo anglófono. As diversas traduções e edições não podem ser vistas como simples espelhos da obra original, mas como produtos de um complexo processo de transposição simbólica, onde as necessidades, os interesses e as estruturas do campo de recepção anglófono desempenharam um papel determinante em sua configuração e em seu significado atribuído. A investigação das traduções machadianas sob esta ótica permitirá desvelar não apenas como Machado foi “entendido” ou “mal-entendido”, mas, mais importante, como sua obra foi utilizada e funcionalizada dentro das dinâmicas específicas do campo literário e editorial de língua inglesa em diferentes períodos.

3.1.3 A Hierarquia das Línguas no Sistema Mundial de Tradução

A circulação internacional de obras literárias, intrinsecamente ligada à prática da tradução, não ocorre em um espaço linguístico homogêneo ou igualitário. Pelo contrário, ela é profundamente estruturada por uma hierarquia de línguas que determina, em grande medida, os fluxos de tradução, a visibilidade das diferentes literaturas e as relações de poder cultural no cenário global. Esta subseção, baseando-se nas contribuições de Johan Heilbron (Heilbron, 1999), Abram de Swaan (Swaan, 2001) e Gisèle Sapiro (Sapiro, 2014), explora a natureza dessa estrutura hierárquica, o papel proeminente do inglês como língua pivô, a teoria do valor comunicativo das línguas de De Swaan e as consequências dessas dinâmicas para a circulação de literaturas de línguas consideradas periféricas, como a literatura brasileira.

3.1.3.1 Estrutura Hierárquica das Línguas: O Conceito de “Galáxia Linguística”

O sistema mundial de tradução é caracterizado por uma acentuada “core-periphery structure” (estrutura de centro-periferia) (Heilbron, 1999, p. 429), onde as línguas ocupam

posições desiguais em termos de poder e influência na determinação dos fluxos de tradução . Abram de Swaan desenvolve essa ideia através do conceito de uma “linguistic galaxy” (galáxia linguística) (Swaan, 2001, p. 6), um modelo que organiza as línguas do mundo em quatro níveis hierárquicos, conectados por falantes multilíngues.

Constituindo a vasta maioria das línguas existentes (aproximadamente 98% do total), as línguas periféricas são faladas por uma pequena fração da população mundial (menos de 10%). São predominantemente “languages of conversation and narration rather than reading and writing, of memory and remembrance rather than record” (línguas da conversação e da narração, em vez da leitura e da escrita, da memória e da lembrança, em vez do registro) (Swaan, 2001, p. 4). A comunicação entre diferentes grupos de línguas periféricas frequentemente se dá por meio de uma segunda língua que lhes é central.

São línguas centrais cerca de uma centena de línguas que ocupam uma posição “planetária”, sendo utilizadas por aproximadamente 95% da humanidade. Funcionam como línguas nacionais, são empregadas em todos os níveis de educação, na mídia impressa e eletrônica, e nos aparatos estatais. “The central languages are used in elementary education and usually also at the level of secondary and higher education” (As línguas centrais são usadas no ensino fundamental e geralmente também no ensino médio e superior) (Swaan, 2001, p. 4). O português, nesse esquema, pode ser considerado uma língua central, especialmente em seu contexto nacional e lusófono.

Um grupo restrito de aproximadamente doze línguas forma o grupo das línguas supercentrais – incluindo árabe, chinês, francês, alemão, espanhol, russo, entre outras – que servem como pontes entre conjuntos de línguas centrais. São cruciais para a comunicação internacional em domínios como negócios, tecnologia, educação superior e diplomacia. De Swaan compara sua posição à de “suns surrounded by their planets” (sóis rodeados por seus planetas) (Swaan, 2001, p. 5).

No topo dessa hierarquia encontra-se o inglês, a língua hipercentral, a língua que “holds the entire constellation together [...] is the language of global communication” (mantém toda a constelação unida [...] é a língua da comunicação global) (Swaan, 2001, p. 6).

Heilbron (1999) e Heilbron e Sapiro (2007) fornecem dados que corroboram essa estrutura hierárquica no mercado de traduções. O inglês é a língua de origem de mais de 40% a 50% de todas as traduções realizadas no mundo. Seguem-se o francês e o alemão, cada um respondendo por cerca de 10% a 12% do mercado. Línguas como o espanhol e o italiano ocupam posições semiperiféricas, com participações entre 1% e 3%. A grande maioria das outras línguas, incluindo o português no contexto global, são consideradas periféricas, com menos de 1% do mercado de origem das traduções, mesmo que algumas, como o chinês ou o árabe, possuam um número vastíssimo de falantes nativos. Isso demonstra que a centralidade no sistema de tradução não é determinada apenas pelo tamanho demográfico da comunidade linguística.

Essa estrutura hierárquica não é um mero reflexo passivo de poder geopolítico ou econômico, mas um sistema com sua própria lógica interna que ativamente molda e reproduz desigualdades na circulação cultural. O valor comunicativo das línguas, como teorizado por De Swaan (2001), é um elemento chave dessa lógica. O inglês, por exemplo, não é apenas dominante por ter muitos falantes ou por ser a língua de potências econômicas; ele é estruturalmente posicionado como o principal facilitador – e, paradoxalmente, também o principal gargalo – para a difusão da literatura mundial. Sua posição hipercentral é reforçada continuamente: quanto mais obras são traduzidas *do* inglês, mais ele se consolida como língua veicular; e quanto maior a necessidade de uma obra ser traduzida *para* o inglês para alcançar circulação global, mais sua dominância se acentua.

3.1.3.2 O Inglês como Língua Pivô Global

A posição do inglês como língua hipercentral ou “pivô” é um dos traços mais marcantes do sistema mundial de tradução contemporâneo. Heilbron é categórico: “English is by far the most central language in the international translation system” (O inglês é, de longe, a língua mais central no sistema internacional de tradução) (1999, p. 434). Sua centralidade deriva não apenas de sua vasta diáspora e do poderio cultural e econômico dos países anglófonos, mas fundamentalmente de sua função conectora. Como assinalam Heilbron e Sapiro, “the more central a language is, the more it has the capacity to function as an intermediary or vehicular language” (quanto mais central uma língua, maior sua capacidade de funcionar como língua intermediária ou veicular) (2007, p. 96). O inglês, nesse sentido, tornou-se a principal língua franca para a comunicação entre diferentes culturas e para a disseminação de conhecimento e produtos culturais em escala planetária. Sapiro reitera essa dinâmica ao afirmar que “les langues centrales (l’anglais occupant une position hyper-centrale, le français et l’allemand) servant aussi de relais entre les langues périphériques” (as línguas centrais (o inglês ocupando uma posição hipercentral, o francês e o alemão) servindo também de elo entre as línguas periféricas) (2009, p. 282).

3.1.3.3 A Tese de De Swaan sobre o Valor Comunicativo (Q-value)

Para explicar a dinâmica de escolhas linguísticas e a persistência dessa hierarquia, De Swaan introduz o conceito de “Q-value” (valor Q) de uma língua (2001, p. 21, pp. 33-40). Este valor representa o potencial comunicativo de uma língua e é calculado como o produto de dois fatores: sua prevalência (π_i) e sua centralidade (c_i). A prevalência refere-se à proporção de falantes de uma determinada língua dentro de uma constelação linguística específica, indicando as oportunidades de comunicação direta. A centralidade, por sua vez, mede a proporção de falantes multilíngues que incluem essa língua em seu repertório, refletindo sua capacidade de conectar diferentes grupos linguísticos e, portanto, as oportunidades de comunicação indireta. Formalmente,

O ‘valor Q’ de uma língua é o produto da proporção daqueles que a falam entre todos os falantes na constelação e da proporção de falantes multilíngues cujo repertório inclui a língua entre todos os falantes multilíngues na constelação (Swaan, 2001, p. 21)¹⁰.

A hipótese de De Swaan é que os indivíduos, ao decidirem qual língua estrangeira aprender, tendem a escolher aquela que mais aumenta o valor Q de seu repertório linguístico pessoal. O inglês, com sua combinação de alta prevalência global e altíssima centralidade (conectando inúmeras outras línguas), possui um valor Q incomparavelmente elevado, o que explica sua atratividade como segunda língua e sua consolidação como língua hipercentral. Esta escolha individual, multiplicada por milhões, reforça a estrutura hierárquica da “galáxia linguística”.

3.1.3.4 Impacto na Circulação da Literatura Brasileira

A posição estruturalmente periférica da língua portuguesa no sistema mundial de tradução tem implicações diretas e significativas para a circulação internacional da literatura brasileira. Obras escritas em português, como as de Machado de Assis, enfrentam barreiras consideráveis para alcançar um público global. A tradução para o inglês, a língua hipercentral, emerge não

¹⁰ No original: “The ‘Q-value’ of a language is the product of the proportion of those who speak it among all speakers in the constellation and the proportion of multilingual speakers whose repertoire includes the language among all multilingual speakers in the constellation” (Swaan, 2001, p. 21).

apenas como uma via de acesso ao vasto mercado anglófono, mas, crucialmente, como um passaporte para uma potencial circulação mais ampla. Heilbron observa que

Grande parte da comunicação internacional sobre livros funciona dessa maneira e depende do papel dos principais centros do sistema internacional. Uma vez que um livro é traduzido para uma língua central por uma editora de autoridade, ele imediatamente chama a atenção de editoras em outras partes do globo (Heilbron, 1999, p. 436)¹¹.

Assim, uma tradução para o inglês pode funcionar como um “selo de qualidade” ou um indicador de relevância para editores de outras línguas, que podem então optar por traduzir a obra a partir da versão inglesa ou, mais raramente, buscar o original.

Para literaturas de línguas periféricas como a brasileira, a tradução para o inglês representa, portanto, mais do que simplesmente alcançar um público maior; é um movimento estratégico dentro da “galáxia linguística” que visa aumentar o “capital de comunicabilidade” da obra. Esse movimento pode abrir portas para traduções subsequentes em outras línguas e para um reconhecimento crítico e acadêmico mais amplo. No entanto, esse processo de mediação através do inglês não é isento de riscos, pois, como discutido na subseção anterior (3.1.2.2), a passagem por um campo cultural dominante frequentemente implica reconfigurações e reinterpretções da obra original para adequá-la às normas e expectativas do campo receptor.

Outra consequência da hierarquia linguística é a assimetria nos fluxos de tradução. Heilbron e Sapiro (2007) apontam para uma “inverse relation between the degree of centrality of a language in the international system of translations and the proportion of translations in the national production of books” (relação inversa entre o grau de centralidade de uma língua no sistema internacional de traduções e a proporção de traduções na produção nacional de livros) (p. 96). Isso significa que países com línguas centrais, como os Estados Unidos e o Reino Unido, traduzem relativamente pouco (menos de 4% de sua produção editorial no início dos anos 1990), enquanto países com línguas periféricas ou semiperiféricas, como Portugal ou mesmo a França e a Alemanha (14-18%), tendem a traduzir muito mais. O mercado brasileiro, portanto, é estruturalmente mais aberto à importação de literaturas estrangeiras por meio da tradução do que o mercado anglófono é à exportação de obras brasileiras. Essa dinâmica reforça a dependência de literaturas periféricas em relação aos centros para sua difusão internacional e sublinha a importância crítica das raras oportunidades de tradução para línguas de maior prestígio e alcance.

A tabela 1 sintetiza a hierarquia das línguas no sistema mundial de tradução, adaptada dos modelos de De Swaan (2001), Heilbron (1999), Heilbron e Sapiro (2007) e Sapiro (2014).

Tabela 1. Hierarquia das Línguas no Sistema Mundial de Tradução

Nível Hierárquico	Características Principais	Exemplos de Línguas	% Aproximado no Mercado de Tradução (Origem de Obras Traduzidas)	Implicações para o Valor Q / Circulação

¹¹ No original: “Much of the international communication about books works in this manner and is dependent on the role of the leading centres of the international system. Once a book is translated into a central language by an authoritative publisher, it immediately catches the attention of publishers in other parts of the globe” (Heilbron, 1999, p. 436).

Hipercentral	Língua pivô global, conecta todas as outras; altíssima prevalência e centralidade.	Inglês	>40-50% (Heilbron, 1999; Heilbron & Sapiro, 2007)	Valor Q máximo; principal língua de acesso à circulação global; funciona como intermediária para outras traduções.
Supercentral	Conectam grupos de línguas centrais; usadas para comunicação internacional em múltiplos domínios.	Francês, Alemão, Espanhol, Russo, Árabe, Chinês etc.	Francês, Alemão: 10-12% cada (Heilbron, 1999)	Alto valor Q; importantes como línguas de tradução e mediação regional e internacional, mas subordinadas ao inglês para alcance global máximo.
Central	Línguas nacionais consolidadas, com produção literária e editorial significativa; usadas em educação e mídia.	Italiano, Sueco, Polonês, Português (regionalmente)	Espanhol, Italiano: 1-3% cada (Heilbron, 1999)	Valor Q moderado a alto dentro de suas esferas; suas literaturas dependem de tradução para línguas super/hipercentrais para ampla difusão internacional.
Periférica	Maioria das línguas do mundo; uso predominantemente local e oral; baixo volume de tradução <i>a partir delas</i> para o exterior.	Maioria das línguas indígenas, regionais; Português (globalmente)	<1% para a maioria (Heilbron, 1999)	Baixo valor Q no sistema global; suas literaturas têm visibilidade internacional muito limitada, altamente dependentes da tradução para línguas de maior centralidade.

Fonte: Adaptado de De Swaan (2001), Heilbron (1999), Heilbron & Sapiro (2007) e Sapiro (2014).

A compreensão dessa estrutura hierárquica é, portanto, indispensável para analisar a trajetória internacional da obra de Machado de Assis. A tradução de seus romances e contos para o inglês não pode ser dissociada da posição periférica da língua portuguesa nesse sistema global, nem do papel crucial do inglês como mediador e consagrador de literaturas estrangeiras. As escolhas de tradução, as estratégias editoriais e a própria recepção de Machado no mundo anglófono são, em parte, determinadas por essas macrodinâmicas de poder linguístico e cultural.

3.1.4 A República Mundial das Letras e a Lógica da Consagração

A circulação internacional da literatura não se dá apenas através de fluxos linguísticos e editoriais, mas também dentro de um espaço simbólico transnacional que Pascale Casanova (1999, 2008), em sua obra principal, denominou “República Mundial das Letras”. Este conceito oferece uma lente poderosa para analisar como as obras literárias, especialmente aquelas provenientes de literaturas consideradas periféricas, adquirem valor e reconhecimento no cenário global. A estrutura dessa república é intrinsecamente desigual, com centros que detêm o poder de consagração e periferias que buscam legitimação. A tradução, nesse contexto,

assume um papel crucial, funcionando frequentemente como um rito de passagem e um mecanismo de consagração para autores que almejam uma existência literária para além de suas fronteiras nacionais (Casanova, 2002).

3.1.4.1 Definição do Conceito de República Mundial das Letras e Sua Estrutura Desigual

Casanova (2008) define a República Mundial das Letras como um “*espace littéraire mondial*” (espaço literário mundial) (p.21), um universo relativamente autônomo, com suas próprias leis, hierarquias, capitais e formas de reconhecimento, que transcende as fronteiras políticas e nacionais. Este espaço “não é uma construção abstrata e teórica, mas um universo concreto embora invisível: são as vastas regiões da literatura, o universo onde se engendra o que é declarado literário, o que é julgado digno de ser considerado literário”¹² (Casanova, 2008, p. 21).

A característica fundamental desta república é sua “*structure inégale*” (estrutura desigual) (Casanova, 2008, p. 30). Ela é organizada em torno de um centro – ou, mais precisamente, de centros concorrentes – que detém o monopólio da legitimidade literária e o poder de “consagração”, ou seja, o poder de definir o que é universalmente literário e de conferir valor e reconhecimento às obras e aos autores. Em oposição a esses centros, encontram-se as vastas periferias literárias, cujos autores e obras frequentemente dependem do reconhecimento emanado dos centros para alcançar uma visibilidade e uma legitimidade internacionais. Casanova argumenta que “o espaço literário, centralizado, recusa-se a admitir sua ‘estrutura desigual’ [...] e o funcionamento real de sua economia específica, em nome mesmo da literatura declarada pura, livre e universal”¹³ (2008, p. 30).

O “capital literário” – um conceito central na análise de Casanova – é distribuído de forma desigual nesse espaço. Esse capital é composto por diversos elementos, como a “*ancienneté*” (antiguidade) de uma tradição literária, sua “*noblesse*” (nobreza) – ou seja, o prestígio acumulado ao longo do tempo – e o volume de textos canônicos que ela produziu e que são reconhecidos como “clássicos” ou “universais” (Casanova, 2008, p. 33). As literaturas dos centros, por possuírem um vasto acúmulo desse capital, definem os padrões e as medidas com os quais as obras de outras literaturas são avaliadas.

A “universalidade” literária, dentro dessa perspectiva, não é uma qualidade intrínseca das obras, mas um status conferido pelos centros da República Mundial das Letras. A capacidade de uma obra ser percebida como “universal” está diretamente ligada ao poder de universalização detido pelo centro que a consagra. Este processo de “fabricação do universal” (Casanova, 2008) frequentemente envolve a descontextualização da obra de seu meio de origem e sua reinterpretação segundo os critérios e as problemáticas vigentes no centro, um mecanismo que ecoa a análise de Bourdieu sobre a circulação de ideias.

3.1.4.2 A Tradução como Rito de Consagração para Autores Periféricos

No interior da República Mundial das Letras, a tradução para uma língua central e de grande prestígio internacional desempenha um papel fundamental, especialmente para autores provenientes de literaturas periféricas. Casanova argumenta que a tradução, nessas circunstâncias, funciona como um “*rite de passage*” (rito de passagem) ou um ato de

¹² No original: « n’est pas une construction abstraite et théorique, mais un univers concret bien qu’invisible: ce sont les vastes contrées de la littérature, l’univers où s’engendre ce qui est déclaré littéraire, ce qui est jugé digne d’être considéré comme littéraire » (Casanova, 2008, p. 21).

¹³ No original: « L’espace littéraire, centralisé, refuse d’avouer sa ‘structure inégale’ [...] et le fonctionnement réel de son économie spécifique, au nom même de la littérature déclarée pure, libre et universelle » (Casanova, 2008, p. 30).

“consécration” (consagração) (2008, p. 201). Não se trata de uma “simple ‘naturalisation’ [...] ou le passage d’une langue dans une autre; c’est, beaucoup plus spécifiquement, une ‘littérisation’” (simples ‘naturalização’ [...] ou a passagem de uma língua para outra; é, muito mais especificamente, uma ‘literarização’) (Casanova, 2008, p. 201). Ou seja, a tradução para uma língua central confere “valeur littéraire” (valor literário) e um “certificat de littéarité” (certificado de literariedade) (Casanova, 2008, p. 201) a textos que, em suas línguas e contextos originais, podem não possuir o mesmo grau de reconhecimento ou legitimidade no espaço literário mundial.

Casanova afirma de modo incisivo: “A tradução é a grande instância de consagração específica do universo literário. [...] ela é uma forma de reconhecimento literário e não uma simples mudança de língua”¹⁴ (2008, p.199). Para autores que escrevem em “‘petites’ langues” (“pequenas” línguas) (Casanova, 2008, p. 201) ou que pertencem a literaturas com pouco capital simbólico acumulado, a tradução para línguas como o francês (historicamente) ou o inglês (contemporaneamente) é frequentemente a única via de acesso à existência literária internacional e à possibilidade de serem lidos e discutidos para além de suas fronteiras. Ser traduzido por uma editora de prestígio em um dos centros literários, ser comentado por críticos influentes dessas metrópoles, ou receber prêmios internacionais mediados por essas línguas, são todos mecanismos que atestam essa consagração.

3.1.4.3 Análise da Centralidade Simbólica de Paris, Nova York e Londres

Historicamente, Paris ocupou uma posição proeminente como “la capitale de l’univers littéraire” (a capital do universo literário), um centro nevrálgico não apenas de produção, mas, crucialmente, de validação e consagração literária (Casanova, 2008, p. 45). Casanova descreve Paris como uma “‘banque centrale’ de ‘crédit’ littéraire” (banco central de crédito literário), um lugar que pode “‘créditer’, ‘donner du crédit’” (creditar, dar crédito) a autores e obras (Casanova, 2008, p. 44). Ela ilustra esse poder citando a observação de Samuel Beckett em 1945, que, ao apresentar a pintura dos irmãos van Velde, escreveu: “‘La peinture [...] d’Abraham et Gerardus van Velde est peu connue à Paris, c’est-à-dire peu connue’” (A pintura [...] de Abraham e Gerardus van Velde é pouco conhecida em Paris, ou seja, pouco conhecida) (Casanova, 2008, p. 192). Esta frase lapidar de Beckett, um autor irlandês que, ele próprio, buscou e encontrou consagração em Paris escrevendo em francês, encapsula a crença no poder legitimador da capital francesa.

Com o tempo, e especialmente com a ascensão do inglês como língua global e o deslocamento do poder econômico e cultural, Londres e, de forma ainda mais acentuada, Nova York emergiram como centros concorrentes e, em muitos aspectos, dominantes na República Mundial das Letras (Casanova, 2008, p. 247). Essas cidades, juntamente com Paris, funcionam como os “mériidiens de Greenwich” literários, estabelecendo o “temps littéraire” (tempo literário) – ou seja, os critérios de modernidade, de vanguarda e de relevância estética – e definindo os padrões de universalidade com os quais as obras de todo o mundo são medidas (Casanova, 2008, p. 286). A competição entre esses centros cria diferentes “portas de entrada” e possibilita distintos “tipos” de consagração para autores periféricos. A escolha da língua e do centro para o qual uma obra é traduzida pode, assim, ser uma decisão estratégica por parte do autor ou de seus mediadores (agentes, editores), visando um tipo específico de reconhecimento, acesso a um determinado público ou circuito crítico, ou a maximização de seu capital literário internacional. Ser publicado e aclamado em Nova York pode conferir um tipo de prestígio e



¹⁴ No original: « La traduction est la grande instance de consécration spécifique de l’univers littéraire. [...] elle est une forme de reconnaissance littéraire et non pas un simple changement de langue » (Casanova, 2008, p. 199).

acesso ao mercado diferente daquele obtido através de uma consagração parisiense, por exemplo.

A própria obra de Machado de Assis, e sua circulação no mundo anglófono, pode ser iluminada por essa perspectiva. Antonio Candido, citado por Casanova, já observava no final do século XIX a “*décourageante obscurité internationale*” (desanimadora obscuridade internacional) de Machado, apesar de reconhecer sua “*stature internationale*” (estatura internacional) (Casanova, 2008, p. 391). Candido atribuía essa obscuridade, em parte, ao fato de Machado escrever em português, “*la moins connue*” (a menos conhecida) entre as línguas ocidentais, e à pouca representatividade política dos países lusófonos na época (Casanova, 2008, p. 391). Esta observação ressalta como a posição periférica de uma língua e de uma literatura no espaço mundial pode obstaculizar a consagração internacional de seus autores, mesmo daqueles de indiscutível valor.

A análise da República Mundial das Letras por Casanova fornece, assim, um quadro indispensável para compreender a trajetória internacional de Machado de Assis. Sua progressiva (ou limitada) inserção no mercado de língua inglesa pode ser interpretada como uma busca, mediada por tradutores, editores e críticos, por essa forma de consagração que emana dos centros literários. As escolhas de quais obras traduzir, as estratégias de tradução adotadas e as formas de apresentação paratextual (prefácios, posfácios, material de capa) podem ser vistas como tentativas de acumular capital literário internacional para Machado e de inscrevê-lo nos cânones “universais” definidos, em grande parte, por Londres e Nova York. A dificuldade histórica apontada por Candido, no entanto, sugere que essa empreitada é árdua e sujeita às leis desiguais que regem o espaço literário mundial.

3.1.5 Posições das Traduções nos Sistemas Literários

A forma como as obras traduzidas são integradas e funcionam nos sistemas literários de chegada é uma questão central para os Estudos da Tradução com orientação sociológica. As teorias do polissistema, desenvolvidas por Itamar Even-Zohar (1990), e os estudos descritivos da tradução (Descriptive Translation Studies - DTS), propostos por Gideon Toury (Toury, 2012), oferecem ferramentas conceituais valiosas para analisar a posição e a função da literatura traduzida, bem como as normas que governam sua produção. Esta subseção explora os conceitos de centro e periferia no polissistema literário, a distinção entre diferentes tipos de normas tradutórias e como essas abordagens podem iluminar a trajetória da obra de Machado de Assis no sistema literário global.

3.1.5.1 Conceitos de Centro e Periferia no Polissistema Literário (Even-Zohar)

Itamar Even-Zohar (1990) concebe a literatura não como um conjunto monolítico de textos canônicos, mas como um “*polysystem*” (polissistema) – um sistema múltiplo, complexo e dinâmico, composto por diversos subsistemas que coexistem, interagem e competem por proeminência. Dentro desse polissistema, diferentes tipos de escrita (canônica e não canônica, “alta” e “baixa”, original e traduzida) ocupam posições variáveis e desempenham funções distintas.

A literatura traduzida, para Even-Zohar, é ela própria um sistema dentro do polissistema literário mais amplo, e sua posição pode ser central ou periférica, com consequências diretas para as estratégias de tradução e para o impacto das obras traduzidas na literatura receptora.

3.1.5.1.1 Posição central da literatura traduzida

Even-Zohar afirma: “Dizer que a literatura traduzida mantém uma posição central no polissistema literário significa que ela participa ativamente na formação do centro do

polissistema. Em tal situação, ela é, em geral, parte integrante das forças inovadoras”¹⁵ (1990, p. 46). A literatura traduzida tende a ocupar essa posição central sob três condições principais:

- Quando um polissistema literário ainda não está cristalizado, ou seja, quando uma literatura é “jovem” e está em processo de formação. Nesse caso, a tradução serve para preencher lacunas, importando modelos literários, gêneros e formas que ainda não foram desenvolvidos localmente.

- Quando uma literatura é considerada “periférica” ou “fraca” em relação a um grupo maior de literaturas correlacionadas. Tais literaturas podem não desenvolver autonomamente toda a gama de atividades literárias presentes em literaturas maiores e, portanto, recorrem à tradução para suprir essas “carências” e importar inovações.

- Quando ocorrem “turning points, crises, or literary vacuums” (pontos de virada, crises ou vácuos literários) (Even-Zohar, 1990, p. 47) em uma literatura. Em momentos de crise, quando os modelos estabelecidos perdem sua força ou são questionados, os modelos estrangeiros, introduzidos via tradução, podem facilmente infiltrar-se e assumir um papel central na renovação do sistema. Nessas situações, frequentemente não há uma distinção nítida entre obras “originais” e “traduzidas” em termos de seu impacto e prestígio. Os principais escritores e movimentos de vanguarda podem se dedicar ativamente à tradução, utilizando-a como um meio de introduzir novas formas, temas e sensibilidades. A seleção de obras para tradução é guiada por sua afinidade com as novas abordagens que se busca implementar e por seu potencial inovador dentro da literatura de chegada.

3.1.5.1.2 Posição periférica da literatura traduzida

Esta é considerada a posição “normal” da literatura traduzida na maioria dos polissistemas literários estabelecidos. Quando a literatura traduzida ocupa uma posição periférica,

ela não tem grande influência no sistema central e tende inclusive a ser modelada de acordo com normas já convencionalmente estabelecidas por um tipo dominante na literatura de chegada. Neste caso, a literatura traduzida torna-se um importante fator de conservadorismo¹⁶ (Even-Zohar, 1990, p. 48).

Nesse cenário, a literatura traduzida não participa ativamente dos processos de inovação do sistema central. Em vez disso, ela se conforma aos modelos e convenções já existentes e dominantes na literatura de chegada, muitas vezes aderindo a normas que já foram superadas ou rejeitadas pelo estrato inovador da literatura original. Paradoxalmente, a tradução, que tem o potencial de introduzir o novo, pode acabar servindo para preservar gostos e formas tradicionais. Isso ocorre quando o polissistema literário de chegada é forte, estável e autossuficiente, não necessitando da importação de modelos estrangeiros para sua dinâmica interna, ou quando as mudanças no sistema não são impulsionadas por relações interliterárias materializadas em traduções.

3.1.5.2 Normas em Estudos Descritivos da Tradução (Toury)

Gideon Toury (2000, 2012), um dos principais expoentes dos Estudos Descritivos da Tradução, desloca o foco da prescrição (como se *deve* traduzir) para a descrição e explicação

¹⁵ No original: “To say that translated literature maintains a central position in the literary polysystem means that it participates actively in shaping the center of the polysystem. In such a situation it is by and large an integral part of innovatory forces” (Even-Zohar, 1990, p. 46).

¹⁶ No original: “it has no major influence on the central system and even tends to be modelled according to norms already conventionally established by a dominant type in the target literature. In this case, translated literature becomes a major factor of conservatism” (Even-Zohar, 1990, p. 48).

de como as traduções *realmente* são produzidas e funcionam em contextos culturais específicos. Para Toury, a tradução é uma atividade governada por normas, que são construtos socioculturais que medeiam entre as possibilidades abstratas oferecidas pelos sistemas linguísticos e as realizações textuais concretas. As normas são “the translation of general values or ideas shared by a community... into performance ‘instructions’ appropriate for and applicable to concrete situations” (a tradução de valores ou ideias gerais compartilhados por uma comunidade... em ‘instruções’ de desempenho apropriadas e aplicáveis a situações concretas) (Toury, 2012, p. 63). Essas instruções especificam o que é prescrito, proibido, tolerado ou preferido em determinada dimensão do comportamento tradutório.

3.1.5.2.1 Diferentes categorias de normas

A norma inicial (initial norm) é a escolha mais fundamental que um tradutor faz, mesmo que implicitamente, e que orienta toda a sua estratégia tradutória. Refere-se à decisão de aderir primariamente às normas do texto e da cultura de origem – buscando uma tradução “adequada” (*adequacy*) – ou de priorizar as normas e expectativas da cultura e do público de chegada – buscando uma tradução “aceitável” (*acceptability*) (Toury, 2012, p. 79). “The choice between these two extremes constitutes the initial norm” (A escolha entre esses dois extremos constitui a norma inicial) (Toury, 2012, p. 81). Esta escolha não é necessariamente binária e absoluta; “actual translation decisions will normally be found to involve some combination of, or compromise between, the pressures of the two extremes” (as decisões de tradução reais normalmente envolverão alguma combinação ou compromisso entre as pressões dos dois extremos) (Toury, 2012, p. 81).

As normas preliminares (preliminary norms), segundo Gideon Toury, referem-se a dois conjuntos de considerações que antecedem o ato tradutório em si (Toury, 2012, p. 82). A primeira é a Política de Tradução, que engloba os fatores que governam a seleção de tipos textuais, obras individuais, autores ou literaturas inteiras para tradução em uma cultura e época específicas. A segunda é a Diretividade da Tradução, que diz respeito à tolerância ou preferência por traduções diretas (do original) ou indiretas (a partir de uma tradução intermediária em outra língua).

Já as normas operacionais (operational norms) governam as decisões tomadas durante o processo de tradução, afetando diretamente a composição do texto traduzido (Toury, 2012, p. 82). Estas se dividem em Normas Matriciais, que regulam a segmentação do texto original, a distribuição do material linguístico na tradução, e a completude ou omissão de partes do texto. Por sua vez, as Normas Textuais-Linguísticas controlam a seleção de material linguístico específico (lexical, sintático, estilístico) para a formulação do texto de chegada.

3.1.5.2.2 Diferenciação entre Normas Primárias e Secundárias (em relação à Norma Inicial)

A distinção entre normas “primárias” e “secundárias” em Toury não é uma categorização explícita e fixa como em outros teóricos, mas pode ser inferida da dinâmica da norma inicial e da força relativa das normas. Uma orientação primária (no sentido de fundamental ou mais forte) para a adequação implicaria uma tentativa de reproduzir as relações textuais do texto de origem, mesmo que isso desafie as convenções da língua/literatura de chegada. Por outro lado, uma orientação primária para a aceitabilidade implicaria a conformação às normas da cultura de chegada, mesmo que isso leve a desvios significativos em relação ao original. As normas que efetivamente se manifestam como regularidades no comportamento tradutório podem ser consideradas “primárias” no sentido de serem as mais ativas ou dominantes para aquele corpus ou contexto, enquanto outras possibilidades normativas permanecem “secundárias” ou latentes.

Toury também discute normas “básicas” (mais obrigatórias) e “secundárias” (tendências), onde as primeiras representam maior intensidade normativa e menor latitude comportamental.

A interação entre a posição da literatura traduzida no polissistema (central ou periférica, conforme Even-Zohar) e a orientação normativa dos tradutores (adequação vs. aceitabilidade, conforme Toury) é crucial. Se o objetivo da tradução é introduzir inovações no sistema de chegada (posição central), é mais provável que os tradutores adotem estratégias que tendam à adequação, buscando preservar a “novidade” ou a “diferença” do texto estrangeiro. Isso pode envolver a violação de algumas convenções da literatura de chegada. Por outro lado, se a literatura traduzida ocupa uma posição periférica e serve para confirmar modelos já existentes, é mais provável que as traduções se orientem pela aceitabilidade, domesticando o texto estrangeiro para que ele se encaixe suavemente nas expectativas do público e nas normas literárias vigentes.

3.1.5.3 Aplicação Teórica à Posição da Obra de Machado de Assis no Sistema Literário Global

As teorias de Even-Zohar e Toury fornecem um referencial eficiente para analisar a circulação e recepção da obra de Machado de Assis em língua inglesa. A posição histórica do português como língua periférica no sistema literário mundial, como já destacado por Casanova (2008) ao citar Antonio Candido sobre a “*décourageante obscurité internationale*” de Machado, sugere que as suas traduções, ao entrarem em polissistemas literários dominantes como o anglófono, provavelmente tenderam a ocupar, ao menos inicialmente, uma posição periférica.

Nesse caso, seria esperado que as primeiras traduções de Machado para o inglês fossem modeladas de acordo com normas e expectativas já estabelecidas na literatura de língua inglesa da época, priorizando a “aceitabilidade” em detrimento da “adequação” ao original machadiano em toda a sua complexidade e singularidade. Isso poderia implicar, por exemplo, a suavização de ambiguidades, a adaptação de referências culturais ou a conformação a certos padrões narrativos ou estilísticos prevalentes no romance anglófono. Tais estratégias, embora pudessem facilitar a entrada inicial de Machado nesse novo contexto, também poderiam ter o efeito de obscurecer alguns dos aspectos mais inovadores ou disruptivos de sua escrita, reforçando sua marginalidade ou levando a uma leitura simplificada de sua obra.

Contudo, a posição da literatura traduzida não é estática. É possível que, em momentos específicos de “crise” ou “vácuo” no polissistema literário anglófono, ou com o surgimento de novas gerações de tradutores e críticos com diferentes agendas e sensibilidades, as traduções de Machado tenham buscado (ou alcançado) uma posição mais central, ou ao menos tenham sido produzidas sob o signo de normas iniciais distintas, talvez com maior ênfase na adequação, visando apresentar ao público anglófono um Machado “diferente”, mais desafiador. A análise das diferentes traduções de Machado ao longo do tempo, à luz dos conceitos de Toury sobre normas preliminares (quais obras de Machado foram selecionadas para tradução e por quê?) e normas operacionais (como foram efetivamente traduzidas?), pode revelar essas dinâmicas.

A aparente “invisibilidade” internacional de um autor como Machado de Assis, apesar de sua indiscutível canonização nacional, pode ser explicada não apenas pela perifericidade da língua portuguesa (discutida em 3.1.3 e 3.1.4), mas também pela posição consistentemente periférica que suas traduções podem ter ocupado nos polissistemas literários de línguas centrais. Se essas traduções foram predominantemente usadas para confirmar modelos existentes, em vez de desafiá-los ou de preencher um vácuo inovador percebido, elas teriam sido assimiladas de forma a tornar a “voz” distintiva de Machado menos perceptível ou disruptiva. Isso, por sua vez, dificultaria uma reavaliação central de sua obra no polissistema receptor, perpetuando um ciclo de reconhecimento limitado. A investigação detalhada das traduções específicas, das

escolhas normativas dos tradutores e da recepção crítica dessas traduções será essencial para testar essas hipóteses no contexto da obra machadiana.

A aplicação desses conceitos permitirá uma análise nuançada das traduções de Machado de Assis, situando-as não como objetos textuais isolados, mas como produtos de práticas sociais e culturais específicas, que refletem e refratam as dinâmicas dos polissistemas literários em que circularam. Investigar se diferentes traduções, em diferentes épocas, buscaram “adequação” ou “aceitabilidade”, e que posição (central/inovadora ou periférica/conservadora) elas pareciam visar ou acabaram ocupando, será crucial para entender a complexa história da recepção machadiana no mundo anglófono.

3.1.6 Os Níveis de Análise: Macro, Meso e Micro

Para apreender a complexidade da circulação de obras literárias da periferia para os centros do sistema literário mundial, como é o caso da ficção de Machado de Assis em língua inglesa, é necessário um modelo analítico que integre diferentes escalas de observação. Van Es e Heilbron (Es & Heilbron, 2015), em seu estudo sobre a entrada de escritores holandeses no campo literário de língua inglesa, propõem uma “multi-level field approach” (abordagem de campo multinível) (p. 305). Esta abordagem, que considera as interações entre os níveis macro, meso e micro do processo de tradução e circulação, oferece uma estrutura metodológica particularmente pertinente para a presente tese. Conforme os autores, “diferentemente da estratégia mais comum de escolher um nível específico, propomos uma abordagem de campo multinível, considerando os níveis macro, meso e micro do processo de tradução”¹⁷ (Es & Heilbron, 2015, p. 298).

3.1.6.1 Explicitação dos Três Níveis Analíticos na Circulação de Traduções

O nível macro de análise “pertence à estrutura centro-periferia do sistema global de tradução e ao equilíbrio de poder entre os grupos linguísticos e países que formam este sistema”¹⁸ (Es & Heilbron, 2015, p. 298). Este nível abrange as grandes estruturas que moldam a tradução em escala global, como a hierarquia das línguas (discutida em 3.1.3), as políticas editoriais internacionais, as relações de poder cultural entre nações e blocos linguísticos, e a competição entre os principais centros culturais. Van Es e Heilbron destacam que

Fluxos culturais da periferia para o centro dependem, primeiro, da rivalidade entre os principais centros culturais. [...] Esses centros não competem apenas pela difusão de seus próprios produtos, eles também competem pelos benefícios que podem ser obtidos do trânsito, transferência e reprodução de artistas e autores estrangeiros¹⁹ (Es & Heilbron, 2015, pp. 298-299).

A análise macro considera, portanto, como as condições globais e as relações de força entre os campos nacionais influenciam as chances de uma obra periférica ser traduzida e circular em um centro.

¹⁷ No original: “unlike the more common strategy of choosing one specific level, we propose a multi-level field approach, considering the macro, meso and micro levels of the translation process” (Es & Heilbron, 2015, p. 298).

¹⁸ No original: “pertains to the center-periphery structure of the global translation system and the balance of power between the language groups and countries that form this system” (Es & Heilbron, 2015, p. 298).

¹⁹ No original: “Cultural flows from the periphery to the center depend, first, on the rivalry between the leading cultural centers. [...] These centers do not only compete for the diffusion of their own products, they also compete for the benefits that can be gained from the transit, transfer and reproduction of foreign artists and authors” (Es & Heilbron, 2015, pp. 298-299).

O nível meso foca no funcionamento dos “campos editoriais nacionais e as estratégias que as editoras usam para adquirir direitos de tradução e publicação”²⁰ (Es & Heilbron, 2015, p. 298). Este nível intermediário examina o papel crucial das instituições e organizações que operam na interface entre os campos nacionais e o campo global. Isso inclui editoras (com suas distinções entre grandes conglomerados comerciais e pequenas editoras independentes focadas em “quality literature” [literatura de qualidade]), universidades (que podem fomentar traduções através de pesquisa acadêmica, programas de estudo e editoras universitárias), agências literárias, fundações de apoio à tradução (como a Dutch Foundation for Literature no estudo de van Es e Heilbron) e outras instâncias de mediação. Um fator importante neste nível é o capital (econômico e/ou simbólico) que um autor acumulou em seu campo nacional, pois “autores da periferia que são passíveis de serem traduzidos para o inglês devem primeiro ter desfrutado de considerável sucesso em seu próprio campo literário nacional”²¹ (Es & Heilbron, 2015, p. 300).

O nível micro “diz respeito ao papel dos vários atores efetivamente envolvidos na seleção (editoras, editores), tradução (tradutores) e enquadramento (editoras, críticos literários) de livros específicos”²² (Es & Heilbron, 2015, p. 298). Esta análise detalhada foca nas práticas concretas dos indivíduos e nos produtos dessas práticas. Inclui as decisões textuais tomadas pelos tradutores, as escolhas editoriais relativas aos paratextos (prefácios, posfácios, notas de rodapé, capas, material promocional), as estratégias de “framing” (enquadramento) utilizadas para apresentar e posicionar a obra traduzida para um novo público, e a recepção crítica e pública da obra no mercado de chegada. Van Es e Heilbron argumentam que, “para competir com livros nativos e traduções de outras línguas, os autores holandeses precisam ser percebidos e apresentados como tendo uma ‘qualidade especial’. Isso é feito através de estratégias específicas de ‘enquadramento’”²³ (Es & Heilbron, 2015, p. 302). Essas estratégias podem enfatizar qualidades “tipicamente nacionais” ou, ao contrário, qualidades “cosmopolitas”, dependendo da obra e do público-alvo (Es & Heilbron, 2015, p. 303).

A interconexão desses três níveis é fundamental. A penetração de uma literatura periférica em um campo central como o anglófono não é um evento isolado, mas um processo multifatorial onde as dinâmicas macro, meso e micro se influenciam mutuamente. Por exemplo, políticas de fomento à tradução, sejam elas governamentais ou de fundações privadas, podem capacitar editoras menores (nível meso) a assumir os riscos financeiros envolvidos na publicação de autores de literaturas periféricas. Essas editoras, por sua vez, trabalharão com tradutores e especialistas em marketing para “enquadrar” (nível micro) cuidadosamente essas obras, de modo a torná-las atraentes para nichos específicos do mercado central. O sucesso ou fracasso dessas estratégias micro (refletido na recepção crítica e nas vendas) pode, retroativamente, influenciar futuras decisões no nível meso (como a disposição de editoras para traduzir outros autores do mesmo país ou região) e, a longo prazo, pode até mesmo alterar as percepções no nível macro sobre o valor e o interesse daquela literatura periférica específica.

²⁰ No original: “national publishing fields and the strategies publishers use to acquire translation and publishing rights” (Es & Heilbron, 2015, p. 298).

²¹ No original: “Authors from the periphery who are liable to be translated into English must first have enjoyed considerable success within their own national literary field” (Es & Heilbron, 2015, p. 300).

²² No original: “concerns the role of the various actors who are effectively involved in the selection (publishers, editors), translation (translators) and framing (publishers, literary critics) of particular books” (Es & Heilbron, 2015, p. 298).

²³ No original: “In order to compete with indigenous books and translations from other languages, Dutch authors have to be perceived and presented as having a ‘special quality’. This is done through specific ‘framing’ strategies” (Es & Heilbron, 2015, p. 302).

3.1.6.2 Estruturação da Metodologia da Tese com Base no Modelo Multinível

O modelo de van Es e Heilbron (2015) oferece uma estrutura analítica consistente e abrangente para a metodologia da presente tese sobre a circulação da ficção de Machado de Assis em língua inglesa. A aplicação desse modelo permitirá uma investigação que vá além da mera análise comparativa textual das traduções ou do estudo isolado do papel dos tradutores, contextualizando a trajetória machadiana dentro das complexas redes de poder e mediação que caracterizam o campo literário global.

No nível macro, a pesquisa examinará como a posição historicamente periférica da literatura brasileira e da língua portuguesa no sistema mundial de tradução (conforme discutido em 3.1.3, com base em Heilbron, De Swaan e Sapiro) e na República Mundial das Letras (conforme 3.1.4, com base em Casanova) condicionou as oportunidades e os desafios para a internacionalização de Machado de Assis. Serão considerados fatores como a dominância do inglês, as políticas culturais (ou a ausência delas) que poderiam ter impactado a difusão da literatura brasileira, e a competição entre os centros anglófonos (Londres e Nova York) como polos de consagração.

No nível meso, a investigação se debruçará sobre o papel específico das instituições e agentes intermediários na publicação das traduções de Machado de Assis no período de 1950 a 2024. Isso inclui a identificação das editoras anglófonas que publicaram Machado (analisando se pertencem ao polo de grande produção ou de produção restrita), o envolvimento de universidades (através de seus acadêmicos como tradutores, críticos ou promotores, e de suas editoras), a atuação (ou ausência) de agências literárias e de programas de fomento à tradução (brasileiros ou internacionais) que possam ter apoiado essas publicações. O capital simbólico acumulado por Machado no Brasil e, eventualmente, em outros espaços não anglófonos, será considerado como um possível fator de influência nas decisões tomadas neste nível.

No nível micro, que formará o cerne dos estudos de caso da tese, a pesquisa focará nas traduções específicas dos romances e contos de Machado de Assis. Serão analisadas as estratégias tradutórias adotadas pelos diferentes tradutores em diferentes épocas (orientação para adequação ou aceitabilidade, conforme Toury), as escolhas editoriais relativas aos paratextos (títulos das traduções, prefácios, posfácios, notas, capas, material de marketing), e as estratégias de “enquadramento” empregadas para apresentar Machado ao público anglófono (por exemplo, como um precursor do modernismo, um realista com toques nacionais, um crítico social universal, um mestre da ironia). A recepção crítica das obras traduzidas em periódicos literários, resenhas e estudos acadêmicos de língua inglesa será minuciosamente examinada para avaliar o impacto e a interpretação de Machado nesse contexto.

O “sucesso” ou a relativa obscuridade de uma tradução de um autor periférico como Machado de Assis no centro do sistema literário mundial não é, portanto, um evento fortuito ou determinado unicamente pela “qualidade” da obra original ou da tradução. É, antes, o resultado de uma complexa cadeia de seleções, mediações, negociações e legitimações que ocorrem em todos os três níveis de análise. A ausência de apoio, o desalinhamento de interesses ou as barreiras estruturais em qualquer um desses níveis podem bloquear, atrasar ou distorcer significativamente a circulação e a recepção da obra. Este modelo multinível, ao permitir a articulação dessas diferentes dimensões, capacita uma compreensão mais profunda e nuançada das dinâmicas de poder que governam a tradução e a consagração (ou marginalização) da ficção machadiana no exigente e hierarquizado campo literário de língua inglesa.

A tabela 2 resume a aplicação do modelo de van Es e Heilbron (2015) à estrutura metodológica da tese:

Tabela 2. Níveis de Análise na Circulação da Ficção de Machado de Assis em Língua Inglesa (1950-2024)

Nível de Análise	Foco Principal	Atores/Estruturas Chave	Exemplos de Questões para a Tese (Machado de Assis)
Macro	Estruturas e políticas globais de tradução; hierarquia linguística e literária mundial.	Sistema mundial de tradução; República Mundial das Letras; relações de poder entre línguas/culturas (centro-periferia); políticas culturais internacionais.	Como a posição periférica do português e da literatura brasileira impactou a tradução de Machado para o inglês? Qual o papel da dominância do inglês como língua pivô? Como a competição entre centros (Londres/NY) afetou sua consagração?
Meso	Instituições e agentes intermediários nos campos editoriais de origem e chegada.	Editoras (comerciais vs. independentes/acadêmicas); universidades; agências literárias; fundações de apoio à tradução; críticos influentes; o capital simbólico/econômico do autor no campo de origem.	Quais editoras anglófonas publicaram Machado e qual seu perfil? Houve apoio institucional (brasileiro ou internacional) para suas traduções? Qual o papel de acadêmicos e críticos como mediadores? O reconhecimento de Machado no Brasil influenciou sua tradução?
Micro	Práticas concretas de tradução, edição, apresentação e recepção.	Tradutores (suas escolhas e <i>habitus</i>); editores (decisões paratextuais); estratégias de <i>framing</i> (como Machado foi “vendido”); paratextos (prefácios, capas, notas); recepção crítica (resenhas, estudos acadêmicos).	Quais foram as principais estratégias tradutórias adotadas para a obra de Machado (adequação vs. aceitabilidade)? Como os paratextos construíram a imagem de Machado para o público anglófono? Quais “enquadramentos” (e.g., realista, modernista, exótico, universal) foram predominantes? Como a crítica literária anglófona recebeu e interpretou suas obras traduzidas em diferentes épocas?

Fonte: Adaptado de van Es & Heilbron (2015).

A adoção deste modelo analítico permitirá, portanto, que a presente tese não se restrinja a uma análise puramente textual ou biográfica, mas que investigue de forma sistemática e integrada as complexas dinâmicas sociais, institucionais e simbólicas que permearam a tradução e a recepção da obra de Machado de Assis no mundo anglófono ao longo de mais de sete décadas, revelando as múltiplas camadas de mediação e poder que configuram a circulação literária internacional.

3.2 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Esta seção detalha o arcabouço metodológico que sustenta a presente investigação. A estratégia aqui delineada visa responder às questões de pesquisa de forma sistemática, integrada e

rigorosa, combinando diferentes lentes analíticas para capturar a complexidade do fenômeno estudado. As escolhas metodológicas foram informadas pela natureza do objeto, pelos objetivos da tese e pelas contribuições de referenciais teóricos consagrados nos estudos da tradução, na sociologia da cultura e na metodologia da pesquisa qualitativa e de métodos mistos.

3.2.1 Abordagem Geral: Método Misto com Ênfase Qualitativa

A presente pesquisa adota uma abordagem de métodos mistos, caracterizada por Creswell (2015) como uma metodologia que envolve a coleta e análise de dados tanto quantitativos quanto qualitativos, a integração desses dois conjuntos de dados e a utilização de desenhos específicos que podem envolver ambas as formas de dados (Creswell, 2015, p. 4). A justificativa para esta escolha reside na natureza heterogênea do objeto de estudo – as dinâmicas de poder na tradução literária – que se manifestam tanto em padrões observáveis em grande escala, acessíveis via análise quantitativa, quanto em processos e significados contextuais profundos, explorados qualitativamente. A combinação de dados quantitativos e qualitativos permite a triangulação metodológica, que, conforme Creswell (2015), visa “comparar os resultados” (p. 6) de diferentes métodos que investigam o mesmo fenômeno, buscando convergência e corroboração para uma compreensão mais sólida. Nesta tese, a triangulação será empregada para cotejar as análises estatísticas do corpus com as interpretações qualitativas de paratextos, contextos institucionais e, quando disponíveis, entrevistas, visando uma apreensão mais completa das dinâmicas de poder.

A validade dos dados, crucial em abordagens mistas, será buscada através do rigor metodológico em ambas as frentes. Creswell (2015, p. 5) salienta a importância de “usar métodos rigorosos” tanto para os dados quantitativos quanto qualitativos. A validade dos dados quantitativos será assegurada pela sistematização na coleta e codificação na base de dados Heurist, enquanto a validade qualitativa se apoiará na análise interpretativa cuidadosa, na triangulação de fontes diversas e na reflexividade constante do pesquisador. A integração dos dados, um pilar dos métodos mistos, não se limitará a uma justaposição; buscar-se-á, como preconiza Creswell (2015, p. 5), “combinar ou integrar os dados quantitativos e qualitativos, interpretando essa integração”. Esta pesquisa integrará a análise estatística descritiva dos padrões de publicação, identificados a partir da base de dados, com a análise textual aprofundada dos paratextos e a análise institucional dos agentes e mediações editoriais. Tal integração é fundamental, pois, como aponta Creswell (2015), “trazer os dois juntos (e.g., misturar) adiciona valor a um estudo e permite que você entenda seu problema e questões melhor do que simplesmente relatar resultados de pesquisa e resultados de entrevista separadamente”²⁴ (p. 13). O objetivo é que a análise estatística revele tendências macro, enquanto as análises textual e institucional forneçam explicações e nuances micro e meso, permitindo uma compreensão mais rica e complexa do fenômeno.

Embora utilize ferramentas quantitativas para mapeamento e identificação de padrões, a pesquisa terá uma ênfase predominantemente qualitativa. Esta predominância justifica-se pela necessidade de interpretar as “dinâmicas de poder”, que são fenômenos complexos, contextuais e frequentemente sutis, exigindo uma análise interpretativa profunda que vai além da mera quantificação. A abordagem qualitativa, conforme descrita por Stake (1995), “ênfatisa episódios de nuance, a sequencialidade dos acontecimentos no contexto, a totalidade do

²⁴ No original: “Did you know that bringing the two together (e.g., mixing) adds value to a study and enables you to understand your problem and questions better than simply reporting survey results and interview results separately?” (Creswell, 2015, p. 13).

indivíduo”²⁵ (p. xii), o que se revela crucial para desvendar as mediações editoriais, as estratégias tradutórias e as relações de poder subjacentes à circulação da obra machadiana. A escolha de uma abordagem mista com ênfase qualitativa configura-se, portanto, não apenas como uma preferência metodológica, mas como uma resposta direta à complexidade inerente ao conceito de “dinâmicas de poder”. O poder no campo literário não é uma entidade monolítica; ele se manifesta em estatísticas de publicação (nível macro), influencia políticas editoriais (nível meso) e se inscreve em escolhas paratextuais específicas (nível micro). A metodologia mista, com sua capacidade de integrar diferentes tipos de dados, é particularmente apta a capturar essa multifacetada operação do poder. A análise quantitativa do corpus (quantas traduções foram publicadas, por quais editoras, em que períodos) pode revelar desequilíbrios e concentrações de poder, como, por exemplo, a predominância de certas editoras ou o aumento de apoio institucional em determinados momentos. Contudo, o como e o porquê dessas dinâmicas – as intenções por trás das políticas editoriais, o impacto de um prefácio específico na recepção de uma obra – exigem uma investigação qualitativa aprofundada. A ênfase qualitativa assegura que a interpretação dessas nuances contextuais e processuais não seja subsumida por tendências gerais, mas que, ao contrário, as enriqueça e as explique.

A estratégia metodológica adotada permitirá uma análise multinível das dinâmicas de poder, articulando as dimensões macro, meso e micro (Es & Heilbron, 2015). No nível macro, serão analisadas as tendências gerais de publicação, os fluxos de tradução entre o Brasil e o mundo anglófono, e o impacto de políticas culturais e apoios institucionais de larga escala, como os programas de fomento à tradução identificados em diversas fases da circulação de Machado. A análise estatística do corpus contribuirá significativamente para este nível. No nível meso, a investigação se concentrará nas instituições editoriais – desde as pioneiras como a Noonday Press, passando pelas editoras universitárias como a University of California Press (UCP), University Press of Kentucky (UPK) e University of Texas Press (UTP), editoras independentes como a Peter Owen Publishers, até grandes chancelas como a Oxford University Press (OUP) e as contemporâneas Penguin Classics e Liveright/Norton – suas políticas editoriais, o papel de agentes específicos (tradutores, editores como Cecil Hemley e Arthur Cohen da Noonday Press), e as redes de mediação. As análises de arquivos institucionais e de paratextos editoriais são centrais nesta camada. Finalmente, no nível micro, o foco recairá sobre a análise detalhada das traduções individuais, das escolhas tradutórias, dos paratextos específicos (prefácios, capas, notas, como os discutidos nas edições da Penguin e Liveright) e da recepção crítica de obras específicas. A leitura crítica de paratextos e a análise da recepção crítica, conforme detalhado adiante, são as principais ferramentas para este nível.

Esta pesquisa insere-se, assim, no campo dos estudos de circulação literária, com ênfase na análise do contexto (histórico, cultural, geopolítico, como o ambiente do pós-Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria, que influenciou a recepção inicial de Machado nos EUA), dos agentes (tradutores, editores, financiadores), das mediações (processos editoriais, paratextos) e das práticas editoriais que, em conjunto, moldam a trajetória internacional de Machado de Assis. A articulação dos níveis macro, meso e micro, operacionalizada através da integração de dados quantitativos e qualitativos proposta por Creswell (2015), permite que a tese supere uma simples descrição da circulação de Machado. Ela possibilita a construção de um modelo explicativo de como diferentes formas de capital (simbólico, econômico, cultural) e diferentes agentes interagem para moldar a recepção e canonização de um autor oriundo de uma literatura considerada periférica em um centro linguístico-cultural hegemônico, revelando as complexas

²⁵ No original: “The qualitative researcher emphasizes episodes of nuance, the sequentiality of happenings in context, the wholeness of the individual” (Stake, 1995, p. xii).

engrenagens das dinâmicas de poder. Por exemplo, uma política de fomento à tradução (macro) pode influenciar a decisão de uma editora universitária (meso) de publicar uma obra específica, cujos paratextos (micro) são então moldados para apelar a um público acadêmico, reforçando um certo tipo de canonização. A metodologia mista permite rastrear essas interconexões, tornando a análise de “contexto, agentes, mediações e práticas editoriais” uma forma de operacionalizar o estudo dessas dinâmicas de poder em múltiplos níveis interdependentes.

3.2.2 Corpus da Pesquisa

O corpus empírico desta investigação é composto por aproximadamente 36 traduções integrais de obras de ficção (romances e coletâneas de contos) de Joaquim Maria Machado de Assis, publicadas em língua inglesa entre 1952 e 2024. O marco inicial, 1952, corresponde à publicação de *Epitaph of a Small Winner* (tradução de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* [1881] pela Noonday Press), considerada a primeira tradução significativa de um romance machadiano para o inglês no período em estudo. O marco final, 2024, abrange as mais recentes iniciativas de tradução, como a versão de *Quincas Borba* pela editora Liveright (M. de Assis, 2024). Este recorte temporal permite analisar desde os esforços pioneiros de introdução sistemática do autor no mercado anglófono até os movimentos contemporâneos de reconfiguração de seu cânone internacional.

A seleção das obras para compor o corpus seguiu critérios específicos, visando garantir a relevância e a representatividade dos dados para os objetivos da tese:

- Foram incluídas obras acessíveis para análise direta, seja através de acervos bibliotecários, arquivos digitais ou aquisição. Esta acessibilidade é fundamental para o exame minucioso dos textos traduzidos e, crucialmente, de seus paratextos.
- O corpus busca refletir a variedade de contextos editoriais que participaram da difusão de Machado. Isso inclui editoras comerciais pioneiras (e.g., Noonday Press), editoras universitárias (e.g., University of California Press, University Press of Kentucky, University of Texas Press), editoras independentes britânicas (e.g., Peter Owen Publishers), grandes chancelas com foco acadêmico e de clássicos (e.g., Oxford University Press, Penguin Classics) e editoras contemporâneas de prestígio (e.g., Liveright/W. W. Norton), bem como editoras de nicho especializadas em antologias de contos. A inclusão tanto de romances quanto de coletâneas de contos permite analisar se diferentes gêneros textuais ensejaram distintas estratégias de apresentação e foram recebidos de maneiras diversas.
- Privilegiaram-se traduções publicadas por editoras com reconhecido impacto e capital simbólico no campo literário anglófono, ou aquelas que marcam momentos significativos na trajetória de recepção de Machado. Traduções que receberam apoio institucional explícito, como as chanceladas pela UNESCO ou pelo Instituto Nacional do Livro (INL) do Brasil, foram consideradas particularmente relevantes por evidenciarem dinâmicas de poder e legitimação extrínsecas ao mercado.
- Dado o foco da tese na mediação paratextual como um espaço privilegiado das dinâmicas de poder, a existência de paratextos editoriais e autorais – como prefácios, posfácios, introduções, notas do tradutor, notas editoriais, projetos gráficos de capa e textos de orelha – foi um critério de inclusão crucial.

O corpus não foi definido por amostragem aleatória, mas sim por amostragem teórica. Conforme Stake (1995, p. 4), a seleção de casos (neste contexto, as traduções) deve ser guiada pelo potencial que cada caso oferece para aprofundar a compreensão do problema ou fenômeno em estudo. Assim, a seleção das aproximadamente 36 traduções visa capturar uma gama de contextos editoriais, temporais (abrangendo as mais de sete décadas do estudo) e geográficos

(com foco nos Estados Unidos e Reino Unido, mas atenta a menções de outros mercados anglófonos) que sejam representativos das diferentes fases e manifestações das dinâmicas de poder na circulação anglófona de Machado de Assis. O objetivo não é a generalização estatística para todas as traduções de Machado já publicadas – incluindo reedições menores, edições de domínio público sem paratextos relevantes ou traduções de contos isolados em periódicos –, mas sim aprofundar a compreensão dos mecanismos de poder em contextos editoriais chave e influentes. A seleção busca incluir traduções que ilustrem as “ondas de interesse” pela obra machadiana e os diferentes tipos de mediação envolvidos (e.g., a mediação comercial inicial, a legitimação acadêmica, o papel do financiamento institucional, a consagração por editoras de grande prestígio no século XXI).

A delimitação do corpus e os critérios de inclusão adotados refletem diretamente a preocupação central da tese com as “dinâmicas de poder”. A seleção intencional de obras publicadas por editoras influentes, ou aquelas resultantes de projetos com financiamento específico, ou ainda edições dotadas de um forte aparato paratextual, permite investigar manifestações concretas de poder em diferentes nós da rede de tradução. Por exemplo, a inclusão da Noonday Press permite analisar o poder de uma editora “emergente” no processo de canonização inicial. A análise das publicações da Oxford University Press ou da Penguin Classics e Liveright possibilita examinar o poder de consagração exercido por grandes instituições editoriais. A ênfase na presença de paratextos é justificada pela premissa, fundamentada em Genette (2009), de que estes elementos “comandam toda a leitura” e são, portanto, instrumentos cruciais na moldagem da recepção e, por conseguinte, veículos de poder.

Ademais, a amostragem teórica, ao focar em contextos representativos da circulação anglófona, permite que os estudos de caso que compõem os capítulos analíticos da tese (Capítulos 5 a 10) funcionem como “espécimes”, no sentido atribuído por Stake (1995, p. 36), que iluminam mecanismos específicos de poder em ação. A interação entre os critérios de seleção – por exemplo, uma editora de relevância institucional que publica uma tradução com paratextos ricos e apoio financeiro externo – revela a complexa teia de fatores que constituem as dinâmicas de poder, em vez de analisá-los de forma isolada. O período de 1952 a 2024 não é homogêneo; pelo contrário, é marcado por diferentes conjunturas e configurações de poder. A amostragem teórica permite selecionar obras que marcam “viradas institucionais” (capítulo 8), “booms” editoriais e de antologias (capítulo 9), ou o papel de agentes específicos em determinados momentos, como o tradutor Robert Scott-Bucleuch e a editora Peter Owen (capítulo 7). Esta abordagem possibilita uma análise diacrônica das dinâmicas de poder, demonstrando como elas evoluem, se reconfiguram e são negociadas ao longo do tempo no processo de internacionalização da obra machadiana.

3.2.3 Base de Dados e Variáveis

Para organizar, gerenciar e analisar sistematicamente o volume considerável de informações relativas ao corpus de traduções, foi construída uma base de dados relacional customizada no software Heurist. O Heurist (Humanities E-Research and Universalist Tool) é uma plataforma de gerenciamento de dados de pesquisa de código aberto, projetada especificamente para as necessidades das humanidades e ciências sociais. Sua flexibilidade na criação de modelos de dados complexos e sua capacidade de registrar e visualizar relações entre diversas entidades (como obras, pessoas, instituições, eventos e conceitos) tornam-no particularmente adequado para esta investigação²⁶. A escolha do Heurist justifica-se, portanto, por sua aptidão para lidar com dados heterogêneos – textuais, numéricos, categoriais e

²⁶ Heurist. (s.d.). *The Heurist Project*. Recuperado de <http://heuristnetwork.org/>

relacionais – e por facilitar a identificação de padrões, tendências e conexões que poderiam permanecer obscuros em uma análise puramente manual de um corpus tão extenso e diacrônico. A base de dados é referenciada como a fonte primária para o mapeamento cronológico e tipológico apresentado no Capítulo 4 desta tese.

Para cada uma das aproximadamente 36 traduções que compõem o corpus, foram codificadas sistematicamente diversas variáveis, consideradas cruciais para a análise das dinâmicas de poder e dos processos de circulação. Estas variáveis são apresentadas na tabela 3.

Tabela 3. Principais Variáveis Codificadas na Base de Dados Heurist para Análise das Traduções de Machado de Assis (1950-2024)

Variável	Descrição/Justificativa
Título da obra original (Português)	Identificação da obra fonte.
Título da tradução (Inglês)	Identificação da obra traduzida; variações no título podem indicar estratégias editoriais.
Ano de publicação da tradução	Permite a análise cronológica e a identificação de “ondas” de interesse e atividade editorial.
País de publicação da tradução	Indica os principais polos de recepção no mundo anglófono (predominantemente EUA e Reino Unido), relevante para analisar dinâmicas centro-periferia.
Editora	Nome da casa editorial responsável pela publicação. Agente central nas dinâmicas de poder.
Tipo de editora	Categorização da editora (e.g., comercial, universitária, independente, grande grupo editorial). Permite analisar diferentes lógicas de atuação (mercado vs. prestígio acadêmico) e poder no campo editorial.
Tradutor(es)	Nome(s) do(s) responsável(is) pela tradução. Agentes cruciais na mediação intercultural.
Gênero da obra	Classificação como romance ou coletânea de contos. Permite analisar se diferentes gêneros receberam tratamentos editoriais distintos.
Paratextos presentes	Identificação e descrição dos principais elementos paratextuais (e.g., prefácio, introdução, posfácio, notas, tipo de capa, autor do paratexto). Essencial para a análise da mediação e do enquadramento da obra.
Financiamento institucional/Apoio	Registro de menção a apoios financeiros ou institucionais (e.g., UNESCO, INL, Fundação Rockefeller, Fundação Biblioteca Nacional, Vitae). Evidencia o papel de agentes externos e dinâmicas de poder não mercadológicas.
Coleção (se aplicável)	Identificação de pertencimento a coleções editoriais específicas (e.g., “Library of Latin America” da OUP; “UNESCO Collection of Representative Works”). Indica estratégias de legitimação e posicionamento no mercado.

A base de dados Heurist desempenha um papel metodológico duplo e interconectado. Primeiramente, ela permite a identificação de padrões editoriais e de tradução através da análise quantitativa descritiva de tendências ao longo do extenso período coberto pela tese. Isso inclui, por exemplo, a identificação de picos de publicação, a predominância de certos gêneros em detrimento de outros em fases específicas, os tipos de editoras mais ativas em diferentes décadas, a nacionalidade e o perfil dos tradutores, e a frequência e natureza do apoio

institucional concedido às traduções. Em segundo lugar, a base de dados serve como o alicerce para a construção de um mapa cronológico e institucional detalhado da circulação de Machado de Assis no mundo anglófono. Este mapa não é apenas uma linha do tempo, mas uma visualização da evolução da presença do autor, identificando os principais nós institucionais (editoras, universidades, fundações, órgãos de fomento) e os agentes individuais (editores, tradutores, prefaciadores) envolvidos em sua promoção, legitimação e, por vezes, contestação. Os capítulos analíticos desta tese demonstram a aplicação direta desses dados para desvendar as complexas dinâmicas de poder em jogo.

A construção desta base de dados, com variáveis detalhadas como “tipo de editora” e “financiamento institucional”, ultrapassa a mera catalogação de traduções. Ela transforma dados aparentemente descritivos em ferramentas analíticas potentes para desvelar as “dinâmicas de poder” no campo editorial. Variáveis como “país de publicação”, “editora”, “tipo de editora” e “financiamento institucional” funcionam como indicadores diretos para analisar a influência de centros editoriais hegemônicos (como os Estados Unidos e o Reino Unido), o poder de legitimação de certas casas editoriais (universitárias versus comerciais, por exemplo) e o impacto de políticas culturais e apoios financeiros externos. A base de dados permite, por exemplo, correlacionar a presença de apoio institucional com o tipo de editora que publica a obra ou com o período histórico da publicação, revelando padrões de intervenção e as lógicas subjacentes a essas intervenções.

Ademais, o uso do Heurist para construir um mapa cronológico e tipológico possibilita uma análise tanto diacrônica (ao longo do tempo) quanto sincrônica (em momentos específicos) das redes de poder. Isso significa que a tese pode não apenas identificar quem detinha o poder de selecionar, traduzir e promover Machado em determinados momentos, mas também como essas configurações de poder evoluíram, quem foram os agentes de mudança (novos tradutores, novas editoras, novas políticas de fomento) e como diferentes formas de poder (econômico, simbólico, político-cultural) interagiram ao longo dos mais de setenta anos analisados. O mapeamento pode revelar, por exemplo, uma fase inicial de introdução dominada por editoras comerciais de nicho com um forte pendor literário, seguida por uma fase de legitimação predominantemente acadêmica, impulsionada por editoras universitárias com o apoio de fundações e programas de tradução, e, mais recentemente, uma fase de “canonização convencional” ou de renovado interesse por grandes selos editoriais com alcance global. A base de dados, portanto, é um instrumento essencial para rastrear a ascensão e, por vezes, a queda de influência de diferentes tipos de agentes e instituições, fornecendo uma visão dinâmica e variada do poder, em vez de uma fotografia estática.

3.2.4 Técnicas de Análise

Para explorar as múltiplas dimensões das dinâmicas de poder que permeiam a tradução e circulação da ficção machadiana, a presente investigação empregará um conjunto diversificado e complementar de técnicas analíticas. Esta abordagem combinada visa capturar a complexidade do objeto de estudo, articulando dados quantitativos e qualitativos, bem como perspectivas macro, meso e micro.

Com base nos dados sistematicamente organizados na plataforma Heurist, será realizado um mapeamento detalhado da produção de traduções ao longo do período de 1950 a 2024. Esta técnica envolverá a identificação de “ondas de interesse” pela obra machadiana, picos de publicação, possíveis hiatos, os principais títulos traduzidos em cada fase, e o perfil dos tradutores e editoras proeminentes em diferentes momentos. Este mapeamento, exemplificado na Seção 3.2.1 e na Tabela 4 da tese, permite visualizar a evolução temporal e geográfica da

presença de Machado no mundo anglófono, fornecendo um panorama essencial para contextualizar as análises mais aprofundadas.

Utilizando os dados codificados na base Heurist (conforme detalhado na subseção 3.2.2), serão conduzidas análises estatísticas descritivas. O objetivo é identificar padrões e tendências nas variáveis registradas, tais como tipo de editora (comercial, universitária, independente), país de publicação, gênero da obra (romance, conto), frequência e tipo de apoio institucional, e afiliação a coleções específicas. Esta análise quantitativa exploratória fornecerá um panorama geral que servirá de fundamento e ponto de partida para as investigações qualitativas subsequentes, ajudando a formular questões mais específicas sobre as dinâmicas de poder.

A leitura crítica de paratextos constitui uma técnica analítica central da tese. Serão examinados de forma crítica e detalhada os diversos elementos paratextuais – como prefácios, posfácios, introduções, notas de tradutor e editoriais, textos de orelha e badanas – das traduções selecionadas que compõem o corpus. O foco desta análise recairá sobre como esses paratextos constroem a imagem de Machado de Assis, medeiam sua obra para o público anglófono e, crucialmente, como eles refletem, exercem e, por vezes, contestam dinâmicas de poder. Serão investigadas as estratégias de apresentação, legitimação, enquadramento e apropriação do autor e de suas obras por diferentes agentes editoriais em distintos contextos. Exemplos da importância da análise paratextual podem ser encontrados nas discussões sobre as edições da Penguin Classics e Liveright, da Oxford University Press e da Noonday Press.

A fundamentação teórica para esta análise provém, eminentemente, da obra de Gérard Genette (2009), *Paratextos Editoriais*. Genette define o paratexto como “aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público. Mais do que um limite ou uma fronteira estanque, trata-se aqui de um limiar [...] ‘zona indecisa’ entre o dentro e o fora [...] franja do texto impresso que, na realidade, comanda toda a leitura” (Genette, 2009, pp. 9-10).

O autor distingue o peritexto, que compreende os elementos paratextuais localizados “em torno do texto, no espaço do mesmo volume, como o título ou o prefácio, e, às vezes, inserido nos interstícios do texto, como os títulos de capítulo ou certas notas” (Genette, 2009, p. 12) – como capas, páginas de rosto, prefácios, notas e orelhas –, do epitexto, que abrange mensagens situadas “na parte externa do livro: em geral num suporte midiático (conversas, entrevistas), ou sob a forma de uma comunicação privada (correspondências, diários íntimos e outros)” (Genette, 2009, p. 12). Para os propósitos desta tese, o epitexto público, como resenhas e artigos críticos, será particularmente relevante.

Genette (2009) argumenta que os paratextos moldam ativamente a recepção das obras, funcionando como uma “zona não apenas de transição, mas também de transação: lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público, a serviço [...] de uma melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente” (p. 10). Os paratextos, portanto, não são meros acompanhamentos neutros, mas agentes ativos na construção do significado e na orientação da leitura, refletindo e exercendo poder.

Embora a pesquisa seja primariamente documental e textual, serão buscadas e analisadas entrevistas já publicadas (constituintes do epitexto público, conforme Genette, 2009, p. 316) com tradutores, editores ou outros agentes envolvidos na publicação das obras de Machado. O objetivo é obter dados adicionais sobre suas motivações, estratégias editoriais, percepções sobre a obra machadiana e sobre as dinâmicas de poder no campo da tradução. A realização de novas entrevistas, embora possa ser considerada como um desdobramento futuro, não constitui o foco primário da coleta de dados desta tese.

Será analisada a recepção crítica das traduções em importantes veículos da imprensa anglófona (como o *The New York Times* e o *New Yorker*, frequentemente citados como fontes

de resenhas das traduções machadianas) e em periódicos acadêmicos. Esta análise do epitexto público visa compreender como as traduções foram avaliadas, como a imagem de Machado de Assis foi construída e negociada pela crítica em diferentes momentos, e como distintas interpretações e valorações podem refletir ou contestar dinâmicas de poder e processos de canonização. Exemplos de como a recepção crítica é utilizada para aferir o impacto das traduções são encontrados ao longo dos capítulos analíticos da tese.

A combinação do mapeamento quantitativo com a leitura crítica de paratextos (informada por Genette) e a análise de recepção permite uma abordagem metodológica bem fundamentada. Esta abordagem possibilita identificar não apenas quais traduções circularam, mas, crucialmente, como elas foram apresentadas e recebidas, e por que certas apresentações e formas de recepção prevaleceram em detrimento de outras, revelando assim as estratégias de poder em ação. Por exemplo, o mapeamento pode indicar que uma editora específica publicou um número significativo de títulos de Machado. A análise paratextual das introduções dessas edições pode, então, revelar uma estratégia consistente de apresentar Machado como um “clássico universal” ou, alternativamente, como um “modernista avant la lettre”. Subsequentemente, a análise da recepção crítica dessas edições pode mostrar se essa imagem construída foi aceita, reforçada ou contestada pela crítica especializada. Juntas, essas técnicas expõem o processo dinâmico de construção canônica e as dinâmicas de poder que o permeiam.

Adicionalmente, a consulta a arquivos institucionais, embora reconhecidamente desafiadora (um ponto que será retomado na discussão sobre as limitações metodológicas), seria de fundamental importância para desvelar as dinâmicas de poder que operam “nos bastidores” do campo editorial. As decisões de financiamento (como as do Latin American Translation Program (LAMP) ou da UNESCO) e as políticas editoriais internas, que muitas vezes não são explicitadas nos paratextos públicos, podem revelar os critérios de seleção e as agendas (culturais, políticas, econômicas) que moldam quais autores de literaturas consideradas “periféricas” são traduzidos e como são apresentados ao público de um centro hegemônico. Esta camada de análise oferece uma compreensão mais profunda das estruturas de poder que governam a circulação internacional da literatura. Um paratexto pode, por exemplo, apresentar uma obra como um “grande clássico literário”. No entanto, os registros arquivísticos podem revelar que a decisão de publicar essa obra foi fortemente influenciada por um subsídio governamental com objetivos de diplomacia cultural, como observado no contexto da Guerra Fria. Essa informação contextualiza o discurso paratextual e revela uma dinâmica de poder que transcende a pura apreciação estética ou literária. A análise de paratextos, portanto, ganha em profundidade e criticidade quando triangulada com dados arquivísticos sobre as condições materiais e institucionais de produção e mediação das traduções.

3.2.5 Estudos de Caso Instrumentais e Coletivos

Os capítulos analíticos centrais desta tese (Capítulos 5 a 10), que se debruçam sobre a atuação de editoras específicas ou sobre períodos e fenômenos editoriais particulares – como o papel da Noonday Press na canonização inicial (capítulo 5), a contribuição das editoras universitárias norte-americanas (capítulo 6), a mediação britânica pela Peter Owen Publishers (capítulo 7), a virada institucional promovida pela Oxford University Press (capítulo 8), o “boom” das antologias de contos no século XXI (capítulo 9) e as recentes traduções de romances por grandes editoras (capítulo 10) – adotarão a metodologia de estudo de caso, conforme teorizada por Robert E. Stake (1995). Stake (1995) define o estudo de caso como “o estudo da particularidade e complexidade de um único caso, chegando a compreender sua

atividade dentro de circunstâncias importantes”²⁷ (p. xi). Esta abordagem permite um mergulho profundo nos contextos e processos específicos que caracterizam cada “caso” selecionado.

A abordagem metodológica empregada será a de estudos de caso instrumentais. Conforme Stake (1995):

Teremos uma pergunta de pesquisa, uma inquietação, uma necessidade de compreensão geral, e sentiremos que talvez possamos obter alguma percepção sobre a questão ao estudar um caso específico. [...] Esse uso do estudo de caso visa compreender outra coisa. O estudo de caso, aqui, é instrumental para alcançar algo além da compreensão deste [caso] em particular, e podemos chamar nossa investigação de estudo de caso instrumental.²⁸

Nesta tese, cada capítulo analítico que foca em uma editora, um conjunto de obras ou um período específico funciona como um caso instrumental. O objetivo principal não é apenas contar a história particular de uma editora ou de um conjunto de traduções, mas utilizar esse caso específico para iluminar a questão mais ampla das “dinâmicas de poder e tradução” na circulação da ficção de Machado de Assis. O caso particular serve, portanto, como um veículo para aprofundar a compreensão teórica e empírica dos mecanismos de poder, mediação e canonização no campo da tradução literária.

O desenho geral da pesquisa configura-se, por sua vez, como um estudo de caso coletivo (Stake, 1995, p. 4). Stake (1995) descreve o estudo de caso coletivo como uma investigação na qual o pesquisador estuda múltiplos casos conjuntamente para investigar um fenômeno, população ou condição geral (pp. 3-4). Ao examinar um conjunto de casos distintos – diferentes editoras, diferentes períodos, diferentes conjuntos de traduções – a tese busca, comparativamente, entender as diversas trajetórias editoriais e institucionais e as múltiplas manifestações das dinâmicas de poder que afetaram a obra de Machado. Esta abordagem permite comparar e contrastar como diferentes agentes (e.g., pequenas editoras independentes versus grandes editoras universitárias ou comerciais) e contextos (e.g., o mercado editorial dos anos 1950 versus o do século XXI) influenciaram a tradução e recepção de Machado, articulando essas trajetórias particulares em um modelo analítico multinível (macro, meso, micro) mais abrangente.

A escolha da metodologia de estudo de caso justifica-se por sua capacidade singular de observar, em profundidade e em seu contexto específico, os mecanismos simbólicos e institucionais de legitimação literária. Ela permite uma análise ampla que considera a interação complexa de múltiplos fatores – agentes individuais e institucionais, textos, paratextos, políticas editoriais, contextos históricos e culturais – na configuração das dinâmicas de poder. Como afirma Stake (1995), “estudamos um caso quando ele próprio é de interesse muito especial. Procuramos o detalhe da interação com seus contextos”²⁹ (p. 1). Cada “caso” editorial na trajetória anglófona de Machado de Assis é, de fato, de interesse especial para desvendar as complexas negociações de poder envolvidas na sua tradução e consagração internacional.

A adoção de estudos de caso instrumentais e coletivos, conforme a perspectiva de Stake (1995), permite que a tese vá além de uma mera história factual da tradução de Machado. Cada

²⁷ No original: “Case study is the study of the particularity and complexity of a single case, coming to understand its activity within important circumstances” (Stake, 1995, p. xi).

²⁸ No original: “we will have a research question, a puzzlement, a need for general understanding, and feel that we may get insight into the question by studying a particular case. [...] This use of case study is to understand something else. Case study here is instrumental to accomplishing something other than understanding this particular [case], and we may call our inquiry instrumental case study” (Stake, 1995, p. 3).

²⁹ No original: “We study a case when it itself is of very special interest. We look for the detail of interaction with its contexts” (Stake, 1995, p. 1).

capítulo/caso (por exemplo, a atuação da Noonday Press ou da Oxford University Press) torna-se uma lente através da qual se examinam aspectos específicos das “dinâmicas de poder”. O conjunto dos casos, por sua vez, possibilita a construção de uma compreensão mais generalizável – no sentido de “generalizações naturalísticas” propostas por Stake (1995, p. 85), que são conclusões formadas pelo leitor a partir da experiência vicária proporcionada pelo estudo de caso detalhado – desses mecanismos no contexto mais amplo da tradução de literaturas de contextos ditos periféricos para centros hegemônicos. Por exemplo, o estudo da Noonday Press como um caso instrumental pode revelar como o capital simbólico é construído por editoras emergentes e como o contexto geopolítico da Guerra Fria influenciou escolhas editoriais e estratégias de legitimação. O estudo da Oxford University Press, por outro lado, pode demonstrar como uma instituição com elevado capital simbólico preexistente exerce seu poder de canonização e define os termos da recepção acadêmica. O estudo de caso coletivo, ao justapor e comparar esses e outros casos, permite mapear as diferentes manifestações e estratégias de poder.

A metodologia de estudo de caso, ao enfatizar a “particularidade e complexidade de um único caso” e sua “atividade dentro de circunstâncias importantes”³⁰ (Stake, 1995, p. xi), está intrinsecamente alinhada com a análise das “dinâmicas de poder”, que são, por natureza, sempre contextuais, relacionais e processuais. O poder não se manifesta de forma abstrata, mas através das ações e decisões concretas de agentes situados em contextos específicos. A profundidade analítica proporcionada pelo estudo de caso permite desvendar as interações muitas vezes sutis entre agentes (editores, tradutores, financiadores), instituições (editoras, universidades, órgãos de fomento) e produtos culturais (as traduções e seus paratextos) que, coletivamente, constituem o exercício do poder no campo da tradução literária. As “dinâmicas de poder” materializam-se nas decisões de um editor específico como Cecil Hemley, nas políticas de uma fundação como a Rockefeller, no design de uma capa de livro, ou na redação de um prefácio que enquadra a obra para um novo público. O estudo de caso permite um mergulho nessas particularidades para entender como o poder opera “no terreno”, em vez de apenas teorizá-lo de forma descontextualizada. A abordagem de Stake, que valoriza a “interpretação” (Stake, 1995, p. 8) e a busca pela compreensão da “perspectiva dos atores” envolvidos (Stake, 1995, p. 9), oferece as ferramentas ideais para tal empreendimento.

3.2.6 Limitações Metodológicas

Uma discussão crítica e transparente das limitações inerentes à investigação é um componente essencial da integridade acadêmica e do rigor metodológico. Embora se busque o máximo de abrangência e profundidade, algumas limitações são antecipadas para a presente tese.

Uma das principais limitações reside na dificuldade de acesso a arquivos internos de muitas editoras, especialmente as mais antigas, menores, ou aquelas que já encerraram suas atividades. Registros detalhados sobre decisões editoriais, políticas de seleção de títulos, correspondências com tradutores e autores, e informações sobre o processo de produção das traduções podem não estar disponíveis publicamente ou podem ter se perdido. Da mesma forma, correspondências privadas de tradutores, editores e outros agentes envolvidos, que poderiam favorecer descobertas valiosas sobre motivações não declaradas e negociações “de bastidores”, são, por natureza, de difícil ou impossível localização e acesso. Os capítulos que abordam a Noonday

³⁰ “Case study is the study of the particularity and complexity of a single case, coming to understand its activity within important circumstances” (Stake, 1995, p. xi).

Press, a Peter Owen Publishers e as editoras universitárias norte-americanas, por exemplo, indicam uma dependência considerável de fontes publicadas (como histórias editoriais, artigos acadêmicos e as próprias obras traduzidas) e análises de terceiros, o que sugere que o acesso direto e exaustivo a arquivos primários dessas instituições foi um desafio.

Informações precisas sobre o número de exemplares impressos (tiragem), dados de vendas ao longo do tempo (especialmente para edições mais antigas ou de editoras que não existem mais) e os detalhes financeiros e legais de contratos de tradução são frequentemente considerados confidenciais pelas editoras ou simplesmente não foram preservados de forma sistemática. Embora haja menção a vendas modestas para as edições da Noonday Press, a obtenção de dados abrangentes e comparáveis para todo o corpus é improvável. Essa lacuna dificulta uma avaliação precisa do impacto comercial real das traduções e das condições econômicas que envolveram sua produção e circulação, limitando, em parte, a análise do capital econômico em jogo.

Uma vez que o foco principal da tese recai sobre os mercados editoriais centrais do mundo anglófono, nomeadamente os Estados Unidos e o Reino Unido, onde se concentrou a maior parte da atividade de tradução, publicação e recepção crítica de Machado de Assis, reconhece-se que a circulação de suas traduções em outros mercados de língua inglesa (como Índia, África do Sul, Austrália, Canadá, Caribe, entre outros) não foi coberta pela investigação. A dificuldade de acesso a dados, fontes primárias e estudos específicos sobre esses contextos “periféricos” do mundo anglófono representa uma grande limitação. A pesquisa se concentrou, assim, nos espaços onde a documentação e a atividade editorial foram mais proeminentes, mas está ciente de que isso pode omitir dinâmicas e formas de apropriação específicas de Machado em outros contextos anglófonos.

Embora se empreenda um esforço significativo para analisar a recepção crítica das traduções em periódicos de relevo e em publicações acadêmicas, a cobertura não pôde ser inteiramente exaustiva, especialmente no que tange a publicações mais antigas, de menor circulação, ou em formatos que ainda não foram digitalizados e indexados em bases de dados acessíveis. Ademais, a recepção pelo “público leitor” em geral, para além da crítica especializada e do meio acadêmico, é notoriamente difícil de mensurar retrospectivamente e de forma sistemática, representando um desafio comum em estudos de recepção literária.

Para mitigar essas limitações e maximizar a validade e a confiabilidade dos achados da pesquisa, foram adotadas as estratégias detalhadas abaixo.

As informações coletadas foram, sempre que possível, cruzadas e validadas utilizando múltiplas fontes de evidência. Isso inclui os paratextos das próprias traduções, artigos acadêmicos sobre Machado e sua recepção, reportagens e resenhas de época, catálogos editoriais, bases de dados bibliográficas e, quando disponíveis, documentos de arquivos institucionais. Stake (1995, Cap. 7) discute a triangulação como um protocolo fundamental para a validação em estudos de caso, visando não apenas a confirmação, mas também o enriquecimento da compreensão através da confrontação de diferentes perspectivas.

Foi realizado um esforço exaustivo para localizar e analisar documentos públicos relevantes – como relatórios de fundações, histórias de editoras, biografias e autobiografias de agentes envolvidos (editores, tradutores), e estudos sobre o mercado editorial e as políticas de tradução nos períodos e contextos investigados – que possam fornecer informações indiretas, mas valiosas, sobre os processos decisórios, as condições de produção e as redes de relacionamento que influenciaram a tradução de Machado.

Dada a centralidade dos paratextos na mediação da obra e na manifestação das dinâmicas de poder, eles foram tratados não apenas como objetos de análise, mas também como fontes

primárias de informação sobre as intenções editoriais, as estratégias de marketing, o público-alvo visado e a imagem do autor que se pretendia construir e projetar.

Na ausência de dados diretos de vendas ou de um volume extenso de resenhas para todas as traduções, a influência e o impacto de certas edições foram inferidos indiretamente através de sua citação em estudos acadêmicos posteriores, sua inclusão em antologias de prestígio, sua reedição por outras casas editoriais, ou sua presença continuada em catálogos e programas de estudo universitários.

As limitações metodológicas, particularmente o acesso restrito a arquivos confidenciais e a dados comerciais detalhados, acabam por destacar a natureza frequentemente opaca das “dinâmicas de poder” no campo editorial. O poder, em suas diversas formas (econômica, simbólica, cultural), é exercido através de decisões e processos que nem sempre são publicamente documentados ou transparentes. Esta constatação reforça a importância da análise de elementos visíveis e publicamente acessíveis, como os paratextos, que funcionam como “pistas” ou indícios dessas dinâmicas subjacentes. Se os contratos, as correspondências internas das editoras e os relatórios de vendas fossem integralmente acessíveis, a análise do poder poderia ser mais direta em certos aspectos. Contudo, como essa transparência raramente é o caso, a metodologia precisa ser engenhosa, utilizando os paratextos e a recepção crítica como fontes privilegiadas para inferir as estratégias, as relações de poder e as lógicas de funcionamento do campo. A limitação, portanto, não apenas impõe restrições, mas também molda a própria abordagem metodológica, tornando a interpretação de dados indiretos e a leitura “nas entrelinhas” ainda mais cruciais.

Nesse sentido, as estratégias de mitigação, como a triangulação de múltiplas fontes e a análise aprofundada de paratextos como fontes primárias de evidência, não apenas buscam compensar as lacunas de dados, mas também podem enriquecer a análise. A necessidade de “ler nas entrelinhas” dos paratextos e de triangular informações provenientes de diversas esferas (acadêmica, jornalística, editorial) pode levar a uma compreensão mais rica e diversificada das dinâmicas de poder do que uma dependência exclusiva de arquivos internos (que, por sua vez, também carregariam seus próprios vieses e narrativas institucionais). A falta de dados de tiragem, por exemplo, obriga a um foco maior no capital simbólico gerado por uma edição – aferido por meio de resenhas, impacto acadêmico, longevidade no mercado etc. – em detrimento de uma avaliação baseada unicamente em seu capital econômico. Esta abordagem está alinhada com teorias do campo literário, como a de Bourdieu, que enfatizam a importância central do capital simbólico na consagração e legitimação literária. Assim, uma limitação pode, paradoxalmente, conduzir a uma aplicação mais sofisticada do referencial teórico. A triangulação, conforme preconizada por Stake (1995, p. 107), não visa apenas alcançar uma “verdade” única e incontestável, mas aprofundar a compreensão ao confrontar diferentes perspectivas e tipos de evidência, reconhecendo a complexidade do fenômeno estudado.

Por fim, é importante destacar que ferramentas de inteligência artificial (IA) desempenharam um papel auxiliar na elaboração desta tese. Ferramentas como ChatGPT, Gemini e NotebookLM foram empregadas para otimizar processos como a extração e sumarização de informações, a estruturação de tópicos, e a organização de tabelas e da bibliografia. A elaboração e tradução dos resumos em português, espanhol e inglês também se beneficiou do auxílio dessas ferramentas. No entanto, a utilização dessas tecnologias foi sempre sob minha rigorosa supervisão. Quaisquer falhas ou imprecisões presentes no texto final são de minha exclusiva responsabilidade, reforçando que a IA atuou como uma ferramenta de apoio na investigação.

U Em suma, a estratégia metodológica aqui delineada, ao combinar a flexibilidade e profundidade dos métodos mistos com ênfase qualitativa, a análise multinível das dinâmicas de

poder, a riqueza contextual dos estudos de caso instrumentais e coletivos, e uma atenção crítica e reflexiva às fontes e suas inerentes limitações, visa proporcionar uma investigação abrangente, rigorosa e detalhada da complexa trajetória da ficção de Machado de Assis em língua inglesa e das forças que a moldaram.

4 CARTOGRAFIA DAS TRADUÇÕES MACHADIANAS PARA O INGLÊS: UM PANORAMA CRONOLÓGICO E TIPOLÓGICO (1950–2024)

A necessidade de um mapeamento sistemático e analítico das traduções da obra de Machado de Assis ao inglês justifica-se não como um mero exercício bibliográfico, mas como uma ferramenta indispensável para aprofundar a compreensão das “Dinâmicas de Poder e Tradução” que constituem o cerne desta tese. Uma cartografia detalhada das traduções machadianas para o inglês, abrangendo o período de 1950 a 2024, permite não apenas visualizar a extensão e a natureza dessa produção tradutória, mas também identificar padrões, tendências, agentes e contextos que, em conjunto, revelam a complexa negociação envolvida na inserção de um autor da periferia no centro do sistema literário mundial. A própria necessidade de tal empreendimento em pleno século XXI, para um autor da estatura de Machado, sinaliza a natureza não linear e, por vezes, fragmentada de sua projeção internacional, contrastando com a trajetória de autores canônicos de línguas centrais, cuja documentação tradutória é frequentemente mais precoce e exaustiva.

Os objetivos específicos deste capítulo são os seguintes: (1) delinear a evolução cronológica das traduções da ficção de Machado de Assis para a língua inglesa entre 1950 e 2024, identificando fases distintas, picos de atividade, hiatos editoriais e os principais agentes (tradutores, editoras, instituições de fomento) envolvidos em cada período; (2) apresentar uma análise tipológica dessas traduções, considerando os gêneros ficcionais traduzidos (romances, contos), o perfil das editoras responsáveis pelas publicações (universitárias, comerciais, independentes), as abordagens e o perfil dos tradutores, bem como as estratégias paratextuais (prefácios, introduções, notas, capas) empregadas para “marcar” e apresentar Machado ao público anglófono; (3) conectar os padrões observados com os contextos sociopolíticos, culturais e editoriais de cada época, como a Guerra Fria, o “boom” da literatura latino-americana, as políticas de incentivo à tradução e as transformações no mercado editorial global; e (4) interpretar os dados levantados à luz do referencial teórico que fundamenta esta tese, mobilizando conceitos como campo literário e capital simbólico (Bourdieu, 1992), a hierarquia das línguas no sistema mundial de tradução (Heilbron, 1999; Swaan, 2001), a República Mundial das Letras e os processos de consagração (Casanova, 2002, 2008), e as operações de mediação, seleção e marcação na circulação internacional de ideias (Bourdieu, 2002; Genette, 2009; Sapiro, 2014).

A metodologia para a construção desta cartografia baseou-se na compilação e análise de uma base de dados desenvolvida no software Heurist¹. As fontes primárias e secundárias para esta base foram mapeadas através de pesquisas no Index Translationum da UNESCO, no catálogo WorldCat, em bibliografias especializadas sobre Machado de Assis (como as de K. David Jackson (2006)), catálogos de editoras, registros de bibliotecas nacionais e universitárias. Ao localizar e acessar as edições das traduções, tornou-se possível a análise direta de seus paratextos.

O capítulo está estruturado em três seções principais. A primeira (4.1) oferece um “Panorama Cronológico das Traduções (1950–2024)”, dividindo a trajetória em quatro fases principais e analisando as ondas de publicação, os agentes proeminentes e os contextos socioculturais de cada período. A segunda seção (4.2) apresenta um “Panorama Tipológico das Traduções”, aprofundando-se nas características das obras traduzidas, no perfil dos tradutores

¹ https://heurisko.io/HEURIST/h4/?db=massis_en

e das editoras, nas estratégias paratextuais e nos polos de publicação e redes de apoio. A terceira seção (4.3) propõe uma “Leitura Sociológica” dessa cartografia, interpretando os achados à luz das teorias sobre dinâmicas de poder na tradução e na circulação literária internacional. Por fim, as conclusões do capítulo sintetizam os principais resultados e suas implicações para a compreensão da circulação de Machado de Assis no mundo anglófono.

4.1 PANORAMA CRONOLÓGICO DAS TRADUÇÕES (1950–2024): ONDAS, AGENTES E CONTEXTOS

A trajetória da ficção de Machado de Assis em língua inglesa, ao longo de mais de sete décadas, não se configura como um fluxo contínuo e ascendente, mas sim como uma sucessão de ondas de interesse, marcadas por períodos de efervescência tradutória e outros de relativa estagnação. Esta seção se dedica a traçar essa evolução diacrônica, identificando quatro fases principais: os anos pioneiros (1950–1969), um período de expansão e diversificação (1970–1989), uma fase de retomada e consolidação (1990–2009), e, finalmente, o “boom” tradutório que caracteriza o século XXI (2010–2024). A análise de cada fase considerará as obras traduzidas, os tradutores e editoras proeminentes, os apoios institucionais e os contextos sociopolíticos e culturais que influenciaram a produção e a circulação dessas traduções. A base para esta análise cronológica são os dados compilados no banco de dados².

4.1.1 Os Anos Pioneiros (1950–1969): As Primeiras Incursões no Mercado Anglófono

Até a metade do século XX, a vasta obra ficcional de Machado de Assis permanecia virtualmente inédita para o público de língua inglesa. Com exceção de uns poucos contos traduzidos esparsamente, nenhum de seus romances havia transposto a barreira linguística de forma significativa (Guimarães, 2009; Patai, 1999). O cenário começa a mudar drasticamente no início da década de 1950, um período marcado por transformações geopolíticas no pós-Segunda Guerra Mundial e pelo alvorecer da Guerra Fria, que geraram um novo interesse, especialmente nos Estados Unidos, pela América Latina, tanto em termos estratégicos quanto culturais (Guimarães, 2023).

Foi nesse contexto que ocorreu um notável incremento de traduções, concentrado entre 1952 e 1954, protagonizado pela pequena, porém visionária, editora nova-iorquina Noonday Press (Guimarães, 2019, 2023). Em um curto intervalo de três anos, três dos mais importantes romances de Machado foram lançados no mercado norte-americano: *Epitaph of a Small Winner* (tradução de William L. Grossman para *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 1952), *Dom Casmurro. A novel* (tradução de Helen Caldwell, 1953) e *Philosopher or Dog?* (tradução de Clotilde Wilson para *Quincas Borba*, 1954). A simultaneidade e a escolha estratégica dessas obras centrais sugerem um esforço coordenado por parte dos editores da Noonday Press, Cecil Hemley e Arthur Cohen, possivelmente catalisado pelo entusiasmo de figuras como Helen Caldwell (Guimarães, 2019). A correspondência entre Caldwell e Hemley, analisada por Guimarães (2019), revela não apenas negociações editoriais, mas também um debate interpretativo sobre *Dom Casmurro*, indicando que o processo de tradução foi, desde o início, um ato de engajamento crítico. A rapidez com que a editora britânica W. H. Allen publicou essas mesmas traduções no Reino Unido (1953-1954) reforça a percepção de uma estratégia concertada para introduzir Machado em dois dos principais mercados anglófonos (Guimarães, 2023).

 ² https://heurisko.io/HEURIST/h4/?db=massis_en

Os tradutores pioneiros – William L. Grossman, Helen Caldwell e Clotilde Wilson – desempenharam um papel fundamental, não apenas como transpositores linguísticos, mas como verdadeiros mediadores culturais. Grossman, com seu título inventivo *Epitaph of a Small Winner*, buscou capturar a ironia machadiana para um público não familiarizado, uma escolha que reflete a necessidade de “marcar” (Bourdieu, 2002) a obra de uma literatura periférica de forma a torná-la mais palatável ou intrigante. Helen Caldwell, professora de latim e grego na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA), tornou-se uma espécie de “embaixadora literária” de Machado, defendendo sua obra e, notadamente, sua interpretação sobre a inocência de Capitu, que influenciaria a recepção de *Dom Casmurro* por décadas (Guimarães, 2019). Clotilde Wilson, professora de línguas românicas na Universidade de Washington, também contribuiu com ensaios que buscavam elucidar o universo machadiano para os leitores americanos (Guimarães & Oliveira, 2021).

O apoio, ainda que incipiente, de instituições brasileiras, como o Itamaraty, e a busca por legitimadores externos, como o crítico Waldo Frank, que prefaciou a edição de *Dom Casmurro* de 1953, demonstram a complexidade das redes envolvidas nessa introdução (Guimarães, 2019). Frank, escritor, crítico literário e ensaísta norte-americano nascido em 1889, conhecido por seu papel como ponte intelectual entre os Estados Unidos e a América Latina (Lino, 2009), ao comparar Machado aos grandes europeus, conferiu um selo de aprovação importante à obra. Essas primeiras traduções, portanto, foram mais do que meros atos linguísticos; foram operações culturais e editoriais complexas, refletindo os desafios de introduzir um autor “desconhecido” de uma literatura “periférica” em um campo literário central e competitivo³.

A década de 1960 viu a continuidade desse interesse inicial, embora com um ritmo diferente. O marco da década, contudo, foi a entrada dos contos machadianos no mercado anglófono com *The Psychiatrist & other stories* (trad. William L. Grossman e Helen Caldwell, 1963), publicada pela University of California Press (UCP). Esta publicação assinala também o crescente envolvimento das editoras universitárias, que se tornariam cruciais para a manutenção e expansão da presença de Machado. A UCP também lançou a tradução de *Esau and Jacob* por Helen Caldwell em 1965, enquanto a University Press of Kentucky (UPK) publicou *The Hand and the Glove*, traduzido por Albert I. Bagby Jr., em 1970 (já no início da próxima fase, mas refletindo o mesmo movimento). Apoios institucionais como o do Instituto Nacional do Livro (Brasil) e da Rockefeller Foundation são registrados para algumas dessas publicações, evidenciando a importância do fomento externo e interno.

A análise crítica deste período inicial revela um foco preliminar nos grandes romances da maturidade de Machado, seguido por uma primeira exploração de sua vasta contística. O sucesso relativo dessas incursões dependeu da paixão e dedicação de “agentes” específicos (tradutores, editores) e de um contexto geopolítico que, com a Guerra Fria, via a tradução como uma forma de “soft power” e de aproximação cultural entre os Estados Unidos e a América Latina (Cohn, 2023). No entanto, a recepção crítica inicial foi, nas palavras de Fitz (2012, p. 31), “extremamente complexa”, marcada por uma certa “inércia cultural” por parte de alguns críticos norte-americanos diante da sutileza e ironia de uma literatura brasileira ainda pouco conhecida.

³ Uma nova tradução de *Memórias Póstumas*, intitulada *Posthumous Reminiscences of Braz Cubas* (trad. E. Percy Ellis, 1955), curiosamente publicada pelo Instituto Nacional do Livro no Rio de Janeiro, pode indicar um esforço de alcançar um público internacional a partir do próprio Brasil ou atender a uma demanda bilíngue local.

4.1.2 Expansão e Diversificação (1970–1989): Consolidando a Presença Acadêmica e Explorando o Repertório

Após o impulso inicial das décadas de 1950 e 1960, o período entre 1970 e 1989 caracterizou-se por uma expansão mais gradual e uma diversificação do repertório machadiano disponível em inglês. Embora o ritmo de novas traduções de romances tenha diminuído em comparação com o surgimento anterior, esta fase foi crucial para consolidar a presença de Machado de Assis no meio acadêmico anglófono e para introduzir obras de diferentes fases de sua produção, incluindo romances menos canônicos e um foco renovado nos contos.

Helen Caldwell continuou a ser uma figura central, traduzindo *Counselor Ayres' Memorial* (*Memorial de Aires*), publicado pela University of California Press em 1972, e *Helena: a novel*, lançado pela mesma editora em 1984. A UCP, assim, reafirmou seu compromisso com a divulgação de um Machado mais completo. Outras editoras universitárias também desempenharam um papel importante, como a University Press of Kentucky (UPK), que publicou *The Hand and the Glove* (*A Mão e a Luva*), traduzido por Albert I. Bagby Jr. em 1970, e uma nova tradução de *Iaiá Garcia*, também por Bagby Jr., em 1977.

Curiosamente, *Iaiá Garcia* recebeu outra tradução quase simultânea, desta vez no Reino Unido: *Yaya Garcia: a novel*, por Robert L. Scott-Buccluch, publicada pela Peter Owen em Londres, em 1976. A Peter Owen, uma editora independente conhecida por seu catálogo de literatura estrangeira, também publicaria *The Wager. Aires' Journal* (uma nova versão de *Memorial de Aires*) por Scott-Buccluch em 1990, e *Dom Casmurro* (*Lord Taciturn*) em 1992, ambos do mesmo tradutor. Essa duplicidade na tradução de *Iaiá Garcia* em um curto intervalo de tempo pode sinalizar uma “descoberta” independente da obra por diferentes agentes ou uma incipiente competição editorial para trazer ao público anglófono o corpus machadiano de forma mais completa, à medida que os romances mais célebres já haviam sido vertidos.

A prosa curta de Machado também ganhou destaque neste período, notadamente com a coletânea *The Devil's church and other stories*, traduzida por Lorie Ishimatsu e Jack Schmitt, e publicada pela University of Texas Press em 1977. O apoio da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) a esta publicação é particularmente significativo. Tal chancela eleva Machado de Assis de um interesse puramente bilateral (Brasil-EUA/Reino Unido) a um patamar de reconhecimento por uma organização cultural multilateral, conferindo um tipo distinto de legitimação e sugerindo que sua obra começava a ser percebida como parte do patrimônio literário mundial, alinhando-se com as teorias de Casanova (Casanova, 2008) sobre os instrumentos de consagração internacional.

Apesar desses avanços, o fluxo de traduções durante os anos 1970 e 1980 foi mais moderado, com alguns hiatos perceptíveis, especialmente na década de 1980, que viu poucas novas traduções de romances. Isso pode ser atribuído a diversos fatores, como dificuldades editoriais, a retração de financiamentos após um primeiro ciclo de interesse, ou a percepção de que o público para Machado ainda era restrito a nichos acadêmicos e especializados. A importância dos tradutores com perfil acadêmico e conhecimento especializado da literatura brasileira tornou-se ainda mais evidente, pois eram eles que frequentemente impulsionavam projetos de tradução de obras menos conhecidas ou de maior complexidade.

Em suma, este período, embora menos espetacular em termos de volume de lançamentos de “best-sellers” machadianos, foi fundamental para a construção de uma imagem mais completa e variada de Machado de Assis para o leitor e estudioso anglófono. A diversificação do repertório traduzido, incluindo romances da primeira fase e um número crescente de contos, juntamente com a consolidação de sua presença em catálogos de prestigiosas editoras universitárias e o reconhecimento por entidades como a UNESCO, pavimentaram o caminho

para a retomada mais vigorosa e a canonização mais ampla que se observaria nas décadas seguintes.

4.1.3 Retomada e Consolidação (1990–2009): Novas Traduções dos Clássicos e o Papel da Oxford University Press

As duas últimas décadas do século XX e os primeiros anos do século XXI marcaram um período de significativa retomada e consolidação da obra de Machado de Assis no mundo anglófono. Caracterizou-se pela publicação de novas traduções dos seus romances mais canônicos, pela entrada de editoras de grande prestígio como a Oxford University Press (OUP) de forma mais sistemática, e por um incipiente, porém mais visível, apoio de instituições brasileiras ao fomento da tradução.

Houve um claro movimento de revisitar e oferecer novas versões dos “carros-chefes” machadianos. Obras menos traduzidas, como *Memorial de Aires*, foram revisitadas, como em *The Wager. Aires’ Journal*, traduzido por Scott-Bucleuch em 1990 pela Peter Owen. *Dom Casmurro* recebeu duas novas traduções: uma por Robert L. Scott-Bucleuch, já mencionada, publicada pela Peter Owen em 1992 com o sugestivo subtítulo “Lord Taciturn”, e outra por John Gledson, lançada pela Oxford University Press em 1997. A tradução de Scott-Bucleuch, que contou com apoio da Vitae – Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social e do Instituto Nacional do Livro/Ministério da Cultura do Brasil, ilustra um esforço de “exportação cultural” patrocinado. A versão de Gledson, por sua vez, inseriu-se no ambicioso projeto da OUP, a Library of Latin America. Esta mesma série da OUP foi responsável por trazer novas traduções de *The Posthumous Memoirs of Bras Cubas: a novel* (trad. Gregory Rabassa, 1997), *Quincas Borba* (trad. Gregory Rabassa, 1998) e *Esau and Jacob* (trad. Elizabeth Lowe, 2000).

A atuação da Oxford University Press, com sua Library of Latin America, foi particularmente estratégica. Conforme descrito na “Series Editors’ General Introduction”, a série, que recebeu suporte de fundações como Lampadia, Andrew W. Mellon e Rockefeller Foundation, visava difundir autores do século XIX em língua espanhola e portuguesa que estivessem “negligenciados no mundo de língua inglesa”⁴ (Franco & Graham, 1997, p. vii). A OUP ofereceu edições críticas, com introduções e notas explicativas, direcionadas a um público universitário, contextualizando Machado como parte de um conjunto de autores que contribuíram para a formação das nações latino-americanas (Franco & Graham, 1997). Essa “marcação”, embora legitimadora, também tendia a “regionalizar” Machado, enquadrando-o primariamente como um autor latino-americano, o que, por um lado, facilitava sua inserção em currículos de Estudos Latino-Americanos, mas, por outro, poderia limitar sua percepção imediata como um clássico de estatura mundial comparável a seus contemporâneos europeus.

Além dos romances principais, a prosa curta continuou a receber atenção, com destaque para a coletânea *A chapter of hats and other stories*, traduzida pelo especialista John Gledson e publicada pela Bloomsbury em 2008.

Este período assinalou a consolidação de Machado de Assis como um autor canônico, especialmente no meio acadêmico anglófono. O envolvimento de editoras de grande prestígio como a OUP e a participação de tradutores renomados como Gregory Rabassa (apesar das críticas posteriores de Gledson à sua tradução de *Memórias Póstumas* (Gledson, 2012, 2013) e John Gledson foram cruciais para essa legitimação. A multiplicidade de traduções de uma mesma obra, como no caso de *Dom Casmurro*, por diferentes editoras e com apoios distintos, sugere um interesse renovado, possivelmente impulsionado por diferentes nichos de mercado – um mais comercial/independente e outro mais acadêmico. Esse fenômeno pode ser um

⁴ “The Library of Latin America series makes available in translation major nineteenth-century authors whose work has been neglected in the English speaking world”.

indicativo de crescente canonização, em que diferentes agentes disputam o “direito” de apresentar o autor, refletindo as dinâmicas de um campo literário em que o reconhecimento de um autor periférico começa a gerar um ciclo de interesse e novas publicações.

O debate sobre a qualidade das traduções também se intensificou, com críticos como Daphne Patai (1999) e John Gledson (2013) expondo problemas em algumas versões e defendendo abordagens mais fiéis ou mais adequadas ao estilo machadiano. Isso reflete um maior escrutínio crítico e uma crescente maturidade nos estudos da tradução machadiana.

Em síntese, os anos 1990 e 2000 foram um ponto de virada, em que Machado de Assis começou a ir além do nicho puramente acadêmico para ocupar espaço também no catálogo de grandes editoras internacionais⁵. O apoio financeiro, tanto de instituições brasileiras quanto de fundações internacionais, desempenhou um papel visível nesse processo, que preparou o terreno para o “boom” tradutório da década seguinte.

4.1.4 O “Boom” Tradutório e a Canonização Global (2010–2024): Machado para o Século XXI

A partir de 2010, e intensificando-se ao longo da década até o presente (2024), a presença de Machado de Assis no mercado de língua inglesa experimentou um crescimento sem precedentes, configurando o que pode ser descrito como um verdadeiro “boom” tradutório. Este período é marcado por um “salto qualitativo e quantitativo” no número de novas traduções, reedições e, sobretudo, antologias de contos, contribuindo para consolidar Machado como um “clássico universal” e garantindo que praticamente todo o seu corpus ficcional se tornasse acessível ao leitor anglófono.

Uma característica proeminente desta fase é a multiplicidade de retraduições dos grandes romances, um fenômeno típico de autores consagrados. *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* recebeu novas versões por Neil McArthur (edição digital, Lexicos, 2018), Flora Thomson-DeVeaux (Penguin Books, 2020) – esta última com grande repercussão crítica e comercial – e pela dupla Margaret Jull Costa e Robin Patterson (Liveright Publishing Corporation, 2020). *Dom Casmurro* também foi retraduzido por Neil McArthur (edição digital, Lexicos, 2018) e por Costa e Patterson (Liveright, 2023), e *Quincas Borba* pela mesma dupla Costa e Paterson (Liveright, 2024). Essa profusão de novas leituras dos textos canônicos indica não apenas a vitalidade da obra machadiana, mas também uma percepção por parte das editoras de um mercado leitor interessado em diferentes abordagens tradutórias.

Obras que anteriormente possuíam poucas ou nenhuma tradução em inglês também foram contempladas. *Resurrection (Ressurreição)*, o romance de estreia de Machado, recebeu sua primeira tradução integral por Karen Sherwood Sotelino em 2013 (Latin American Literary Review Press). A novela *Casa Velha* foi publicada em edição bilingue como *Casa Velha/The Old House*, traduzida por Mark Carlyon (Cidade Viva, 2010), curiosamente uma publicação baseada no Rio de Janeiro, o que pode indicar estratégias de alcançar um público específico ou um projeto com financiamento local.

Contudo, o aspecto mais distintivo deste período é a explosão de coletâneas de contos. Uma sucessão de antologias foi lançada, revelando a riqueza e diversidade da prosa curta machadiana a um público mais amplo. Entre elas, destacam-se: *The Alienist* (reedição da tradução de Grossman pela Melville House Publishing, 2012), *The alienist and other stories of nineteenth-century Brazil* (trad. John Charles Chasteen, Hackett Publishing Company, 2013), *Ex Cathedra: Stories by Machado de Assis* (um projeto coletivo com múltiplos tradutores, New London Librarium, 2014), *Joaquim Maria Machado de Assis: stories* (trad. Rhett Mcneil, Dalkey

⁵ Não é objetivo da tese mapear também as reedições das traduções ao longo das últimas décadas, mas vale ressaltar que diversas reedições foram registradas por Guimarães (2023) e Jackson (2006), que documentaram em parte essas ocorrências.

Archive Press, 2014), *Midnight mass and other stories* (trad. Juan LePuen, Fario, 2014), *Miss Dollar: Stories by Machado de Assis* (trad. Ana Lessa-Schmidt e Greicy Pinto Bellin, New London Librarium, 2016), a monumental *The collected stories of Machado de Assis* (trad. Margaret Jull Costa e Robin Patterson, Liveright, 2018), *Trio in A-Minor: Five Stories by Machado de Assis* (trad. Glenn Alan Cheney e Ana Lessa-Schmidt, New London Librarium, 2018), *Machado de Assis: 26 stories* (Costa & Patterson, Liveright, 2019), e *The Looking-Glass: Essential Stories* (trad. Daniel Hahn, Pushkin Press, 2022)⁶. Essa profusão de coletâneas de contos sugere uma estratégia editorial para alcançar leitores que preferem formatos mais curtos e para apresentar a amplitude temática e estilística de Machado para além de seus romances mais conhecidos.

Este “boom” foi impulsionado por uma conjunção de fatores. O centenário de morte de Machado de Assis em 2008 atuou como um “ponto de inflexão”, catalisando o interesse internacional. Crucialmente, este período viu o fortalecimento e a eficácia de políticas de apoio à tradução, em particular o Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, gerido pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN) (Feres & Brisolará, 2016). Diversas publicações, especialmente as antologias de contos lançadas por editoras independentes como New London Librarium e Dalkey Archive Press, receberam apoio explícito da FBN e do Ministério da Cultura do Brasil. Esse fomento estatal direcionado, focado em disseminar a obra de Machado através de múltiplos canais e formatos, e não apenas por meio das grandes editoras para os romances, demonstra uma política cultural brasileira mais assertiva e eficaz na promoção de seus autores canônicos no exterior.

Novos agentes editoriais e tradutores também emergiram com destaque. Editoras de grande alcance como a Liveright Publishing Corporation (um selo da W. W. Norton) e a Penguin Books (com sua influente chancela Penguin Classics) passaram a investir consideravelmente em Machado, sinalizando sua entrada consistente no mercado editorial mais amplo. Ao mesmo tempo, um conjunto de editoras independentes (New London Librarium, Dalkey Archive Press, Melville House, Pushkin Press, Fario, Hackett) contribuiu para a diversidade de edições, muitas vezes explorando nichos específicos ou oferecendo abordagens mais artesanais. Essa coexistência entre grandes conglomerados e editoras independentes enriqueceu o “modo de acesso” a Machado, oferecendo múltiplas “portas de entrada” para diferentes perfis de leitores. Uma nova geração de tradutores, incluindo a prolífica parceria de Margaret Jull Costa e Robin Patterson, Flora Thomson-DeVeaux e Daniel Hahn, além de coletivos de tradutores para as antologias, trouxe novas vozes e sensibilidades para a interpretação de Machado em inglês.

A discussão sobre a dimensão racial de Machado também ganhou proeminência neste período, com novas traduções e paratextos abordando mais explicitamente sua identidade afrodescendente e as implicações disso em sua obra, refletindo uma maior sensibilidade contemporânea a essas questões (Santos & Daniel, 2022).

Em suma, o período de 2010 a 2024 consolida Machado de Assis não apenas como um autor para especialistas, mas como uma presença constante no mercado de língua inglesa. As dinâmicas de poder aqui se manifestam na competição entre editoras, na influência de políticas de fomento cultural e na capacidade dos tradutores de oferecer leituras renovadas que dialoguem com as preocupações e o gosto do público do século XXI. A obra de Machado, antes

⁶ Embora Freitas e Costa (2028) mencionem a antologia *A Machado de Assis Anthology* (2011), organizada por Rosalia Garcia, optamos por não incluí-la na descrição detalhada neste trabalho, por não termos conseguido localizá-la em acervos especializados ou bibliográficos. Constatamos apenas uma edição disponível na Amazon (<https://www.amazon.com/-/es/Joaquim-Maria-Assis-ebook/dp/B0C9V7S2L4>), de 2023, sem dados completos da publicação, como local e editora, o que reforça a limitação de acesso à obra.

uma joia literária confinada em grande parte às suas fronteiras linguísticas, parece ter finalmente alcançado uma circulação global condizente com sua estatura.

A seguir, são apresentadas as tabelas 4 e 5, que sintetizam os dados cronológicos discutidos nesta seção.

Tabela 4. Linha do Tempo das Principais Traduções de Obras de Ficção de Machado de Assis para o Inglês (1950-2024)

Ano	Título Original (quando aplicável)	Título em Inglês	Tradutor(a)	Editadora Principal	Local de Publicação	Gênero	Apoios, quando informado
1952	<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	Epitaph of a small winner	Grossman, William L.	Noonday Press	Nova Iorque	Romanço	
1953	<i>Dom Casmurro</i>	Dom Casmurro. A novel	Caldwell, Helen	Noonday Press	Nova Iorque	Romanço	
1954	<i>Quincas Borba</i>	Philosopher or dog? (Quincas Borba)	Wilson, Clotilde	Noonday Press	Nova Iorque	Romanço	
1955	<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	Posthumous Reminiscences of Brás Cubas	Ellis, E. Percy	Instituto Nacional do Livro	Rio de Janeiro	Romanço	Instituto Nacional do Livro
1963	Contos	The psychiatrist & other stories	Grossman, William L., Caldwell, Helen	University of California Press	Berkeley, Los Angeles	Antologia de Contos	Rockefeller Foundation
1965	<i>Esaú e Jacó</i>	Esau and Jacob	Caldwell, Helen	University of California Press	Berkeley, Los Angeles	Romanço	Rockefeller Foundation
1970	<i>A Mão e a Luva</i>	The Hand and the Glove	Bagby Jr., Albert I.	UPK: University Press of Kentucky	Lexington	Romanço	
1972	<i>Memorial de Aires</i>	Counselor Ayres' Memorial	Caldwell, Helen	University of California Press	Los Angeles, Berkeley, Londres	Romanço	
1976	<i>Iaiá Garcia</i>	Yaya Garcia: a novel	Scott-Buccleuch, Robert L.	Peter Owen	Londres	Romanço	
1977	<i>Iaiá Garcia</i>	Iaiá Garcia	Bagby Jr., Albert I.	UPK: University	Lexington	Romanço	

1977	Contos	The devils's church and other stories	Ishimatsu, Lorie, Schmitt, Jack	University Press of Kentucky	Austin, Londres	Antologia de Contos	UNESCO, Pan American Sulphur Company
1984	<i>Helena</i>	Helena: a novel	Caldwell, Helen	University of California Press	Berkeley, Los Angeles, Londres	Romanço	
1990	<i>Memorial de Aires</i> (possivelmente)	The wager. Aires' Journal	Scott-Buccleuch, Robert L.	Peter Owen	Londres	Romanço	
1992	<i>Dom Casmurro</i>	Dom Casmurro (Lord Taciturn)	Scott-Buccleuch, Robert L.	Peter Owen	Londres	Romanço	Vitae, Instituto Nacional do Livro/Ministério da Cultura
1997	<i>Dom Casmurro</i>	Dom Casmurro: a novel	Gledson, John	Oxford University Press	Oxford, Nova Iorque	Romanço	Lampadia Foundation, Andrew W. Mellon Foundation, Rockefeller Foundation, Institute of Latin American Studies University of Texas at Austin
1997	<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	The Posthumous Memoirs of Brás	Rabassa, Gregory	Oxford University Press	Nova Iorque, Oxford	Romanço	Lampadia Foundation,

		Cubas: a novel					Andrew W. Mellon Foundation, Rockefeller Foundation, Institute of Latin American Studies University of Texas at Austin
1998	<i>Quincas Borba</i>	Quincas Borba	Rabassa, Gregory	Oxford University Press	Nova Iorque, Oxford	Romança	Lampadia Foundation, Andrew W. Mellon Foundation, Rockefeller Foundation, Institute of Latin American Studies University of Texas at Austin
2000	<i>Esaú e Jacó</i>	Esau and Jacob	Lowe, Elizabeth	Oxford University Press	Oxford, Nova Iorque	Romança	Lampadia Foundation, Andrew W. Mellon Foundation, Rockefeller Foundation, Institute of Latin



2008	Contos	A chapter of hats and other stories	Gledson, John	Bloomsbury	Londres	Antologia de Contos	American Studies University of Texas at Austin
2010	<i>Casa Velha</i>	Casa Velha/The Old House	Carlyon, Mark	Cidade Viva	Rio de Janeiro	Novela	
2012	<i>O Alienista</i>	The Alienist	Grossman, William L. (reedição)	Melville House Publishing	Nova Iorque	Conto/Novela	
2013	<i>Ressurreição</i>	Resurrection	Sotelino, Karen Sherwood	Latin American Literary Review Press	Pittsburgh	Romança	
2013	Contos	The alienist and other stories...	Chasteen, John Charles	Hackett Publishing Company	Indianapolis	Antologia de Contos	
2014	Contos	Ex cathedra: Stories by Machado de Assis	Brown, L. C., Brune, K., Cheney, G. A. et al.	Fogão de Lenha, New London Librarium	Hanover, Retiro das Pedras	Antologia de Contos	BN: Ministério da Cultura do Brasil Fundação Biblioteca Nacional
2014	Contos	Joaquim Maria Machado de Assis: stories	Mcneil, Rhett	Dalkey Archive Press	Champaign, Londres, Dublin	Antologia de Contos	BN: Ministério da Cultura do Brasil Fundação Biblioteca Nacional

2014	Contos	Midnight mass and other stories	LePuen, Juan	Fario		Antologia de Contos	
2016	Contos	Miss Dollar: Stories by Machado de Assis	Lessa-Schmidt, Ana, Bellin, Greicy Pinto	New London Librarium	Hanover	Antologia de Contos	BN: Ministério da Cultura do Brasil Fundação Biblioteca Nacional
2018	Contos	The collected stories of Machado de Assis	Patterson, Robin, Costa, Margaret Jull	Liveright Publishing Corporation	Nova Iorque	Antologia de Contos	
2018	Contos	Trio in A-Minor: Five Stories by Machado de Assis	Cheney, Glenn Alan, Lessa-Schmidt, Ana	New London Librarium	Hanover	Antologia de Contos	
2018	<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas Dom Casmuro</i>	The posthumous memoirs of Brás Cubas: a novel Dom Casmurro: English Edition	McArthur, Neil	Lexicos Press	Não identificcado	Romanço	
2019	Contos	Machado de Assis: 26 stories	Costa, Margaret Jull, Patterson, Robin	Liveright Publishing Corporation	Nova Iorque	Antologia de Contos	
2020	<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	The posthumous memoirs of Brás Cubas	Thomson-DeVeaux, Flora	Penguin Books	Nova Iorque	Romanço	
2020	<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	Posthumous memoirs of Brás Cubas: a novel	Costa, Margaret Jull, Patterson, Robin	Liveright Publishing Corporation	Nova Iorque	Romanço	

2022	Contos	The Looking-Glass: Essential Stories	Hahn, Daniel	Pushkin Press	Londres	Antologia de Contos	
2023	<i>Dom Casmurro</i>	Dom Casmurro: a novel	Costa, Margaret Jull, Patterson, Robin	Liveright Publishing Corporation	Nova Iorque	Romance	
2024	<i>Quincas Borba</i>	Quincas Borba	Costa, Margaret Jull, Patterson, Robin	Liveright Publishing Corporation	Nova Iorque	Romance	

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Heurist (massis_en. Heurist V6.7.2). Títulos de contos individuais dentro das antologias não foram listados para brevidade.

Tabela 5. Número de Novas Traduções de Obras de Ficção de Machado de Assis para o Inglês por Década (1950-2024), por Gênero

Década	Nº de Romances	Nº de Antologias de Contos/Novelas	Total de Novas Traduções de Ficção
1950-1959	4	0	4
1960-1969	2	1	3
1970-1979	4	1	5
1980-1989	1	0	1
1990-1999	5	0	5
2000-2009	1	1	2
2010-2019	4	8	12
2020-2024	4	1	5
Total	25	12	37

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos dados da Tabela 3.1 e Heurist (massis_en. Heurist V6.7.2). Considera-se “nova tradução” a primeira publicação de uma tradução específica de uma obra ou coletânea. Reedições da

mesma tradução não são contadas como novas, a menos que representem uma revisão substancial ou uma nova coletânea. O conto/novela “The Alienist” (2012) foi contado como antologia/novela.

As tabelas acima ilustram a evolução cronológica e a distribuição por gênero das traduções machadianas. Observa-se claramente os picos de atividade nas décadas de 1950 (introdução dos romances), 1970 (expansão e contos), 1990 (retomada dos clássicos) e, de forma mais expressiva, o “boom” da década de 2010, com uma notável profusão de antologias de contos e a contínua retradução dos romances. A década de 1980 e, em menor medida, a de 2000, aparecem como períodos de menor produção de *novas* traduções, o que pode indicar um foco em reedições ou uma menor atividade editorial para títulos inéditos em inglês naquele momento.

4.2 PANORAMA TIPOLÓGICO DAS TRADUÇÕES: OBRAS, AGENTES E ESTRATÉGIAS EDITORIAIS

Além da dimensão cronológica, uma cartografia das traduções machadianas para o inglês requer uma análise tipológica, que examine as características das obras traduzidas, o perfil dos agentes envolvidos (tradutores e editoras) e as estratégias editoriais e paratextuais empregadas na apresentação de Machado de Assis ao público anglófono. Esta seção aprofunda-se nesses aspectos, buscando identificar padrões e particularidades que revelam como a obra machadiana foi moldada e mediada em seu percurso internacional. A análise baseia-se nos dados do inventário de traduções e nas discussões críticas e teóricas apresentadas nos capítulos anteriores.

4.2.1 O Corpus Traduzido: Obras e Gêneros em Foco

A análise do corpus de obras de Machado de Assis traduzidas para o inglês revela uma clara hierarquia de interesse, com certos romances recebendo atenção prioritária e múltipla, enquanto outros gêneros e obras específicas tiveram uma trajetória de tradução mais tardia ou esporádica.

Quantitativamente, os romances da chamada “trilogia realista” – *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro* – destacam-se como os mais frequentemente traduzidos e retraduzidos, seguidos de perto por *Quincas Borba* e, em menor medida, *Esau e Jacó*. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por exemplo, conta com pelo menos 6 traduções distintas listadas entre 1952 e 2020 (*Epitaph of a small winner*, 1952; *Posthumous Reminiscences of Braz Cubas*, 1955; *The Posthumous Memoirs of Bras Cubas: a novel*, 1997; *The posthumous memoirs of Brás Cubas*, 2018; *The posthumous memoirs of Brás Cubas*, 2020; *Posthumous memoirs of Brás Cubas: a novel*, 2020). *Dom Casmurro* também apresenta múltiplas versões (1953, 1992, 1997, 2018, 2023). Essa persistente retradução dos mesmos romances centrais, especialmente nas últimas décadas, não apenas atesta a consagração dessas obras como pilares da produção machadiana, mas também sugere uma dinâmica de disputa simbólica e comercial no campo editorial anglófono pelo “Machado definitivo” em inglês. Cada nova tradução representa uma tentativa de oferecer uma leitura renovada, mais “fiel”, “atual” ou estilisticamente atraente, e, simultaneamente, de capitalizar sobre um nome já estabelecido no cânone literário. Esse fenômeno é característico de autores que alcançam um considerável grau de reconhecimento internacional, em que diferentes editoras e tradutores buscam se destacar ao apresentar sua própria versão do clássico.

As escolhas de títulos em inglês para essas obras também são reveladoras das estratégias de “marcação” (Bourdieu, 2002) empregadas para introduzir Machado a um público não familiarizado. A tradução de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* como *Epitaph of a Small*

Winner por William L. Grossman em 1952 é um exemplo emblemático: o título original, mais descritivo, deu lugar a uma formulação mais evocativa e irônica, buscando talvez sinalizar o tom peculiar da obra e despertar a curiosidade do leitor. Similarmente, a tradução de *Quincas Borba* como *Philosopher or Dog?* por Clotilde Wilson em 1954 destacava o dilema filosófico central do romance, possivelmente visando um público interessado em literatura de ideias. A adição do subtítulo “(Lord Taciturn)” à tradução de *Dom Casmurro* por Scott-Bucleuch em 1992 foi uma tentativa, ainda que controversa, de verter o significado do apelido do protagonista (Costa, 2016). Essas variações indicam que, especialmente nas fases iniciais, havia uma preocupação em adaptar a apresentação das obras às expectativas ou ao universo referencial do público anglófono, uma prática comum na mediação de obras de culturas consideradas periféricas. Com a crescente canonização de Machado, observa-se uma tendência maior a manter os títulos originais ou traduções mais literais, como nas versões mais recentes de *Quincas Borba* (1998, 2024) e *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* (1997, 2020).

Os contos de Machado de Assis, embora reconhecidos por sua maestria, tiveram uma trajetória de tradução um pouco diferente. Após uma primeira incursão em 1963 com *The Psychiatrist & other stories*, houve um fluxo constante, porém menos intenso que o dos romances, até a década de 2010, quando se observa uma verdadeira “explosão” de coletâneas. Esse aumento expressivo no número de antologias de contos nas últimas décadas pode ser atribuído a múltiplos fatores: o reconhecimento da importância da prosa curta machadiana, a estratégia de editoras (especialmente as independentes) de oferecer formatos mais acessíveis ou tematicamente curados, e o apoio de programas de fomento à tradução que podem ter priorizado projetos de menor fôlego ou com potencial para alcançar um público mais diversificado.

Outros gêneros da vasta produção ficcional de Machado, como suas primeiras novelas ou romances da fase dita romântica, tiveram uma entrada ainda mais tardia e seletiva no mercado anglófono. Obras como *A Mão e a Luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia* foram traduzidas principalmente entre as décadas de 1970 e 1980, muitas vezes por editoras universitárias, preenchendo lacunas no conhecimento da trajetória completa do autor. A tradução de *Ressurreição* apenas em 2013 e de *Casa Velha* em 2010 exemplifica esse movimento de completar o corpus machadiano em inglês. A poesia, o teatro e a imensa produção cronística de Machado, por outro lado, permanecem largamente sub-representados em tradução para o inglês, indicando que o foco da internacionalização tem sido predominantemente sua ficção narrativa (romances e contos).

Essa seletividade e a hierarquia de tradução das obras refletem, em parte, a própria percepção canônica de Machado no Brasil, onde a trilogia realista (*Memórias Póstumas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*) e seus contos mais célebres são considerados o ápice de sua produção. No entanto, também revelam as lógicas do mercado editorial internacional, que tende a priorizar obras com maior potencial de reconhecimento e apelo comercial, ou aquelas que se encaixam em determinados projetos editoriais (como séries de clássicos ou de literatura regional). Para o leitor anglófono, essa multiplicidade de traduções dos romances canônicos é, sem dúvida, positiva, pois oferece uma variedade de escolhas e abordagens. Para a pesquisa, contudo, ela sublinha que a “obra” de Machado em inglês não é uma entidade monolítica, mas um conjunto dinâmico de diferentes versões e mediações, cada qual com sua própria voz e impacto potencial na recepção.

4.2.2 Os Tradutores como Mediadores Culturais: Perfis e Abordagens

A transposição da obra de Machado de Assis para o inglês é indissociável da figura dos seus tradutores, que atuam não como meros decodificadores linguísticos, mas como mediadores culturais complexos, cujas escolhas interpretativas e estilísticas moldam profundamente a recepção do autor no novo contexto. O panorama dos tradutores machadianos para o inglês

revela um grupo diversificado de indivíduos, desde acadêmicos especializados e tradutores literários consagrados até colaborações pontuais e coletivos em projetos de antologias.

Entre os nomes que se destacam pela prolificidade ou pela influência de suas traduções, podemos citar Helen Caldwell e William L. Grossman como pioneiros nas décadas de 1950 e 1960, com Caldwell notabilizando-se também por sua produção crítica sobre Machado. Clotilde Wilson, com sua tradução de *Quincas Borba* em 1954, também integra esse grupo inicial. Nas décadas seguintes, surgem tradutores como Albert I. Bagby Jr., Robert L. Scott-Buccluch (cujas intervenções em *Dom Casmurro* geraram considerável debate crítico [Gledson, 2013; Krause, 2015; Kremer, 2007]), e os renomados Gregory Rabassa e John Gledson, que nos anos 1990 e 2000 ofereceram novas versões dos romances canônicos, frequentemente associados à Oxford University Press. Mais recentemente, a nova geração de tradutores inclui a profícua parceria de Margaret Jull Costa e Robin Patterson (responsáveis por um extenso projeto de retradução da obra machadiana para a editora Liveright), Flora Thomson-DeVeaux (cuja tradução de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para a Penguin Classics obteve grande destaque), Daniel Hahn, e um número significativo de tradutores que contribuíram para as diversas antologias de contos.

O perfil desses tradutores varia consideravelmente. Muitos possuem formação acadêmica em literatura ou estudos brasileiros/latino-americanos (como Caldwell, Gledson, Sotelino), o que influencia sua abordagem, frequentemente marcada por um profundo conhecimento do contexto histórico-literário de Machado e uma preocupação com a fidelidade interpretativa. Outros são tradutores literários profissionais com vasta experiência em verter autores de língua portuguesa ou espanhola (como Rabassa, Costa, Hahn), trazendo consigo um apurado senso estilístico e um conhecimento das expectativas do mercado editorial anglófono. A trajetória de cada tradutor e sua relação específica com a obra machadiana – seja por afinidade intelectual, encomenda editorial ou engajamento acadêmico – inevitavelmente se reflete em suas escolhas tradutórias.

As abordagens tradutórias adotadas ao longo de mais de sete décadas também apresentam uma rica diversidade, oscilando entre polos de maior literalidade ou fidelidade ao texto-fonte e estratégias de maior adaptação ou domesticação às normas e ao gosto do público-alvo. As primeiras traduções, por exemplo, por vezes recorriam a explicações mais diretas ou a uma certa simplificação para tornar o texto mais acessível a um leitorado ainda pouco familiarizado com a cultura brasileira ou com a complexidade machadiana. O uso de notas de rodapé ou glossários para elucidar referências culturais, nomes próprios ou expressões idiomáticas variou consideravelmente entre as diferentes traduções e edições, refletindo tanto as preferências do tradutor quanto as políticas editoriais de cada casa publicadora.

Casos específicos ilustram a gama de estratégias e os debates que elas suscitam. A tradução de *Dom Casmurro* por R. L. Scott-Buccluch, que suprimiu nove capítulos do original, representa um exemplo extremo de intervenção domesticadora, amplamente criticada por comprometer a integridade da obra (Krause, 2015; Patai, 1999). Em contraste, traduções mais recentes, como a de Flora Thomson-DeVeaux para *Memórias Póstumas*, demonstram uma disposição em manter a “estranheza” do original, inclusive ao traduzir de forma mais explícita termos relacionados à escravidão, e ao mesmo tempo buscar uma fluidez que ressoe com o leitor contemporâneo, utilizando um aparato paratextual (como um posfácio e notas) para contextualizar e aprofundar a leitura (Santos & Daniel, 2022). A evolução dessas abordagens parece refletir não apenas mudanças nas teorias e práticas da tradução ao longo do tempo, mas também uma crescente confiança na capacidade do público anglófono de se engajar com a alteridade cultural e com a sofisticação estilística de Machado de Assis.

As parcerias editoriais também são um fator relevante. Alguns tradutores estabeleceram relações duradouras com determinadas editoras, como Helen Caldwell com a University of California Press, ou, mais recentemente, Margaret Jull Costa e Robin Patterson com a Liveright Publishing. Essas colaborações podem levar à publicação de um conjunto mais coeso da obra de um autor, mas também podem influenciar as abordagens tradutórias adotadas, que precisam se alinhar com o perfil e os objetivos da editora. A recorrência de certos tradutores trabalhando em múltiplas obras de Machado pode levar à formação de um “cânone de tradutores machadianos”, cujas vozes e interpretações se tornam fortemente associadas às do próprio autor na língua inglesa. Isso, por um lado, pode conferir consistência à apresentação de Machado, mas, por outro, pode limitar a diversidade de leituras se outras abordagens tradutórias encontrarem menos espaço para publicação.

Em última análise, as escolhas dos tradutores – desde a seleção lexical e sintática até a decisão sobre o que explicar em nota ou como recriar a ironia e o ritmo machadianos – têm um impacto direto na maneira como Machado de Assis é percebido, compreendido e apreciado no mundo anglófono. O tradutor, como bem aponta Thomsom-DeVeaux (2023), funciona como um “leitor privilegiado” e o “primeiro crítico” da obra, e suas decisões não são meramente técnicas, mas atos interpretativos com consequências significativas para a recepção e a canonização internacional do autor. A figura do tradutor é, portanto, absolutamente central na “construção” de Machado de Assis para o público de língua inglesa.

4.2.3 O Campo Editorial Anglófono: Perfis e Estratégias das Editoras

A inserção e a consolidação de Machado de Assis no mercado de língua inglesa foram impulsionadas por uma variedade de editoras, cada uma com seu perfil, estratégias e contribuições específicas para a difusão da obra machadiana. A análise do campo editorial anglófono que acolheu Machado revela uma trajetória que, em muitos aspectos, espelha o processo de canonização de autores de literaturas periféricas: um início frequentemente marcado pela atuação de editoras menores, independentes ou acadêmicas, seguido, à medida que o autor ganha reconhecimento e capital simbólico, pela entrada de grandes casas editoriais com maior poder de distribuição e marketing.

As editoras pioneiras, como a Noonday Press nos Estados Unidos na década de 1950, desempenharam um papel decisivo ao “descobrir” Machado para o público anglófono e ao lançar as primeiras traduções de seus romances mais importantes (Guimarães, 2023). Eram casas editoriais de médio ou pequeno porte, muitas vezes com um forte interesse em literatura internacional e dispostas a assumir riscos com autores ainda pouco conhecidos no mercado local. A Peter Owen Publishers em Londres, que publicou Machado a partir da década de 1970, também se enquadra nesse perfil de editora independente com foco em literatura estrangeira de qualidade. Mais recentemente, editoras independentes como New London Librarium, Fario, Dalkey Archive Press, Melville House Publishing e Pushkin Press continuaram a desempenhar um papel vital, especialmente na publicação de coletâneas de contos ou edições de nicho, explorando facetas da obra machadiana que talvez não atraíssem imediatamente os grandes conglomerados. Essas editoras frequentemente operam com uma lógica que privilegia o valor literário e a diversidade cultural, mesmo que o retorno comercial não seja garantido.

As editoras universitárias constituem outro pilar fundamental na trajetória de Machado em inglês. A University of California Press (UCP), a University Press of Kentucky (UPK) e a University of Texas Press foram cruciais nas décadas de 1960 e 1970, publicando não apenas novas traduções de romances (incluindo obras menos canônicas como *Helena* e *Iaiá Garcia*), mas também importantes coletâneas de contos e estudos críticos (como o livro de Helen Caldwell sobre Machado, lançado pela UCP) (Guimarães, 2023; Macedo, 2023). A Oxford

University Press (OUP) teve uma participação destacada a partir dos anos 1990, notadamente com sua série *Library of Latin America*, que, embora com um foco regional, conferiu um selo de prestígio acadêmico às traduções de Machado e facilitou sua adoção em cursos universitários. O foco dessas editoras é frequentemente em edições críticas, com forte aparato paratextual, visando um público acadêmico e contribuindo para a legitimação intelectual do autor (Wood, 2006).

A partir dos anos 2000, e com particular intensidade na década de 2010, observa-se a entrada decisiva de grandes editoras comerciais e conglomerados no campo da tradução machadiana. A tentativa da Avon Books de republicar traduções nos anos 1980, embora comercialmente mal sucedida na época (Gledson, 2013), pode ser vista como um prenúncio desse movimento. A Oxford University Press, para além de sua série mais acadêmica, também publica Machado em suas coleções de clássicos de alcance mais geral. No entanto, o marco mais significativo é a atuação recente da Penguin Books (com sua chancela *Penguin Classics*, que publicou a aclamada tradução de *Memórias Póstumas* por Flora Thomson-DeVeaux em 2020) e da Liveright Publishing Corporation (um selo da W. W. Norton, que embarcou em um ambicioso projeto de retradução de múltiplos romances e coletâneas de contos por Margaret Jull Costa e Robin Patterson desde 2018). O investimento dessas grandes casas editoriais sinaliza que Machado de Assis atingiu um patamar de reconhecimento que o torna um “ativo literário” valioso, cujo nome e obra são capazes de gerar vendas e agregar prestígio ao catálogo da editora. Essas editoras possuem um poder de marketing e distribuição global que amplia enormemente o alcance de Machado, levando-o a um público muito mais vasto do que o anteriormente restrito a círculos acadêmicos ou literários especializados.

As estratégias editoriais variam consideravelmente. A publicação em coleções específicas, como a “*Library of Latin America*” da OUP ou a “*Penguin Classics*”, tem implicações diretas na imagem de Machado: a primeira o situa no contexto da literatura latino-americana do século XIX (Franco & Graham, 1997), enquanto a segunda o eleva ao panteão dos clássicos mundiais, ao lado de autores canônicos de diversas tradições. As políticas de capa, o material promocional e as decisões sobre retradução são todas escolhas estratégicas que moldam a percepção e a circulação do autor. A competição entre diferentes editoras por publicar Machado, especialmente com múltiplas traduções dos mesmos romances nas últimas décadas, é um forte indicador de sua consolidação no mercado e de sua percebida relevância contínua.

Em suma, as editoras não são meras transmissoras passivas da obra de Machado de Assis, mas agentes ativos e poderosos na construção de sua reputação internacional. Suas escolhas – quais obras traduzir, em que formato, com que paratextos, em que coleções, com que estratégias de marketing – são cruciais para o processo de consagração, confirmando as teorias de Casanova (2002, 2008) e Sapiro (Sapiro, 2014) sobre o papel do campo editorial na fabricação do valor literário em escala global. A trajetória editorial de Machado no mundo anglófono, com sua progressão de nichos para o *mainstream*, ilustra de forma exemplar essas dinâmicas de poder e legitimação.

4.2.4 A Moldura Paratextual: “Marcando” Machado para o Leitor Anglófono

Os elementos paratextuais – tudo aquilo que, segundo Gérard Genette, “faz de um texto um livro e o oferece como tal aos seus leitores” (2009, p. 9), funcionando como um “limiar” – desempenham um papel fundamental na mediação e na “marcação” da obra de Machado de Assis para o público de língua inglesa. Prefácios, introduções, posfácios, notas do tradutor, capas, títulos, textos de orelha e quarta capa, e até mesmo a inclusão em determinadas séries editoriais, constituem um conjunto de dispositivos que enquadram a obra, orientam sua leitura e constroem ativamente a imagem do autor no novo contexto cultural.

Desde as primeiras traduções, o uso de prefácios e introduções assinados por figuras de renome foi uma estratégia recorrente para legitimar Machado. A edição americana de *Dom Casmurro* de 1953 contou com um prefácio de Waldo Frank, e a reedição de 1966 pela UCP trouxe uma nota de Dudley Fitts (Guimarães, 2019, 2023). Mais tarde, Susan Sontag escreveria sobre Machado, e críticos como Michael Wood e o próprio tradutor John Gledson forneceriam ensaios introdutórios substanciais para edições mais recentes (Moreira, 2009). Esses textos paratextuais cumprem múltiplas funções: contextualizam o autor e sua obra, comparam-no a escritores já conhecidos pelo público anglófono (facilitando a assimilação), discutem temas e características estilísticas, e, por vezes, oferecem chaves de leitura ou alertam para ambiguidades e complexidades. A evolução do tom e do conteúdo desses prefácios ao longo do tempo é, por si só, um indicador da mudança no status de Machado: se os textos iniciais tendiam a “apresentar” e “justificar” um autor desconhecido, os mais recentes frequentemente partem do pressuposto de sua grandeza já reconhecida, engajando-se em reinterpretações ou celebrando sua “redescoberta” global.

As estratégias de legitimação discursiva empregadas nesses paratextos são variadas. A “universalização” busca apresentar Machado como um clássico da literatura mundial, cujos temas e inovações ultrapassam as particularidades brasileiras, equiparando-o a gigantes como Shakespeare, Flaubert ou Kafka (Frank, 1953; Grossman, 1952; Wilson, 1954). O “marco nacional”, por outro lado, pode enfatizar os elementos de diferença cultural, o contexto histórico do Brasil oitocentista, ou a singularidade de sua voz como representante de uma alteridade atraente (M. de Assis, 2008; Gledson, 1997). Frequentemente, essas estratégias aparecem combinadas, buscando um equilíbrio entre o familiar e o novo. O “reposicionamento canônico” também é uma tática comum, sendo Machado inserido em linhagens literárias conhecidas pelo público-alvo (por exemplo, como um precursor do modernismo ou um mestre da ironia na tradição de Sterne) (Costa & Patterson, 2020).

A questão racial de Machado, por muito tempo silenciada ou minimizada, emergiu com força nos paratextos mais recentes, especialmente após a intervenção de Harold Bloom em 2002, que o rotulou como “o supremo artista literário negro”. Prefácios e introduções contemporâneos, como o de Dave Eggers para a tradução de *Memórias Póstumas* por Flora Thomson-DeVeaux, frequentemente discutem a identidade afrodescendente de Machado e como o contexto da escravidão no Brasil permeia sua obra, mesmo que de forma sutil (Eggers, 2020a; Thomson-DeVeaux, 2020). Essa inclusão reflete uma mudança nas sensibilidades culturais e políticas, e uma decisão editorial consciente de dialogar com debates atuais sobre raça e representação. A antiga tese do “milagre machadiano” – a ideia de Machado como um gênio isolado surgido em um ambiente culturalmente “atrasado” – também tem sido revista e frequentemente superada nos paratextos mais recentes, que tendem a situá-lo de forma mais integrada em tradições literárias brasileiras e internacionais.

As notas do tradutor e o aparato crítico (glossários, cronologias, bibliografias) são outra dimensão importante da moldura paratextual. Sua presença e densidade variam enormemente, refletindo diferentes filosofias tradutórias e políticas editoriais. Edições mais acadêmicas ou voltadas para estudo tendem a ser ricamente anotadas, buscando elucidar referências culturais, históricas ou linguísticas que poderiam ser obscuras para o leitor estrangeiro. A edição da Penguin de *Memórias Póstumas* é exemplar nesse sentido: além de prefácio e introdução, apresenta ainda uma seção “Sobre o Autor”, “Uma Nota sobre a Tradução”, “Uma Nota sobre as Notas Finais”, “Sugestões para Leitura Adicional” e finalmente “Notas” (Assis, 2020b). Outras edições, visando uma leitura mais fluida ou apostando na autonomia do texto, optam por um mínimo de notas (Assis, 2020a). A decisão sobre o que e como anotar é, em si, um ato interpretativo que pode guiar (ou limitar) a compreensão do leitor.

Em suma, os paratextos são campos de batalha simbólicos onde a imagem de um autor é ativamente construída, negociada e disputada. No caso de Machado de Assis, eles revelam as tensões inerentes à apresentação de um autor de uma cultura periférica em um centro hegemônico: como equilibrar o universal e o particular, o familiar e o exótico, a fidelidade ao contexto de origem e a acessibilidade para o novo público. A análise desses elementos é crucial para compreender não apenas “o que” se lê de Machado em inglês, mas “como” essa leitura é orientada e condicionada pelas múltiplas vozes e interesses que compõem a sua moldura paratextual.

4.2.5 Polos de Publicação e Redes de Apoio: A Geografia da Tradução Machadiana

A cartografia das traduções de Machado de Assis para o inglês também revela uma geografia específica, com a concentração das publicações em determinados polos editoriais e a influência de diversas redes de apoio financeiro e institucional. Compreender essa dimensão espacial e as estruturas de suporte é fundamental para analisar as rotas de circulação literária e as hierarquias que moldam o sistema editorial global.

A esmagadora maioria das traduções machadianas para o inglês foi publicada nos Estados Unidos e no Reino Unido, confirmando o papel desses países como centros hegemônicos no mercado editorial internacional e como principais portas de entrada para autores de outras línguas no universo anglófono. Dentro desses países, certos polos se destacam. Nova Iorque e Londres emergem como as cidades com maior número de publicações, o que não surpreende, dada sua histórica concentração de grandes editoras, agentes literários e infraestrutura cultural. Essas cidades funcionam não apenas como centros de produção editorial, mas também como “centros de consagração” (Casanova, 2008), onde ser publicado por uma editora de prestígio confere um selo de legitimidade internacional ao autor.

Outros polos importantes incluem cidades com forte tradição acadêmica e presença de editoras universitárias, como Oxford e Cambridge no Reino Unido, e Berkeley, Los Angeles, Austin, Lexington, Champaign e Hanover (New London Librarium) nos Estados Unidos. A presença significativa de editoras universitárias na trajetória de Machado (University of California Press, University Press of Kentucky, University of Texas Press, Oxford University Press) sublinha a importância do meio acadêmico na introdução, estudo e legitimação de autores estrangeiros considerados “clássicos” ou de alta relevância literária.

A existência de algumas traduções publicadas no próprio Brasil, como *Posthumous Reminiscences of Braz Cubas* (trad. E. Percy Ellis, Ed. Cultura, Rio de Janeiro, 1955) e *Casa Velha/The Old House* (trad. Mark Carlyon, Ed. Cidade Viva, Rio de Janeiro, 2010), é um fenômeno interessante. Essas publicações podem indicar diferentes estratégias: tentativas iniciais de editoras brasileiras de alcançar o mercado internacional por conta própria, edições bilíngues voltadas para estudo ou para um público específico no Brasil (como estudantes de inglês ou estrangeiros residentes), ou projetos financiados localmente que talvez não tenham encontrado eco imediato em editoras estrangeiras.

A viabilização de muitos desses projetos de tradução, especialmente aqueles que envolvem autores de línguas com menor penetração no mercado global, frequentemente depende de redes de apoio financeiro e institucional. No caso de Machado de Assis, diversas fontes de fomento podem ser identificadas ao longo das décadas. Fundações internacionais como a Rockefeller Foundation (Assis, 1963, 1965), a Lampadia Foundation e a Andrew W. Mellon Foundation (Assis, 1997a, 1998, 2000, 1997b) aparecem como apoiadoras de projetos específicos, especialmente aqueles ligados a editoras universitárias ou séries de prestígio como a “Library of Latin America” da OUP. Organismos internacionais como a UNESCO também

desempenharam um papel, por exemplo, no apoio à coletânea *The Devil's church and other stories* (Assis, 1977b).

De particular relevância, especialmente nas últimas décadas, tem sido o apoio de instituições brasileiras. O Instituto Nacional do Livro (INL), a Vitae – Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social, e o Ministério da Cultura do Brasil são mencionados como financiadores de traduções específicas nos anos 1970-90 (Assis, 1976, 1992). Mais recentemente, o Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, gerido pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN), tem sido um ator crucial no “boom” tradutório observado a partir de 2010 (Assis, 2014a, 2014b, 2016). O selo da FBN aparece em diversas antologias de contos publicadas por editoras independentes nos EUA e Reino Unido, como as da New London Librarium e da Dalkey Archive Press. Esse apoio demonstra uma política cultural brasileira mais estruturada e proativa na internacionalização de seus autores canônicos, buscando mitigar os riscos comerciais para as editoras estrangeiras e garantir a presença de Machado em múltiplos formatos e canais.

A geografia das traduções e a identificação das redes de apoio revelam, portanto, que a circulação literária internacional é um processo complexo, influenciado não apenas pela qualidade intrínseca da obra ou pela dinâmica espontânea do mercado, mas também por relações de poder entre centros e periferias editoriais, por políticas culturais e pelo investimento estratégico de instituições que buscam promover o intercâmbio cultural e o reconhecimento de suas literaturas nacionais. O caso de Machado de Assis ilustra como a combinação desses fatores – a atuação de editoras em polos centrais, o suporte acadêmico e o fomento institucional – foi fundamental para sua gradual, porém expressiva, inserção no panorama literário de língua inglesa.

A seguir, são apresentadas as tabelas 6, 7 e 8 que sintetizam os dados tipológicos discutidos nesta seção.

Tabela 6. Obras de Ficção de Machado de Assis Mais Traduzidas para o Inglês (1950-2024)

Título Original	Número de Traduções/Edições Distintas em Inglês (Aprox.)*	Tradutores Principais (Exemplos)	Editoras Principais (Exemplos)
<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	6	Grossman, Ellis, Rabassa, McArthur, Thomson-DeVeaux, Costa & Patterson	Noonday, Cultura, OUP, Lexicos, Penguin, Liveright
<i>Dom Casmurro</i>	5	Caldwell, Scott-Buccluch, Gledson, McArthur, Costa & Patterson	Noonday, Peter Owen, OUP, Lexicos, Liveright
<i>Quincas Borba</i>	3	Wilson, Rabassa, Costa & Patterson	Noonday, OUP, Liveright

<i>Esau e Jacó</i>	2	Caldwell, Lowe	UCP, OUP
Contos (diversas coletâneas)	12+ (coletâneas distintas)	Grossman & Caldwell, Ishimatsu & Schmitt, Gledson, Vários, Costa & Patterson, Hahn	UCP, U. Texas Press, Bloomsbury, New London Librarian, Liveright, Pushkin
<i>Memorial de Aires</i>	2 (incluindo <i>The Wager</i>)	Caldwell, Scott-Buccleuch	UCP, Peter Owen
<i>Iaiá Garcia</i>	2	Scott-Buccleuch, Bagby Jr.	Peter Owen, UPK
<i>Helena</i>	1	Caldwell	UCP
<i>A Mão e a Luva</i>	1	Bagby Jr.	UPK
<i>Ressurreição</i>	1	Sotelino	LALR Press
<i>Casa Velha</i> (novela)	1	Carlyon	Cidade Viva
<i>O Alienista</i> (conto/novela isolado)	1 (como título principal)	Grossman (reedição)	Melville House

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Heurist (massis_en. Heurist V6.7.2. O número de traduções/edições distintas refere-se a diferentes traduções ou edições com paratextos significativamente alterados, não meras reimpressões. O número para “Contos” refere-se a coletâneas distintas, não ao número total de contos traduzidos.

Tabela 7. Perfil dos Principais Tradutores da Ficção de Machado de Assis para o Inglês

Tradutor(a)	Período de Atividade Principal com Machado	Nº de Obras de Machado Traduzidas (Aprox.)*	Principais Obras Traduzidas (Exemplos)	Editoras Associadas (Exemplos)	Breve Descrição da Abordagem (quando identificável)
Helen Caldwell	1950s-1980s	5	<i>Dom Casmurro, The psychiatrist & other stories</i> (co-trad.), <i>Esau and Jacob</i> ,	Noonday Press, UCP	Pioneira, acadêmica, foco na fidelidade interpretativa, influente na leitura de

			<i>Counselor Ayres' Memorial, Helena</i>		<i>Dom Casmurro.</i>
William L. Grossman	1950s-1960s	2	<i>Epitaph of a small winner (MPBC), The psychiatrist & other stories (co-trad.)</i>	Noonday Press, UCP	Pioneiro, buscou capturar a ironia machadiana para o público anglófono.
Clotilde Wilson	1950s	1	<i>Philosopher or dog? (QB)</i>	Noonday Press	Pioneira, com interesse em elucidar o universo filosófico e humorístico de Machado.
Robert L. Scott-Buccluch	1970s-1990s	3	<i>Yaya Garcia, The wager. Aires' Journal, Dom Casmurro (Lord Taciturn)</i>	Peter Owen	Abordagem controversa em <i>Dom Casmurro</i> devido a cortes textuais; foco em obras menos canônicas e romances.
Gregory Rabassa	1990s	2	<i>The Posthumous Memoirs of Bras Cubas, Quincas Borba</i>	OUP	Tradutor consagrado de literatura latino-americana; suas versões de Machado foram criticadas por alguns especialistas por imprecisões, mas tiveram impacto pela chancela da

					OUP e seu prestígio.
John Gledson	1990s-2000s	2 (como tradutor principal)	<i>Dom Casmurro: a novel, A chapter of hats and other stories</i>	OUP, Bloomsbury	Acadêmico especialista em Machado, buscou fidelidade e profundidade interpretativa, crítico de outras traduções. Também atuou como editor e prefaciador.
Margaret Jull Costa & Robin Patterson	2010s-2020s	6	<i>The collected stories, Machado de Assis: 26 stories, Posthumous memoirs of Brás Cubas, Dom Casmurro, Quincas Borba</i>	Liveright	Parceria prolífica, responsável por um vasto projeto de retradução, buscando fluidez e clareza para o leitor contemporâneo, com atenção ao estilo e ao contexto.
Flora Thomson-DeVeaux	2020s	1	<i>The posthumous memoirs of Brás Cubas</i>	Penguin Books	Tradução aclamada, com foco na preservação da voz irônica e na explicitação de contextos históricos e raciais.

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Heurist (massis_en. Heurist V6.7.2). O número de obras traduzidas é aproximado e considera traduções principais de romances ou coletâneas significativas.

Tabela 8. Perfil das Principais Editoras de Traduções da Ficção de Machado de Assis em Inglês

Editora	País Principal de Atuação	Tipo	Período de Atividade Principal com Machado	Nº de Títulos de Machado Publicados	Coleções Relevantes (se houver)
Noonday Press	EUA	Independente /Pequena	1950s	3	
University of California Press (UCP)	EUA	Universitária	1960s-1980s	5	
Peter Owen Publishers	Reino Unido	Independente	1970s-1990s	3	
Oxford University Press (OUP)	Reino Unido/EUA	Universitária/ Comercial (com selos clássicos)	1990s-2000s	4	Library of Latin America, Oxford World's Classics (posteriormente)
Liveright Publishing Corp.	EUA	Comercial (selo da W. W. Norton)	2010s-2020s	6	
Penguin Books	EUA/Reino Unido	Comercial (grande conglomerado)	2020s	1 (recente de MPBC)	Penguin Classics
New London Librarium	EUA	Independente /Pequena	2010s	3 (antologias de contos)	
University Press of Kentucky (UPK)	EUA	Universitária	1970s	2	
University of Texas Press	EUA	Universitária	1970s	1 (antologia de contos)	

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Heurist (massis_en. Heurist V6.7.2) e informações complementares.

Estas tabelas oferecem uma visão consolidada dos principais agentes e obras no panorama da tradução machadiana para o inglês, servindo de base para a discussão subsequente sobre as dinâmicas de poder que moldaram essa trajetória.

4.3 DINÂMICAS DE PODER NA CARTOGRAFIA MACHADIANA: UMA LEITURA SOCIOLÓGICA

A cartografia cronológica e tipológica das traduções de Machado de Assis para a língua inglesa, delineada nas seções anteriores, vai além de um mero inventário bibliográfico. Ela se revela um rico campo de observação para analisar as dinâmicas de poder que estruturam o sistema literário mundial e que influenciam a circulação, recepção e canonização de autores provenientes de literaturas consideradas periféricas. Esta seção propõe uma leitura sociológica desses dados, mobilizando o arcabouço teórico apresentado no Capítulo 3 desta tese, com foco nos conceitos de Pierre Bourdieu, Pascale Casanova, Johan Heilbron, Gisèle Sapiro e outros, para interpretar como as relações de poder simbólico, econômico e cultural moldaram a trajetória de Machado no mundo anglófono.

3.3.1. Machado de Assis no Sistema Literário Mundial: Da Periferia ao Centro

A história da tradução de Machado de Assis para o inglês é, em muitos aspectos, emblemática da jornada de um autor de uma literatura periférica – a brasileira, escrita em português, uma língua com circulação internacional limitada em comparação com o inglês, o francês ou o espanhol – rumo a um reconhecimento nos centros hegemônicos do sistema literário mundial. Conforme teorizado por Johan Heilbron (1999) e Abram De Swaan (2001), o mercado global de traduções é hierarquizado, com o inglês ocupando uma posição hipercentral, funcionando como língua-ponte e principal importadora e exportadora de bens culturais. Nesse sistema, autores de línguas periféricas enfrentam barreiras estruturais significativas para alcançar visibilidade e consagração internacional.

A “desalentadora obscuridade internacional” de Machado, diagnosticada por Antônio Candido (1995), pode ser compreendida à luz dessa hierarquia. Por décadas, apesar de sua estatura canônica no Brasil, sua obra teve pouca penetração no mundo anglófono. A própria necessidade de um surgimento de traduções nos anos 1950, impulsionado por agentes específicos e contextos geopolíticos favoráveis (a Guerra Fria), como analisado em 2.3.2.1, evidencia que sua entrada não foi um processo “natural” ou espontâneo, mas sim o resultado de um esforço de mediação e de um alinhamento de interesses (Cohn, 2023; Guimarães, 2023).

O conceito de “República Mundial das Letras” de Pascale Casanova (2008) é particularmente iluminador aqui. Casanova descreve um espaço literário transnacional onde Paris (e, por extensão, outros centros como Londres e Nova Iorque) funciona como polo de consagração. Autores de espaços literariamente desfavorecidos necessitam ser traduzidos e reconhecidos nesses centros para adquirir capital literário internacional e alcançar um estatuto “universal”. A trajetória de Machado em inglês ilustra essa lógica: sua gradual “descoberta” e valorização, culminando no “boom” tradutório do século XXI e na sua inclusão em coleções de clássicos universais como a Penguin Classics, representa um processo de acumulação de capital simbólico e de ascensão nessa república mundial, ainda que tardio e postumamente. As múltiplas retraduições dos seus romances canônicos por editoras de grande prestígio (ver 4.1.4 e 4.2.3) são um sintoma dessa consagração em curso, onde o nome “Machado de Assis” passa a ter valor no mercado simbólico internacional.

3.3.2. O Campo da Tradução Machadiana em Inglês: Agentes, Posições e Disputas

Aplicando a teoria dos campos de Pierre Bourdieu (Bourdieu, 2002; Sapiro, 2014), podemos analisar o conjunto de traduções machadianas para o inglês como um subcampo

específico, onde diferentes agentes – tradutores, editores, críticos, acadêmicos, instituições de fomento – ocupam posições distintas e disputam legitimidade e capital simbólico.

Os tradutores, como Helen Caldwell, John Gledson, Gregory Rabassa, Margaret Jull Costa e Flora Thomson-DeVeaux (ver 4.2.2), não são meros executores, mas agentes dotados de um *habitus* específico (formação, trajetória, sensibilidade estética) que influencia suas escolhas tradutórias e sua tomada de posição no campo. A disputa sobre a “melhor” tradução de *Dom Casmurro* ou *Memórias Póstumas*, evidenciada pelas críticas de Gledson a Rabassa (Gledson, 2013) ou de Patai a Scott-Bucleuch (Patai, 1999), reflete lutas por reconhecimento e pela imposição de uma determinada leitura de Machado.

As editoras (ver 4.2.3) também atuam como agentes poderosos, com lógicas distintas. Editoras universitárias (UCP, OUP em sua fase inicial com a “Library of Latin America”) podem priorizar o valor acadêmico e a contribuição para o conhecimento, buscando legitimação intelectual. Editoras independentes (Noonday, Peter Owen, New London Librarium) podem ser movidas por um “amor à arte” ou pelo desejo de descobrir e promover autores “alternativos”, assumindo maiores riscos comerciais. Grandes editoras comerciais (Penguin, Liveright) entram em cena quando o autor já possui um capital simbólico consolidado, visando o mercado mais amplo e o lucro, mas também reforçando sua canonização ao incluí-lo em selos de prestígio. A competição entre essas editoras pelo “direito” de publicar Machado, especialmente nas últimas décadas, demonstra que ele se tornou um “bem” valioso nesse campo.

Instituições de fomento, como a Fundação Biblioteca Nacional ou fundações internacionais (Rockefeller, Mellon) (ver 4.2.5), também participam desse campo, injetando capital econômico e simbólico para viabilizar projetos de tradução e influenciar a direção da circulação literária, muitas vezes com o objetivo de promover intercâmbio cultural ou afirmar a relevância de uma determinada literatura nacional.

3.3.3. Mediação, “Marcação” e Recontextualização: Construindo Machado para o Mundo Anglófono

A passagem da obra de Machado de Assis do contexto brasileiro para o anglófono envolve complexas operações de mediação, “marcação” e recontextualização, conforme teorizado por Bourdieu (2002) e Sapiro (2014). Os paratextos (prefácios, introduções, notas, capas – ver 4.2.4) desempenham um papel crucial nesse processo, funcionando como dispositivos que enquadram a obra, orientam sua leitura e constroem uma determinada imagem de Machado para o novo público.

As diferentes estratégias de legitimação identificadas nos paratextos – universalização (Machado como gênio atemporal), marco nacional (Machado como voz única do Brasil), reposicionamento canônico (comparações com autores conhecidos) – são formas de “marcar” a obra, tornando-a assimilável ou desejável para o leitor anglófono. A escolha de títulos como *Epitaph of a Small Winner* ou *Philosopher or Dog?* nas primeiras traduções (ver 4.2.1) é um exemplo claro dessa operação de marcação, que busca criar um “gancho” para o leitor.

A tradução em si é um ato de “reenquadramento” ou reinterpretação. Cada tradutor, com suas escolhas lexicais, sintáticas e estilísticas, oferece uma nova versão de Machado, que é inevitavelmente diferente do original e que dialoga com as normas e expectativas do campo de recepção. A evolução nas abordagens tradutórias, de uma possível maior domesticação inicial para uma maior disposição em preservar a alteridade nas traduções mais recentes (ver 4.2.2 e observações associadas), reflete mudanças nas relações de poder e na autoconfiança da literatura traduzida.

A própria imagem de Machado tem sido recontextualizada ao longo do tempo. De autor “difícil” ou “exótico” nas primeiras décadas, passou a ser apresentado como um precursor do

modernismo, um mestre da ironia universal e, mais recentemente, como um importante autor afrodescendente cuja obra dialoga com questões de raça e escravidão (Santos & Daniel, 2022). Essa recontextualização é produto da interação entre novas leituras críticas, novas traduções e mudanças nas sensibilidades socioculturais do público receptor.

3.3.4. Níveis de Análise (Macro, Meso, Micro): Integrando a Cartografia

A trajetória das traduções de Machado de Assis para o inglês pode ser compreendida de forma mais completa ao articularmos os três níveis de análise propostos por van Es & Heilbron (2015) e Heilbron (2020):

Nível Macro: Envolve a estrutura global do sistema de tradução, a posição periférica da língua portuguesa e da literatura brasileira, e a hegemonia do inglês. Fatores como a Guerra Fria, o “boom” da literatura latino-americana, o impacto de eventos como o centenário de morte de Machado (2008) e as políticas culturais globais de promoção da diversidade são fenômenos macro que criaram janelas de oportunidade ou impuseram barreiras à sua circulação.

Nível Meso: Refere-se às instituições e campos nacionais. Aqui se inserem as estratégias das editoras anglófonas (Noonday, UCP, OUP, Penguin, Liveright), as políticas de fomento à tradução do governo brasileiro (INL, FBN), o papel das universidades na pesquisa e ensino de Machado, e a atuação da crítica literária em jornais e revistas de prestígio. As redes de colaboração entre esses agentes (por exemplo, FBN apoiando editoras independentes) são cruciais.

Nível Micro: Diz respeito às práticas individuais e textuais. As escolhas específicas de cada tradutor ao verter o estilo machadiano, o conteúdo e o tom dos prefácios escritos por intelectuais específicos, o design de uma capa de livro, as negociações entre tradutor e editor sobre um título ou uma nota de rodapé – todas essas são ações micro que, somadas, materializam a tradução e influenciam sua recepção.

A cartografia apresentada neste capítulo demonstra que a ascensão de Machado de Assis no mundo anglófono não pode ser explicada por um único fator ou nível de análise. Foi a interação complexa entre as condições macro (um interesse crescente por literaturas não hegemônicas), as estratégias meso (investimento de editoras e apoio institucional) e os esforços micro (o talento e a dedicação de tradutores e críticos) que permitiu que um autor da periferia do sistema literário mundial alcançasse um status canônico em um dos seus principais centros. As dinâmicas de poder se manifestam em todos esses níveis: na assimetria entre línguas e culturas (macro), nas disputas por capital e legitimidade no campo editorial (meso), e nas negociações interpretativas e estilísticas no ato da tradução (micro).

O estudo de caso de Machado de Assis, portanto, não apenas ilumina sua própria trajetória internacional, mas também oferece insights valiosos sobre os mecanismos mais amplos de consagração literária, os desafios da tradução intercultural e o papel crucial dos múltiplos mediadores na complexa construção daquilo que se convencionou chamar de “literatura mundial” (Damrosch, 2003). A cartografia aqui traçada não é, pois, um mapa estático, mas o registro de um processo dinâmico e contínuo, onde as relações de poder e as estratégias de mediação seguem moldando a presença e a imagem de Machado de Assis para as novas gerações de leitores de língua inglesa.

4.4 CONCLUSÕES DO CAPÍTULO

Este capítulo dedicou-se a traçar uma cartografia detalhada das traduções da ficção de Joaquim Maria Machado de Assis para a língua inglesa, abrangendo o período de 1950 a 2024. Através de uma análise cronológica e tipológica, buscou-se não apenas inventariar as publicações, mas também compreender as dinâmicas de poder, os contextos socioculturais e as estratégias

editoriais e tradutórias que moldaram a trajetória internacional de um dos maiores nomes da literatura brasileira.

A análise cronológica revelou uma evolução marcada por distintas fases. Os anos pioneiros (1950–1969) foram caracterizados pelas primeiras e cruciais incursões no mercado anglófono, impulsionadas pela editora Noonday Press e por tradutores dedicados como Helen Caldwell e William L. Grossman, em um contexto influenciado pela Guerra Fria e por um incipiente interesse pela América Latina. O período de expansão e diversificação (1970–1989) viu a consolidação da presença acadêmica de Machado, com editoras universitárias explorando obras menos canônicas e a prosa curta, embora com um ritmo de publicação mais moderado. A fase de retomada e consolidação (1990–2009) foi marcada por novas traduções dos clássicos, com destaque para o papel da Oxford University Press e sua série “Library of Latin America”, e um apoio mais visível de instituições brasileiras. Finalmente, o período de 2010 a 2024 configurou-se como um verdadeiro “boom” tradutório, com uma intensificação massiva de publicações, múltiplas retraduições dos romances principais, uma explosão de coletâneas de contos, e a entrada decisiva de grandes editoras comerciais como Penguin Books e Liveright Publishing, consolidando Machado como um clássico universal. Fatores como o centenário de morte do autor (2008) e o fortalecimento de políticas de apoio à tradução, como as da Fundação Biblioteca Nacional, foram determinantes para essa última fase.

O panorama tipológico evidenciou que, embora os romances da maturidade (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Quincas Borba*) tenham sido os mais consistentemente traduzidos e retraduzidos, houve uma progressiva ampliação do corpus para incluir obras da primeira fase, novelas e, sobretudo, uma vasta gama de contos. Os tradutores emergiram como mediadores culturais cruciais, com perfis e abordagens variadas, cujas escolhas estilísticas e interpretativas influenciaram diretamente a recepção de Machado. O campo editorial anglófono demonstrou uma dinâmica complexa, com editoras independentes, universitárias e grandes conglomerados desempenhando papéis distintos e complementares na introdução, legitimação e difusão do autor. Os paratextos (prefácios, introduções, notas) revelaram-se ferramentas poderosas de “marcação” e construção da imagem de Machado, refletindo e moldando as percepções sobre sua obra, incluindo a crescente atenção à sua dimensão racial. A geografia das publicações confirmou a centralidade dos polos editoriais dos Estados Unidos e do Reino Unido, e a importância das redes de apoio financeiro e institucional.

A leitura sociológica dessa cartografia, à luz das teorias de Bourdieu, Casanova, Heilbron e Sapiro, permitiu interpretar a trajetória de Machado como um caso exemplar da ascensão de um autor de uma literatura periférica no sistema literário mundial. As dinâmicas de poder se manifestaram na assimetria entre línguas e culturas, nas disputas por capital simbólico no campo da tradução e edição, e nas complexas operações de mediação e recontextualização que foram necessárias para que sua obra ultrapassasse as fronteiras nacionais e linguísticas.

A evolução da presença e da imagem de Machado de Assis no mundo anglófono é notável: de uma curiosidade exótica ou um autor para especialistas, transformou-se progressivamente em um nome reconhecido, estudado e, finalmente, celebrado como um clássico da literatura mundial. As diferentes mediações – as vozes dos tradutores, as estratégias das editoras, os enquadramentos dos prefaciadores e críticos – contribuíram ativamente para construir e reconstruir essa imagem ao longo de mais de sete décadas.

Esta cartografia, portanto, não é apenas um registro do passado, mas uma ferramenta para compreender o presente e vislumbrar o futuro da recepção machadiana. Ela demonstra que a internacionalização de um autor é um processo contínuo, complexo e profundamente social, em que cada tradução, cada edição, cada paratexto constitui um ato que reconfigura e reposiciona a obra no cenário global. Os achados deste capítulo – o mapeamento detalhado, a identificação

dos principais agentes e obras, e a análise das dinâmicas de poder – servirão de base fundamental para as investigações mais aprofundadas que se seguirão nos próximos capítulos desta tese, que apresentarão estudos de caso específicos e temas particulares relacionados à complexa jornada de Machado de Assis em língua inglesa.

5 A NOONDAY PRESS E A CANONIZAÇÃO INICIAL DE MACHADO DE ASSIS NO MUNDO ANGLÓFONO

Já sabemos que a trajetória de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) no cânone literário brasileiro é marcada por uma aclamação quase incontestada, sendo frequentemente considerado o maior escritor do país. Contudo, sua incursão no mundo anglófono foi historicamente tardia e desigual. Até meados do século XX, a presença de Machado na língua inglesa era mínima, resumindo-se a apenas três contos traduzidos até 1950 (Patai, 1999). Este cenário de “desalentadora obscuridade internacional”, em flagrante contraste com sua “glória nacional quase hipertrofiada” (Candido, 1995, p. 19), começou a se transformar na década de 1950, um período que se revelaria fundamental para a canonização inicial do autor nos Estados Unidos.

No centro dessa transformação encontra-se a Noonday Press, uma pequena mas ambiciosa editora nova-iorquina (Guimarães, 2023). Fundada em 1951, a Noonday Press posicionou-se como um “ator emergente” e um “agente de legitimação” decisivo, ao publicar, num curto intervalo de três anos (1952-1954), traduções de três dos mais importantes romances de Machado de Assis: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (como *Epitaph of a Small Winner*), em 1952, *Dom Casmurro* (com o título homônimo), em 1953, e *Quincas Borba* (como *Philosopher or Dog?*), em 1954. Essas publicações não apenas disponibilizaram as obras a um novo público, mas também as inseriram num catálogo editorial “cosmopolita”, que contava com nomes de peso da literatura mundial, conferindo a Machado um novo tipo de prestígio no contexto anglófono (Guimarães, 2023).

Este capítulo propõe analisar em profundidade o papel da Noonday Press nessa fase inicial da canonização machadiana. O foco recairá especificamente sobre essas três primeiras traduções de romances, examinando como as publicações, seus paratextos (prefácios, capas, orselhas) e a recepção crítica inicial funcionaram como um impulso inicial para o reconhecimento ulterior de Machado de Assis nos Estados Unidos.

5.1 O CONTEXTO DA EDIÇÃO: A NOONDAY PRESS E O CLIMA CULTURAL DO PÓS-GUERRA

A emergência de Machado de Assis no cenário literário estadunidense na década de 1950 não pode ser dissociada do ambiente editorial específico proporcionado pela Noonday Press, nem do clima cultural e geopolítico mais amplo do período pós-guerra (Cohn, 2023; Fitz, 2012; Guimarães, 2023). A interação desses fatores criou uma janela de oportunidade para a introdução de um autor da magnitude de Machado, até então largamente ignorado pelo público de língua inglesa.

5.1.1 A Fundação da Noonday Press: Editores (Cecil Hemley, Arthur Cohen) e Filosofia Editorial

A Noonday Press foi fundada na cidade de Nova York em 1951, fruto da colaboração entre Cecil Hemley e Arthur A. Cohen. Cecil Hemley, um editor, poeta e romancista, era dotado de um “espírito cosmopolita” e demonstrava grande sintonia com a produção literária internacional. Arthur Cohen, por sua vez, era também escritor, teólogo e uma figura proeminente na chamada “paperback revolution”, um movimento que visava a popularização do livro nos Estados Unidos através de edições mais acessíveis. Cohen ambicionava que a Noonday Press operasse nos moldes de uma “university press type”, privilegiando a qualidade literária em detrimento do lucro imediato (Guimarães, 2019, 2023).

Essa filosofia editorial refletiu-se diretamente no catálogo da Noonday, que rapidamente se distinguiu por seu foco em “traduções literárias de qualidade” e por um alcance internacional

notável para uma editora iniciante. O catálogo incluía autores como Boris Pasternak, Jean-Paul Sartre, R. K. Narayan, Cesare Pavese, e os laureados com o Nobel Knut Hamsun e Herman Hesse, além de Isaac Bashevis Singer, publicado anos antes de seu próprio Nobel. A inclusão de Machado de Assis nesse seleto grupo, sendo ele um dos poucos autores do século XIX e o único brasileiro (acompanhado apenas por Eça de Queirós em língua portuguesa), representou, por si só, um significativo ato de legitimação no contexto anglófono (Guimarães, 2023).

A parceria entre Hemley, com sua apurada sensibilidade literária, e Cohen, com sua visão de mercado e seu engajamento na “paperback revolution”, revelou-se fundamental para o projeto machadiano. Não se tratava apenas de “descobrir” um autor desconhecido, mas de possuir a estrutura e a visão para publicá-lo de uma forma que pudesse atingir um público específico, notadamente o acadêmico e o leitor interessado em literatura mundial. Essa estratégia dupla – prestígio literário aliado a um potencial alcance de mercado através de formatos mais acessíveis (embora as vendas das obras de Machado tenham sido modestas) – (Guimarães, 2023) demonstra que a Noonday Press, apesar de seu tamanho, nutria ambições culturais significativas e adotava um modelo de negócios que, embora arriscado, permitia a publicação de autores considerados “difíceis” ou até então desconhecidos para o público americano.

A própria fundação da Noonday Press em 1951 e sua rápida incursão na tradução de autores internacionais de peso, culminando com a publicação da primeira tradução de um romance de Machado já em 1952, pode ser interpretada como um sintoma e, simultaneamente, um agente da crescente internacionalização do campo literário estadunidense no período pós-guerra (Cohn, 2023; Fitz, 2012; Guimarães, 2023). Esse movimento representava um afastamento de um certo isolacionismo cultural anterior, impulsionado, em parte, pelas novas dinâmicas geopolíticas globais. A Noonday Press parece ter identificado uma demanda latente ou um vácuo no mercado para esse tipo de literatura, posicionando-se como um importante “guardião” de prestígio para a introdução da literatura estrangeira nos Estados Unidos.

5.1.2 O Interesse Norte-Americano pela América Latina no Pós-Guerra e na Guerra Fria

As primeiras traduções dos romances de Machado de Assis para o inglês surgiram em um contexto específico do pós-guerra, marcado por maior interesse norte-americano na cultura latino-americana, fruto de esforços de diplomacia cultural no período da Guerra Fria. Esse cenário geopolítico e cultural exerceu uma influência considerável, ainda que por vezes indireta, sobre as condições de possibilidade para a publicação de autores latino-americanos nos Estados Unidos.

Um exemplo emblemático dessa conexão foi a decisão de lançar a tradução de *Dom Casmurro* em 14 de abril de 1953, o Dia Pan-Americano, sublinhando o gesto como parte de uma aproximação cultural interamericana (Guimarães, 2023, p. 5). A Pan-American Union, organização que desde sua fundação no final do século XIX promovia o intercâmbio cultural e a construção de uma identidade pan-americana, teve um papel, ainda que discreto, nesses lançamentos, assim como outras entidades como o Committee on Inter-American Cooperation e a American Brazilian Association (Guimarães, 2023, p. 7).

A publicação de Machado, portanto, transcendia o âmbito puramente literário, imbuindo-se de significados relacionados à política externa e ao exercício de “soft power” pelos Estados Unidos (Cohn, 2023). O crescente interesse norte-americano pela América Latina, vista como “região estratégica e zona de influência” no novo ordenamento global, abriu portas para a divulgação de sua produção cultural (Guimarães, 2023, p. 6). Os esforços da Pan-American Union, por exemplo, alinhavam-se com os objetivos da Guerra Fria de conter a expansão do

comunismo e fortalecer os laços com as nações latino-americanas, utilizando o intercâmbio cultural como uma de suas ferramentas.

A escolha de Machado de Assis, um autor do século XIX e já falecido, para figurar nesse esforço de diplomacia cultural pode, à primeira vista, parecer contraintuitiva, especialmente quando comparada à promoção de artistas contemporâneos. No entanto, seu status canônico no Brasil como “o maior escritor do país” o transformava em um “ativo cultural” de considerável peso. Apresentá-lo ao público norte-americano era uma forma de reconhecer e valorizar a produção intelectual de uma nação latino-americana proeminente, contribuindo para a construção de uma imagem de sofisticação e profundidade cultural da região. A Noonday Press, ao posicionar Machado como um escritor de “estatura internacional”, participava ativamente desse processo.

É possível argumentar que a Guerra Fria, paradoxalmente, criou um espaço para autores de literaturas consideradas “periféricas”, como a de Machado. Esse interesse não se devia necessariamente a um alinhamento ideológico direto – Machado, em muitos aspectos, pode ser considerado crítico a qualquer ideologia em sua ficção –, mas ao fato de que a competição ideológica global incentivou os Estados Unidos a se mostrarem mais abertos e conhecedores de outras culturas, incluindo suas manifestações literárias. Essa postura servia como um contraponto à propaganda soviética e visava ao fortalecimento de alianças. A literatura, nesse contexto, convertia-se em um campo de disputa simbólica, e a “descoberta” de um autor como Machado de Assis encaixava-se nessa dinâmica de reorientação do pensamento sobre o papel cultural da América Latina no cenário mundial.

5.1.3 Desafios Editoriais: Direitos Autorais e Estratégias de Publicidade da Noonday Press

A introdução da obra de Machado de Assis no mercado anglófono pela Noonday Press não foi isenta de obstáculos. A editora enfrentou desafios significativos, particularmente no que tange aos direitos autorais, descritos como “complexos e confusos” (Frank, 2022). Existia uma considerável incerteza sobre a validade das reivindicações de W. Montgomery Jackson, um editor com foco no Brasil que alegava ter adquirido os direitos da editora francesa Garnier, a primeira casa a publicar Machado de forma sistemática. Diante desse imbróglio, a Noonday Press demonstrou uma notável audácia, estando disposta a “to play fast and loose” (jogar rápido e solto) com a questão dos direitos para levar adiante a publicação das obras (Frank, 2022, p. 7).

Do ponto de vista comercial, o empreendimento também se mostrou árduo. As tiragens dos romances de Machado foram modestas: até 1964, *Epitaph of a Small Winner* teve aproximadamente 23.000 cópias, *Dom Casmurro* cerca de 14.000, e *Philosopher or Dog?* em torno de 8.000 exemplares (Guimarães, 2023, pp. 12-13). Esses números, embora não desprezíveis para um autor estrangeiro recém-introduzido, estavam longe de configurar um sucesso de tiragens e vendas massivo.

Para contornar as dificuldades de divulgação de um autor virtualmente desconhecido, Cecil Hemley e os tradutores, com destaque para Helen Caldwell, empreenderam esforços de publicidade que podem ser qualificados como “improvisados e oportunistas” (Frank, 2022, p. 2). Helen Caldwell, por exemplo, envolveu-se pessoalmente na promoção de sua tradução de *Dom Casmurro*, distribuindo cópias para resenhistas, visitando livrarias para verificar a disponibilidade do livro e buscando oportunidades de divulgação em programas de rádio e televisão. Além disso, a Noonday Press buscou ativamente o apoio do serviço diplomático brasileiro, que acabou por adquirir lotes significativos das primeiras edições, ajudando a mitigar os custos editoriais.

Esses desafios revelam que a introdução de Machado no mercado norte-americano não foi um empreendimento comercialmente simples ou garantido. A persistência da Noonday Press, apesar das baixas vendas iniciais e das complicações legais, sugere um forte comprometimento com o valor literário e cultural percebido na obra de Machado, um posicionamento alinhado com sua filosofia editorial de privilegiar a qualidade sobre o lucro fácil. Os esforços de publicidade “by the bootstraps” (na marra) demonstram a agência dos indivíduos envolvidos – editores e tradutores – na tentativa de criar um público para um autor até então ausente do imaginário literário anglófono (Frank, 2022, p. 7).

A situação peculiar dos direitos autorais, envolta em obscuridade e disputas potenciais, pode ter, paradoxalmente, facilitado a entrada de Machado por uma editora pequena e arrojada como a Noonday. A incerteza legal, que poderia ter intimidado editoras maiores e mais avessas ao risco, com departamentos jurídicos mais conservadores, abriu um espaço para que a Noonday, com sua filosofia focada na qualidade e talvez uma menor preocupação com litígios de baixo valor pecuniário potencial, pudesse “apostar” no autor brasileiro (Frank, 2022).

As vendas modestas, contrastando com o sucesso de crítica que as obras obtiveram em certos círculos, indicam que a “canonização inicial” de Machado de Assis nos Estados Unidos foi, primordialmente, um fenômeno de nicho. Sua obra circulou inicialmente em meios acadêmicos e entre leitores de literatura mais sofisticados, não alcançando de imediato o grande público. Isso reforça a ideia de que a Noonday Press estava, naquele momento, mais engajada na construção de “capital simbólico” – nos termos de Pierre Bourdieu (Sapiro, 2016) – do que na busca por lucros imediatos. A legitimação de Machado viria primeiro nesses círculos mais restritos, preparando o terreno para uma difusão mais ampla em décadas futuras. A própria Helen Caldwell, como mencionado, direcionou seus esforços de divulgação também para o meio acadêmico, reconhecendo implicitamente o público inicial mais provável para a obra machadiana (Frank, 2022).

5.2 AS TRADUÇÕES PIONEIRAS DA NOONDAY PRESS: UM PROJETO DE CANONIZAÇÃO?

A decisão da Noonday Press de publicar três romances de Machado de Assis em rápida sucessão – *Epitaph of a Small Winner* (1952), *Dom Casmurro* (1953) e *Philosopher or Dog?* (1954) – pode ser interpretada como mais do que uma série de lançamentos isolados. Consideradas em conjunto, essas publicações, com seus respectivos paratextos e as estratégias de tradução adotadas, sugerem um esforço concertado, ainda que talvez não formalmente delineado como tal desde o início, de introduzir e legitimar Machado de Assis no campo literário anglófono. A tabela 9 resume as informações editoriais básicas dessas obras seminais:

Tabela 9. Traduções de Machado de Assis pela Noonday Press (1952-1954)

Título em Inglês	Título Original	Tradutor(a)	Ano de Publicação	Introdução/Prefácio por
<i>Epitaph of a Small Winner</i>	<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	William L. Grossman	1952	William L. Grossman
<i>Dom Casmurro</i>	<i>Dom Casmurro</i>	Helen Caldwell	1953	Waldo Frank

Philosopher or Dog?	Quincas Borba	Clotilde Wilson	1954	Clotilde Wilson
---------------------	---------------	-----------------	------	-----------------

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Heurist (massis_en. Heurist V6.7.2).

Esta tabela consolida os dados primários que serão analisados nas subseções seguintes, permitindo visualizar de imediato o que se pode chamar de “programa Machado” da Noonday Press. Cada uma dessas traduções contribuiu de maneira particular para a construção da imagem do autor brasileiro nos Estados Unidos.

5.2.1 *Epitaph of a Small Winner* (1952) – Trad. William L. Grossman

A primeira incursão significativa de Machado de Assis no mercado de romances em língua inglesa ocorreu com a tradução de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* por William L. Grossman, publicada sob o título *Epitaph of a Small Winner* (Assis, 1952). A introdução de Grossman ao volume desempenhou um papel crucial como paratexto orientador para o leitor anglófono. Nela, Grossman apresenta Machado como um “iconoclasta” e, possivelmente, “o escritor mais completamente desencantado da literatura ocidental”, estabelecendo desde o início um tom de seriedade e profundidade filosófica (Grossman, 1952, p. 11). Ele discute o pessimismo de Machado, sua ironia cortante e a notável mudança estilística que o autor teria vivenciado após 1879, uma interpretação que ecoava a crítica brasileira da época, em especial os influentes estudos de Lúcia Miguel Pereira (Macedo, 2023). Grossman justifica sua escolha de *Memórias Póstumas* para tradução, considerando-a a obra “mais viva e inventiva” de Machado e uma “introdução adequada” ao universo do autor (Grossman, 1952, p. 14).

Os demais paratextos da edição, como a capa e as orelhas do livro, complementavam essa apresentação, descrevendo a obra como “satírica, espirituosa, completamente humana”, “profunda e completamente deliciosa” (na orelha de Assis, 1952). Brás Cubas, o narrador defunto, é caracterizado como “o fantasma mais espirituoso da literatura” e o próprio “espírito da sátira” (na orelha de Assis, 1952). Tais descrições visavam claramente atrair o leitor, prometendo uma combinação de humor inteligente e reflexão existencial.

A escolha do título em inglês, *Epitaph of a Small Winner*, foi particularmente feliz. Elogiado pelo crítico Dudley Fitts como um “brilhante acaso do tradutor”, o título capta com precisão a ironia agriçoce do desfecho do romance, no qual Brás Cubas se considera um “pequeno vencedor” por não ter transmitido a ninguém “o legado de nossa miséria” (Fitts, 1952). Além de sua adequação temática, o título era, sem dúvida, mais palatável e intrigante para o público anglófono do que uma tradução literal do original português.

A introdução de Grossman, ao mesmo tempo que fornecia informações biográficas e contextuais, também “enquadrava” Machado para o leitor americano. Ao enfatizar seu pessimismo e ironia, e ao vincular sua transformação estilística a uma crise de saúde – uma narrativa biográfica fortemente influenciada por Lúcia Miguel Pereira –, Grossman ofereceu uma das primeiras e mais influentes chaves de leitura para a obra machadiana nos Estados Unidos (Macedo, 2023). Essa abordagem, embora baseada em crítica respeitada, tendia a simplificar a complexidade do autor, tornando-o, talvez, mais “decifrável” para um público que o desconhecia.

É interessante notar que a ênfase de Grossman no “desencanto” e na “iconoclastia” de Machado pode ter encontrado ressonância em um certo desencanto intelectual presente no pós-guerra norte-americano. Esse período, embora marcado por um conformismo social em muitos

aspectos (Fitz, 2022), também foi um momento de questionamento de valores tradicionais e de busca por novas perspectivas filosóficas. Machado, apresentado como um mestre da ironia e do ceticismo, um desafiador de ícones (Grossman, 1952, p. 11), poderia, assim, atrair um público letrado e universitário interessado nessas temáticas, um segmento que buscava alternativas à cultura dominante da época.

5.2.2 *Dom Casmurro* (1953) – Trad. Helen Caldwell

A segunda obra de Machado de Assis a ser lançada pela Noonday Press foi *Dom Casmurro*, em tradução de Helen Caldwell, publicada em 1953. Este lançamento foi acompanhado por um intenso diálogo entre a tradutora e o editor Cecil Hemley, conforme revelado em sua correspondência (Guimarães, 2019). Essas cartas são particularmente significativas pois nelas se articula uma reinterpretação da questão central do romance: a culpa de Capitu. Hemley, em suas comunicações com Caldwell, expressou ceticismo em relação à traição da personagem, sugerindo uma “ambiguidade essencial” na narrativa¹, uma visão que Caldwell não apenas compartilhou, mas que se tornaria o cerne de seu influente estudo crítico, *The Brazilian Othello of Machado de Assis* (1960), publicado anos mais tarde.

A introdução à edição da Noonday foi confiada a Waldo Frank, um conhecido latino-americanista, por convite de Hemley (Guimarães, 2019). Em seu texto, Frank reafirmando que *Dom Casmurro* não é um romance de mistério conjugal, mas uma obra em que a ambiguidade é a textura e a visão de vida do autor — o que dialoga diretamente com a interpretação crítica de que Machado deliberadamente deixa o julgamento sobre Capitu em aberto (Frank, 1953, p. 13). Crucialmente, Frank também se esforçou por desvincular a obra de uma leitura estritamente biografista, que tentasse explicar as ações e motivações dos personagens a partir da vida do autor.

Helen Caldwell, por sua vez, demonstrou em seu trabalho tradutório um forte compromisso com as complexidades do texto original. Em vez de buscar uma simplificação ou domesticação da prosa machadiana, ela optou por “reproduzir o caos emocional do texto em português”², resistindo à tendência, comum na cultura tradutória anglo-saxã, da “invisibilidade do tradutor”. Sua interpretação da palavra “casmurro”, percebendo uma proximidade sonora com “mouro” (*moor* em inglês), e a conseqüente adição do termo “morose” (rabugento, taciturno) na tradução do primeiro capítulo do romance, serviram para reforçar a conexão intertextual com o *Otelo* de Shakespeare, o ciumento mouro de Veneza (Guimarães, 2019, p. 121).

Os paratextos da edição da Noonday, como a capa e as orelhas, apresentavam *Dom Casmurro* como um “romance de amor e suspeita de traição”, destacando a figura enigmática de Capitu e a “surpreendente originalidade do desenlace”, que permitiria “qualquer interpretação” (capa e orelha de Assis, 1953). Essa apresentação preparava o leitor para a incerteza que permeia a narrativa.

A colaboração entre Caldwell, Hemley e Frank foi, portanto, decisiva para introduzir no mundo anglófono a semente da dúvida sobre a culpa de Capitu. Essa interpretação, que enfatizava a ambiguidade e a perspectiva falível do narrador Bento Santiago, contrastava fortemente com a recepção predominante no Brasil à época, onde a traição de Capitu era, majoritariamente, tida como um fato (Guimarães, 2019). Essa “revolução na leitura” de *Dom Casmurro* teve, assim, sua gênese no processo de tradução e edição ocorrido nos Estados Unidos. A distância cultural e a ausência dos “constrangimentos culturais brasileiros” possivelmente permitiram a Caldwell e Hemley uma abordagem mais desvinculada da tradição crítica nacional, abrindo espaço para novas interpretações (Guimarães, 2019, p. 120).

¹ Carta de Cecil Hemley a Helen Caldwell, datada de 8 out. 1952, reunida em Guimarães, 2019, p. 132.

² Carta de Helen Caldwell a Cecil Hemley, datada de 7 de novembro de 1952, reunida em Guimarães, 2019, p. 137.

Ademais, a ênfase na “ambiguidade” da narrativa e na “psicologia do narrador” (com Bento sendo caracterizado por Caldwell como um “neurótico”) alinhava a obra de Machado de Assis com tendências literárias modernistas e com o crescente interesse pela psicologia na literatura do século XX. Essa leitura tornava Machado, um autor do século XIX, surpreendentemente “relevante” e “moderno” para o público e a crítica da época. Ao ser enquadrado nesses termos, *Dom Casmurro* fugia à imagem de um clássico ultrapassado, apresentando-se como um precursor das inquietações e das complexidades formais da literatura do século XX, o que facilitou sua inserção em discussões literárias mais contemporâneas.

5.2.3 *Philosopher or Dog?* (1954) – Trad. Clotilde Wilson

Completando a trilogia inicial de romances machadianos publicados pela Noonday Press, *Quincas Borba* foi lançado em 1954 sob o título *Philosopher or Dog?*, em tradução de Clotilde Wilson. A iniciativa para esta tradução partiu da própria Clotilde Wilson, professora da Universidade de Washington, que, estimulada pelo sucesso da edição de *Epitaph of a Small Winner*, ofereceu seu trabalho à editora (Guimarães & Oliveira, 2021).

A correspondência entre Wilson e o editor Cecil Hemley revela um processo cuidadoso de deliberação, especialmente no que concerne ao título em inglês. Wilson inicialmente propôs alternativas como “Bubble of Eternity” (Bolha da Eternidade), buscando capturar a dimensão filosófica e a transitoriedade presentes na doutrina do Humanitismo de Quincas Borba. Hemley, por sua vez, considerou “Man or Dog?” (Homem ou Cão?), inspirado na tradução italiana da obra. Após um debate que se estendeu por várias cartas, a escolha recaiu sobre *Philosopher or Dog?* (Filósofo ou Cão?) (citado por Guimarães & Oliveira, 2021). Clotilde Wilson também demonstrou grande atenção aos detalhes textuais da tradução, chegando a insistir em revisões de pontuação, mesmo que isso implicasse custos adicionais para ela, o que evidencia seu zelo e minúcia no tratamento da obra machadiana (Guimarães & Oliveira, 2021).

O prefácio de Clotilde Wilson para *Philosopher or Dog?* é um paratexto fundamental para a compreensão da maneira como o romance foi apresentado ao público anglófono. Nele, a tradutora foca na “preocupação do autor com a insanidade, particularmente na forma de megalomania”, estabelecendo uma continuidade temática com *Epitaph of a Small Winner* e conectando a obra ao poema “A Mosca Azul” de Machado (Wilson, 1954, p. ix-xi). Wilson traça paralelos entre o pensamento machadiano, a obra de Erasmo de Roterdã (especialmente *O Elogio da Loucura*) e conceitos da psicologia moderna, como o “princípio do prazer” (Wilson, 1954, p. x). Ela argumenta que os personagens machadianos, como Rubião, buscam a felicidade e escapam de uma realidade frustrante através da fantasia e da loucura (Wilson, 1954, p. xi).

Os elementos paratextuais da edição, como a capa e a listagem de *Epitaph of a Small Winner* e *Dom Casmurro* como “outros livros de Machado de Assis” publicados pela Noonday Press, reforçavam a ideia de um “projeto Machado” em curso pela editora, construindo uma imagem de coerência e investimento contínuo no autor brasileiro.

A escolha do título *Philosopher or Dog?* para *Quincas Borba*, embora tenha sido fruto de um debate e não a preferência inicial de Wilson (Guimarães & Oliveira, 2021), acabou por destacar um dos dilemas centrais do romance: a natureza ambígua da filosofia de Quincas Borba e a tênue linha entre a humanidade e a animalidade nos personagens, especialmente em Rubião. Esse título, mais provocador e menos literal que o original, possivelmente visava despertar a curiosidade do leitor anglófono de forma mais eficaz. A rejeição de Wilson à sugestão “Man or Dog?”, por considerar que soaria como um “freak show”, demonstra sua preocupação em preservar a dignidade e a complexidade da obra (Guimarães & Oliveira, 2021, p. 8). *Philosopher or Dog?* surgiu, assim, como um compromisso que mantinha um questionamento

filosófico e um apelo enigmático, como notado por comentadores posteriores que viram o título espalhar uma “questão preñe de questões, que nos levariam longe...” (Assis, 2012a, p. 255).

O prefácio de Clotilde Wilson, ao focar nos temas da “loucura” e do “princípio do prazer” e ao conectar Machado com Erasmo e a psicologia (Wilson, 1954), deu continuidade à estratégia de universalização de Machado de Assis. Essa abordagem o apresentava não apenas como um romancista brasileiro do século XIX, mas como um pensador de questões humanas atemporais, reforçando sua imagem como autor de “estatura internacional”. Essa linha interpretativa, consistente nas três publicações da Noonday Press, parece ter sido uma estratégia editorial deliberada, visando facilitar a aceitação e a inserção de Machado no cânone literário ocidental, ao ressaltar afinidades com tradições intelectuais e preocupações universais já reconhecidas pelo público leitor e pela crítica de língua inglesa.

5.3 A RECEPÇÃO CRÍTICA INICIAL E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE MACHADO DE ASSIS

A introdução de um autor da estatura de Machado de Assis em um novo campo literário é um processo complexo, no qual a recepção crítica desempenha um papel fundamental. As resenhas publicadas em periódicos de prestígio não apenas informam o público sobre os lançamentos, mas também contribuem para a construção da imagem do autor e de sua obra, influenciando sua legitimação e eventual canonização. No caso das primeiras traduções da Noonday Press, a resposta da crítica norte-americana foi um fator determinante. A tabela 10 oferece um panorama comparativo de algumas das resenhas mais significativas do período, incluindo as duas análises de *Philosopher or Dog?* que são foco deste estudo.

Tabela 10. Análise Comparativa de Resenhas Selecionadas (1952-1954)

Obra Resenhada	Resenhista	Publicação	Data	Principais Pontos Positivos	Principais Críticas/Defeitos Apontados	Visão sobre Machado de Assis
<i>Epitaph of a Small Winner</i>	Dudley Fitts	<i>New York Times</i>	13/07/1952	“Obra-prima”, “justiça tardia”, “comparável a Flaubert/Hardy/James”, “estudo de desilusão irônica”	Eco de Sterne (truques tipográficos, capítulos breves) visto como “derivativo”, “arrogância truculenta”	Mestre da prosa, irônico, profundo, universal
<i>Epitaph of a Small Winner</i>	Anthony West	<i>The New Yorker</i>	09/08/1952	“Clássico menor”, “descoberta agradável”, “vitalidade”	Risco de má interpretação da ironia (tomada como niilismo ou	Ironista clássico, crítico da natureza

				experimental e inventiva”, “humor selvagem e totalmente sério”	pessimismo absoluto do autor)	a humana, técnica sofisticada
<i>Dom Casmurro</i>	H.C. Webster	<i>New York Times</i>	24/05/1953	“Merece reputação internacional”, “mistura hábil de originalidade e técnica de Sterne”	Alguns leitores podem subestimar devido à não convencionalidade da narrativa	Autor original e habilidoso, com domínio técnico
<i>Philosopher or Dog?</i>	William L. Grossman	<i>Saturday Review</i>	17/07/1954	“Agudamente irônico”, aumentará prestígio com “Machadianos yanques”, explora filosofia de Quincas Borba	Não será best-seller, difícil para o leitor médio aceitar críticas a temas íntimos (arranjos conjugais)	Mestre da ironia, filósofo cético, para público dedicado
<i>Philosopher or Dog?</i>	James Stern	<i>New York Times</i>	18/07/1954	“Estranho e maravilhoso”, “sutil humor Firbankiano”, estilo de Sterne, desafiador ao leitor	Requer prefácio para ser “digerido apropriadamente”, pode ser “confuso” para alguns leitores	Autor exigente, original, com humor sofisticado e complexidade narrativa

Fonte: Elaborada pelo autor com base em em Heurist (massis_en. Heurist V6.7.2).

5.3.1 Resenhas de *Epitaph of a Small Winner*

A publicação de *Epitaph of a Small Winner* em 1952 gerou considerável atenção da mídia norte-americana, com resenhas em periódicos de grande influência que foram cruciais para a legitimação inicial de Machado de Assis. Dudley Fitts, em sua resenha para o *The New York Times Book Review* intitulada “A Masterpiece From Brazil”, saudou o lançamento como “um

ato de justiça há muito adiado” e uma “grande contribuição para a literatura americana” (Fitts, 1952). Fitts lamentou a “inércia cultural” que resultou numa demora de mais de cinquenta anos para que o público anglófono tivesse um “olhar preliminar” sobre um autor que ele considerava um “mestre da prosa americana”, comparável em força literária a Flaubert, Hardy ou James (Fitts, 1952). Descreveu o romance como “definitivo”, um “estudo de desilusão irônica” que capturava a “imediatez plena da comédia humana” (Fitts, 1952). No entanto, Fitts também apontou o que considerava falhas formais: um “eco de Sterne” nos truques tipográficos, nos capítulos excessivamente breves e nos comentários intrusivos de Brás Cubas, que lhe pareciam “inquietantemente derivativos” (Fitts, 1952). Mencionou ainda uma “arrogância truculenta” ocasional. Apesar disso, considerou tais aspectos como “falhas da era”, amplamente compensadas pela “tensão lírica” e pelos “profundos insights” da obra (Fitts, 1952). A tradução de Grossman foi elogiada como “admirável”, com pequenas ressalvas a um “excesso de coloquialismo” e ao uso da palavra “curvaceous” (Fitts, 1952). O impacto da resenha de Fitts foi considerável, pois, vinda de um veículo de prestígio, ajudou a posicionar Machado como um mestre universal injustamente negligenciado. A Noonday Press, ciente desse valor, utilizou trechos dessa resenha em seus materiais promocionais.

Anthony West, escrevendo para *The New Yorker* sob o título “A Minor Classic”, também considerou Machado uma “descoberta agradável, embora tardia” (West, 1952, p. 71). Elogiou a tradução de Grossman como um “labor de amor”. West caracterizou *Epitaph* como um exercício formal que imitava a técnica de Sterne, mas fortalecido pelo “realismo psicológico do romance francês”, dotado de uma “vitalidade experimental e inventiva” que remetia mais aos anos 1920 do que à década de 1880, quando foi originalmente publicado (West, 1952, p. 71). Um ponto central da análise de West foi a interpretação da ironia machadiana. Ele discordou da leitura de Grossman, que via Machado como “o escritor mais completamente desencantado”, argumentando que tal visão desconsiderava o “uso muito deliberado e clássico da ironia” pelo autor (West, 1952, p. 72). West comparou a ironia de Machado à de Hemingway e Montherlant, descrevendo-a como uma “piada selvagem” e “totalmente séria”, com um “gume ligeiramente suicida” (West, 1952, p. 72-73). Para West, a famosa conclusão de Brás Cubas sobre ser um “pequeno vencedor” por não ter tido filhos era um “diagnóstico do que estava incuravelmente errado com Brás Cubas”, e não uma expressão do pessimismo absoluto do autor (West, 1952, p. 73). A resenha de West, publicada em outro veículo de grande influência, aprofundou a discussão sobre a complexa ironia machadiana, alertando para os perigos da má interpretação e oferecendo uma leitura mais sofisticada, que percebia a comédia como um veículo para a tragédia e a crítica social.

As resenhas de Fitts e West, embora majoritariamente positivas e cruciais para a legitimação de Machado, revelam uma certa “inércia cultural”, na medida em que buscam enquadrar o autor brasileiro em referências já conhecidas do cânone ocidental (Sterne, Flaubert, Hardy, James) e, por vezes, apontam como “falhas” ou “derivações” elementos estilísticos que, posteriormente, seriam amplamente reconhecidos como parte da originalidade e da modernidade de Machado. Fitts, por exemplo, ao descrever os “truques shandyanos” como um “eco” e “derivativos” (Fitts, 1952), demonstra uma dificuldade inicial em apreender plenamente a singularidade da apropriação machadiana. Essa necessidade de comparação com o cânone estabelecido era, ao mesmo tempo, uma forma de validação e uma potencial barreira para a compreensão integral da inovação de Machado.

A tensão observada nessas primeiras leituras – entre a aclamação (“obra-prima”, “mestre”) e a dificuldade de apreensão total de sua ironia e modernidade (percebidas por alguns como “falhas da era” ou interpretadas como “pessimismo absoluto”) – criou uma dinâmica que, paradoxalmente, pode ter estimulado o interesse acadêmico subsequente. Um autor que se

apresenta como “desafiador” e “enigmático” tende a se tornar um objeto de estudo mais rico e instigante. As divergências interpretativas, como a que se observa entre Grossman e West a respeito do pessimismo machadiano, ilustram essa complexidade e sinalizam um campo fértil para a crítica futura.

5.3.2 Resenhas de *Dom Casmurro*

A recepção crítica de *Dom Casmurro*, traduzido por Helen Caldwell e publicado em 1953, foi mais diversificada, refletindo talvez a maior complexidade e ambiguidade da obra em comparação com *Epitaph of a Small Winner*. O romance foi resenhado em periódicos importantes, como *New York Times* (por H.C. Webster), mas de modo geral teve uma recepção fria e irregular (Costa, 2016).

H.C. Webster, no *New York Times*, afirmou que a publicação de *Dom Casmurro* deveria provar conclusivamente que Machado de Assis “merece uma reputação internacional”, elogiando a “mistura hábil de sua visão e sensibilidade originais com a técnica que aprendeu com Sterne” (Webster, 1953).

Essa polarização na recepção de *Dom Casmurro* sugere que a sua “ambiguidade essencial” e a complexidade de sua estrutura narrativa foram mais divisivas do que a ironia, talvez mais direta, de *Epitaph of a Small Winner*. A modernidade da obra, especialmente a construção de um narrador não confiável como Bento Santiago, cuja perspectiva se revela cada vez mais questionável ao longo da narrativa, pode ter sido um desafio para um público e uma crítica ainda não totalmente familiarizados com tais artifícios. A “inércia cultural” dos críticos norte-americanos, mencionada por Earl Fitz como uma dificuldade na apreensão das nuances da literatura brasileira (Fitz, 2022), pode ter contribuído para leituras superficiais ou equivocadas das inovações formais e da profundidade irônica de Machado. Harvey Curtis Webster, em sua resenha de *Dom Casmurro*, já alertava que os “constantes chamados ao ‘caro leitor’”, os discursos aparentemente irrelevantes e a “linha narrativa enganosamente tênue” poderiam levar alguns leitores a “subestimarem o livro”, e que aqueles que não valorizassem a “não convencionalidade bem-sucedida” deveriam evitar a obra (Webster, 1953).

Um dos desdobramentos mais significativos da recepção de *Dom Casmurro* nos Estados Unidos foi o impacto que a interpretação focada na ambiguidade e na possível inocência de Capitu – semeada pela colaboração entre Hemley, Caldwell e Waldo Frank (Guimarães, 2019) – acabou por exercer, retroativamente, sobre a crítica brasileira. Como observa Hélio de Seixas Guimarães, essa perspectiva, que questionava a certeza da traição, abalou a “leitura do romance mais canônico da literatura brasileira” (2019, p. 124) e influenciou os críticos brasileiros a partir da década de 1970. Este fenômeno demonstra um interessante fluxo reverso de influência crítica, onde leituras geradas no “centro” (o campo literário norte-americano) reconfiguraram a compreensão de uma obra em seu próprio campo de origem (“periferia”, em termos de recepção internacional consolidada à época), um caso exemplar para os estudos da sociologia da tradução e da literatura.

5.3.3 Resenhas de *Philosopher or Dog?*

A publicação de *Philosopher or Dog?* (tradução de *Quincas Borba*) em 1954 foi acompanhada por resenhas que buscaram situar a obra dentro do crescente, porém ainda específico, interesse por Machado de Assis nos Estados Unidos. Duas dessas resenhas, de William L. Grossman (1954) e James Stern (1954), oferecem perspectivas valiosas sobre como este terceiro romance da Noonday Press foi apresentado e recebido.

William L. Grossman, o próprio tradutor de *Epitaph of a Small Winner*, resenhou *Philosopher or Dog?* para a *Saturday Review* em 17 de julho de 1954, sob o título “Victory and

Potatoes”. Grossman inicia reconhecendo Machado como o “maior homem de letras” oficial do Brasil, mas observa, com perspicácia, que seus admiradores genuínos são tão poucos e distintos que formam uma espécie de “seita”, os “Machadianos” (Grossman, 1954). Ele prevê que *Philosopher or Dog?*, um “romance pequeno e agudamente irônico” (sharply ironic little novel), aumentará o prestígio do autor junto ao “núcleo dedicado e em expansão de Machadianos ianques” (Yankee Machadianians) (Grossman, 1954). A análise de Grossman foca no protagonista Rubião como um discípulo de Quincas Borba, cuja filosofia – o Humanitismo – é descrita como uma “apoteose do homem natural, com consequente exaltação do apetite, da luta e do egoísmo natural” (Grossman, 1954). O título da resenha, “Victory and Potatoes”, é uma alusão direta à máxima central da filosofia de Quincas Borba: “Ao vencedor, as batatas!”. Grossman, que provavelmente escreveu a resenha a pedido da editora Noonday Press, como sugerem Guimarães & Oliveira (2021), posiciona o romance como uma continuação temática de *Epitaph of a Small Winner*, aprofundando a exploração da filosofia de Quincas Borba. Ele destaca a ironia do título em inglês e, de forma realista, conclui que, apesar dos méritos da obra, dificilmente se tornaria um best-seller. Grossman aponta a cena em que Sofia discute os avanços sexuais de Rubião com seu marido, Palha, como um dos episódios mais reveladores e desconfortáveis sobre os arranjos conjugais, sugerindo que o leitor médio, mesmo que captasse a ironia do livro, teria dificuldade em aceitar críticas tão diretas a temas tão sensíveis como a intimidade familiar e conjugal. A resenha de Grossman, vinda de alguém já estabelecido como tradutor de Machado, carregava um peso de autoridade. Ao enfatizar a ironia e a continuidade com a filosofia de Quincas Borba, ele reforçou a imagem de Machado como um autor de pendor filosófico e cético. Sua previsão de que o livro não seria um sucesso de vendas, mas que atrairia os “dedicados”, corrobora a percepção de Machado como um autor destinado a um público mais seletivo e intelectualizado.

James Stern, em sua resenha “Illusion of Grandeur” para o *New York Times* de 18 de julho de 1954, também reconhece Machado como o “maior romancista do Brasil”. Stern inicia com uma citação emblemática de Machado sobre escrever “com a pena da Galhofa e a tinta da Melancolia” e sua atitude desafiadora para com o leitor (“se não lhe agrada, pago-lhe com um piparote, e adeus”) (1954). Stern adverte que “quando os escritores falam assim, os leitores devem saber que precisam prestar atenção” (1954). Ele elogia o “prefácio informativo da tradutora” Clotilde Wilson, afirmando que, sem ele, os leitores – particularmente aqueles que não leram *Epitaph* – poderiam ficar “um tanto confusos com este livro estranho e maravilhoso” (somewhat flummoxed by this strange and wonderful book), com seus “201 capítulos curtos no estilo de Sterne, os apartes do autor e interlúdios fantásticos, seu cinismo, seu sutil humor Firbankiano” (Stern, 1954). O título da resenha, “Illusion of Grandeur”, aponta diretamente para o tema central da megalomania de Rubião. A menção à necessidade de um prefácio para “digerir apropriadamente” o romance sublinha sua percebida complexidade (Stern, 1954). A contribuição de Stern, escrevendo para o influente *New York Times*, foi a de reforçar a imagem de Machado como um modernista *avant la lettre*, com um estilo fragmentado e digressivo que remetia a Laurence Sterne e um humor sofisticado que evocava Ronald Firbank³. Ao destacar tanto a dificuldade e a estranheza do livro quanto seu caráter “maravilhoso”, Stern ajudou a construir a aura de Machado como um autor complexo, recompensador, mas não de fácil assimilação.

A análise conjunta dessas duas resenhas sobre *Philosopher or Dog?* revela um esforço contínuo por parte dos críticos norte-americanos em “decifrar” Machado para seu público,

³ Ronald Firbank (1886–1926) foi um romancista britânico cujas obras, apesar de subestimadas pela crítica em sua época, foram defendidas por importantes nomes da literatura inglesa como Aldous Huxley, Evelyn Waugh, Anthony Powell e Sir Osbert Sitwell. O autor é conhecido por seu estilo único e irônico (https://pt.wikipedia.org/wiki/Ronald_Firbank).

utilizando comparações com autores canônicos do Ocidente e destacando os temas filosóficos e psicológicos da obra. Isso demonstra que, mesmo após a publicação de duas traduções anteriores bem-sucedidas, Machado de Assis ainda era um autor que exigia um trabalho de “mediação” e contextualização. A Noonday Press e seus colaboradores pareciam cientes da necessidade de um aparato paratextual e crítico para acompanhar as traduções e facilitar sua recepção.

Apesar desses esforços, a recepção de *Philosopher or Dog?* foi, de fato, “notavelmente mais modesta” do que a de *Epitaph of a Small Winner* e *Dom Casmurro*. Significativamente, a primeira edição do romance esgotou-se e não foi reimpressa por 38 anos, até 1992 (Guimarães, 2023, p. 15). Há registro de sua inclusão em listas de livros de autores negros em 1955, indicando uma categorização racial que começava a se formar nos EUA em torno do autor (Guimarães & Oliveira, 2021, p. 15). O fato de *Philosopher or Dog?* ter tido uma trajetória comercial mais difícil, mesmo sendo a sequência de *Epitaph* e parte do “projeto Machado” da Noonday, sugere que a “fórmula” de apresentar Machado (com ênfase na ironia, pessimismo e estilo sterniano) talvez estivesse atingindo um ponto de saturação para o público leitor da época. Alternativamente, as particularidades de *Quincas Borba* – talvez sua maior densidade filosófica ou a representação mais explícita da loucura e da desintegração social de Rubião – podem tê-lo tornado menos acessível ou atraente que os dois romances anteriores. A própria dificuldade em encontrar um título adequado em inglês para a obra pode refletir uma incerteza sobre como “vender” este romance específico para o mercado anglófono.

5.3.4 O Papel dos “Gatekeepers” (Editores, Tradutores, Críticos) na Canonização Inicial

O processo de introdução e legitimação de Machado de Assis no mundo anglófono na década de 1950 foi intensamente mediado por um conjunto de agentes que podem ser compreendidos, à luz da sociologia da tradução, como *gatekeepers* (guardiões ou porteiros) (Sapiro, 2014). Editores como Cecil Hemley e Arthur Cohen, da Noonday Press, tradutores como William L. Grossman, Helen Caldwell e Clotilde Wilson, e críticos literários como Dudley Fitts e Anthony West desempenharam papéis cruciais na seleção das obras, na moldagem de sua apresentação ao novo público através das traduções e dos paratextos, e na influência exercida sobre a recepção crítica inicial.

A Noonday Press, ao tomar a decisão de publicar Machado, e os tradutores, ao definirem suas abordagens estilísticas e interpretativas e ao redigirem introduções e prefácios, estavam efetivamente controlando o acesso e a primeira impressão que o público anglófono teria do autor brasileiro. Os críticos, por meio de suas resenhas em publicações de grande circulação e prestígio, conferiam (ou, em alguns casos, negavam) legitimidade a essas obras e ao autor. Esse mecanismo de consagração por agentes já legitimados no campo é um elemento central da dinâmica dos campos literários descrita por Bourdieu (2002).

Observa-se uma notável sinergia, consciente ou não, entre esses diferentes guardiões na construção de uma imagem particular de Machado de Assis: a de um mestre da ironia, um pessimista sofisticado e um precursor do modernismo literário. Essa imagem, embora não destituída de fundamento, era inerentemente seletiva e servia para posicionar o autor de forma favorável dentro do campo literário anglófono da época. Grossman, por exemplo, enfatizou o pessimismo e a ironia (1952); West debateu a ironia clássica e a modernidade de Machado (1952); Caldwell e Frank focaram na ambiguidade psicológica e narrativa (Frank, 1953; Guimarães, 2019); e Wilson destacou a loucura e a filosofia (1954). Apesar das nuances, houve uma convergência na apresentação de Machado como um autor intelectualmente desafiador e estilisticamente inovador, um perfil que se alinhava com o “gosto” da Noonday Press por

literatura de “qualidade” e com as expectativas de um público leitor mais exigente (Guimarães, 2023).

Contudo, é importante considerar que o processo de controle de entrada nos anos 1950, ao mesmo tempo que abriu as portas para Machado de Assis no mundo anglófono, também pode ter contribuído para a cristalização de certos “caminhos interpretativos” que, por um período, dificultaram o surgimento de outras leituras – por exemplo, abordagens mais focadas no contexto social e racial brasileiro da obra machadiana, como apontado posteriormente por críticos como Earl Fitz (2022). A canonização inicial é, por natureza, um processo de seleção e ênfase, que inevitavelmente deixa outros aspectos e potencialidades da obra na sombra. A forte ênfase na “universalidade” de Machado e nas comparações com autores canônicos europeus, embora estratégica para sua legitimação inicial, corria o risco de desviar a atenção das especificidades de sua crítica social ao Brasil do século XIX. A “inércia cultural” (Fitz, 2022), nesse sentido, não se refere apenas à dificuldade de apreender a ironia machadiana, mas talvez também à dificuldade de um campo literário central em se engajar plenamente com o “outro” em seus próprios termos, sem o filtro de referências familiares.

5.4 A NOONDAY PRESS E O LEGADO DA CANONIZAÇÃO INICIAL

O impacto das publicações da Noonday Press na década de 1950 foi além da mera disponibilização dos textos de Machado de Assis em inglês. Essas edições pioneiras estabeleceram um legado duradouro, moldando a percepção inicial do autor e abrindo caminho para sua futura consolidação no cânone literário anglófono.

5.4.1 Avaliação do Impacto das Traduções da Noonday Press

As traduções de *Epitaph of a Small Winner*, *Dom Casmurro* e *Philosopher or Dog?* pela Noonday Press representaram, inegavelmente, um “impulso inicial” e um “ponto de inflexão” na trajetória internacional de Machado de Assis (Guimarães, 2023). Foram o primeiro esforço concentrado e de relativo sucesso para apresentar seus romances a um público de língua inglesa. Embora as vendas tenham sido modestas, como já discutido, o impacto simbólico e, sobretudo, acadêmico dessas publicações foi considerável. Como afirmou Arthur Cohen, um dos fundadores da editora, a Noonday Press “concluiu a tarefa de incluir Machado de forma permanente no ‘patrimônio literário da América de língua inglesa’” (Guimarães, 2023, p. 8). Essas primeiras edições tornaram-se, por muitos anos, as versões de referência e a base para estudos críticos e acadêmicos subsequentes. A aquisição da Noonday Press pela Farrar, Straus and Cudahy (que mais tarde se tornaria Farrar, Straus and Giroux - FSG) em 1960 foi um fator crucial para a continuidade desse legado, pois garantiu que esses títulos fundamentais permanecessem em catálogo, ainda que sob um novo selo, solidificando a presença de Machado no mercado editorial norte-americano (Guimarães, 2023).

O legado da Noonday, portanto, não se resumiu à simples publicação dos livros. Mais profundamente, a editora e seus colaboradores criaram um “discurso” inicial sobre Machado de Assis em língua inglesa – um discurso construído através das escolhas de tradução, das introduções e prefácios, das resenhas estimuladas e, fundamentalmente, do próprio ato de selecionar e promover este autor específico. Esse discurso primordial moldou a percepção de gerações de leitores e críticos anglófonos, estabelecendo os termos iniciais do debate sobre sua obra. Os temas recorrentes nos paratextos e nas resenhas da época – a ironia, o pessimismo, a modernidade estilística, a ambiguidade psicológica – tornaram-se os “lugares-comuns” da crítica machadiana em inglês. A própria existência dessas traduções viabilizou o trabalho acadêmico posterior, como os influentes estudos de Helen Caldwell (1960).

Contudo, é pertinente considerar que a “canonização inicial” promovida pela Noonday, ao focar nos três grandes romances da chamada “segunda fase” de Machado, pode ter,

inadvertidamente, contribuído para uma visão um tanto monolítica do autor. Essa concentração no Machado “modernista” e “filosófico”, embora estratégica para sua introdução e legitimação, acabou por ofuscar, por um período mais longo, a vasta diversidade de sua produção, que inclui contos, crônicas, poesia e os romances de sua primeira fase (Gledson, 2013). Outras facetas da obra machadiana só seriam “descobertas” mais tardiamente pelo público anglófono, com a paulatina tradução de coletâneas de contos e de outros de seus romances.

5.4.2 A Transição para Outras Editoras e a Continuidade do Processo

Após o período pioneiro da Noonday Press, a responsabilidade pela difusão da obra de Machado de Assis nos Estados Unidos foi progressivamente assumida por outras casas editoriais, com destaque para as editoras universitárias. A University of California Press (UCP) tornou-se uma importante divulgadora de Machado na década de 1960, publicando uma série de traduções, muitas delas realizadas por Helen Caldwell, que se consolidava como uma das principais especialistas e promotoras do autor no meio acadêmico norte-americano (Guimarães, 2023). Entre os títulos lançados pela UCP estão *Esau and Jacob (Esau e Jacó)*, *Counselor Ayres' Memorial (Memorial de Aires)*, *Helena*, e a coletânea de contos *The Psychiatrist and Other Stories*. Mais tarde, na década de 1990, a Oxford University Press também passou a integrar Machado em seu catálogo, com novas traduções e reedições, notadamente através de sua coleção “Library of Latin America”.

A passagem da obra machadiana para editoras universitárias como a UCP sinaliza uma etapa importante em seu processo de canonização: a sua consolidação no meio acadêmico. Essas editoras, com seu foco em obras de valor literário e intelectual duradouro e um público-alvo mais especializado, representavam o passo natural após a “introdução” e legitimação inicial realizadas pela Noonday Press. O papel de Helen Caldwell como tradutora e crítica continuou a ser central nessa fase, não apenas vertendo os textos para o inglês, mas também produzindo estudos analíticos que aprofundavam a compreensão da obra machadiana (Guimarães, 2023).

A continuidade da publicação por editoras de perfil acadêmico demonstra que o “capital simbólico” acumulado por Machado de Assis através das edições da Noonday e da recepção crítica inicial foi reconhecido e validado pelo campo universitário. Este é um passo essencial na construção de uma canonização duradoura, pois é no ambiente acadêmico que as obras são estudadas, ensinadas e incorporadas ao currículo, garantindo sua transmissão para novas gerações de leitores e pesquisadores. A decisão da University of California Press de investir em múltiplas traduções de Machado, muitas delas confiadas a Helen Caldwell, sinalizava a aceitação do autor brasileiro como um “clássico” digno de estudo e pesquisa aprofundada.

A especialização de Helen Caldwell em Machado de Assis, que resultou na publicação tanto de traduções quanto de importantes estudos críticos como *The Brazilian Othello* (1960) e *Machado de Assis: The Brazilian Master and His Novels* (1970), e sua estreita associação com a University of California Press, contribuíram para a criação de um verdadeiro “polo” de estudos machadianos nos Estados Unidos. Essa concentração de publicações de e sobre Machado por uma mesma tradutora de renome e uma mesma editora universitária de prestígio ajudou a estabelecer um corpus de referência e um centro de gravidade para a pesquisa acadêmica, facilitando a disseminação e o aprofundamento dos estudos sobre o autor no contexto anglófono.

5.4.3 A “Descoberta” por Sontag e Bloom: Ecos dos Anos 1950?

Décadas após o impulso inicial dado pela Noonday Press, a obra de Machado de Assis receberia um novo tipo de reconhecimento no mundo anglófono através de figuras proeminentes do campo literário internacional. Susan Sontag, em 1990, e Harold Bloom, em

2002, ambos críticos de grande prestígio, publicamente reconheceram a genialidade de Machado, ao mesmo tempo em que lamentaram seu relativo desconhecimento pelo público de língua inglesa (Moreira, 2009). Os pronunciamentos de Sontag, que chegou a afirmar que Machado foi possivelmente “o maior escritor já produzido na América Latina” (1990, p. 102), e de Bloom, que o incluiu em seu cânone ocidental como um dos grandes gênios literários (2002, pp. 675-680), representaram um novo pico de consagração para o autor brasileiro no exterior.

É plausível argumentar que essa “redescoberta” por Sontag e Bloom não surgiu no vazio. Pelo contrário, ela foi precedida e, em grande medida, possibilitada pelo trabalho de base realizado pela Noonday Press e, subsequentemente, por tradutores, editores e acadêmicos nas décadas anteriores. As traduções, os estudos críticos e o ensino universitário, embora talvez de alcance limitado ao grande público, mantiveram Machado de Assis “vivo” e relevante no cenário anglófono, legitimando-o como um autor de peso e tornando-o um nome “conhecível” o suficiente para que figuras da estatura de Sontag e Bloom pudessem “descobri-lo” e promovê-lo a um público ainda mais amplo. A canonização, como demonstra o caso machadiano, é frequentemente um processo cumulativo e gradual.

Os elogios de Sontag e Bloom, ao mesmo tempo que consagravam Machado, também reforçavam uma certa narrativa da descoberta tardia de um gênio negligenciado. Embora essa narrativa contenha uma dose de verdade, considerando a longa obscuridade internacional do autor, ela pode, por vezes, ofuscar os esforços contínuos e menos espetaculares dos tradutores, editores e acadêmicos menos famosos que, como a equipe da Noonday Press e Helen Caldwell, pavimentaram o caminho para esse reconhecimento tardio. A história da recepção de Machado de Assis é, também, uma história sobre os complexos mecanismos de visibilidade e invisibilidade que operam na “República Mundial das Letras” (Casanova, 2008). A narrativa do “gênio oculto” é, sem dúvida, atraente, mas tende a simplificar a intrincada rede de mediações culturais, editoriais e críticas que, de fato, conduzem um autor de uma literatura periférica ao reconhecimento global. Adicionalmente, a lamentação de Sontag e Bloom sobre o desconhecimento de Machado também pode ser vista como um ato performativo que os posiciona como “descobridores” ou “campeões” de um autor importante, reforçando, no processo, seu próprio capital simbólico dentro do campo literário internacional.

5.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do papel da Noonday Press na introdução de Machado de Assis ao mundo anglófono na década de 1950 revela um momento crucial na trajetória internacional do autor. Através de seus editores, Cecil Hemley e Arthur Cohen, e com o trabalho indispensável dos tradutores William L. Grossman, Helen Caldwell e Clotilde Wilson, a Noonday Press desempenhou um papel pioneiro e fundamental. Suas publicações de *Epitaph of a Small Winner*, *Dom Casmurro* e *Philosopher or Dog?* não foram meros empreendimentos comerciais, mas atos culturais de grande significado. Inseridas em um contexto de crescente interesse norte-americano pela América Latina, impulsionado em parte pelas dinâmicas da Guerra Fria, e moldadas por estratégias editoriais e de tradução específicas, essas edições lançaram as bases para a canonização inicial de Machado nos Estados Unidos. A recepção crítica da época, com destaque para as resenhas de Dudley Fitts e Anthony West sobre *Epitaph of a Small Winner*, e as análises de William L. Grossman e James Stern sobre *Philosopher or Dog?*, ajudou a legitimar Machado como um autor de estatura mundial, ainda que a plena apreensão de sua complexidade irônica e de sua modernidade narrativa tenha sido um processo gradual e, por vezes, permeado por uma certa “inércia cultural” (Fitz, 2022).

Este estudo de caso da Noontday Press ilustra vividamente as dinâmicas de poder, mediação cultural e consagração que são centrais para a compreensão mais ampla da circulação e recepção da obra machadiana no mundo anglófono, conforme delineado na problemática geral desta tese. Demonstra como agentes editoriais, tradutores e críticos atuam como *gatekeepers* (guardiões), e como fatores extraliterários – como a geopolítica e as políticas culturais – interagem com o valor literário intrínseco na determinação da trajetória internacional de um autor proveniente de uma literatura então considerada periférica. O caso Noontday evidencia que a consagração (ou a relativa obscuridade) de Machado de Assis resultou menos de uma “seleção natural” estética e mais de disputas de capital simbólico, interesses econômicos e diplomáticos, e escolhas tradutórias e editoriais intencionais.

As implicações deste estudo estendem-se aos Estudos Machadianos, aos Estudos da Tradução e à História Editorial. Para os Estudos Machadianos, ele enriquece a compreensão de como um autor canônico em seu país de origem é (re)construído e introduzido em um novo campo literário, revelando as contingências e os agenciamentos envolvidos nesse processo. Para os Estudos da Tradução, ressalta o papel ativo e interpretativo dos tradutores como mediadores culturais cruciais, e a importância fundamental dos paratextos (prefácios, notas, capas) na moldagem da recepção. Para a História Editorial, documenta as estratégias, os desafios e as ambições culturais de uma pequena editora que ousou apostar em um autor desconhecido para o seu público, contribuindo para a diversificação do panorama literário norte-americano.

A trajetória da Noontday Press com Machado de Assis serve como um microcosmo das complexas negociações que regem a “República Mundial das Letras”. A editora, seus colaboradores e os críticos da época, ao “importarem” Machado para o campo anglófono, não apenas traduziram palavras, mas também transferiram e transformaram capital cultural, iniciando um diálogo que continua a render frutos e a suscitar novas investigações.

6 MACHADO DE ASSIS, EDITORAS UNIVERSITÁRIAS E A LEGITIMAÇÃO ACADÊMICA NOS ESTADOS UNIDOS (1963-1984)

A consolidação de Joaquim Maria Machado de Assis no ambiente universitário norte-americano durante as décadas de 1960 e 1980 representa um capítulo notável na história da recepção internacional da literatura brasileira. Este período foi marcado por uma confluência de fatores geopolíticos, iniciativas de fomento cultural e um dedicado trabalho de tradução e edição que, em conjunto, elevaram o autor brasileiro de uma relativa obscuridade no mundo anglófono a um nome reconhecido nos círculos acadêmicos e literários. Embora as primeiras incursões significativas de Machado em inglês tenham ocorrido na década de 1950, notadamente através da Noonday Press, uma editora comercial, foi a partir de 1960 que as editoras universitárias assumiram um papel preponderante na sua canonização acadêmica nos Estados Unidos (Guimarães, 2023; Macedo, 2023). A aquisição da Noonday Press pela Farrar, Straus and Cudahy em 1962 assinalou uma transição, diminuindo o foco artesanal e intensivo que aquela casa havia dedicado a Machado e abrindo espaço para que instituições acadêmicas se tornassem os principais vetores de sua contínua e expandida introdução ao público leitor e estudioso de língua inglesa (Guimarães, 2023).

Este capítulo se propõe a analisar o papel crucial desempenhado por três editoras universitárias específicas - University of California Press (UCP), University Press of Kentucky (UPK) e University of Texas Press (UTP) - no processo de legitimação acadêmica de Machado de Assis nos Estados Unidos durante o período de 1960 a 1980. O foco analítico residirá na articulação complexa entre, por um lado, as políticas de fomento e os contextos institucionais em um nível meso (incluindo o papel de fundações como a Rockefeller e programas como o Latin American Translation Program - LAMP, bem como o clima da Guerra Fria e suas iniciativas de diplomacia cultural) e, por outro lado, as escolhas tradutórias e paratextuais em um nível micro, realizadas pelos tradutores e editores responsáveis por essas publicações. Investigar-se-á como esses níveis interconectados moldaram a imagem de Machado de Assis apresentada à comunidade acadêmica norte-americana, influenciando sua incorporação em currículos universitários, no discurso erudito e, em última instância, no cânone literário nos Estados Unidos.

Um aspecto fundamental que antecede e informa a atuação das editoras universitárias é a relação simbiótica entre o surgimento inicial de Machado, ainda que modesto em termos absolutos, e sua posterior legitimação acadêmica. As publicações pioneiras da Noonday Press na década de 1950, como *Epitaph of a Small Winner* (1952), *Dom Casmurro* (1953) e *Philosopher or Dog?* (1954), não foram apenas um prelúdio isolado. Elas geraram uma onda inicial de reconhecimento crítico nos Estados Unidos, com resenhistas influentes como Dudley Fitts saudando Machado como uma “força literária que transcende nacionalidade e língua” (citado por Guimarães, 2023, p. 12)). Essa aclamação crítica e a visibilidade inicial no mercado criaram um ambiente mais receptivo e estabeleceram um certo grau de mérito literário que, plausivelmente, tornou Machado de Assis um candidato mais atraente e menos arriscado para as editoras universitárias e para os programas de fomento institucionalmente apoiados, como o LAMP (Cohn, 2023; Guimarães, 2023). August Frugé, editor da University of California Press e figura chave no LAMP, posteriormente identificou Machado de Assis como uma rara exceção entre autores latino-americanos que combinava “importância literária e algum sucesso comercial no contexto de publicação das editoras universitárias” (Guimarães, 2023, p. 19). Isso sugere que a validação crítica e a introdução ao mercado proporcionadas pela Noonday Press

facilitaram o investimento subsequente por parte das editoras universitárias e de órgãos de fomento como a Fundação Rockefeller, que viam em Machado um nome promissor para seus objetivos de diplomacia cultural. Assim, o processo de legitimação acadêmica impulsionado pelas editoras universitárias nas décadas de 1960 e 1980, embora distinto, construiu-se, em parte, sobre essa introdução comercial anterior, demonstrando uma potencial sinergia entre vias comerciais e acadêmicas na recepção internacional de um autor.

A tabela 11 apresenta um panorama das principais traduções de Machado de Assis publicadas pelas editoras universitárias em foco neste capítulo durante o período de 1960-1984.

Tabela 11. Principais Traduções de Machado de Assis pela UCP, UPK e UTP (1960-1984)

Título Traduzido	Título(s) Original(is) e Ano(s)	Ano da Tradução	Editora	Tradutor(es)	Contribuidor Paratextual Chave (Ex.: Introdutor se não o tradutor)	Financiamento/Programa Mencionado
<i>The Psychiatrist and Other Stories</i>	O Alienista (1881-1882) e outros contos	1963	University of California Press (UCP)	William L. Grossman, Helen Caldwell	William L. Grossman (Introdução)	Fundação Rockefeller (LATP)
<i>Esau and Jacob</i>	Esaú e Jacó (1904)	1965	University of California Press (UCP)	Helen Caldwell	Helen Caldwell (Introdução)	Fundação Rockefeller (LATP)
<i>The Hand and the Glove</i>	A Mão e a Luva (1874)	1970	University Press of Kentucky (UPK)	Albert I. Bagby, Jr.	Helen Caldwell (Prefácio), Albert I. Bagby Jr. (Introdução)	Apoio institucional de cooperação acadêmica entre universidades e colégios do estado de Kentucky
<i>Counselor Ayres' Memorial</i>	Memorial de Aires (1908)	1972	University of California Press (UCP)	Helen Caldwell	Helen Caldwell (Introdução)	UCP era beneficiária LATP

<i>Iaiá Garcia</i>	Iaiá Garcia (1878)	1977	University Press of Kentucky (UPK)	Albert I. Bagby, Jr.	Albert I. Bagby Jr. (Prefácio e Introdução)	Apoio institucional de cooperação acadêmica entre universidades e colégios do estado de Kentucky.
<i>The Devil's Church and Other Stories</i>	Diversos contos (1882-1905)	1977	University of Texas Press (UTP)	Jack Schmitt, Lorie Ishimatsu	Jack Schmitt, Lorie Ishimatsu (Introdução)	Pan American Sulphur Company (para a Texas Pan American Series)
<i>Helena: A Novel</i>	Helena (1876)	1984	University of California Press (UCP)	Helen Caldwell	Helen Caldwell (Introdução)	Publicação pela UCP sugere continuidade com seu programa editorial

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Heurist (massis_en. Heurist V6.7.2).

6.1 POLÍTICAS DE FOMENTO, AGENDAS INSTITUCIONAIS E A TRADUÇÃO DE MACHADO DE ASSIS

A incursão e consolidação de Machado de Assis no cenário acadêmico norte-americano durante as décadas de 1960 e 1980 não podem ser dissociadas de um complexo conjunto de fatores de nível meso, que incluem o ambiente geopolítico da Guerra Fria, as políticas de fomento cultural daí decorrentes e as agendas específicas das instituições envolvidas, nomeadamente as editoras universitárias e as fundações que as apoiaram. Estes elementos macroestruturais forneceram tanto o ímpeto quanto os recursos para a tradução e disseminação da obra machadiana, moldando sutilmente as formas como ela seria apresentada e recebida (Cohn, 2023; Guimarães, 2023).

6.1.1 O Contexto da Guerra Fria: Diplomacia Cultural e a Literatura Latino-Americana nos EUA

O período de 1960 a 1980 foi profundamente marcado pelas tensões da Guerra Fria. A Revolução Cubana de 1959, em particular, intensificou o interesse estratégico e as ansiedades dos Estados Unidos em relação à América Latina, resultando em um maior engajamento da política externa norte-americana na região (Cohn, 2012, 2023). Este intervencionismo, por sua vez, contribuiu para o aumento do sentimento antiamericano, especialmente entre os intelectuais latino-americanos, que frequentemente viam com desconfiança as políticas e a influência cultural dos EUA. Neste clima geopolítico carregado, tanto órgãos públicos quanto entidades privadas norte-americanas passaram a encarar a tradução e a divulgação da literatura latino-americana como uma ferramenta vital de “diplomacia do livro” ou “soft power” (Cohn, 2023). O objetivo estratégico era duplo: por um lado, combater o antiamericanismo e conter a disseminação de ideologias revolucionárias, percebidas como alinhadas ao bloco soviético; por outro, atrair intelectuais latino-americanos para os valores democráticos e a esfera de influência cultural dos EUA, projetando uma imagem positiva do país. Um memorando da Agência de Informação dos Estados Unidos (USIA) de 1962, por exemplo, delineava explicitamente a lógica de visar escritores latino-americanos através de programas de tradução e concursos, reconhecendo o poder da “palavra impressa” e dos “líderes de opinião” na formação da percepção pública (memorando de 1962 da Agência de Informação norte-americana [U.S. Information Agency, USIA] citado por Cohn, 2023, pp. 2-3).

Este período testemunhou o florescimento do que Liam Kennedy e Scott Lucas denominaram uma “rede estatal-privada” (citado por Cohn, 2023, p. 7). Esta rede envolvia uma colaboração, por vezes sem precedentes, entre agências governamentais “oficiais” dos EUA e grupos “privados” - como fundações filantrópicas (a Fundação Rockefeller sendo um exemplo proeminente) e instituições acadêmicas, incluindo as editoras universitárias. Estas entidades, embora operando com diferentes graus de autonomia, frequentemente alinhavam seus objetivos culturais com os interesses mais amplos da política externa norte-americana, seja de forma explícita ou implícita (Cohn, 2023).

Dentro desta estratégia de engajamento cultural, a escolha de quais autores latino-americanos promover não era aleatória. Observa-se uma nuance interessante na promoção de autores “clássicos” em detrimento de contemporâneos potencialmente mais “arriscados” ideologicamente (Cohn, 2023). Enquanto o objetivo geral era engajar os intelectuais latino-americanos, os mecanismos de financiamento e os canais institucionais, especialmente aqueles ligados às editoras universitárias como o LATP, parecem ter favorecido, em muitos casos, a tradução de autores estabelecidos e canônicos como Machado de Assis. Autores do século XIX como Machado, embora críticos à sua maneira, podiam ser enquadrados como parte de uma herança literária ocidental compartilhada, apresentando menos riscos ideológicos imediatos do que alguns dos autores contemporâneos do “Boom” latino-americano, cujas obras frequentemente abordavam de forma mais direta as convulsões políticas da época e cujos autores, por vezes, tinham simpatias de esquerda (Cohn, 2023). Machado de Assis, com um crescente reconhecimento crítico desde as publicações da Noonday Press e sendo uma figura histórica, encaixava-se bem em uma narrativa de “alta cultura” e “universalidade”, tornando-o um candidato ideal para programas que visavam um engajamento cultural percebido como menos controverso e mais alinhado com os currículos acadêmicos. O Latin American Translation Program (LATP), por exemplo, embora buscando melhorar o entendimento interamericano, publicou um número significativo de obras mais antigas ou de não-ficção (Cohn, 2023). Em contraste, o Center for Inter-American Relations (CIAR), operando um pouco mais tarde e com um modelo de financiamento e parcerias distinto, mostrou-se mais

equipado e inclinado a engajar-se com os autores do “Boom”, muitos dos quais possuíam conhecidas inclinações políticas de esquerda (Cohn, 2023). Esta distinção sugere uma estratégia combinada no nível meso: as editoras universitárias, frequentemente apoiadas por financiamentos mais cautelosos ou academicamente orientados, podiam promover figuras canônicas “seguras” como Machado, facilitando a diplomacia cultural através da valorização de um patrimônio literário compartilhado e fornecendo material academicamente relevante, sem as complexidades ideológicas imediatas de alguns escritores contemporâneos. O estatuto de “clássico” de Machado, já em formação no mundo anglófono, tornava-o um veículo eficaz para este tipo de engajamento cultural estratégico.

6.1.2 Principais Iniciativas de Fomento e Seu Impacto nas Editoras Universitárias

Diversas iniciativas de fomento foram cruciais para viabilizar a tradução e publicação de Machado de Assis pelas editoras universitárias norte-americanas. Estas iniciativas, muitas vezes interligadas, refletiam os objetivos mais amplos da diplomacia cultural da Guerra Fria, ao mesmo tempo em que buscavam atender às missões específicas das instituições envolvidas.

A Fundação Rockefeller e o Latin American Translation Program (LATP). O LATP emergiu como uma das mais significativas fontes de apoio institucional para a tradução da literatura latino-americana neste período (Cohn, 2023). Proposto informalmente em 1958 por Frank Wardlaw, então diretor da University of Texas Press, e formalmente desenvolvido em colaboração com August Frugé, diretor da University of California Press, entre outros, o programa foi lançado em abril de 1960 (Cohn, 2023). A Fundação Rockefeller concedeu uma verba substancial de \$225.000, a ser utilizada ao longo de cinco anos (posteriormente estendidos para seis), à Association of American University Presses (AAUP) para a administração do programa (Cohn, 2023). Os objetivos declarados do LATP eram variados: buscava-se não apenas o sucesso comercial das editoras universitárias em um novo campo de publicação, mas também que elas pudessem fazer uma “contribuição importante” para o intercâmbio cultural (Wardlaw, 1958, citado por Cohn, 2023, p. 6). Fundamentalmente, o programa visava “melhorar o entendimento interamericano e a boa vontade mútua”, o que se alinhava diretamente com os interesses nacionais dos EUA no contexto da Guerra Fria (Cohn, 2023, p. 7). A própria Fundação Rockefeller reconheceu, em 1960, a natureza estratégica da iniciativa, afirmando que os desenvolvimentos na América Latina exigiam uma “reorientação do nosso pensamento sobre o papel que a área desempenha no intercâmbio cultural e intelectual” (citado por Cohn, 2023, p. 7).

Operacionalmente, o LATP permitia que editoras universitárias membros da AAUP submetessem propostas de obras latino-americanas ainda não traduzidas (abrangendo literatura, humanidades e ciências sociais) a um comitê nacional (Cohn, 2023). Este comitê, por sua vez, concedia subsídios, geralmente de até \$3.000 por título, destinados a cobrir os custos de tradução. Entre 1960 e 1966 (com o programa estendendo-se até março de 1967), o LATP subsidiou um total de 83 livros, publicados por vinte editoras universitárias distintas (Cohn, 2023). A University of California Press (UCP) foi uma participante e beneficiária proeminente do LATP, especialmente no que tange à obra de Machado de Assis (Cohn, 2023). Sob os auspícios do programa, a UCP publicou *The Psychiatrist and Other Stories* em 1963, uma coletânea de contos traduzida por William L. Grossman e Helen Caldwell, que recebeu \$1.500 em financiamento do LATP (aprovado em 19 de março de 1962) (Guimarães, 2023). Seguiu-se a publicação de *Esau and Jacob* em 1965, traduzido por Helen Caldwell, com um subsídio de \$2.200 do LATP (aprovado em 31 de maio de 1963) (Guimarães, 2023). É notável que Machado de Assis tenha sido um dos poucos escritores de ficção brasileiros e o único autor a ter duas de suas obras de ficção subsidiadas pelo LATP, um fato que sublinha a importância

atribuída à sua obra no âmbito do programa (Guimarães, 2023). *Esau and Jacob*, em particular, obteve considerável atenção da crítica, sendo resenhado em dezenove periódicos, incluindo publicações de grande circulação e prestígio como o *New York Times*, *New Yorker*, *Newsweek* e *Time* (Cohn, 2023).

Apesar dos subsídios para tradução, a realidade financeira dos livros publicados sob o LAMP, incluindo os da UCP e da UTP, era desafiadora. A maioria resultou em prejuízo líquido para as editoras, uma vez que os subsídios cobriam principalmente os custos de tradução, mas não outras despesas significativas como impressão, custos indiretos e trabalho editorial (Cohn, 2023). As vendas foram, em geral, modestas: por exemplo, apenas doze títulos de capa dura financiados pelo LAMP venderam mais de 1.000 exemplares, e nenhum ultrapassou 3.000, embora dois títulos em brochura tenham atingido a marca de 3.500 exemplares vendidos (Cohn, 2023). Esta conjuntura financeira evidenciava por que as editoras comerciais hesitavam em investir pesadamente na literatura latino-americana sem um apoio externo robusto ou a presença de autores já consagrados como “estrelas” (Cohn, 2023, p. 16). Adicionalmente, o foco do LAMP, influenciado por recomendações acadêmicas, tendia a privilegiar obras adequadas para cursos universitários, em vez de buscar best-sellers contemporâneos, o que também impactava o volume de vendas (Cohn, 2023).

University of Texas Press (UTP) e a “Texas Pan American Series”. Frank Wardlaw, como diretor da University of Texas Press, não foi apenas um dos principais proponentes do LAMP, mas também um reflexo do longo compromisso da UTP com os estudos e a literatura latino-americana (Cohn, 2023). A UTP publicou *The Devil’s Church and Other Stories* de Machado de Assis (traduzido por Jack Schmitt e Lorie Ishimatsu) em 1977. Esta publicação integrou a “Texas Pan American Series”, que contava com o apoio de um fundo rotativo de publicação estabelecido pela Pan American Sulphur Company (Assis, 1977b). Este arranjo aponta para um modelo de financiamento alternativo ao LAMP, mas ainda dependente de suporte externo para a literatura regional especializada. No âmbito do LAMP, a UTP destacou-se por publicar uma parcela maior de ficção mais recente (embora não necessariamente de autores do “Boom”), datada das décadas de 1940 a 1960, incluindo obras de Adolfo Bioy Casares, Jorge Luis Borges e vários autores mexicanos como Juan José Arreola, Sergio Galindo, Elena Garro, Agustín Yáñez e Juan Rulfo (Cohn, 2023). A coletânea *The Devil’s Church*, no entanto, abrangia o período maduro de Machado, de 1882 a 1905.

University Press of Kentucky (UPK). A University Press of Kentucky encontrou um nicho específico ao publicar traduções dos romances iniciais de Machado de Assis, frequentemente classificados como pertencentes à sua fase “romântica”. Entre eles estão *The Hand and the Glove* (1970, traduzido por Albert I. Bagby Jr.) e *Iaiá Garcia* (1977, também por Bagby Jr.). Embora o financiamento direto do LAMP para esses títulos específicos da UPK não seja explicitamente evidenciado, suas publicações ocorreram durante o período de 1960-1980, caracterizado por um maior apoio institucional à literatura latino-americana. Albert I. Bagby Jr. mencionou o auxílio da University of Texas-El Paso e de Beverly Ryan para a publicação de *Iaiá Garcia*, sugerindo fontes de financiamento específicas para projetos ou alternativas (Bagby Jr., 1977b). A própria University Press of Kentucky é descrita como uma “agência cooperativa de publicação acadêmica estadual”, o que implica uma abordagem orientada por sua missão institucional (Assis, 1977a, p. 4, 1970, p. 4).

O Center for Inter-American Relations (CIAR) - Um Modelo Comparativo. Fundado na década de 1960 por David Rockefeller e financiado por diversas filantropias da família Rockefeller, o CIAR foi concebido como um centro cultural norte-americano para engajar a América Latina, em parte como um contraponto à influente Casa de las Américas de Cuba (Cohn, 2023). Seus objetivos incluíam melhorar a comunicação e fomentar a boa vontade com

líderes e intelectuais latino-americanos. O Departamento de Literatura do CIAR, sob a direção de José Guillermo Castillo, foi particularmente ativo, administrando um programa de subsídios à tradução entre 1967 e 1983 que apoiou mais de cinquenta traduções (Cohn, 2023). Diferentemente do foco primário do LAMP em editoras universitárias, o CIAR frequentemente estabelecia parcerias com editoras comerciais (como Pantheon, Dutton, Harper & Row, Knopf) e foi fundamental na promoção de autores contemporâneos do “Boom”, como Cortázar, Fuentes, García Márquez e Vargas Llosa (Cohn, 2023). O CIAR oferecia um suporte abrangente, desde a recomendação de livros e comissionamento de amostras de tradução até a atuação como agente informal e organização de publicidade (Cohn, 2023). Embora o envolvimento direto do CIAR com as traduções de Machado neste período não seja destacado, seu enorme sucesso na popularização da literatura latino-americana em geral (por exemplo, o apoio a *Cem Anos de Solidão* de García Márquez, que se tornou um best-seller do *New York Times*) criou um terreno mais fértil e um público leitor maior e mais curioso para todos os autores latino-americanos, incluindo o academicamente legitimado Machado (Cohn, 2023). As atividades do CIAR demonstraram um modelo diferente e mais experiente em marketing de promoção cultural, que contrastava com a abordagem universitária do LAMP (Cohn, 2023).

A persistência das editoras universitárias em publicar Machado, apesar dos retornos financeiros frequentemente negativos, aponta para a operação dentro de uma economia de “itens de prestígio” (Cohn, 2023, p. 4). O subsídio do LAMP cobria primordialmente os custos de tradução, mas as editoras como a UCP e a UTP ainda arcavam com prejuízos líquidos devido a outros custos de produção. Mesmo assim, elas continuaram a publicar essas obras, com a UCP, por exemplo, tornando-se uma das principais editoras de Machado. Isso sugere que a motivação ia além do lucro financeiro. Publicar autores internacionais de renome como Machado, especialmente com o selo de uma bolsa da Fundação Rockefeller, aumentava a reputação acadêmica da editora, cumpria uma missão cultural e alinhava-se com os objetivos mais amplos de diplomacia cultural, especialmente valorizados durante a Guerra Fria (Cohn, 2023). Esse “capital de prestígio” e o alinhamento com uma missão cultural maior justificavam o investimento financeiro (Cohn, 2023; Guimarães, 2023). O próprio LAMP era uma manifestação dessa valorização não comercial de produtos culturais.

Ademais, as distintas estruturas de financiamento e os principais parceiros institucionais do LAMP e do CIAR influenciaram diretamente seus focos curatoriais. O LAMP, operando através da AAUP e de suas editoras universitárias membros (que frequentemente dependiam de acadêmicos para recomendações de aquisição), naturalmente inclinou-se para autores e obras com reputação acadêmica estabelecida ou emergente, status canônico ou adequação para currículos acadêmicos - Machado de Assis sendo um exemplo claro (Cohn, 2023; Guimarães, 2023). A produção do LAMP incluía uma mistura de obras literárias clássicas (como as de Machado), documentos históricos e textos de ciências sociais, refletindo interesses acadêmicos (Cohn, 2023). O CIAR, com seu diferente apoio filantrópico e um engajamento mais direto com o cenário literário contemporâneo e editoras comerciais, estava mais bem posicionado e mais inclinado a promover os autores do Boom latino-americano (Cohn, 2023). A lista de obras subsidiadas pelo CIAR é predominantemente composta por romancistas proeminentes do Boom. Essa divergência ilustra como a arquitetura específica dos programas de fomento (canal, órgãos de decisão, instituições parceiras) molda a seleção de produtos culturais para disseminação internacional. Machado encontrou seu principal apoio institucional anglófono neste período através do sistema LAMP/editoras universitárias devido ao seu percebido status clássico e valor acadêmico, enquanto os autores do Boom, mais contemporâneos e comercialmente potentes, foram frequentemente promovidos através da rede mais orientada para o mercado do CIAR (Cohn, 2023).

A tabela 12 sistematiza as informações sobre as principais iniciativas de fomento que apoiaram as traduções de Machado de Assis no período:

Tabela 12. Iniciativas de Fomento Meso-Level Apoiando Traduções de Machado de Assis (1960-1980)

Programa/Fonte de Fomento	Órgão Administrador	Título(s) de Machado Apoiado(s)	Editora Universitária Envolvida	Objetivos Declarados do Financiador /Programa	Ligação Contextual Geopolítica
Latin American Translation Program (LATP) / Fundação Rockefeller	Association of American University Presses (AAUP)	<i>The Psychiatrist and Other Stories</i> (1963), <i>Esau and Jacob</i> (1965)	University of California Press (UCP)	Melhorar o entendimento interamericano, boa vontade mútua, sucesso comercial para editoras universitárias, contribuição cultural.	Guerra Fria, diplomacia cultural dos EUA para conter influência comunista e antiamericanismo na América Latina.
Fundo de Publicação da Pan American Sulphur Company	University of Texas Press (UTP) (para a série)	<i>The Devil's Church and Other Stories</i> (1977) (como parte da Texas Pan American Series)	University of Texas Press (UTP)	Apoiar a publicação da "Texas Pan American Series". (Objetivo específico do fundo não detalhado, mas se alinha com a promoção da cultura latino-americana)	Interesse contínuo na cultura latino-americana, possivelmente e resquícios ou continuidade das políticas da Guerra Fria.
University of Texas-El Paso, Beverly Ryan (apoio específico ao tradutor)	N/A (apoio direto)	<i>Iaiá Garcia</i> (1977)	University Press of Kentucky (UPK)	Apoiar a publicação específica da tradução de Bagby Jr. (Detalhes	Fomento à pesquisa e publicação acadêmica em estudos

				não fornecidos)	latino-americanos.
--	--	--	--	-----------------	--------------------

Fonte: Elabora a partir de Cohn (2023), Guimarães (2023) e com base em Heurist (massis_en. Heurist V6.7.2).

6.2 ESTRATÉGIAS TRADUTÓRIAS E PARATEXTUAIS NAS EDIÇÕES DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

A consolidação de Machado de Assis no meio acadêmico norte-americano não dependeu apenas das macropolíticas de fomento, mas também, e de forma crucial, das decisões microtextuais tomadas no âmbito das editoras universitárias. As estratégias de tradução adotadas e a maneira como as obras foram emolduradas por paratextos - introduções, prefácios, notas - foram determinantes para construir a imagem do autor e facilitar sua apropriação por um público leitor e crítico estrangeiro, predominantemente acadêmico.

6.2.1 Os Tradutores como Mediadores Culturais: Construindo Machado para um Público Anglófono

Os tradutores das obras de Machado de Assis publicadas pela UCP, UPK e UTP entre 1963 e 1984 desempenharam um papel ativo e fundamental como mediadores culturais. Suas abordagens, refletidas tanto nas traduções em si quanto, de forma mais explícita, nos paratextos que as acompanhavam, foram essenciais para “construir” uma persona de Machado de Assis que fosse ao mesmo tempo acessível, relevante e academicamente significativa para o público anglófono. Os paratextos, como argumenta Macedo (2023), tornaram-se um espaço onde diferentes abordagens críticas, especialmente em relação à biografia do autor, foram debatidas e disseminadas, influenciando a recepção inicial de Machado.

6.2.1.1 Tradutores da University of California Press (UCP) e suas Abordagens

William L. Grossman. Como cotradutor de *The Psychiatrist and Other Stories* (1963), Grossman, em sua introdução ao volume, foi instrumental em posicionar Machado para o leitorado acadêmico americano. Ele o apresentou, usando as palavras de Fitts, como uma “força literária” de estatura universal, traçando paralelos com figuras canônicas da literatura ocidental como Flaubert, Hardy e James (Grossman, 1963, p. vii). Esta estratégia buscava tornar Machado imediatamente relacionável e intelectualmente importante para um público talvez pouco familiarizado com a literatura brasileira. Grossman destacou a “perspicácia, simplicidade e sutileza” de Machado, sua “economia de meios” e sua crítica engajada a temas como a inadequação humana, a superficialidade e a complexa relação entre razão e loucura (1963. P. viii). Ao analisar contos específicos como “Missa do Galo”, “Teoria do Medalhão” e o conto-título “O Alienista”, e ao conectá-los a tradições literárias e filosóficas ocidentais (Swift, C.S. Lewis, Kierkegaard, Pascal), Grossman trabalhou ativamente para transpor barreiras culturais e intelectuais, enfatizando a “universalidade” de Machado, sem, contudo, apagar seu contexto brasileiro (1963, p. ix). Ele também notou o histórico de negligência de Machado nas traduções para o inglês, posicionando implicitamente o volume da UCP como uma correção e uma contribuição significativa.

Macedo (2023) aprofunda a análise do papel de Grossman, observando que, nos prefácios de *Epitaph of a Small Winner* (1952) e *The Psychiatrist and Other Stories* (1963), o tradutor se baseia parcialmente na crítica brasileira, notadamente em Lúcia Miguel Pereira. Grossman ecoa a ideia de que a doença de Machado e seu retiro em Nova Friburgo em 1879 foram cruciais para uma “reviravolta estilística”, uma tese fortemente defendida por Pereira. Ele também utiliza o termo “mulato” para descrever Machado, recorrente na obra da crítica brasileira.

Contudo, Macedo ressalta que Grossman não adere totalmente a um determinismo biográfico; ele reconhece que a biografia, embora relevante, “deixa muito a ser explicado” (Grossman, 1952, citado por Macedo, 2023, p. 4) e é insuficiente para dar conta da totalidade dos problemas suscitados pela obra machadiana. Assim, Grossman, ao mesmo tempo que introduzia Machado, também importava e adaptava certas leituras críticas brasileiras, moldando a percepção inicial do autor nos EUA, mas com uma cautela que relativizava a causalidade direta entre vida e obra.

Helen Caldwell. Figura central e tradutora prolífica para a UCP, Helen Caldwell foi responsável (cotraduzindo) por *The Psychiatrist and Other Stories* e, individualmente, por *Esau and Jacob* (1965), *Counselor Ayres' Memorial* (1972) e *Helena* (1984). Suas contribuições paratextuais foram decisivas na moldagem da imagem acadêmica de Machado. Macedo (2023) observa que Caldwell, em seus prefácios para *Esau and Jacob*, *Dom Casmurro* (reedição UCP, 1966) e *Counselor Ayres' Memorial*, geralmente adota uma postura alinhada ao New Criticism, evitando leituras biografistas diretas e focando nos aspectos intrínsecos da obra. Ela “aposta em colocar lado a lado a vida do escritor e de seu personagem como estratégia argumentativa, afastando definitivamente a possibilidade de se ler a obra do escritor brasileiro a partir de sua biografia” (Macedo, 2023, p. 9). Particularmente em relação a *Dom Casmurro*, Caldwell, juntamente com Waldo Frank (que prefaciou a edição de 1953 da Noonday Press) e influenciada por discussões com o editor Cecil Hemley, foi pioneira em contestar a interpretação brasileira dominante, que tomava como certo o adultério de Capitu. Em vez disso, eles enfatizaram a ambiguidade do romance e a não confiabilidade do narrador Bento Santiago, um movimento que teria profundo impacto na crítica machadiana posterior, inclusive no Brasil.

Em sua introdução a *Esau and Jacob*, Caldwell (1965) decodifica meticulosamente o complexo simbolismo do romance e sua técnica narrativa “sutil, estranhamente moderna” (p. vi). Ela guia explicitamente o leitor anglófono sobre como abordar as camadas de significado do romance, enfatizando a necessidade de um engajamento ativo do leitor. Para *Counselor Ayres' Memorial*, a introdução de Caldwell (1972) destaca a “prosa límpida tecida de argúcia e humor gentis” do romance, ao mesmo tempo em que desvela “dois mistérios” textuais e biográficos (p. v), convidando à investigação acadêmica.

No prefácio de *Helena*, Caldwell (1984) reconhece a superfície “descaradamente romântica” (p. vi) do romance, mas habilmente escava a ironia e a crítica social subjacentes, particularmente evidentes na representação da “Sociedade” como antagonista e na personagem falha do Padre Melchior (p. vii). De forma significativa, e como notado por Macedo (2023), Caldwell “arrisca uma hipótese” (p. 12) de natureza biográfica ao considerar a afirmação de Machado em seu prefácio de 1905 sobre o “eco de mocidade e fé ingênua” de Helena. Ela questiona: “Estaria o autor se referindo a esse herói [Estácio] com quem, talvez, ele próprio se identificasse e à vida idílica na chácara do Valle...? Embora Machado de Assis fosse de origem humilde... ele passou seus primeiros anos justamente numa propriedade dessas...” (Caldwell, 1984, p. vii). Macedo sublinha que Caldwell reconhece o “caráter especulativo” dessa conexão (2023, p. 12). Essa abordagem demonstra a maturidade crítica de Caldwell: embora geralmente alinhada com uma análise textualista, ela não descarta a biografia de forma dogmática, especialmente quando o próprio autor ou a natureza da obra (um romance inicial, onde o desenvolvimento do escritor é pertinente) convidam a tal reflexão. Isso enriquece a imagem de Caldwell como mediadora, mostrando sua flexibilidade e profundidade ao justificar a tradução desta obra inicial, enquadrando-a como precursora da riqueza simbólica e da maestria narrativa posterior de Machado, tornando-a assim relevante para a compreensão de seu desenvolvimento artístico.

6.2.1.2 Tradutor da University Press of Kentucky (UPK) e sua Abordagem

Albert I. Bagby Jr. Foi o tradutor dos romances iniciais, ditos “românticos”, de Machado: *The Hand and the Glove* (1970) e *Iaiá Garcia* (1977). As introduções e prefácios de Bagby Jr. consistentemente argumentam pela importância dessas obras iniciais como “elos perdidos” essenciais para uma compreensão completa da evolução de Machado como escritor (Bagby Jr., 1970, 1977a). Ele desafia a demarcação rígida da carreira de Machado em fases “romântica” e “realista” distintas, defendendo, em vez disso, uma visão de contínuo desenvolvimento e refinamento artístico. Um elemento chave do enquadramento de Bagby é sua reinterpretação do percebido “pessimismo” de Machado. Ele propõe que Machado seja visto como um “realista pragmático e duro”, cujas obras ilustram a fórmula, retirada do capítulo 17 da novela, de que “A vontade e a ambição, quando verdadeiramente dominam, podem lutar com outros sentimentos, mas não de sempre vencer, porque elas são as armas do forte, e a vitória é dos fortes” (Bagby Jr., 1970, p. xvii). Macedo (2023) analisa que Bagby Jr. utiliza longamente a biografia para sustentar sua tese de um Machado “otimista” (p. 13). Bagby Jr. argumenta: “Ao invés de enxergar, então, um Assis cujas desvantagens físicas, raciais e de seu meio social o levaram a uma visão pessimista do mundo, por que não podemos ver um Assis cujos empenhos para superar... levaram-no a enxergar a vida como pertencente aos mais fortes?” (Bagby Jr., 1977a, p. xx). Para Macedo (2023), essa abordagem é anacrônica e desconexa, pois Bagby Jr. retorna a uma lógica biografista semelhante à de Lúcia Miguel Pereira (que via a biografia como chave para entender a obra), mas para defender uma conclusão oposta (otimismo em vez de pessimismo ou ironia). Bagby Jr., segundo Macedo, “acaba por compartilhar com Lúcia Miguel Pereira a ideia de que a ambição de Machado, voltada para a ascensão social, teria sido um fator determinante em sua vida e, conseqüentemente, em seus romances” (2023, p. 14). Essa perspectiva de Bagby Jr. ilustra a diversidade de abordagens entre os tradutores e como diferentes “Machados” eram apresentados ao público norte-americano. Em termos de estratégia de tradução, Bagby declara explicitamente seu objetivo de encontrar um “meio-termo sempre elusivo entre a interpretação literal e a paráfrase que melhor transmitisse o sabor distintivo das palavras originais do autor” (Bagby Jr., 1977a, p. vii). Ele também menciona sua prática de reter certos termos em português (como “Iaiá”) quando falta um equivalente adequado em inglês, fornecendo notas de rodapé explicativas.

6.2.1.3 Tradutores da University of Texas Press (UTP) e sua Abordagem

Como tradutores de *The Devil’s Church and Other Stories* (1977), a introdução de Jack Schmitt & Lorie Ishimatsu serve como um significativo dispositivo de enquadramento acadêmico. Eles posicionam Machado como o progenitor do conto moderno brasileiro e um escritor de indiscutível estatura internacional (Schmitt & Ishimatsu, 1977). Sua introdução traça sua evolução estilística do romantismo para o realismo psicológico, detalhando seu uso sofisticado da sátira e da ironia para criticar a sociedade de classe média brasileira, seus valores, estruturas sociais (incluindo o legado da escravidão) e as convenções literárias predominantes. Eles enfatizam a “modernidade” de Machado, destacando técnicas como o tempo subjetivo, a ambigüidade, a sugestão e a implicação, argumentando que ele estava “décadas à frente de seus contemporâneos” e ainda pode ser considerado “mais moderno do que a maioria dos próprios modernistas” (Schmitt & Ishimatsu, 1977, p. xiii). Esse enquadramento apela diretamente a um público acadêmico interessado na inovação literária e nos precursores da estética modernista. Eles também reconhecem o trabalho de tradução fundamental de Caldwell e Grossman, situando sua própria coletânea dentro de um projeto acadêmico contínuo de levar Machado aos leitores de língua inglesa.

6.2.2 Enquadramento Paratextual: Introduções, Prefácios e Aparato Acadêmico

Os elementos paratextuais que acompanharam as edições de Machado de Assis publicadas pelas editoras universitárias norte-americanas entre 1963 e 1984 foram muito além de meros complementos; eles constituíram ferramentas estratégicas na construção da imagem do autor e na sua inserção no cânone acadêmico. Introduções substanciais, prefácios (incluindo, por vezes, os do próprio Machado, traduzidos) e um aparato crítico de notas de rodapé e informações sobre as edições de origem foram consistentemente empregados para legitimar Machado como um autor de estatura mundial e, simultaneamente, torná-lo acessível e relevante para um público universitário que, em grande parte, o desconhecia.

Uma estratégia dominante nos paratextos foi a de enfatizar a “universalidade” e a “modernidade” de Machado, buscando transcender suas origens brasileiras e posicioná-lo como um “autor mundial”. A introdução de William L. Grossman a *The Psychiatrist and Other Stories* (UCP, 1963) é exemplar nesse sentido, ao comparar Machado a Flaubert, Hardy e James, e ao descrevê-lo, recuperando a afirmação de Fitts, como uma “força literária que transcende nacionalidade e língua” (Grossman, 1963, p. vii). Similarmente, Helen Caldwell, na introdução a *Esau and Jacob* (UCP, 1965), caracteriza o método narrativo do romance como “tão sutil, tão estranhamente moderno que ainda fascina e confunde” (p. vi), associando-o a uma prática literária sofisticada, quase vanguardista. Os tradutores de *The Devil’s Church and Other Stories* (UTP, 1977), Jack Schmitt e Lorie Ishimatsu, argumentam que Machado estava “décadas à frente de seus contemporâneos” e era “mais moderno do que a maioria dos próprios modernistas” (p. xiii). Esse enquadramento era crucial para sua aceitação em programas de literatura comparada e para justificar sua inclusão ao lado de figuras canônicas ocidentais estabelecidas, facilitando sua entrada nos currículos universitários.

Os tradutores frequentemente utilizaram suas introduções para guiar os leitores através da complexa ironia e do percebido pessimismo de Machado. Em vez de permitir que essas características se tornassem barreiras potenciais, elas foram enquadradas como marcas de sofisticação e profundidade psicológica. A releitura de Albert I. Bagby Jr. do Machado inicial através das lentes do “realismo pragmático” e da “vontade e ambição” (1977a, p. vii) é um exemplo claro de reenquadramento de potenciais “fraquezas românticas” ou “pessimismo” em uma postura filosófica coerente. Grossman e Caldwell, em suas análises de contos específicos, frequentemente explicitam as camadas de ironia e motivação psicológica, tornando esses aspectos mais decifráveis e academicamente interessantes. O tratamento da biografia, conforme destacado por Macedo (2023), desempenhou um papel aqui: a narrativa de Lúcia Miguel Pereira sobre Machado como um homem que superou obstáculos como origem humilde, cor e epilepsia, ecoada em parte por Grossman, podia ser usada para contextualizar (ou, no caso de Bagby Jr., reinterpretar) o tom de sua obra. Em contraste, a abordagem de Caldwell, que inicialmente minimizava a relevância direta desses fatores biográficos para a interpretação da obra, focava a atenção do leitor na complexidade textual da ironia machadiana.

Embora o impulso para a universalidade fosse forte, os paratextos não apagaram completamente o contexto brasileiro de Machado. Pelo contrário, eles frequentemente forneciam o pano de fundo histórico e cultural necessário para tornar a “cor local” ou as críticas sociais específicas compreensíveis para um público estrangeiro. A introdução de Caldwell a *Esau and Jacob* é particularmente rica em sua explicação detalhada do cenário histórico brasileiro (do Império à República) e seu significado simbólico. Da mesma forma, as introduções às coletâneas de contos frequentemente abordavam as estruturas sociais brasileiras, os costumes e o legado da escravidão como contexto para a sátira de Machado. O objetivo parecia ser demonstrar como Machado utilizava especificidades brasileiras para explorar

condições humanas universais, um argumento que reforçava tanto sua relevância local quanto seu alcance global.

O enquadramento paratextual, incluindo o manejo da biografia, não era, portanto, um mero acessório, mas uma ferramenta ativa de legitimação. Ao conectar Machado a temas universais, figuras canônicas ocidentais, ou tendências críticas valorizadas (como a complexidade psicológica ou a inovação formal), os tradutores e editores estavam efetivamente “posicionando” Machado para a academia norte-americana. A análise de Macedo (2023) sobre como a biografia foi usada para apoiar ou refutar certas leituras (como o pessimismo ou a mudança estilística de 1879) reforça essa ideia. A estratégia de Caldwell para *Helena*, por exemplo, ao encontrar crítica social e ironia sob uma superfície romântica e ao sugerir uma conexão biográfica especulativa com a “fé ingênua” de Machado, é uma forma de legitimar uma obra inicial, tornando-a relevante para o estudo acadêmico.

A tabela 13 oferece uma análise comparativa de como os tradutores e editores enquadraram Machado de Assis em suas introduções e prefácios, demonstrando padrões e diferenças na construção de sua persona acadêmica.

Tabela 13. Temas Dominantes no Enquadramento Paratextual de Machado de Assis por Editoras Universitárias (1960-1984)

Título da Publicação e Ano	Editora	Autor do Paratexto (Tradutor/Introdutor)	Temas Chave Enfatizados no Paratexto
<i>The Psychiatrist and Other Stories</i> (1963)	UCP	William L. Grossman	Universalidade (comparável a Flaubert, Hardy, James), ironia, profundidade psicológica, crítica à inadequação humana, modernidade sutil, contexto brasileiro (receptividade a panaceias), importância dos contos.
<i>Esau and Jacob</i> (1965)	UCP	Helen Caldwell	Modernidade narrativa (“estranhamente moderno”), complexidade simbólica (alegoria, Morro do Castelo, Natividade como Brasil), necessidade de engajamento ativo do leitor, contexto histórico-social brasileiro (Império à República), humor sutil, Machado como “mestre”.
<i>The Hand and the Glove</i> (1970)	UPK	Helen Caldwell (Prefácio), Albert I. Bagby Jr. (Introdução)	Desmistificação do pessimismo de Machado (comédia romântica com final feliz), obra inicial como prenúncio da maturidade, Guiomar como precursora de Capitu, importância dos “elos perdidos” na trajetória do autor, desafio às categorizações literárias rígidas

			(romantismo/realismo), ironia e humor “machadianos”.
<i>Counselor Ayres’ Memorial</i> (1972)	UCP	Helen Caldwell	Prosa límpida com argúcia e humor gentis, profundidade psicológica (regeneração de Ayres), subtextos (mistérios do manuscrito Carmo/Fidélia, destino político de Tristão), crítica social/política sutil, interconexão temática com obras anteriores, exploração da memória e da identidade.
<i>Iaiá Garcia</i> (1977)	UPK	Albert I. Bagby Jr.	Importância das obras iniciais para entender a evolução de Machado, sondagens psicológicas já presentes, crítica ao “pessimismo” de Assis (defesa de um “realismo pragmático” baseado na “vontade e ambição”), o mundo de Assis como “neutro”, equilíbrio entre literalismo e paráfrase na tradução.
<i>The Devil’s Church and Other Stories</i> (1977)	UTP	Jack Schmitt, Lorie Ishimatsu	Machado como iniciador do conto moderno brasileiro e de estatura internacional, evolução do romantismo ao realismo psicológico, sátira da classe média e estruturas sociais brasileiras, crítica às convenções literárias, modernidade técnica (tempo subjetivo, ambiguidade, sugestão), ironia e humor como ferramentas de crítica.
<i>Helena</i> (1984)	UCP	Helen Caldwell	Obra “descaradamente romântica” mas com ironia e crítica social subjacentes (Padre Melchior, “Sociedade” como vilã), relevância para entender a trajetória de Machado (eco de mocidade, possível identificação com Estácio, início do simbolismo), acessibilidade para novos leitores, contexto biográfico (infância de Machado em chácara similar) e social (Rio de 1850).

Fonte: Elaborada a partir dos prefácios e introduções às traduções.

6.2.3 A Seleção de Obras: Curando a Imagem de Machado na Academia Norte-Americana

A seleção de quais obras de Machado de Assis seriam traduzidas e publicadas pelas editoras universitárias norte-americanas entre 1963 e 1984 não foi um processo aleatório. Pelo contrário, ela reflete uma curadoria implícita que contribuiu para moldar a percepção do autor e de sua obra no ambiente acadêmico dos EUA. Após as publicações da Noonday Press na década de 1950, que se concentraram em seus romances realistas mais aclamados (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Quincas Borba*), as editoras universitárias expandiram o cânone machadiano em inglês de maneiras significativas.

A University of California Press (UCP), sob a influência de tradutores como Helen Caldwell e William L. Grossman, e com o apoio do LATP, adotou uma abordagem diversificada. A publicação de *The Psychiatrist and Other Stories* em 1963 foi um marco, pois apresentou ao público anglófono uma coletânea abrangente de contos, um gênero no qual muitos críticos, como Lúcia Miguel Pereira e Renard Perez (citados por Grossman (1963) na introdução do volume), consideravam que Machado havia atingido o auge de sua maestria. Esta coletânea permitiu que os leitores acadêmicos tivessem acesso a uma faceta crucial da produção machadiana, para além dos romances. Subsequentemente, a UCP publicou traduções de romances tardios e complexos como *Esau and Jacob* (1965) e *Counselor Ayres' Memorial* (1972), que aprofundaram a imagem de Machado como um psicólogo sutil e um inovador narrativo. A publicação de *Helena* em 1984, traduzida por Helen Caldwell, demonstra o compromisso contínuo da UCP e de Caldwell em apresentar também a fase inicial, de transição entre o romantismo e o realismo, da obra de Machado. Como Caldwell (1984) argumenta em seu prefácio, a tradução desta obra inicial é justificada por sua relevância para a compreensão do desenvolvimento artístico de Machado, enquadrando-a como precursora da riqueza simbólica e da maestria narrativa posterior. Essa seleção variada permitiu que a UCP construísse um catálogo machadiano que refletia diferentes aspectos de sua obra.

A University Press of Kentucky (UPK), através das traduções de Albert I. Bagby Jr., especializou-se em preencher uma lacuna importante: a dos romances da primeira fase de Machado, frequentemente rotulados como “românticos”. A publicação de *The Hand and the Glove* (1970) e *Iaiá Garcia* (1977) foi explicitamente justificada por Bagby (1970, 1977a) como essencial para uma compreensão mais completa da evolução do autor. Ao trazer à luz essas obras menos conhecidas no mundo anglófono, a UPK contribuiu para uma visão mais matizada da trajetória machadiana, desafiando a simples dicotomia entre um Machado “romântico” e um Machado “realista” e permitindo estudos sobre sua formação e experimentação estilística.

A University of Texas Press (UTP), com a publicação de *The Devil's Church and Other Stories* em 1977, reforçou a importância de Machado como contista. Esta coletânea, abrangendo um largo período de sua produção madura (1882-1905), complementou o trabalho da UCP ao oferecer mais uma seleção significativa de seus contos, solidificando sua reputação neste gênero. A inclusão desta obra na “Texas Pan American Series” também sinalizou o compromisso da UTP com a divulgação da literatura latino-americana de alta qualidade.

A curadoria exercida por essas editoras universitárias teve um impacto considerável. Se a Noonday Press estabeleceu uma imagem inicial de Machado baseada em seus grandes romances realistas, as editoras universitárias, nas décadas seguintes, ampliaram e diversificaram essa imagem. Ao trazerem à tona seus contos - um gênero fundamental em sua obra - e seus romances iniciais, permitiram uma compreensão mais integral e evolutiva de sua produção literária. Essa expansão do corpus traduzido foi vital para o desenvolvimento de estudos machadianos mais aprofundados e sua circulação na academia norte-americana.

A decisão da UPK e de Albert I. Bagby Jr. de traduzir os romances “românticos” iniciais de Machado (*A Mão e a Luva*, *Iaiá Garcia*) na década de 1970, e da UCP com Helen Caldwell de publicar *Helena* em 1984, após suas principais obras realistas e contos terem começado a ganhar tração, sinaliza um amadurecimento da erudição e do interesse por Machado nos EUA. Isso sugere um movimento para além apenas das “obras-primas” em direção a uma compreensão mais completa do desenvolvimento total do autor. As introduções de Bagby Jr. (1970, 1977a) e de Caldwell (1984) para *Helena* enquadram explicitamente esses textos como importantes para a compreensão da trajetória completa de Machado. Essa progressão espelha como o interesse acadêmico por um autor frequentemente evolui: primeiro as obras principais, depois um mergulho mais profundo em períodos menos conhecidos ou formativos para traçar o desenvolvimento artístico e as influências. As publicações da UPK e a posterior tradução de *Helena* pela UCP marcam, assim, uma nova etapa na recepção acadêmica de Machado nos EUA, indicando que a legitimação fundamental estava suficientemente segura para justificar a exploração de seu período formativo, enriquecendo o campo dos estudos machadianos com novas perspectivas e materiais para análise.

6.3 A ARTICULAÇÃO: INTERJOGO DE FINANCIAMENTO, TRADUÇÃO E LEGITIMAÇÃO ACADÊMICA

A ascensão de Machado de Assis ao panteão acadêmico norte-americano entre 1963 e 1984 não foi um fenômeno isolado, impulsionado unicamente pelo mérito intrínseco de sua obra ou pelo esforço individual de tradutores. Pelo contrário, foi o resultado de uma complexa articulação entre fatores de nível meso - as políticas de fomento e as agendas institucionais - e de nível micro - as estratégias tradutórias e o enquadramento paratextual. Esta seção explora como esses níveis se interconectaram, demonstrando que o financiamento não apenas viabilizou as traduções, mas também influenciou sutilmente a forma como Machado foi apresentado, o que, por sua vez, impactou sua recepção crítica e sua canonização acadêmica.

6.3.1 Conectando Meso e Micro: Como o Financiamento Moldou a Apresentação Textual

As fontes e os objetivos do financiamento tiveram um papel significativo, ainda que por vezes implícito, na maneira como as obras de Machado de Assis foram textualmente apresentadas ao público acadêmico.

O financiamento do Latin American Translation Program (LATP) da Fundação Rockefeller para as publicações de *The Psychiatrist and Other Stories* (1963) e *Esau and Jacob* (1965) pela University of California Press (Cohn, 2023; Guimarães, 2023) provavelmente incentivou a inclusão de introduções acadêmicas mais substanciais por William L. Grossman e Helen Caldwell. Essas introduções, ao situarem Machado dentro das tradições literárias ocidentais e ao explicarem suas complexidades, alinhavam-se com o objetivo do LATP de fomentar o entendimento cultural interamericano para um público educado. O próprio ato de uma fundação de prestígio como a Rockefeller financiar essas traduções conferia-lhes um selo de importância acadêmica e cultural, moldando a percepção inicial dessas obras. A natureza do financiamento – uma grande doação de fundação para “compreensão e reconhecimento” cultural (Cohn, 2023, p. 13) – provavelmente influenciou a abordagem paratextual, resultando em introduções abrangentes que buscavam tornar Machado acessível e universalmente significativo para um público acadêmico norte-americano pouco familiarizado com a literatura brasileira.

O apoio da Pan American Sulphur Company para a “Texas Pan American Series” da University of Texas Press, que incluiu *The Devil’s Church and Other Stories* (1977), sugere um

desejo similar de promover a cultura latino-americana. A introdução abrangente de Schmitt e Ishimatsu, cobrindo a carreira de Machado e seu significado literário, adequa-se ao perfil de uma série destinada a um público leitor informado e interessado em estudos regionais.

A decisão da University Press of Kentucky de publicar os romances iniciais de Machado, possivelmente com estruturas de financiamento mais modestas ou internas (complementadas por apoios específicos como o da University of Texas-El Paso para *Iaiá Garcia* (1977)), permitiu um tipo diferente de contribuição acadêmica: o preenchimento de lacunas no corpus traduzido do autor. Os paratextos de Bagby, nesse sentido, concentram-se em justificar a relevância dessas obras “românticas” para o desenvolvimento geral de Machado (Bagby Jr., 1970, 1977a). Aqui, o modelo de financiamento potencialmente diferente pode ter levado a uma abordagem paratextual mais focada em argumentar pela importância desses textos específicos no desenvolvimento da carreira de Machado, justificando sua tradução como um complemento ao panorama do autor.

O clima geral da Guerra Fria, favorável ao intercâmbio cultural como forma de diplomacia, criou um ambiente no qual as editoras universitárias se sentiram encorajadas, ou mesmo implicitamente incentivadas, a empreender tais projetos de tradução. Havia um reconhecimento de que existia um interesse geopolítico e institucional mais amplo em tais iniciativas, o que poderia facilitar a obtenção de apoio ou, no mínimo, validar a importância do empreendimento. Assim, o nível meso do financiamento não apenas tornou as traduções possíveis, mas também, de forma sutil, moldou o nível micro de como essas obras foram apresentadas e argumentadas em seus paratextos, ajustando a estratégia de legitimação aos objetivos destacados do financiamento ou à contribuição específica da editora.

6.3.2 O Impacto na Recepção Crítica e na Canonização Acadêmica

A publicação dessas edições universitárias, com suas escolhas tradutórias e paratextuais específicas (nível micro), influenciadas por políticas de fomento e agendas institucionais (nível meso), gerou uma recepção crítica significativa. Esta recepção, por sua vez, validou os esforços das editoras e é possível que tenha facilitado a adoção das obras de Machado de Assis nos currículos universitários, levando a um maior engajamento acadêmico, completando assim um ciclo de legitimação.

As resenhas positivas dessas edições por críticos como Dudley Fitts, Bernard Bergonzi, Charles Poore, Anthony West, Gregory Rabassa e John H. Hammond em publicações de grande alcance como o *New York Times*, *New York Review of Books* e *The New Yorker* foram cruciais. Essas resenhas frequentemente ecoavam o enquadramento apresentado nas introduções dos tradutores, reforçando a imagem de Machado como um mestre universal, moderno e complexo. Dudley Fitts (1963, 1965), resenhando *The Psychiatrist* e *Esau and Jacob* da UCP, reconheceu Machado como um “notável autor americano” e um “mestre”, elogiando a tradução de Caldwell para *Esau and Jacob*. Bernard Bergonzi (1965), sobre *Esau and Jacob* da UCP, chamou Machado de “muito mais ‘moderno’” que seus contemporâneos europeus, comparando-o a Kafka e Stendhal. Charles Poore (1965), sobre *Esau and Jacob* da UCP, destacou a “celebridade duradoura” de Machado e sua “relevância e universalidade contínuas”. Anthony West (1973), sobre *Counselor Ayres’ Memorial* da UCP, notou as “perspicazes intuições” de Machado e sua capacidade de compelir os leitores. Gregory Rabassa (1970), sobre *The Hand and the Glove* da UPK, viu a obra como importante para entender o desenvolvimento de Machado, elogiando a tradução de Bagby. John H. Hammond (1972), sobre *The Hand and the Glove* da UPK, afirmou o status de Machado como o “mais notável escritor de ficção em prosa” do Brasil e elogiou a tradução e introdução de Bagby.

A forma como os prefácios e introduções construíram a imagem de Machado, incluindo o tratamento de sua biografia, teve um papel nesse processo. Como Macedo (2023) aponta, os paratextos buscavam tornar as obras “atraentes ao público” e lidar com a “perplexidade” (p. 2) dos críticos americanos diante do desconhecimento de um autor de tamanha estatura. Prefácios que alinhavam Machado com preocupações “universais” ou “modernas”, como os de Grossman e Caldwell, ou que o apresentavam através de lentes críticas reconhecíveis nos EUA (como o New Criticism implícito em Caldwell), poderiam ter facilitado uma recepção mais positiva em periódicos influentes, que por sua vez validariam a importância acadêmica do autor.

A disponibilidade dessas traduções bem elaboradas e academicamente enquadradas facilitou a inclusão de Machado nos currículos universitários dos EUA. A introdução de Grossman de 1963 a *The Psychiatrist* já mencionava “duas universidades” norte-americanas oferecendo cursos exclusivamente sobre Machado (p. vii). Programas como o LATP e o CIAR visavam explicitamente que os livros fossem adotados em cursos universitários. O aparato acadêmico e as introduções críticas tornaram essas edições ideais para o ensino, fornecendo aos professores e alunos ferramentas para abordar a obra de um autor até então pouco conhecido em profundidade.

O período testemunhou um crescimento de artigos acadêmicos e estudos sobre Machado em inglês, cimentando ainda mais seu lugar na academia norte-americana. A própria Helen Caldwell foi uma voz acadêmica significativa, publicando *The Brazilian Othello of Machado de Assis* (1960) e *Machado de Assis: The Brazilian Master and His Novels* (1970) com a UCP, obras que certamente se beneficiaram e, ao mesmo tempo, reforçaram o interesse gerado pelas traduções.

Este processo pode ser entendido como um ciclo de retroalimentação: as publicações das editoras universitárias, com suas escolhas tradutórias e paratextuais específicas (nível micro), influenciadas por financiamentos e objetivos institucionais (nível meso), geraram uma recepção crítica positiva. Essa recepção, por sua vez, validou os esforços das editoras e facilitou a adoção das obras de Machado nos currículos universitários (adoção acadêmica). A crescente presença nos currículos levou a um maior engajamento de estudantes e pesquisadores com Machado, gerando mais pesquisas, artigos e, potencialmente, demanda por novas traduções ou análises mais profundas (engajamento acadêmico). Todo esse processo solidificou a legitimação acadêmica e a canonização de Machado nos EUA. A análise de Macedo (2023) sobre os prefácios como reflexo e motor de tendências críticas pode ser vista como um componente crucial deste ciclo. Se os prefácios moldavam a leitura inicial e dialogavam com a crítica existente (brasileira e americana), eles influenciavam as resenhas, que por sua vez impactavam a adoção acadêmica e a subsequente produção de conhecimento.

A tabela 14 resume a recepção crítica de algumas dessas edições universitárias.

Tabela 14. Resumo da Recepção Crítica de Edições Universitárias de Machado de Assis nos EUA (Resenhas Seleccionadas, 1960-1980)

Obra Traduzida e Editora	Ano da Resenha	Resenhista	Publicação da Resenha	Pontos Chave sobre Estatura/Estilo de Machado	Avaliação da Tradução/Edição
 <i>The Psychiatrist</i>	1963	Dudley Fitts	The New York Times	“Notável autor americano”, “mestre”,	Tradutores não suficiente

<i>and Other Stories</i> (UCP)				modo irônico, humor desesperado mas salutar, manipulação extraordinária do tom.	mente hábeis estilística mente para obras menores/d atadas; uso de gírias e anacronismos; questiona tradução de “O Alienista”; mas “presta um serviço valioso”.
<i>Esau and Jacob</i> (UCP)	1965	Dudley Fitts	The New York Times	“Um dos mestres em qualquer hemisfério”, caprichoso, cínico, influenciado por Sterne mas original. Celebrou e excoriou o Brasil.	Helen Caldwell merece elogios pela “facilidade , a graça espirituosa de sua tradução”, uma “estilista inglesa à altura do desafio”.
<i>Esau and Jacob</i> (UCP)	1965	Bernard Bergonzi	The New York Review of Books	“Muito mais ‘moderno’ que contemporâneos, comparável a Kafka, Stendhal. Realista psicológico agudo, técnicas oblíquas. Nihilismo elegante em Epitaph.	Tradução de Caldwell mencionada como parte da disponibilização das obras em inglês.

<i>Esau and Jacob</i> (UCP)	1965	Charles Poore	The New York Times	“Primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras”, ganhou “celebridade duradoura”. Temas de “pertinência e universalidade contínuas”. Deleita-se em satirizar a sociedade. Sabedoria irônica.	Tradução de Caldwell “habilitados a”.
<i>The Hand and the Glove</i> (UPK)	1970	Gregory Rabassa	The New York Times	Obra menor importante para entender desenvolvimento de um “grande escritor”. Realismo de olhos frios ao simbolismo. Contém dicas do Machado posterior.	Tradução de Bagby Jr. “lê-se muito bem”, embora não tão suave quanto a prosa de Machado; elogia o projeto de trazer obras menores.
<i>The Hand and the Glove</i> (UPK)	1972	John H. Hammond	The South Central Bulletin	“Mais notável escritor de ficção em prosa no Brasil” (citando Goldberg e Verissimo). Popularidade contínua. Estudo de personagem perspicaz com tons satíricos.	Tradução de Bagby Jr. “idealmente adequada”, “precisa e clara”, captura humor, ironia e graça. Notas e introdução “úteis e

					informativas”.
<i>Counselor Ayres’ Memorial</i> (UCP)	1973	Anthony West	The New Yorker	“Tão nítido e lacônico quanto o melhor de seus trabalhos anteriores”, “astuto em seus insights”. Herói típico de Machado. Habilidade de forçar o não dito na consciência dos leitores.	(Não avalia explicitamente a tradução, mas a obra é da UCP).

Fontes: (Bergonzi, 1965; Fitts, 1963, 1965; Hammond, 1972; Poore, 1965; Rabassa, 1970; West, 1965, 1973).

6.3.3 Machado de Assis e o “Boom Latino-Americano

A legitimação acadêmica de Machado de Assis nos Estados Unidos, impulsionada pelas editoras universitárias nas décadas de 1960 e 1970, ocorreu em um momento de efervescência para a literatura latino-americana: o chamado “Boom Latino-Americano” (Fitz, 2012). Este fenômeno trouxe para o cenário internacional uma nova geração de romancistas como Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa, Julio Cortázar e Carlos Fuentes, que alcançaram grande popularidade e aclamação crítica. É pertinente, portanto, analisar como a trajetória de Machado se relacionou com este movimento contemporâneo.

Enquanto o “Boom” se caracterizava pela ascensão de autores contemporâneos, cujas obras frequentemente refletiam as convulsões políticas e sociais da América Latina da segunda metade do século XX, Machado de Assis era uma figura do século XIX. Essa distinção temporal influenciou os canais de sua promoção. Como observado, os autores do Boom foram em grande parte promovidos por editoras comerciais, muitas vezes com o apoio do Center for Inter-American Relations (CIAR), que tinha uma abordagem mais ágil e voltada para o mercado (Cohn, 2023). A trajetória de Machado, neste período, foi predominantemente canalizada através de vias acadêmicas: editoras universitárias e programas como o LAMP, que, embora também visando um público mais amplo, tinham um forte componente de validação erudita e adequação curricular.

Nos discursos críticos e paratextuais da época, Machado de Assis era frequentemente posicionado não como parte integrante do Boom, mas como um precursor ou uma figura excepcional, um “mestre” cuja obra antecedia e, em certos aspectos, transcendia as tendências contemporâneas (Bergonzi, 1965; Fitts, 1965; Grossman, 1963). Seu status de “clássico” o diferenciava dos romancistas do Boom, embora sua “modernidade” estilística e psicológica fosse frequentemente ressaltada para conectá-lo aos interesses literários da época. Earl Fitz (2022) observou que Machado não foi tipicamente lido nos EUA durante as décadas de 1950 e 1960 através das lentes da raça, de forma proeminente, ao contrário de como alguns autores do Boom poderiam ter sido contextualizados dentro das lutas sociopolíticas contemporâneas, embora a questão racial de Machado começasse a emergir em discussões acadêmicas.

Apesar dessas distinções, é plausível que tenha havido um certo grau de reforço mútuo. O imenso interesse geral pela literatura latino-americana gerado pelo Boom pode ter criado um ambiente mais receptivo para todos os autores da região, incluindo a contínua recepção acadêmica de Machado. Um público leitor mais curioso e uma academia mais atenta à produção literária do sul do continente poderiam estar mais dispostos a explorar tanto os contemporâneos vibrantes quanto os clássicos redescobertos. Inversamente, a presença acadêmica estabelecida de um “mestre” como Machado, validado por instituições de prestígio, pode ter conferido maior legitimidade ao estudo da literatura latino-americana como um todo, beneficiando indiretamente a recepção dos autores do Boom no meio universitário.

A consolidação de Machado na academia norte-americana durante a era do Boom seguiu, portanto, um caminho distinto, mais institucionalmente orientado, do que o de muitos autores do Boom. Isso sugere que diferentes mecanismos de importação cultural e legitimação podem operar simultaneamente para autores da mesma região, dependendo de seu posicionamento histórico, características literárias percebidas e as agendas das instituições mediadoras. O status “clássico” de Machado o tornava adequado para as editoras universitárias e programas acadêmicos, que buscavam construir um cânone de literatura mundial e fornecer material para estudo aprofundado. Enquanto isso, a contemporaneidade e, por vezes, o engajamento político mais explícito do Boom encontraram um caminho de recepção diferente, embora por vezes sobreposto, mais ligado ao mercado editorial comercial e a iniciativas como o CIAR (Cohn, 2023). Machado, assim, ocupou um nicho acadêmico específico, como um autor clássico cuja relevância estava sendo progressivamente reconhecida e integrada ao discurso universitário, um processo que complementava, mais do que competia diretamente, com a trajetória mais explosiva e comercial dos autores do Boom (Cohn, 2023; Fitz, 2012).

6.4 CONCLUSÃO: O LEGADO DURADOURO DAS INTERVENÇÕES DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS (1960-1984)

O período de 1960 a 1984 marcou um ponto de inflexão decisivo na recepção de Machado de Assis nos Estados Unidos, transformando-o de uma figura literária brasileira relativamente pouco conhecida no mundo anglófono em um autor com crescente reconhecimento e legitimação acadêmica. As intervenções da University of California Press, da University Press of Kentucky e da University of Texas Press foram fundamentais nesse processo, atuando como catalisadoras na construção de um cânone machadiano em língua inglesa.

Estas três editoras universitárias, cada uma com suas particularidades editoriais e de financiamento, contribuíram de maneiras complementares para a disseminação e o estudo da obra de Machado. A UCP, com o apoio significativo do LATP da Fundação Rockefeller, focou na publicação de importantes coletâneas de contos e romances da fase madura, como *The Psychiatrist and Other Stories* (1963) e *Esau and Jacob* (1965), além de obras tardias como *Counselor Ayres' Memorial* (1972) e, crucialmente para uma visão mais completa, o romance inicial *Helena* (1984). Essas edições foram consistentemente acompanhadas por introduções que situavam Machado no panorama da literatura mundial e decifravam suas complexidades para o público acadêmico, utilizando inclusive o tratamento da biografia do autor como uma ferramenta de mediação, conforme analisado por Macedo (2023). A UPK, por sua vez, preencheu uma lacuna crucial ao traduzir romances da primeira fase de Machado, como *The Hand and the Glove* (1970) e *Iaiá Garcia* (1977), permitindo uma visão mais completa de sua evolução literária, com paratextos que argumentavam pela relevância dessas obras formativas, muitas vezes recorrendo a interpretações biográficas específicas (Macedo, 2023). A UTP, com a publicação de *The Devil's Church and Other Stories* (1977) dentro de sua “Texas Pan American Series” (apoiada pela Pan American Sulphur Company), reforçou a imagem de

Machado como um mestre contista. Coletivamente, essas editoras não apenas aumentaram o volume de obras machadianas disponíveis em inglês, mas também, através de uma seleção estratégica e de um cuidadoso enquadramento paratextual – que incluía a maneira como a vida de Machado era apresentada ou interpretada –, construíram uma imagem variada e academicamente mais completa do autor.

O caso da recepção de Machado de Assis nos Estados Unidos entre 1963 e 1984, através da mediação das editoras universitárias, ilustra a complexa dinâmica da importação cultural e da legitimação literária transnacional. Fica evidente que o mérito literário intrínseco de um autor, por si só, raramente é suficiente para garantir seu reconhecimento em um contexto cultural estrangeiro. O processo de canonização de Machado no meio acadêmico norteamericano foi impulsionado por uma intrincada rede de fatores: o apoio institucional de editoras universitárias e fundações filantrópicas (Guimarães, 2023); o contexto geopolítico da Guerra Fria, que fomentou iniciativas de diplomacia cultural (Cohn, 2023); a agência individual de tradutores dedicados e editores visionários como August Frugé (Cohn, 2023; Guimarães, 2023); e a validação proporcionada pela recepção crítica em veículos de prestígio.

A articulação entre as políticas de fomento de nível meso (como os subsídios para tradução com objetivos de intercâmbio cultural) e as práticas textuais de nível micro (as escolhas tradutórias específicas e o enquadramento paratextual que buscava tornar Machado relevante e compreensível para um novo público) foi a chave para sua legitimação acadêmica. Este estudo de caso demonstra, portanto, que a construção de uma reputação literária internacional é um fenômeno multifatorial, que transcende considerações puramente estéticas ou de mercado, envolvendo complexas negociações culturais, institucionais e, por vezes, políticas.

7 PETER OWEN PUBLISHERS E ROBERT L. SCOTT-BUCCLEUCH: MEDIAÇÃO BRITÂNICA E ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO (1976-1992)

Enquanto as primeiras incursões significativas de Machado em inglês ocorreram nos Estados Unidos a partir da década de 1950, com a Noonday Press e, posteriormente, com editoras universitárias como a University of California Press, o mercado britânico apresentou um desenvolvimento distinto, embora interconectado. Este capítulo dedica-se a analisar um momento específico dessa recepção no Reino Unido: o papel da editora independente Peter Owen Publishers e de seu principal tradutor machadiano, Robert Lascelles Scott-Buccleuch, no período compreendido entre 1976 e 1992.

A Peter Owen Publishers, fundada em 1951, consolidou-se ao longo das décadas como uma casa editorial com notável vocação para a literatura internacional, especializando-se na publicação de autores de literaturas pouco conhecidas pelo público britânico¹. Esse perfil editorial, que incluía em seu catálogo diversos laureados com o Prêmio Nobel, abriu espaço para a introdução de escritores de geografias e línguas consideradas periféricas no sistema literário mundial, como o português. A inclusão de *Yayá Garcia* (1976) na série “UNESCO Collection of Representative Works – Brazilian Series” ilustra a inserção da editora em redes de fomento cultural que visavam ampliar a circulação de obras literárias para além de suas fronteiras originais.

Central para a publicação das obras machadianas pela Peter Owen foi a figura de Robert L. Scott-Buccleuch, tradutor e professor que trabalhou na Universidade de Brasília (UnB) entre 1963 e 1970, tornou-se o primeiro britânico a verter três romances de Machado de Assis para o inglês sob a chancela de uma editora do Reino Unido (Costa, 2016). Suas traduções de *Yayá Garcia* (1976), *The Wager* (tradução de *Memorial de Aires*, publicada 1990) e *Dom Casmurro* (publicado como *Lord Taciturn* em 1992) constituem o corpus principal deste capítulo. Scott-Buccleuch não apenas traduziu, mas também atuou como mediador paratextual, escrevendo introduções e prefácios que moldaram a apresentação de Machado ao leitor britânico.

Este capítulo propõe uma análise em dupla camada. No nível meso, examinar-se-á a estratégia editorial da Peter Owen Publishers, considerando seu histórico, suas parcerias institucionais (como com a UNESCO e o Instituto Nacional do Livro/Ministério da Cultura do Brasil) e o cronograma de publicação das obras machadianas, bem como seu público-alvo e canais de distribuição. No nível micro, o foco recairá sobre o perfil de Robert L. Scott-Buccleuch como tradutor, suas concepções sobre a obra machadiana – incluindo suas declarações sobre a “facilidade” em traduzir o autor e sua percebida ênfase em elementos “europeus” do texto machadiano (Costa, 2016, p. 97) – e suas estratégias tradutórias específicas em cada um dos três romances. Serão analisados os paratextos produzidos, as escolhas lexicais e estilísticas e, crucialmente, a recepção crítica e as controvérsias geradas, com destaque para o debate acadêmico em torno da tradução condensada de *Dom Casmurro*.

¹ Na página do Peter Owen Ltd. Archive: “In a country notorious for its conservative tastes, Owen championed the global avant-garde, introduced British readers to voices from Japan to Mexico, held the torch for fading reputations and published many Nobel prizewinners (including Shusaku Endo, Octavio Paz, Hermann Hesse, Isaac Bashevis Singer and Cesare Pavese). Of the 80 Peter Owen books in print in the 1990s, 50 were translations – from the Norwegian, Bulgarian, Japanese, Latvian and Maghrebi, as well as French and German.” Disponível em: <https://collections.reading.ac.uk/special-collections/collections/peter-owen-ltd-publishers-archive/>. Acessado em: 21/02/2024.

7.1 ESTRATÉGIA EDITORIAL DA PETER OWEN PUBLISHERS

A inserção de autores estrangeiros em novos mercados literários é um processo complexo, condicionado por uma rede de agentes e instituições que operam segundo lógicas próprias e disputas de capital simbólico e econômico (Heilbron & Sapiro, 2007; Sapiro, 2014). A Peter Owen Publishers, como editora independente no cenário britânico do pós-guerra, desempenhou um papel particular na difusão de literaturas internacionais, incluindo a de Machado de Assis. Compreender sua estratégia editorial é fundamental para contextualizar as traduções de Robert L. Scott-Buccleuch e o impacto destas no campo literário anglófono.

7.1.1 Histórico da Casa (1951-1990) e Vocação Internacional

Fundada em Londres em 1951 por Peter Owen, então com apenas 24 anos e com um capital inicial modesto, a editora rapidamente se distinguiu por uma ousada aposta em “literaturas menos conhecidas” e autores de vanguarda de diversas nacionalidades (Costa, 2016, p. 75). Nascido na Alemanha em 1927 e tendo migrado para a Inglaterra, Peter Owen imprimiu à sua casa editorial um selo distintamente cosmopolita, focando em trazer para o público britânico vozes literárias que desafiavam as convenções e expandiam os horizontes culturais. Desde seus primórdios, a Peter Owen Publishers demonstrou uma clara vocação internacional, buscando ativamente autores estrangeiros e obras traduzidas, muitas vezes de línguas consideradas periféricas no mercado anglófono².

O catálogo da editora, ao longo das décadas de 1950 a 1990, reflete essa orientação. Incluiu nomes que viriam a ser (ou já eram) laureados com o Prêmio Nobel de Literatura, como Hermann Hesse, Shusaku Endo, Octavio Paz, Isaac Bashevis Singer, Cesare Pavese e Miguel Angel Asturias, conferindo prestígio e capital simbólico à editora. Além desses, a Peter Owen foi pioneira na publicação de autores japoneses, como Yukio Mishima, Yasunari Kawabata e Natsume Soseki, e de escritores de outras partes do mundo, como o mexicano Juan Rulfo, o norueguês Tarjei Vesaas e o búlgaro Blaga Dimitrova, entre muitos outros³. A editora também se destacou por publicar obras sobre temas sociais considerados tabu à época, incluindo escrita gay e lésbica, e por dar voz a autores de vanguarda e experimentalistas. A presença de figuras como Muriel Spark no corpo editorial em seus primeiros anos também atesta o calibre literário da casa.

Nos anos 1970 e 1980, um período em que a ficção traduzida começou a ganhar mais espaço no mercado britânico, a Peter Owen se beneficiou dessa tendência, com alguns de seus autores, como Paul Bowles, Anaïs Nin e Shusaku Endo, alcançando um status de “cult”. A dedicação à literatura em tradução era uma marca distintiva, e os arquivos da editora, hoje preservados em instituições como o Harry Ransom Center e a University of Reading, revelam uma vasta correspondência com autores internacionais e um significativo volume de material de produção de livros traduzidos de diversas línguas, como búlgaro, chinês, dinamarquês, francês, alemão, hebraico, húngaro, italiano, japonês, romeno e sueco. Gregory Rabassa, renomado tradutor de literatura latino-americana, também teve obras publicadas pela editora⁴.

² Na página do Peter Owen Ltd. Archive, encontram-se todos os dados que informa esta seção. Disponível em: [Peter Owen Ltd. Archive - Collections - Special Collections](#). Acessado em: 12/11/2024.

³ O catálogo da editora britânica Peter Owen é um retrato vívido da literatura internacional do século XX. Preservado no Harry Ransom Center (Universidade do Texas), o acervo reúne correspondências com autores e tradutores, manuscritos, provas tipográficas e arquivos de produção de livros publicados entre 1945 e 2006. Disponível em: [Peter Owen \(Firm\): An Inventory of Its Records at the Harry Ransom Center](#). Acessado em: 14/11/2024.

⁴ Gregory Rabassa está listado nos arquivos da editora Peter Owen no Harry Ransom Center. Ele aparece entre os muitos tradutores cujos trabalhos estão representados na coleção, o que indica que ele traduziu pelo menos uma obra publicada pela editora. Disponível em: [Peter Owen \(Firm\): An Inventory of Its Records at the Harry Ransom Center](#). Acessado em: 14/11/2024.

O próprio Robert L. Scott-Bucleuch (1982) destacou essa especialização da Peter Owen em obras de “literaturas menos conhecidas, como a romena e a japonesa” (citado por Costa, 2016, p. 75), e mencionou uma visita de Peter Owen ao Rio de Janeiro em busca de uma obra brasileira moderna, que resultou na publicação de sua tradução de *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, descrita como “a primeira tradução britânica de um romance brasileiro publicado na Grã-Bretanha durante muitos anos” (citado por Braccini, 2022, p. 122). Essa iniciativa precedeu a publicação de *Yayá Garcia*. A reputação da editora como um porto seguro para a ficção internacional de qualidade era tal que Jonathan Coe, jornalista do *The Guardian*, aconselhou os leitores em 1990 a “manterem o olho na lista da Peter Owen, que é geralmente a mais forte quando se trata de ficção internacional” (Coe, 1982, citado por Costa, 2016, p. 75).

7.1.2 Parcerias e Financiamento: Série UNESCO (caso *Yayá Garcia*); Subsídios INL/MinC (caso *Dom Casmurro*)

A publicação de literaturas estrangeiras, especialmente de autores de mercados menores e línguas com menor circulação global, frequentemente depende de mecanismos de apoio financeiro e parcerias institucionais. A Peter Owen Publishers soube navegar nesse ecossistema, estabelecendo colaborações que viabilizaram a tradução e publicação de diversas obras, incluindo as de Machado de Assis.

Um exemplo emblemático é a parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). A tradução de *Yayá Garcia* por Scott-Bucleuch, publicada em 1976, foi aceita na “UNESCO Collection of Representative Works – Brazilian Series” (Braccini, 2022, p. 16; Scott-Bucleuch, 1976, p. 6). Este programa, lançado pela UNESCO em 1948, tinha como objetivo “encorajar a tradução, publicação e distribuição de textos significativos do ponto de vista literário e cultural, apesar de serem pouco conhecidos além de suas fronteiras nacionais ou além do quadro de sua origem linguística” (citado por Braccini, 2022, pp. 122-123). A inclusão de uma obra nessa coleção não apenas conferia prestígio e visibilidade internacional, mas também, crucialmente, oferecia apoio financeiro para a tradução e publicação. Scott-Bucleuch (1982) ressaltou a importância dessa ajuda financeira da UNESCO, que permitia à Peter Owen tornar conhecidas obras de “literaturas pouco conhecidas” para o público de língua inglesa (citado por Costa, 2016, p. 75). Essa colaboração alinhava-se perfeitamente com a missão da editora de diversificar o panorama literário britânico.

Além do apoio da UNESCO para *Yayá Garcia*, a Peter Owen também buscou financiamento de instituições brasileiras para suas publicações machadianas. Na página de créditos da tradução de *Dom Casmurro* por Scott-Bucleuch, tanto na edição original de 1992 quanto na reedição completa de 2016, constam agradecimentos explícitos à assistência financeira da Vitae-Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social e ao Instituto Nacional do Livro (INL)/Ministério da Cultura do Brasil (Assis, 1992, 2016). A Vitae foi uma importante fundação privada brasileira de fomento à cultura e educação, enquanto o INL era o órgão governamental responsável pela política do livro e da leitura no país (Barroso, 2017). Esses subsídios demonstram um esforço ativo da editora em buscar recursos que viabilizassem a tradução de um autor canônico brasileiro, mas cuja inserção comercial no mercado britânico poderia representar um risco financeiro. Tais parcerias são indicativas das dinâmicas de poder no campo da tradução, onde o apoio de instituições do país de origem do autor (periférico, no caso) pode ser fundamental para sua circulação em um mercado central como o britânico.

Esses mecanismos de financiamento e parcerias institucionais foram, portanto, elementos cruciais na estratégia editorial da Peter Owen para a publicação de Machado de Assis,

permitindo que a editora superasse, em parte, as barreiras econômicas frequentemente associadas à tradução de autores de literaturas menos hegemônicas.

7.1.3 Cronograma Machadiano

A incursão da Peter Owen Publishers na obra de Machado de Assis, através das traduções de Robert L. Scott-Buccleuch, concentrou-se em um período relativamente curto, mas significativo, entre meados da década de 1970 e o início da década de 1990. O cronograma de lançamento dessas obras revela uma progressão que abrange tanto um romance da primeira fase do autor quanto dois de seus mais importantes trabalhos da maturidade.

A primeira obra de Machado de Assis publicada pela Peter Owen foi *Yayá Garcia* (originalmente *Iaiá Garcia*, 1878), traduzida por Robert L. Scott-Buccleuch. Conforme mencionado, esta publicação integrou a prestigiosa série da UNESCO, o que certamente facilitou sua produção e conferiu-lhe um selo de relevância cultural internacional (Braccini, 2022, p. 16 e 122). A escolha por um romance da fase considerada “romântica” ou de transição de Machado pode ser vista como uma tentativa de apresentar ao público britânico um Machado de Assis talvez menos experimental e mais alinhado com certas convenções narrativas do século XIX, embora o próprio Scott-Buccleuch, no prefácio, já apontasse para os sinais do estilo “machadiano” presentes na obra (Scott-Buccleuch, 1976, p. 7).

Catorze anos após *Yayá Garcia*, a Peter Owen publicou a tradução de Scott-Buccleuch para *Memorial de Aires* (1908), sob o título *The Wager: Aires' Journal* (1990). Este romance, o último publicado por Machado em vida, apresenta uma forma diarística e um tom melancólico e reflexivo. A escolha por esta obra tardia, descrita na primeira orelha do livro como uma “elegia pungente por um mundo perdido”⁵, demonstra um aprofundamento no cânone machadiano pela editora, oferecendo ao público britânico um Machado introspectivo e filosoficamente resignado. A capa e as orelhas da edição enfatizavam ser o “último romance” de Machado, publicado “ainda no auge de seus poderes”⁶.

Apenas dois anos depois de *The Wager*, a Peter Owen lançou a que se tornaria a mais controversa das traduções de Scott-Buccleuch, a de *Dom Casmurro* (1899), publicado com o título alternativo *Lord Taciturn*. Esta tradução ganhou notoriedade pela supressão de nove capítulos do original, uma decisão editorial que gerou intenso debate crítico e acadêmico nos anos subsequentes (Gledson, 2013; Krause, 2015; Kremer, 2007; Patai, 1999). A publicação desta obra-prima machadiana, mesmo em sua forma condensada, representava um passo importante na consolidação de Machado no catálogo da editora, embora as consequências dessa condensação viessem a abalar a reputação da tradução (Gledson, 2013; Krause, 2015). A página de créditos mencionava o apoio financeiro da Vitae e do Instituto Nacional do Livro/Ministério da Cultura do Brasil.

Este cronograma, estendendo-se por 16 anos, demonstra um compromisso relativamente constante da Peter Owen com a obra de Machado de Assis, mediada exclusivamente pela tradução de Scott-Buccleuch. A progressão de um romance da primeira fase para duas das obras mais significativas da maturidade (e do final da vida) do autor sugere uma estratégia de apresentar diferentes facetas de sua produção literária ao público britânico.

⁵ No original: “a poignant elegy for a lost world” (Assis, 1990).

⁶ No original: “The last work of Brazil's greatest novelist”, “a work which shows him still at the height of his powers” (Assis, 1990).

7.1.4 Público-alvo e Distribuição:

A Peter Owen Publishers, desde sua fundação, direcionou seu catálogo para um público leitor específico, caracterizado pelo interesse em literatura de vanguarda, obras traduzidas e “nomes importantes da literatura mundial” que desafiavam o *mainstream* (Costa, 2016, p. 75). Seu público-alvo, portanto, não era o leitor casual em busca de *best-sellers*, mas sim um segmento mais educado, cosmopolita e de classe média, com afinidade por descobertas literárias e culturas estrangeiras. As obras de Machado de Assis, com sua complexidade psicológica, ironia sutil e contexto histórico-social específico, alinhavam-se com o perfil de um leitor que busca mais do que mero entretenimento.

A distribuição dos livros da Peter Owen concentrava-se primariamente no mercado britânico, com seus títulos encontrando espaço em livrarias literárias e independentes, que atendiam a um público mais engajado e disposto a explorar autores menos conhecidos comercialmente. A natureza de “nicho” da editora implicava que suas tiragens não fossem massivas, mas sua presença era constante e respeitada nos círculos literários que valorizavam a diversidade e a qualidade literária para além das fronteiras anglófonas (Costa, 2016, p. 75).

Além do mercado doméstico, a Peter Owen também buscava a exportação de seus títulos, notadamente para os Estados Unidos e Canadá. A edição de 2016 de *Dom Casmurro* (a versão completa e não abreviada da tradução de Scott-Buccleuch, com os capítulos restaurados por Antonia Owen) indica que os livros da Peter Owen são distribuídos nos EUA e Canadá pela Independent Publishers Group/Trafalgar Square (Assis, 2016a). Embora esta informação seja de uma publicação mais recente, é razoável supor que a editora já mantinha canais de distribuição internacional durante o período de 1976-1992, visando alcançar o público universitário e os leitores interessados em literatura mundial nesses mercados. O próprio fato de *Yayá Garcia* ter sido parte da coleção da UNESCO sugere uma intenção de circulação que transcendia as fronteiras britânicas. A menção de Jonathan Coe no *The Guardian* em 1990, recomendando a Peter Owen por sua ficção internacional, também aponta para uma visibilidade que poderia atrair distribuidores e leitores em outros países de língua inglesa.

A combinação de um público-alvo específico no Reino Unido e a busca por exportação para mercados como os EUA e Canadá delinea a estratégia da Peter Owen para maximizar o alcance de autores como Machado de Assis, equilibrando o prestígio literário com a viabilidade em um campo editorial competitivo.

7.2 PERFIL DO TRADUTOR – ROBERT L. SCOTT-BUCCLEUCH

A figura do tradutor é central na mediação de obras literárias entre culturas, atuando não apenas como um transcodificador linguístico, mas como um leitor interpretativo, um crítico implícito e, frequentemente, um proponente ativo do autor traduzido. Robert Lascelles Scott-Buccleuch foi o principal, senão exclusivo, tradutor de Machado de Assis para a Peter Owen Publishers, e seu perfil e concepções sobre a tradução e sobre o autor brasileiro moldaram a forma como Machado foi apresentado ao público britânico.

7.2.1 Formação, Passagem pela UnB e Vida no Brasil

Nascido na Escócia, Robert L. Scott-Buccleuch teve uma formação acadêmica sólida, graduando-se em inglês e francês pela Universidade de St. Andrews. Sua carreira o levou a diversos países como professor de inglês ligado ao British Council, incluindo uma passagem significativa pelo Brasil (Braccini, 2022, p. 58). No Brasil, contribuiu para a academia, tendo participado da fundação e chefia do Departamento de Inglês da Universidade de Brasília (UnB) em 1963. Essa vivência no país e sua inserção no meio universitário brasileiro certamente lhe proporcionaram um contato direto com a língua portuguesa e a cultura literária do Brasil.

Sua dedicação à divulgação da literatura brasileira foi reconhecida com honrarias: em 1974, recebeu a Ordem do Rio Branco do governo brasileiro e, em 1978, a Medalha Machado de Assis, concedida pela Academia Brasileira de Letras (Braccini, 2022; Costa, 2016; Krause, 2015). Essas distinções atestam seu papel como um importante mediador cultural entre o Brasil e o mundo anglófono. Além das três obras de Machado de Assis para a Peter Owen, Scott-Bucleuch traduziu outros autores brasileiros proeminentes, como Graciliano Ramos (*São Bernardo*), Lima Barreto (*Triste Fim de Policarpo Quaresma*) e José Américo de Almeida (*A Bagaceira*) (Costa, 2016).

7.2.2 Declarações sobre a “Facilidade” de Traduzir Machado e sua “Europeidade”

Em um depoimento de 1982, Scott-Bucleuch refletiu sobre sua experiência traduzindo diferentes autores brasileiros. Curiosamente, ele afirmou que, apesar do estilo “todo pessoal e único” de Machado de Assis, considerou-o “mais fácil de traduzir” em comparação com outros escritores brasileiros que havia vertido para o inglês (citado por Costa, 2016, p. 99). A justificativa para essa percepção de “facilidade” residia, segundo ele, na natureza da obra machadiana:

Ao contrário dos três outros que mencionei [Lima Barreto, Graciliano Ramos e José Américo de Almeida], Machado de Assis escreveu sobre a vida na cidade: é bem verdade um Rio de Janeiro subtropical no fim do século passado, mas de qualquer maneira sobre uma vida de cidade civilizada, não muito diferente de uma similar europeia. Seus personagens são advogados, juízes, funcionários públicos, senhores de sociedade etc. todos envolvidos em um círculo de atividades não muito diversas daquelas de Lisboa, Madri ou Paris. Seu estilo segue uma tradição europeia e revela influências de autores ingleses, principalmente de Lawrence [sic] Sterne. Por conseguinte, não há nada, quer no fundo quer na forma dos livros de Machado de Assis, que a língua inglesa não possa expressar adequadamente. (Scott-Bucleuch, 1982, p. 108, citado em Costa, 2016, p. 170; Braccini, 2022, p. 59)

Essa declaração é reveladora da perspectiva de Scott-Bucleuch sobre Machado. A ênfase na “vida de cidade civilizada, não muito diferente de uma similar europeia” e no estilo que segue uma “tradição europeia” sublinha uma percepção da “europeidade” de Machado. Tal visão minimiza, de certa forma, as especificidades culturais e sociais intrinsecamente brasileiras presentes na obra machadiana, como as complexas relações de patronagem, a dinâmica da escravidão e suas consequências, e as nuances da sociedade carioca oitocentista. Ao aproximar Machado de um universo literário e social europeu, o tradutor pode ter encontrado uma maior familiaridade e, conseqüentemente, uma aparente “facilidade” na transposição para o inglês. Essa percepção, contudo, como aponta Gledson (2013), pode levar ao risco de apagar justamente essas especificidades culturais que são cruciais para uma compreensão mais profunda da obra.

Posteriormente, na introdução à sua tradução de *Dom Casmurro* (1992), Scott-Bucleuch matizaria essa visão de facilidade, reconhecendo que o estilo “conciso, terso, quase epigramático” de Machado e as diferenças entre o português (sintético) e o inglês (analítico) tornavam a tarefa “virtualmente impossível de se transmitir de forma satisfatória no inglês”⁷ (Scott-Bucleuch, 1992, p. 9). Essa aparente contradição pode refletir as diferentes experiências

⁷ No original: “Ideally adapted to his theme, Machado de Assis’s prose is concise, terse, almost epigrammatic in style. [...] And nally there is Machado’s style itself which, being so concise, even in Portuguese, becomes, one must confess, virtually impossible to render satisfactorily in English.” (Scott-Bucleuch, 1992, p. 9).

com romances distintos ou uma reavaliação da complexidade machadiana com o aprofundamento de seu trabalho (Patai, 1999). No entanto, a ênfase inicial na “europeidade” e na familiaridade dos temas e cenários parece ter sido um componente importante de sua abordagem inicial.

7.2.3 Concepção de Tradução: Busca de “Naturalidade” em Inglês, Visão Universalista do Autor

Scott-Bucleuch, que se considerava um “tradutor amador” que traduzia por prazer e por afinidade com o autor, explicitou alguns de seus princípios tradutórios (Costa, 2016, p. 101). Ele acreditava que, uma vez estabelecida uma afinidade com o escritor, “o tradutor deve tentar imaginar como o seu escritor escreveria na sua própria língua, isto é, na do tradutor, se isso fosse possível” (Scott-Bucleuch, 1982, citado em Braccini, 2022, p. 59). Como consequência lógica, “a tradução deve parecer tão natural quanto o texto original, sem indícios de ter sido traduzido” (Scott-Bucleuch, 1982, citado em Braccini, 2022, p. 59). Essa busca por “naturalidade” no inglês e a intenção de produzir um texto que não “parecesse” uma tradução indicam uma inclinação para estratégias domesticadoras (Venuti, 2004), onde o texto é adaptado para fluir de acordo com as convenções e expectativas da cultura de chegada.

Essa abordagem é consistente com sua visão de Machado como um autor cujos temas e cenários urbanos seriam “não muito diferentes de uma similar europeia”. Ao perceber Machado como um escritor com fortes laços com a tradição literária europeia e, portanto, “universalmente” acessível, Scott-Bucleuch parece ter priorizado a fluidez e a legibilidade em inglês, por vezes em detrimento da manutenção de marcas culturais mais específicas ou da complexidade estilística que poderia soar “estranha” ao leitor britânico.

Na introdução à sua tradução de *Dom Casmurro* (1992), ele reitera essa visão universalista ao afirmar que a história, embora “essencialmente brasileira”, é “facilmente acessível ao leitor europeu e norte-americano” devido às “origens literárias claramente reconhecíveis e seus laços com a herança europeia”⁸ (Scott-Bucleuch, 1992, p. 8). Ele chega a minimizar o impacto da escravidão como “o único choque cultural que um leitor não-brasileiro poderia experimentar”, notando que ela é “aparentemente aceita sem questionamentos” e que o cenário subtropical é “deliberadamente atenuado”⁹, podendo o pano de fundo urbano ser Paris, Viena ou Londres (Scott-Bucleuch, 1992, p. 8). Essa perspectiva reforça a tendência de Scott-Bucleuch a apresentar um Machado de Assis despojado de parte de sua especificidade brasileira, em favor de uma suposta universalidade que o tornaria mais palatável ao público anglófono.

Apesar das dificuldades reconhecidas posteriormente em traduzir o estilo conciso de Machado, a concepção de tradução de Scott-Bucleuch, pautada na busca pela naturalidade no idioma de chegada e na apresentação de um Machado “europeizado” e “universal”, permeou suas escolhas tradutórias e a forma como o autor foi introduzido aos leitores pela Peter Owen Publishers.

7.3 ESTUDOS DE CASO

A análise das estratégias editoriais da Peter Owen e do perfil do tradutor Robert L. Scott-Bucleuch (nível meso) fornece o contexto para um exame mais detalhado das traduções em si (nível micro). Cada uma das três obras de Machado de Assis publicadas pela editora – *Yayá*

⁸ No original: “The result is a tale of suburban life which, though essentially Brazilian in character, is easily accessible to the European and North American reader. Its literary origins are clearly recognizable and its links with the European heritage equally so” (Scott-Bucleuch, 1992, p. 8).

⁹ No original: “The only cultural shock a non-Brazilian reader might experience is the existence of slavery, which is apparently unquestioningly accepted. Otherwise, with the subtropical setting deliberately subdued, the urban background might well be a variation of Paris, Vienna or London” (Scott-Bucleuch, 1992, p. 8).

Garcia (1976), *The Wager (Aires' Journal)* (1990) e *Dom Casmurro* (1992) – passou por um processo de mediação específico, refletido em seus paratextos, nas estratégias tradutórias empregadas e na sua recepção.

7.3.1 *Yayá Garcia* (1976)

A edição de *Yayá Garcia* pela Peter Owen foi a primeira incursão da editora na obra machadiana. O principal paratexto é o “Translator's Foreword” (Prefácio do Tradutor), assinado por R. L. Scott-Bucleuch e datado do Rio de Janeiro, novembro de 1975. Neste prefácio, Scott-Bucleuch apresenta um perfil de Machado de Assis, destacando-o como “o primeiro escritor nativo de gênio indiscutível” do Brasil e o primeiro a ter reputação fora do Brasil e Portugal, embora ainda “virtualmente desconhecido do público leitor geral”¹⁰ no mundo anglófono (Scott-Bucleuch, 1976, p. 5). Scott-Bucleuch situa *Yayá Garcia* como um romance de transição entre a fase “romântica” e a fase “realista” de Machado, combinando elementos de *Helena* com o realismo de *Brás Cubas* (1976, p. 5-6). Scott-Bucleuch descreve o estilo “machadiano” já emergente na obra como “o estilo conciso e aparentemente simples, a observação perspicaz do comportamento humano, o humor caprichoso, a inteligência sem malícia, a ironia sem amargura e uma aceitação filosófica do sofrimento humano — essencialmente pessimista, mas que, de algum modo, consegue ser leve e bem-humorada”¹¹ (1976, p. 6).

De forma significativa para a sua abordagem geral de Machado, Scott-Bucleuch (1982, citado em Costa, 2016, p. 170 e Braccini, 2022, p. 59) descreveu o contexto urbano dos romances de Machado como uma “vida de cidade civilizada, não muito diferente de uma similar europeia”. Essa visão da “europeidade” do ambiente machadiano permeia sua apresentação do autor. O aparato crítico da edição de *Yayá Garcia* é mínimo, contendo apenas uma nota de rodapé explicativa sobre a Guerra do Paraguai, um pano de fundo relevante para o romance. A ausência de notas culturais extensas é uma característica que se repetirá nas outras traduções de Scott-Bucleuch, alinhada com sua busca por uma leitura fluida e “natural” em inglês.

A tradução de *Yayá Garcia* por Scott-Bucleuch, conforme analisado por Braccini (2022), revela um enfoque na equivalência lexical e uma tendência à domesticação, buscando a “naturalidade” no inglês que o tradutor advogava¹².

Termos culturalmente específicos ou com nuances sociais particulares no Brasil oitocentista foram frequentemente traduzidos por equivalentes mais genéricos ou culturalmente neutros em inglês. Por exemplo, “agregada”, um termo crucial para entender as dinâmicas de dependência social, foi vertido como “companion” (companheira) ou “ward” (pupila, protegida), neutralizando parte de seu significado. “Filha de criação” tornou-se “adopted daughter” (filha adotiva), uma tradução consistente, mas que não capta totalmente a nuance da relação. “Homem de confiança” foi traduzido como “right-hand man” (braço direito) e, em outra ocorrência, como “friend of the family” (amigo da família), esta última alterando o sentido cultural da relação de dependência e favor. O termo “favor” em si foi traduzido literalmente na maioria das vezes, mas em um contexto onde se esperava independência, “viver sem favor” tornou-se “to earn a living without begging favours” (ganhar a vida sem implorar favores),

¹⁰ No original: “Machado de Assis occupies a unique position in Brazilian letters: the first native born writer of undisputed genius, he was also the first to establish a reputation outside Brazil and Portugal” (Scott-Bucleuch, 1976, p. 5).

¹¹ No original: “Here are to be found unmistakable signs of what was later to be summed up in the adjective “machadiano”: the taut, deceptively simple style, the shrewd observation of human behaviour, whimsical humour, wit without malice, irony without bitterness, and a philosophic acceptance of human suffering, essentially pessimistic yet somehow contriving to be light-hearted” (Scott-Bucleuch, 1976, p. 6).

¹² A análise a seguir, focada na tradução dos marcadores culturais, baseia-se na análise aprofundada feita por Braccini em sua dissertação de mestrado (2022, pp. 73-118).

mantendo a ideia de dependência. “Obséquio” foi traduzido de formas variadas como “favor”, “gift” (presente) ou “hospitality” (hospitalidade), dependendo do contexto.

As formas de tratamento brasileiras, carregadas de hierarquia social, foram adaptadas. “Doutor”, usado como título de respeito mesmo para não médicos, foi traduzido como “my friend” (meu amigo), omitido, ou como “sir” ou “Sr.” (senhor), domesticando a formalidade. “Sr.” e “Sra.” foram por vezes transcritos ou incorporados ao nome, o que pode ser visto como uma formalização ou uma leve estrangeirização. Termos como “sinhá moça” foram vertidos como “girl” (garota) ou “young mistress” (jovem senhora), numa tentativa de equivalência cultural, enquanto “nhanhã” (forma carinhosa para sinhá moça) tornou-se “mistress” (senhora), uma domesticação. A forma afetiva “mamãezinha” foi omitida em uma das ocorrências, uma forte domesticação que resulta na perda da nuance de carinho e intimidade.

Termos como “jantar”, “ceia” e “almoço” foram adaptados para equivalentes ingleses comuns como “dinner”, “supper”, “breakfast” e “lunch”, visando a clareza para o leitor anglófono e seguindo uma estratégia de domesticação, embora a correspondência horária e social dessas refeições no século XIX brasileiro e na Inglaterra contemporânea à tradução pudesse gerar ambiguidades.

Algumas expressões idiomáticas foram traduzidas por equivalentes diretos em inglês (ex: “uma onça de paz vale mais que uma libra de vitória” como “an ounce of peace was worth more than a pound of victory”; “proclamá-lo aos quatro ventos do céu” como “proclaim it loudly to the four winds of heaven”). Outras foram traduzidas literalmente, como “afogado em papel” por “drown yourself in paper”. Houve um caso de possível erro de interpretação cultural na tradução de “dias azuis” (dias felizes, em português) como “blue days”, que em inglês conota tristeza. Um trocadilho com a palavra “língua” (órgão e idioma) perdeu-se, com Scott-Buccleuch optando pela tradução literal “tongue” (língua-órgão).

A estratégia geral de Scott-Buccleuch em *Yayá Garcia* parece ter sido a de produzir um texto que fluísse naturalmente em inglês, sacrificando, por vezes, a precisão cultural ou as nuances mais sutis do original em prol da legibilidade e da familiaridade para o leitor britânico. A pouca presença de notas culturais reforça essa abordagem (Braccini, 2022).

A recepção crítica de *Yayá Garcia* na mídia britânica na época de seu lançamento (1976-1977) parece ter sido pouco extensa e de difícil localização atualmente. Braccini (2022, p. 122-123) relata ter encontrado apenas algumas resenhas em periódicos acadêmicos ou especializados, como as de MacNicoll (1979), Harvey Johnson (1978) e Robert Lima (1978) (estas referentes à tradução de Bagby Jr., publicada um ano depois nos EUA, mas que podem refletir o interesse geral pela obra). Essas resenhas tendiam a focar no enredo e na importância de Machado como autor, com poucos comentários detalhados sobre a qualidade da tradução em si. A própria Peter Owen, sendo uma editora independente de nicho, talvez não gerasse o mesmo volume de resenhas que grandes editoras comerciais.

A edição, como parte da UNESCO Collection, provavelmente garantiu uma certa visibilidade em círculos interessados em literatura mundial, mas não necessariamente um amplo debate crítico na imprensa generalista. A obra permaneceu em catálogo por um tempo, mas, segundo Patai (1999), como outras traduções de Machado, tendeu a ocupar um “nicho de mercado” predominantemente acadêmico. Não há registros de controvérsias significativas em torno desta tradução específica, em contraste com o que ocorreria posteriormente com *Dom Casmurro*. A edição de *Yayá Garcia* pela Peter Owen parece ter saído de catálogo nos anos 1990, possivelmente devido às vendas modestas ou à mudança de foco da editora.

7.3.2 *The Wager: Aires' Journal (1990)*

A edição de *The Wager* pela Peter Owen trazia paratextos que buscavam contextualizar a obra e o autor para o público britânico. A capa e as orelhas enfatizavam tratar-se do “último romance” de Machado de Assis, escrito “ainda no auge de seus poderes”. A trama era resumida destacando o retorno do diplomata aposentado Aires ao Rio de Janeiro, sua fascinação pela jovem viúva Fidélia, o cenário de um Brasil em rápida transformação (com a chegada da ferrovia e a abolição da escravatura) e o tema da reconciliação com a velhice e a morte. O estilo de Machado era elogiado por sua “observação astuta da natureza humana” e “humor gentil e irônico”. Uma das orelhas fornecia um breve perfil biográfico de Machado e do tradutor, Robert Scott-Bucleuch.

O principal aparato crítico era a introdução de 10 páginas escrita pelo próprio Scott-Bucleuch, datada de São Vicente, junho de 1989 (Scott-Bucleuch, 1990). Nela, o tradutor discorria sobre diversos aspectos da obra. Scott-Bucleuch explicava que Machado havia “ressuscitado” o Conselheiro Aires de *Esau e Jacó* e que o diário era apresentado como uma transcrição fiel, conferindo um “grau extraordinário de realismo”. As entradas em forma de notas, segundo ele, tornavam o estilo conciso de Machado “ainda mais um desafio para o tradutor”¹³. A história em si era vista como secundária, com o interesse principal recaindo sobre os personagens, especialmente o casal idoso Aguiar (visto por muitos críticos como um possível autorretrato de Machado e sua esposa Carolina). O contexto social da época, incluindo a percepção da idade no Brasil, era também abordado¹⁴. Aires era apresentado como o porta-voz de Machado, com liberdade para comentários irônicos, inclusive sobre si mesmo¹⁵. O amor pelo Rio de Janeiro, a constância da morte aceita com resignação filosófica, e as grandes mudanças sociais (abolição, iminência da República) eram destacados como temas importantes, embora Machado focasse no impacto dessas mudanças em um pequeno segmento da sociedade¹⁶. Scott-Bucleuch reconhecia que *Memorial de Aires* poderia não agradar a todos e ser o menos lido das obras-primas machadianas, mas que exercia um fascínio sobre os “verdadeiros admiradores do mestre” devido ao seu “sabor único e delicado”¹⁷.

A introdução, portanto, buscava preparar o leitor para as particularidades formais e temáticas do romance, ao mesmo tempo em que reforçava a estatura de Machado como um mestre da observação humana e da ironia. Assim como em *Yayá Garcia*, notas históricas ou culturais extensas estavam ausentes, priorizando-se a leitura direta do texto.

¹³ No original: “In contrast to his earlier novels, Machado de Assis presented *The Wager* in the form of a diary, and for this purpose resurrected a character introduced in *Esau and Jacob* [...] The result is an extraordinary degree of realism, as Aires corrects observations made previously and adds items he had forgotten to include. The entries too are sometimes in note form, making Machado de Assis’s normal taut, deceptively simple style even more concise and even more of a challenge to the occasionally despairing translator” (p. 5).

¹⁴ “As in other of Machado’s novels the story is of secondary importance, the primary interest being in the characters themselves. [...] the main characters of the novel [are] the Aguiars, the elderly couple who, if we omit the writer of the journal himself, are the main characters of the novel. In these two, many critics have seen a self-portrait of Machado and his wife, Carolina [...]” (p. 6).

¹⁵ “In *The Wager* Aires is his spokesman [...] he has unlimited freedom of comment, and can even indulge in sly digs at himself.”

¹⁶ “More open and acknowledged, however, is his love of his native city, Rio de Janeiro [...]” “In no other of his novels is the idea of death so constantly present [...] they appear to have come to terms with their situation and accept death with a philosophical resignation [...]” “The abolition of slavery is actually recorded in *The Wager*, while the deposition of the Emperor Dom Pedro II and the proclamation of the Republic, a possibility mentioned, took place just a few months after the last entry.” “Machado’s horizons are deliberately limited and, like Jane Austen before him, if he refers to the great events taking place in the world around him, his interest is only in the extent to which they affect the lives of the small segment of society that falls beneath his observation” (pp. 7-8).

¹⁷ No original: “Such a novel is not to everyone’s taste, and it is probable that *The Wager* is the least read of the author’s acknowledged masterpieces [...] But it continues to exert its own fascination on all true admirers of the master, who recognize the unique and delicate flavour which makes the connoisseur acclaim it vintage Machado” (p. 9).

A partir da introdução de Scott-Bucceleuch e de suas declarações anteriores sobre a tradução de Machado, pode-se inferir algumas das estratégias empregadas em *The Wager*. A admissão do “desafio ao tradutor” pela concisão e pela forma diarística sugere uma preocupação em tentar preservar essas características estilísticas, embora adaptando-as para uma “naturalidade” no inglês. O tradutor explicitamente buscava transmitir a “observação astuta”, o “humor gentil e irônico” e a “tristeza outonal” que ele identificava no original. Manter a ironia machadiana, com suas sutilezas e subentendidos, é um desafio considerável, e a tradução provavelmente buscou equivalentes que funcionassem no contexto da língua inglesa. A prática de Scott-Bucceleuch em suas outras traduções e a ausência de um aparato crítico extenso em *The Wager* sugerem a manutenção da estratégia de minimizar notas explicativas. Lusitanismos (termos ou construções típicas do português) provavelmente foram suavizados ou substituídos por equivalentes ingleses mais diretos para garantir a fluidez e a “naturalidade” do texto, em consonância com sua visão de um Machado “europeizado” e acessível. Uma análise textual comparativa mais aprofundada, como a realizada por Braccini (2022) para *Yayá Garcia*, seria necessária para detalhar essas escolhas em *The Wager*, mas as tendências gerais do tradutor apontam nessa direção.

A recepção crítica de *The Wager: Aires' Journal* no Reino Unido em 1990 parece ter sido limitada, seguindo o padrão de suas outras traduções machadianas. Costa (2016) menciona que Jonathan Coe, em uma crítica no *The Guardian* em 1990, aconselhou os leitores a acompanharem a lista da Peter Owen, citando *The Wager* como um exemplo da força da editora em ficção internacional. Esta é uma menção positiva e um reconhecimento do valor da publicação, mas não constitui uma resenha aprofundada da tradução em si ou uma análise detalhada da obra no contexto britânico.

Não foram localizadas, até o momento desta pesquisa, outras resenhas significativas ou debates acadêmicos específicos sobre a tradução de *The Wager* por Scott-Bucceleuch. A obra, sendo o último romance de Machado e possuindo um estilo mais introspectivo e menos focado em um enredo dramático convencional, pode ter atraído um público de nicho, composto por admiradores já familiarizados com Machado ou leitores especificamente interessados em literatura brasileira traduzida. Não parece ter gerado controvérsias, e sua circulação provavelmente se manteve restrita, em linha com o perfil da Peter Owen como uma editora literária independente.

7.3.3 *Dom Casmurro* (1992/2016)

A edição de 1992 de *Dom Casmurro* pela Peter Owen, traduzida por Scott-Bucceleuch, apresentava-se com o título original, mas a introdução do tradutor discorria sobre a alternativa “Lord Taciturn”¹⁸ (Scott-Bucceleuch, 1992, p. 6). Scott-Bucceleuch justificava essa consideração pela dificuldade em verter a polissemia do termo “casmurro” para o inglês, que segundo ele, significaria “sombrio, retraído, irritável, teimoso, com um ar de tristeza subjacente”, qualidades que “taciturno” não abrangeria completamente¹⁹ (Scott-Bucceleuch, 1992, p. 9). A página de créditos da edição de 1992 incluía agradecimentos à assistência financeira da Vitae-Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social e do Instituto Nacional do Livro/Ministério da Cultura do Brasil.

¹⁸ No original: “When *Dom Casmurro*, sometimes rendered as ‘Lord Taciturn’, was first published in Paris in 1899, Machado de Assis was already established as Brazil’s foremost man of letters” (Scott-Bucceleuch, 1992, p. 6).

¹⁹ No original: “As mentioned above, the title *Dom Casmurro* is sometimes rendered as *Lord Taciturn*. *Casmurro* means gloomy, withdrawn, irritable, stubborn, with an overlying air of sadness, which is not completely rendered by ‘taciturn’ (Scott-Bucceleuch, 1992, p. 9).

A introdução de Scott-Buccluech à edição de 1992, datada de São Vicente, maio de 1991 (Scott-Buccluech, 1992), é relativamente breve e foca em alguns pontos centrais para sua interpretação e apresentação da obra. O tradutor observa que, curiosamente, *Dom Casmurro* não foi imediatamente popular no Brasil, apesar de ser hoje considerado a obra-prima de Machado e um dos maiores romances em língua portuguesa²⁰. Ele destaca a “ironia delicada” e o “senso de humor caprichoso” de Machado²¹. O tema central é identificado como o adultério (ou o adultério imaginado), e a narrativa em primeira pessoa de Bento Santiago, um advogado, é ressaltada como o mecanismo que mantém o elemento de dúvida ao longo da obra. A construção da personagem Capitu é descrita como um dos maiores trunfos do romance²². Scott-Buccluech afirma que a história, embora “essencialmente brasileira”, é “facilmente acessível ao leitor europeu e norte-americano” devido às suas “origens literárias claramente reconhecíveis e seus laços com a herança europeia”. Ele minimiza o impacto da escravidão, descrevendo-a como “o único choque cultural que um leitor não-brasileiro poderia experimentar”, e nota que ela é “aparentemente aceita sem questionamentos”. O cenário subtropical, segundo ele, é “deliberadamente atenuado”, e o pano de fundo urbano do Rio de Janeiro poderia ser Paris, Viena ou Londres. Esta ênfase na “europeidade” e na minimização das especificidades culturais brasileiras é uma constante na abordagem de Scott-Buccluech²³. O tradutor reconhece as dificuldades em verter o estilo “conciso, terso, quase epigramático” de Machado para o inglês, uma língua analítica em contraste com o português mais sintético. Ele também menciona a dificuldade de encontrar equivalentes exatos para certas palavras, como o próprio “casmurro”, e para nuances linguísticas como o uso do diminutivo “-inho”²⁴.

A estratégia tradutória mais marcante e controversa na versão de *Dom Casmurro* por Scott-Buccluech foi a decisão de condensar o romance, resultando na supressão de nove capítulos e de trechos de outros (Krause, 2015; Kremer, 2007). Os capítulos integralmente removidos foram: 52 (“O velho Pádua”), 55 (“Um soneto”), 57 (“De preparação”), 58 (“O tratado”), 59

²⁰ “Yet, strangely enough, *Dom Casmurro* was not immediately popular, nor did the critics recognize the extraordinary qualities of a book that is now generally regarded as its author’s finest achievement and one of the greatest novels written in the Portuguese language” (Scott-Buccluech, 1992, p. 6).

²¹ “Yet perhaps this failure to make an immediate impact is not so strange, especially if the reader is not familiar with Machado’s delicate irony and whimsical sense of humour” (Scott-Buccluech, 1992, p. 6).

²² Sobre o tema do adultério: “The theme is adultery (or imagined adultery) – a common enough theme in literature. The case against Capitu seems to be overwhelming... All the evidence points to her guilt, until we remember that we have heard only one side of the question...”. Scott-Buccluech também comenta o uso narrativo: “Writing in the first person Machado is able to maintain this element of doubt, which is one of the chief fascinations of the book.” E sobre Capitu: “What is certain is that in creating Capitu, Machado de Assis created the prototype of the intelligent, ambitious Brazilian girl... Capitu is undoubtedly the most fascinating of a small number of memorable characters created by Machado de Assis in this novel” (Scott-Buccluech, 1992, p. 6-8).

²³ Eis os excertos mais relevantes em inglês: “The result is a tale of suburban life which, though essentially Brazilian in character, is easily accessible to the European and North American reader. Its literary origins are clearly recognizable and its links with the European heritage equally so.” Sobre a escravidão: “The only cultural shock a non-Brazilian reader might experience is the existence of slavery, which is apparently unquestioningly accepted.” E sobre o cenário e pano de fundo urbano: “With the subtropical setting deliberately subdued, the urban background might well be a variation of Paris, Vienna or London.” (Scott-Buccluech, 1992, p. 8-9) Essas escolhas e formulações reforçam a leitura de que Scott-Buccluech aproxima a obra de Machado de um cânone europeu, minimizando aspectos mais específicos da cultura brasileira — como o silêncio em torno da escravidão ou as marcas do espaço tropical.

²⁴ Sobre o estilo de Machado: “Machado de Assis’s prose is concise, terse, almost epigrammatic in style... Such a style is not easy to convey in another language.” Sobre os desafios linguísticos entre o português e o inglês: “There is the difference in nature between Portuguese, one of the most synthetic of European languages, and English, perhaps the most analytic...” / “It frequently happens that two words in Portuguese require four or five in English for their meaning to be fully conveyed.” Sobre a tradução de palavras específicas: “There are words in Portuguese that have no exact equivalent in English or that Machado de Assis deliberately uses in an unusual sense.” E, especificamente, sobre “casmurro”: “Casmurro means gloomy, withdrawn, irritable, stubborn, with an overlying air of sadness, which is not completely rendered by ‘taciturn’.” Quanto ao diminutivo “-inho”: “Since it occurs so frequently in the text, it is worth explaining that the Portuguese suffix inho (pronounced eeyno)... is a diminutive much used in Brazil... especially as a term of endearment, especially for children” (Scott-Buccluech, 1992, p. 9-10).

(“Convivas de boa memória”), 60 (“Querido opúsculo”), 63 (“Metades de um sonho”) e 64 (“Uma ideia e um escrúpulo”). Além disso, partes de outros capítulos, como o 54 (“Panegírico de Santa Mônica”) e o 56 (“Um Seminarista”), foram cortadas ou fundidas.

Daphne Patai (1999) analisa detalhadamente esses cortes, argumentando que a principal preocupação de Scott-Buccleuch parecia ser direcionada para “aquilo que considerava uma estrutura e um ritmo apropriados em um romance” (p. 93). Segundo Patai, o tradutor “sacrificou a narrativa em favor do enredo, o qual, aparentemente para Scott-Buccleuch, deve prosseguir com o menor número de obstáculos possível” (1999, p. 96). Como resultado, “os trechos da narrativa cuidadosamente fragmentada de Machado foram, como resultado, remontados de forma organizada e colocados no lugar pelo seu tradutor” (Patai, 1999, p. 99). Patai conclui que Scott-Buccleuch “eliminou muito da metanarrativa, que é absolutamente crucial para entender [*Dom Casmurro*] e sua tarefa em compor a história que temos ostensivamente à nossa frente”²⁵ (1999, p. 97).

James R. Krause (2015) aprofunda essa análise, sugerindo que a supressão de capítulos por Scott-Buccleuch, embora deliberada, imita de forma redutora as próprias técnicas narrativas digressivas e manipuladoras do narrador Bento Santiago. Para Krause, os cortes resultam em uma “imitação pálida que quebra e limita a capacidade dos leitores de se envolverem com a estrutura metanarrativa subjacente” (2015, p. 77). Ele classifica Scott-Buccleuch como um tradutor “indigno de confiança” (Krause, 2015, p. 77) devido ao padrão de decisões que impedem a plena apreciação do brilho da metanarrativa machadiana.

A busca por uma tradução “fluyente” e por um enredo mais direto, que Patai identifica como a possível motivação para os cortes, alinha-se com a concepção de Scott-Buccleuch de apresentar um Machado acessível e “europeizado”. No entanto, essa estratégia de condensação teve o efeito colateral de mutilar aspectos essenciais da obra, especialmente sua complexa estrutura narrativa e a construção do narrador não confiável.

John Gledson (2013), outro importante crítico e tradutor de Machado, também teceu severas críticas à versão de Scott-Buccleuch, não apenas pelos cortes, mas também por escolhas lexicais que, em sua visão, demonstravam uma incompreensão de conceitos socioculturais brasileiros fundamentais. Um exemplo frequentemente citado por Gledson é a tradução do termo “agregado” como “friend of the family” (amigo da família), o que, para ele, representa algo “desastroso” que apaga a dinâmica de dependência e favor crucial para entender personagens como José Dias e as relações sociais no romance (2013, p. 40). Gledson também critica a tradução de “recados” por “business” (negócios), que considera inadequada ao contexto (2013, p. 38).

Essas críticas severas, especialmente no meio acadêmico, contrastam com a aparente intenção do tradutor de tornar a obra mais “palatável”. A edição de 2016 pela Peter Owen, que restaurou os capítulos omitidos com tradução de Antonia Owen, pode ser vista como um reconhecimento tardio do impacto negativo dessas supressões e uma tentativa de oferecer ao público anglófono uma versão mais íntegra do clássico machadiano (Costa, 2016).

A tradução de *Dom Casmurro* por Scott-Buccleuch, especialmente após a sua reedição pela Penguin Classics em 1994 (que manteve os cortes sem aviso), tornou-se um caso emblemático de mediação editorial controversa. A “descoberta” dos nove capítulos omitidos, primeiramente por leitores atentos como o professor Zulfikar Ghose (conforme relatado por Affonso Romano

²⁵ No original (Patai, 1999): “what he considered an appropriate structure and rhythm in a novel” (p. 93), “All this has been sacrificed in the interest (judging by the achieved effect) of advancing the plot, which indeed has more “punch”—that characteristic quality” (p. 96), “The pieces of Machado’s carefully fragmented narrative have, as a result, been neatly reassembled and locked into place by his translator.” (p. 99), “he has eliminated much of the metanarrative that is also lutely crucial to understanding Bento and his task in composing the story we ostensibly have before us” (p. 97).

de Sant'Anna em 1997) e posteriormente analisada em detalhe por Patai (1999) e outros acadêmicos, gerou um debate significativo sobre ética da tradução, o papel do tradutor como interventor e as responsabilidades editoriais na apresentação de clássicos estrangeiros (Gledson, 2013; Krause, 2015; Kremer, 2007).

A controvérsia, portanto, desenvolveu-se mais tardiamente e com maior intensidade no meio acadêmico, onde a integridade textual de um autor canônico é valorizada e onde as implicações teóricas das escolhas de tradução são debatidas com maior profundidade. O “escândalo” dos cortes, como Gledson (2013) o descreve, afetou a reputação da tradução de Scott-Bucleuch, que, apesar de ter sido republicada por um selo de prestígio como a Penguin Classics, passou a ser vista com desconfiança por muitos estudiosos e leitores informados.

O caso da tradução de *Dom Casmurro* por Scott-Bucleuch ilustra, de forma contundente, as tensões entre as pressões do mercado (que podem levar a editoras a buscar versões mais “acessíveis” ou “enxutas” de clássicos), as concepções do tradutor sobre a obra e seu público, e as expectativas da comunidade acadêmica e dos leitores sobre a fidelidade e a integridade na tradução de obras canônicas.

7.4 COMPARAÇÃO TRANSVERSAL DAS TRÊS TRADUÇÕES

A análise individual das três traduções de Machado de Assis por Robert L. Scott-Bucleuch para a Peter Owen Publishers revela tanto coerências em sua abordagem quanto dissonâncias significativas, especialmente no que tange ao nível de intervenção no texto original. Esses padrões refletem as concepções do tradutor sobre a obra machadiana, seu público-alvo e as estratégias consideradas mais eficazes para a inserção de um autor brasileiro no mercado literário britânico.

Uma linha condutora nas três traduções de Scott-Bucleuch é a busca por uma “naturalidade” e fluidez no texto em inglês, o que resultou em algumas práticas recorrentes.

Em nenhuma das três obras – *Yayá Garcia*, *The Wager* ou *Dom Casmurro* – Scott-Bucleuch utilizou um aparato crítico extenso na forma de notas de rodapé ou glossários detalhados. Em *Yayá Garcia*, há apenas uma nota sobre a Guerra do Paraguai. As introduções de *The Wager* e *Dom Casmurro*, escritas por ele, fornecem contextualização, mas o corpo do texto é apresentado de forma a minimizar interrupções. Essa prática alinha-se com o objetivo de criar uma experiência de leitura que não intimidasse o leitor britânico com excesso de informações extratextuais, priorizando o fluxo narrativo.

Embora o grau varie, há uma tendência geral à domesticação de elementos culturais brasileiros. Isso se manifesta na tradução de formas de tratamento (ex: “doutor” como “my friend” ou omitido em *Yayá Garcia*), na adaptação de referências a refeições para equivalentes ingleses mais comuns, e na escolha de soluções lexicais que soem familiares ao leitor anglófono. A própria justificativa para o título alternativo “Lord Taciturn” para *Dom Casmurro* e a minimização do “choque cultural” da escravidão na introdução dessa obra apontam para uma estratégia de tornar Machado menos “estrangeiro”. Em *Yayá Garcia*, expressões idiomáticas foram frequentemente traduzidas por equivalentes diretos em inglês ou de forma literal quando um equivalente cultural não era óbvio.

Consistentemente, Scott-Bucleuch apresentou Machado de Assis como um autor com fortes laços com a tradição literária e cultural europeia. Isso é explícito em suas introduções a *Yayá Garcia* (descrição do Rio como uma “vida de cidade civilizada, não muito diferente de uma similar europeia”), *The Wager* (comparações implícitas ao descrever o tom e os temas universais) e, mais enfaticamente, em *Dom Casmurro* (afirmação de que a obra é “facilmente acessível ao leitor europeu e norte-americano” devido às suas “origens literárias claramente reconhecíveis e seus laços com a herança europeia”). Essa estratégia visava, presumivelmente,

legitimar Machado perante o público britânico, tornando-o menos “exótico” e mais afinado com um cânone literário reconhecido.

Apesar dessas coerências, as três traduções também apresentam dissonâncias importantes, que sugerem abordagens distintas para cada obra ou uma evolução nas concepções do tradutor (ou pressões editoriais diferentes). O nível de corte ou de abreviação é a dissonância mais flagrante. Enquanto *Yayá Garcia* e *The Wager* foram traduzidas integralmente (ou sem cortes significativos que tenham gerado debate), *Dom Casmurro* sofreu uma condensação drástica, com a supressão de nove capítulos e outros trechos. Essa diferença radical no tratamento da integridade textual sugere que a decisão de abreviar *Dom Casmurro* foi específica para aquela obra. As razões podem ser múltiplas: a percepção de que a complexidade narrativa de *Dom Casmurro*, com suas digressões e metalinguagem, seria um obstáculo maior para o público britânico; a pressão da editora por um texto mais enxuto e com um enredo mais direto para fins comerciais; ou uma avaliação particular do tradutor de que certos capítulos eram “supérfluos” para a trama principal, como especulado por Patai (1999).

Embora uma análise estilística comparativa detalhada dos três textos em inglês esteja além do escopo desta tese, é possível inferir variações. A busca por “naturalidade” era um objetivo constante, mas o registro pode ter variado conforme a natureza de cada romance. *Yayá Garcia*, com seus diálogos sociais e trama romântica, pode ter demandado um registro diferente do tom mais introspectivo e filosófico de *The Wager*, apresentado em forma de diário. *Dom Casmurro*, com seu narrador memorialista e por vezes irônico, também possui suas particularidades estilísticas. A consistência na busca por um inglês fluente pode ter levado a diferentes graus de formalidade ou coloquialidade dependendo das exigências do texto original.

John Gledson (2013) critica Scott-Buccleuch pela minimização ou tradução inadequada de termos e conceitos ligados à estrutura social brasileira, incluindo a escravidão e relações de dependência como a do “agregado”. Na introdução a *Dom Casmurro*, Scott-Buccleuch explicitamente minimiza a escravidão como um “choque cultural”. Em *Yayá Garcia*, a tradução de “agregada” como “companion” ou “ward” também suaviza a realidade da dependência. A análise de Braccini (2022) sobre *Yayá Garcia* aponta para a perda de nuances nas formas de tratamento que indicavam hierarquias sociais ligadas à escravidão (como “sinhá moça”). Embora a escravidão seja um pano de fundo mais ou menos presente nos três romances, o grau com que suas implicações sociais foram transpostas ou atenuadas pode variar. A tendência geral do tradutor em enfatizar a “europeidade” e a “universalidade” de Machado sugere uma propensão a diluir aspectos sociais mais marcadamente brasileiros ou que pudessem causar estranhamento ao leitor britânico.

As críticas de John Gledson (2013) às traduções de Scott-Buccleuch (e também às de Gregory Rabassa para a Oxford University Press) são particularmente pertinentes para avaliar os riscos de apagar especificidades culturais em nome da fluidez ou de uma suposta universalidade. Gledson argumenta que a prosa de Machado é “detalhista ao extremo” e que cada palavra é “calculada” (2013, p. 30). Ignorar essas minúcias, incluindo termos que refletem a estrutura social e as relações de poder no Brasil oitocentista, resulta na perda da força e da complexidade do texto original.

Gledson exemplifica como a tradução de “agregado” por “friend of the family” em *Dom Casmurro* por Scott-Buccleuch dissolve a tessitura do romance, tornando suas dinâmicas sociais um “enigma insolúvel para o leitor” (2013, p. 40). Da mesma forma, Gledson aponta como a falta de compreensão de nuances em palavras como “nhonhô” (usado por escravos para se referir a jovens senhores) ou a omissão do significado de locais historicamente carregados como o Valongo (principal mercado de escravos do Rio de Janeiro, mencionado em *Memórias Póstumas*) em outras traduções empobrece a leitura (2013, p. 24). A cena do açoitamento em

Memórias Póstumas, onde o ex-escravo Prudêncio agora açoita seu próprio escravo, perde parte de sua força crítica se as complexidades da escravidão e suas internalizações não forem adequadamente mediadas (Gledson, 2013, p. 26).

Para Gledson, a tentativa de tornar Machado “universal” ou “modernista” à custa de seu contexto e de suas especificidades culturais resulta em uma versão empobrecida do autor. Ele defende que o tradutor deve ter um profundo conhecimento não apenas da língua, mas da cultura, da história e da sociedade brasileira para poder fazer jus à obra machadiana, utilizando, quando necessário, notas explicativas para elucidar o leitor estrangeiro (Gledson, 2013, p. 51). A omissão dessas especificidades, segundo ele, não apenas simplifica Machado, mas pode perpetuar sua relativa obscuridade no exterior, ao apresentar uma imagem incompleta de sua genialidade e relevância. A tensão entre a busca pela “naturalidade” em inglês de Scott-Bucleuch e a preservação da alteridade cultural defendida por Gledson é central para o debate sobre as estratégias de tradução da obra machadiana.

7.5 IMPACTOS NO CAMPO LITERÁRIO BRITÂNICO

A atuação da Peter Owen Publishers e de Robert L. Scott-Bucleuch na tradução e publicação de Machado de Assis entre 1976 e 1992 teve impactos variados no campo literário britânico. Embora não tenham catapultado Machado ao estrelato comercial, suas iniciativas foram significativas para a manutenção e expansão gradual da presença do autor brasileiro no Reino Unido, antecedendo movimentos editoriais de maior envergadura.

Antes da chegada das edições da Oxford University Press (a partir de 1997) e, mais tardiamente, da Penguin Classics (com a influente tradução de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* por Flora Thomson-DeVeaux em 2020), a Peter Owen foi uma das poucas editoras britânicas a apostar consistentemente em Machado de Assis. Ao publicar três de seus romances, incluindo obras de diferentes fases de sua carreira, a editora ajudou a solidificar a imagem de Machado como um autor clássico, embora, dado o perfil da Peter Owen e a natureza do mercado para literatura traduzida, essa consolidação tenha se dado primariamente dentro de um “nicho”. Esse nicho era composto por leitores interessados em literatura mundial, acadêmicos, estudantes de literaturas comparadas e lusófonas, e um público mais cosmopolita e afeito a descobertas literárias (Costa, 2016).

A inclusão de *Yayá Garcia* na série da UNESCO conferiu um selo de prestígio internacional à obra e, por extensão, ao autor no catálogo da editora. As publicações da Peter Owen, mesmo com suas tiragens provavelmente modestas, garantiram que o nome de Machado continuasse a circular no Reino Unido, alimentando um interesse que, embora não massivo, era persistente em certos círculos. Como aponta Patai (1999, 2009), Machado permaneceu por muito tempo confinado a um “nicho de mercado” predominantemente acadêmico no mundo anglófono, e as edições da Peter Owen contribuíram para a manutenção desse status antes de iniciativas mais amplas.

As traduções de Scott-Bucleuch, ao disponibilizarem obras de Machado em inglês no mercado britânico, inevitavelmente criaram um ponto de referência para futuras traduções e para a crítica. Mesmo que suas abordagens e, especialmente, os cortes em *Dom Casmurro* tenham sido alvo de críticas, a existência dessas versões fomentou o debate sobre como Machado deveria ser traduzido e apresentado ao público anglófono. Indiretamente, a insatisfação de críticos como John Gledson com as traduções existentes, incluindo as de Scott-Bucleuch, pode ter sido um dos catalisadores para novas empreitadas tradutórias, como a do próprio Gledson para a Oxford University Press.

Contudo, a controvérsia em torno da edição condensada de *Dom Casmurro* teve um impacto negativo na reputação da tradução e, potencialmente, na imagem de Scott-Bucleuch

como tradutor machadiano. O “escândalo” dos capítulos omitidos, como mencionado por Gledson (2013) e analisado por Patai (1999) e Krause (2015), tornou essa versão específica um exemplo problemático de mediação editorial e tradutória. Embora a Peter Owen tenha buscado corrigir essa falha com a reedição completa em 2016, o episódio marcou a recepção dessa tradução específica. Esse caso, no entanto, também serviu para intensificar discussões sobre a ética da tradução e a importância da integridade textual ao se verter obras canônicas.

As análises de Patai (1999), Krause (2015) e Gledson (2013), ao dissecarem os cortes e suas implicações, contribuíram para um debate acadêmico mais amplo sobre como as dinâmicas de poder no campo editorial podem levar à reconfiguração de obras de autores periféricos ao serem introduzidas em mercados centrais. A tensão entre tornar um autor “acessível” e preservar a integridade e complexidade de sua obra foi vividamente ilustrada por essa tradução. Assim, mesmo que de forma controversa, a iniciativa da Peter Owen e Scott-Bucleuch com *Dom Casmurro* acabou por fomentar reflexões críticas importantes sobre as práticas de tradução e mediação cultural no contexto da literatura mundial.

Em suma, a Peter Owen Publishers e Robert L. Scott-Bucleuch desempenharam um papel ambivalente, mas inegavelmente presente, na trajetória de Machado de Assis no campo literário britânico. Eles ajudaram a manter o autor em circulação durante um período com poucas novas traduções no Reino Unido e contribuíram para debates que enriqueceram os Estudos da Tradução, ainda que, em alguns momentos, suas estratégias tenham sido questionadas por comprometerem a integridade da obra machadiana.

7.6 CONCLUSÃO

A análise da mediação da obra de Machado de Assis pela Peter Owen Publishers e pelo tradutor Robert L. Scott-Bucleuch no Reino Unido, entre 1976 e 1992, revela a complexa interação de fatores editoriais, tradutórios e culturais que moldam a circulação de um autor de uma literatura periférica em um campo literário central. A Peter Owen, com sua vocação para literaturas internacionais e de nicho, e Scott-Bucleuch, com sua dedicação a verter o autor brasileiro para o inglês, foram agentes cruciais na expansão do repertório machadiano acessível ao público britânico durante esse período. A publicação de *Yayá Garcia, The Wager (Aires' Journal)* e *Dom Casmurro* representou um esforço significativo para manter Machado de Assis presente no cenário literário do Reino Unido, contando com o apoio de instituições como a UNESCO e o INL/Ministério da Cultura do Brasil.

No entanto, as estratégias de tradução e apresentação adotadas por Scott-Bucleuch, notadamente sua busca por uma “naturalidade” no inglês e a ênfase em uma suposta “europeidade” de Machado, levaram a práticas de domesticação cultural e, no caso mais extremo de *Dom Casmurro*, à condensação do texto original com a supressão de capítulos. Essas escolhas, embora possivelmente motivadas pelo desejo de tornar Machado mais “acessível” ou “palatável” ao público britânico, geraram tensões significativas entre visibilidade e fidelidade. A supressão de notas culturais extensas e a suavização de especificidades brasileiras, criticadas por estudiosos como John Gledson (2013), levantaram questões sobre os riscos de apagar a alteridade cultural do autor em nome de uma assimilação mais fácil no mercado receptor.

O caso da tradução de *Dom Casmurro* por Scott-Bucleuch tornou-se particularmente emblemático dessas tensões, provocando um intenso debate acadêmico sobre ética da tradução e a integridade da obra literária. As análises de Patai (1999) e Krause (2015) demonstraram como os cortes comprometeram a complexa estrutura metanarrativa do romance, exemplificando como as decisões de tradução podem reconfigurar profundamente a obra de um autor.

A trajetória das traduções de Machado pela Peter Owen ilustra, assim, o duplo papel que editoras independentes podem desempenhar no sistema literário global. Por um lado, elas são cruciais para abrir portas e dar visibilidade a autores de literaturas consideradas periféricas, desafiando a hegemonia dos mercados editoriais mais estabelecidos e enriquecendo o panorama literário com novas vozes e perspectivas. Por outro lado, no processo de introduzir esses autores em contextos culturais distintos, essas editoras (e seus tradutores) podem também impor suas próprias leituras e adaptações, moldando a obra de acordo com o que percebem como as expectativas ou limitações do público receptor. Essas mediações, informadas por dinâmicas de poder e pela posição relativa das culturas e línguas no campo literário mundial (Heilbron, 1999; Heilbron & Sapiro, 2007; Sapiro, 2014), são fundamentais para compreender por que certos autores alcançam (ou não) determinados tipos de reconhecimento internacional.

Em última análise, a atuação da Peter Owen Publishers e de Robert L. Scott-Bucleuch, embora controversa em alguns aspectos, contribuiu para manter Machado de Assis no radar do público literário britânico em um período que antecedeu edições de maior alcance por selos como Oxford University Press e Penguin Classics. Suas traduções, e as discussões que geraram, enriqueceram o debate sobre a tradução de Machado de Assis para o inglês e sobre os complexos processos de mediação cultural que governam a circulação da literatura brasileira no cenário internacional. O caso sublinha a importância de uma análise que considere não apenas os aspectos textuais da tradução, mas também as estratégias editoriais e as relações de poder que as informam, como propõem as teorias da sociologia da tradução.

8 OXFORD UNIVERSITY PRESS E A VIRADA INSTITUCIONAL (1997-2005)

A Oxford University Press (OUP), uma instituição detentora de considerável capital simbólico no campo editorial acadêmico global, embarcou em uma entrada estratégica no mercado de literatura latino-americana traduzida no final da década de 1990. Esta iniciativa representou um novo e significativo impulso para a canonização de Joaquim Maria Machado de Assis no mundo anglófono. A coleção “Library of Latin America” (LoLA), lançada pela OUP, emergiu como o principal catalisador dessa “virada institucional” em relação a Machado, sinalizando uma mudança substancial na forma como sua obra seria apresentada, distribuída e, crucialmente, estudada no contexto anglófono. O argumento central deste capítulo postula que a iniciativa da OUP, por meio da LoLA, constituiu um movimento decisivo na consolidação de Machado de Assis como um autor canônico no meio acadêmico de língua inglesa. Este processo, contudo, não foi isento de complexidades, sendo marcado por dinâmicas de poder editorial, pela busca por legitimação acadêmica, por uma estratégia deliberada de inserção curricular e, notavelmente, por controvérsias em torno da qualidade de algumas das traduções publicadas.

8.1 CONTEXTUALIZANDO MACHADO DE ASSIS: RECEPÇÃO ANGLÓFONA ANTERIOR À “VIRADA INSTITUCIONAL” DA OUP (PRÉ-1997)

8.1.1 Panorama das Traduções e da Presença de Machado no Mundo de Língua Inglesa antes de 1997

Antes do advento da coleção “Library of Latin America” (LoLA) pela Oxford University Press (OUP) em 1997, a presença de Joaquim Maria Machado de Assis no mundo de língua inglesa era caracterizada por uma visibilidade limitada e uma inserção canônica incipiente. Embora traduções de suas obras mais importantes já existissem, elas não haviam logrado estabelecer o autor fluminense de maneira incontestada no panteão literário anglófono. Entre essas primeiras incursões, destacam-se as traduções de William L. Grossman, que verteu *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para o inglês sob o título *Epitaph of a Small Winner* em 1952, e as de Helen Caldwell, responsável por *Dom Casmurro* (1953) e *Esau and Jacob (Esau e Jacó)*, (1965). Essas traduções, conforme observado por K. David Jackson em resenha de 1998, eram “perfeitamente aceitáveis” (Jackson, 1998). Contudo, mesmo sendo veículos competentes da prosa machadiana, não foram suficientes para impulsionar uma ampla canonização do autor.

A recepção crítica dessas traduções pioneiras, embora frequentemente reconhecesse o gênio de Machado, não o solidificou como uma figura central no cânone literário de língua inglesa. Michael Wood, em seu ensaio “Master Among the Ruins”, aponta para o que ele denomina o “mistério internacional” de Machado: “Todos que o leem o consideram um mestre, mas quem o lê, e quem ouviu falar dele?” (Wood, 2002). Esta interrogação ecoa a perplexidade de muitos diante da desproporção entre a estatura literária de Machado e seu reconhecimento global. Mesmo figuras como Susan Sontag, ao prefaciar uma reedição da tradução de Grossman em 1990, expressaram “espanto que um escritor de tamanha grandeza ainda não ocupe o lugar que merece” (Sontag, 1990). A percepção predominante, portanto, era a de Machado como um autor de nicho, confinado aos círculos acadêmicos especializados em literatura latino-americana e conhecido por um público leitor restrito. Daphne Patai (1999), em seu estudo sobre Machado em inglês, observa que a literatura brasileira, com a notável exceção de Jorge Amado, permanecia largamente desconhecida nos Estados Unidos.

Este panorama revela que, antes da iniciativa da LoLA, a presença de Machado no mundo anglófono era esporádica, dependente de esforços individuais de tradutores e do interesse de editoras de menor porte ou com foco especializado. Faltava um impulso institucional coeso e de alto perfil, capaz de conferir à obra machadiana a legitimidade e a visibilidade necessárias para ir além dos círculos acadêmicos e alcançar um público mais amplo, bem como uma inserção mais consistente nos currículos universitários. A ausência de um investimento editorial estratégico e de peso, como o que a OUP viria a empreender, limitava consideravelmente as possibilidades de canonização de Machado. A “virada” promovida pela OUP, portanto, não surgiu em um vácuo, mas respondeu a uma percepção crescente de que um autor de calibre excepcional permanecia sub-representado no cenário literário de língua inglesa. Os materiais disponíveis indicam que traduções de qualidade já existiam, mas a carência de um “impulso canônico” efetivo, como argumentado na introdução deste capítulo, sugere que essas traduções não alcançaram a penetração ou o impacto institucional necessários. A OUP, com seu considerável “elevado capital simbólico”, estava singularmente posicionada para fornecer precisamente esse impulso. O “mistério internacional” de Machado, conforme articulado por Wood (2002), e a constatação de sua sub-representação por Sontag, reforçam a ideia de uma lacuna que a LoLA visava preencher, capitalizando o potencial de um autor “redescoberto” para o grande público anglófono.

8.1.2 O Reconhecimento Limitado e a Necessidade de um Novo Impulso Canônico

A complexidade inerente à obra de Machado de Assis, embora seja uma das fontes primárias de sua grandeza literária, também se apresentava como uma barreira para sua ampla aceitação e canonização no contexto anglófono antes da intervenção da OUP. A “estranheza” de seu estilo narrativo, caracterizado por digressões, uma ironia sutil e, por vezes, um tom elíptico, podia desafiar leitores não familiarizados com suas particularidades (Guimarães, 2017a). Some-se a isso a profusão de referências culturais e históricas específicas do Brasil do século XIX, que, para um público estrangeiro, poderiam parecer herméticas ou excessivamente “exóticas” (Patai, 1999). Paradoxalmente, para outros segmentos desse mesmo público, a obra de Machado poderia não corresponder a certas expectativas de “exotismo” frequentemente associadas à literatura latino-americana, gerando um desencontro de horizontes de expectativa.

Diante desse quadro, tornava-se evidente a necessidade de um novo impulso canônico, que fosse além da simples disponibilização de traduções. Era premente a criação de edições que não apenas primassem pela fidelidade e qualidade da tradução, mas que também fossem acompanhadas por um consistente aparato crítico. Esse aparato – compreendendo introduções, posfácios, notas explicativas e glossários – teria a função de contextualizar a obra, elucidar referências e, fundamentalmente, facilitar a entrada de Machado de Assis nos currículos universitários e no debate acadêmico de forma mais ampla e sistemática (Jackson, 1998). A singularidade de Machado, portanto, exigia uma mediação editorial e acadêmica qualificada para que pudesse ser plenamente apreciada em um novo contexto cultural.

A “virada institucional” promovida pela OUP pode ser compreendida, nesse sentido, como um reconhecimento fundamental: a mera existência de traduções, por melhores que sejam, não garante, por si só, a canonização transnacional de um autor. Este processo, especialmente para um escritor oriundo de uma literatura considerada “periférica” no sistema literário mundial, requer um investimento simbólico e material significativo por parte de instituições editoriais localizadas nos “centros” culturais e linguísticos. Como argumentam teóricos do campo editorial e da sociologia da tradução, como Pierre Bourdieu, Pascale Casanova, Gisèle Sapiro e Johan Heilbron, são essas instituições centrais que detêm o poder de “consagrar” autores e obras, conferindo-lhes legitimidade e visibilidade no cenário internacional (Casanova, 2002,

2008; Sapiro, 2014). A iniciativa da LoLA, com seu foco em “autores negligenciados” e o cuidado com o aparato crítico que acompanhava as edições machadianas, sinaliza que a OUP compreendia a necessidade de ir além da tradução (Franco & Graham, 1997). A crítica posterior de Michael Wood (2002) ao “afã explicativo” dessas edições, embora questione a dosagem dessa mediação, corrobora a intenção da OUP de ativamente apresentar e contextualizar a obra de Machado para o público anglófono. A OUP estava, com efeito, engajada em um processo de “construção” canônica, utilizando seu prestígio para validar e promover um autor que, apesar de seu gênio, ainda não havia alcançado o reconhecimento que merecia no mundo de língua inglesa.

8.2 A OXFORD UNIVERSITY PRESS E O LANÇAMENTO ESTRATÉGICO DA “LIBRARY OF LATIN AMERICA” (LOLA) (1997)

8.2.1 O Prestígio e o Capital Simbólico da Oxford University Press no Cenário Editorial Global

A Oxford University Press (OUP) figura, inquestionavelmente, como uma das mais antigas, extensas e prestigiadas editoras universitárias em escala global. Fundada no século XV e formalmente estabelecida como parte da Universidade de Oxford, a OUP construiu ao longo dos séculos uma reputação de excelência acadêmica, rigor editorial e um alcance internacional incomparável¹. Este legado confere à OUP um imenso capital simbólico, um conceito desenvolvido por Pierre Bourdieu para descrever formas de poder não diretamente econômicas, como prestígio, reconhecimento e autoridade cultural (Sapiro, 2015). No campo editorial, esse capital se traduz na capacidade de uma editora influenciar a percepção de valor de obras e autores, validar conhecimento e, crucialmente, moldar cânones literários e acadêmicos.

A decisão da OUP de lançar a coleção “Library of Latin America” (LoLA) no final da década de 1990 não foi, portanto, um evento editorial corriqueiro. Representou a mobilização desse vasto capital simbólico em favor da literatura latino-americana, sinalizando uma intenção clara de uma instituição central no mundo editorial anglófono de intervir ativamente na recepção e canonização de autores dessa região (Franco & Graham, 1997). A chancela da OUP, por si só, já conferia um selo de qualidade e importância às obras incluídas na LoLA, facilitando sua adoção em contextos acadêmicos e sua consideração por um público leitor mais amplo e exigente.

O capital simbólico preexistente da OUP funcionou como um pré-requisito fundamental para o impacto potencial da LoLA. Uma editora com menor prestígio ou alcance dificilmente conseguiria lançar uma série com a mesma ambição e com as mesmas perspectivas de influenciar a legitimação acadêmica de autores latino-americanos no mundo anglófono. A OUP não estava apenas publicando traduções; estava, em essência, utilizando seu peso institucional e sua autoridade cultural para validar esses textos e seus autores, apresentando-os como merecedores de estudo e reconhecimento internacional. As teorias de Bourdieu sobre o funcionamento do campo editorial e a importância do capital simbólico são, aqui, diretamente aplicáveis para compreender a magnitude e as implicações da iniciativa da OUP (Sapiro, 2015).

8.2.2 Gênese, Objetivos e Escopo da Coleção “Library of Latin America” (LoLA)

A coleção “Library of Latin America” (LoLA) foi concebida e lançada pela Oxford University Press em 1997, marcando uma iniciativa editorial significativa voltada para a divulgação da literatura latino-americana do século XIX no mundo anglófono (Franco &

¹ Ver: [Who we are – OUP](#). Acessado em: 16/09/2024.

Graham, 1997). A direção da série ficou a cargo de editores de renome no campo dos estudos latino-americanos: Jean Franco, como editora geral responsável pelas obras em espanhol, e Richard Graham, como editor da série para obras em português, este último contando com a assistência de Alfredo Bosi (Franco & Graham, 1997). Um conselho editorial composto por acadêmicos eminentes, incluindo nomes como Antonio Cornejo Polar, Tulio Halperín Donghi, Iván Jaksic, Naomi Lindstrom, Eduardo Lozano e Francine Masiello, também contribuiu para a seleção e orientação da coleção (Franco & Graham, 1997).

Os objetivos declarados da LoLA eram claros e ambiciosos: “disponibilizar em tradução autores importantes do século XIX cujas obras foram negligenciadas no mundo de língua inglesa” (Franco & Graham, 1997, p. vii). Conforme explicitado nas introduções dos editores da série, a coleção visava um público de “estudantes de política comparada, história e literatura”, buscando familiarizá-los com o “período único de formação nacional na América Latina” e com as complexidades culturais, sociais e políticas que o caracterizaram (Franco & Graham, 1997, p. viii). A série pretendia, assim, preencher uma lacuna significativa no conhecimento e na disponibilidade de textos fundamentais da América Latina para o público acadêmico de língua inglesa.

O projeto contou com um substancial apoio financeiro de importantes instituições filantrópicas, nomeadamente a Lampadia Foundation e a Andrew W. Mellon Foundation (Franco & Graham, 1997, p. vii). Esse patrocínio não apenas viabilizou a produção das traduções e edições, mas também sinalizou o reconhecimento da importância cultural e acadêmica da iniciativa, conferindo-lhe um status que ia além dos interesses puramente comerciais. A Rockefeller Foundation também contribuiu, financiando um simpósio em 1996 intitulado “Culture and Nation in Iberoamerica”, organizado pelo conselho editorial da LoLA, reforçando a base intelectual e o diálogo acadêmico que sustentavam a coleção (Franco & Graham, 1997, p. x).

O escopo da LoLA era abrangente, focando inicialmente em obras oriundas do Brasil, do Cone Sul, da região Andina e do México (Franco & Graham, 1997, p. viii). A seleção de títulos não se restringiu ao gênero romanesco, englobando também memórias, ensaios e outras formas literárias ecléticas que marcaram a produção intelectual latino-americana do século XIX, muitas das quais desempenharam papéis pedagógicos ou intervieram diretamente nos debates públicos da época. Essa amplitude temática e genérica visava oferecer um panorama mais completo e matizado da vida intelectual e cultural da América Latina oitocentista (Franco & Graham, 1997, p. viii).

A LoLA, portanto, emergiu como um projeto academicamente orientado, consistentemente financiado e com o objetivo explícito de expandir o cânone de língua inglesa, incorporando obras fundamentais da literatura latino-americana do século XIX (Franco & Graham, 1997). O envolvimento de fundações como a Mellon e a Lampadia no financiamento da série pode ser interpretado como parte de uma estratégia cultural mais ampla. Conforme apontado por Hélio de Seixas Guimarães em relação a períodos anteriores de difusão da literatura latino-americana nos Estados Unidos, tais fundações, juntamente com a expansão dos “Area Studies” nas universidades, desempenharam um papel significativo na “descoberta” e no estudo da América Latina (Guimarães, 2017a, 2023). A LoLA, sob a chancela da OUP, pode ser vista como uma continuação ou uma nova e sofisticada fase desse interesse institucional, refletindo possivelmente não apenas objetivos acadêmicos, mas também dinâmicas culturais e geopolíticas mais amplas relacionadas à projeção e compreensão da América Latina no cenário global.

8.2.3 A Centralidade de Machado de Assis no Projeto LoLA: Justificativas e Implicações

A escolha de Joaquim Maria Machado de Assis para figurar proeminentemente no lançamento da “Library of Latin America” foi uma decisão estratégica e emblemática por parte da Oxford University Press. As primeiras obras de ficção da coleção, lançadas em 1997, foram precisamente duas das mais canônicas de Machado: *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* (tradução de Gregory Rabassa) e *Dom Casmurro* (tradução de John Gledson). A estas seguiu-se, em 1998, *Quincas Borba*, também vertido por Rabassa. Como observou K. David Jackson em sua resenha para o *The New York Times*, a OUP “escolheu um grande vencedor” ao selecionar Machado, a quem ele classificou como “indiscutivelmente o escritor mais distinto da história da América Latina” (Jackson, 1998). Esta escolha inicial não foi acidental; ela serviu para ancorar a coleção com um nome de peso, cuja reputação, mesmo que ainda não universalmente consolidada no mundo anglófono, já era considerável em círculos especializados e no Brasil.

As justificativas para essa centralidade, embora nem sempre explicitadas em sua totalidade, podem ser inferidas. Primeiramente, havia um reconhecimento crescente da maestria literária de Machado, um autor cuja complexidade e modernidade o tornavam um candidato ideal para uma série que visava apresentar o melhor da literatura latino-americana do século XIX. Em segundo lugar, a existência de traduções anteriores, como as de Grossman e Caldwell, já havia preparado um terreno, indicando um potencial de recepção e um interesse latente que poderia ser expandido com novas edições críticas e anotadas, adequadas ao público acadêmico que a LoLA pretendia alcançar (Guimarães, 2017a; Patai, 1999). A própria natureza da obra machadiana, rica em alusões, ironia e profundidade psicológica, demandava o tipo de aparato crítico que a LoLA se propunha a oferecer.

As implicações dessa escolha foram múltiplas. Ao posicionar Machado de Assis como um dos pilares da coleção, a OUP não apenas reforçava sua importância para a literatura brasileira, mas o elevava ao status de autor central para a compreensão da literatura latino-americana como um todo e, por extensão, como uma figura relevante para a literatura mundial. Machado tornou-se, assim, o “carro-chefe” da ficção na LoLA, uma escolha estratégica calculada para conferir prestígio e atrair atenção para a coleção desde o seu início.

Pode parecer, à primeira vista, uma contradição escolher um autor já com algum grau de reconhecimento, como Machado, para inaugurar uma série dedicada a autores “negligenciados”, conforme o propósito declarado da LoLA (Franco & Graham, 1997, p. vii). No entanto, essa aparente contradição pode ser entendida como uma tática editorial astuta. Utilizar um nome de peso como o de Machado poderia servir para catalisar o interesse pela coleção como um todo, abrindo caminho e gerando visibilidade para outros autores latino-americanos menos conhecidos que seriam publicados subsequentemente. Neste contexto, a “negligência” à qual a série se referia poderia ser interpretada não como um desconhecimento absoluto, mas como a falta de edições críticas, academicamente chanceladas e amplamente acessíveis que pudessem fazer justiça à complexidade e importância desses autores. Machado de Assis, com sua profundidade e riqueza textual, necessitava precisamente do tipo de edição que a LoLA se propunha a oferecer. Sua fama preexistente, ainda que relativamente restrita no mundo anglófono, conferiria credibilidade inicial à série e validaria seu ambicioso projeto de reconfigurar o cânone literário de língua inglesa.

8.3 AS TRADUÇÕES MACHADIANAS DA LOLA: INSTRUMENTOS DE CANONIZAÇÃO E ALVOS DE CONTROVÉRSIA (1997-2000)

O período entre 1997 e 2000 foi crucial para a “virada institucional” de Machado de Assis no mundo anglófono, marcado pelo lançamento de quatro de seus principais romances pela Oxford University Press dentro da coleção “Library of Latin America”. Essas publicações não apenas aumentaram a disponibilidade de suas obras, mas também vieram acompanhadas de um aparato crítico que visava facilitar sua inserção acadêmica. No entanto, a qualidade e a abordagem dessas traduções geraram debates significativos.

8.3.1 Obras de Machado de Assis na Coleção “Library of Latin America” da OUP (1997-2000) e Seus Tradutores

As obras de Machado de Assis que fizeram parte da fase inicial da coleção "Library of Latin America" (LoLA) e que são cruciais para a análise deste capítulo foram: *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* (1997), traduzido por Gregory Rabassa, com prefácio de Enylton de Sá Rego e posfácio de Gilberto Pinheiro Passos; *Dom Casmurro* (1997), traduzido por John Gledson, que incluiu prefácio do próprio Gledson e posfácio de João Adolfo Hansen; *Quincas Borba* (1998), também traduzido por Gregory Rabassa e anteriormente conhecido em inglês como *Philosopher or Dog?*, apresentado com introdução de David T. Haberly e posfácio de Celso Favaretto ; e *Esau and Jacob* (2000), traduzido por Elizabeth Lowe, enriquecido com prefácio de Dain Borges e posfácio de Carlos Felipe Moisés.

Para uma visualização clara dessas publicações, apresenta-se a tabela 15:

Tabela 15. Obras de Machado de Assis na Coleção “Library of Latin America” da OUP (1997-2000)

Título Original	Título em Inglês (LoLA)	Tradutor	Autor(es) do Prefácio/Introdução	Autor(es) do Posfácio	Ano de Publicação (LoLA)
<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> (1881)	<i>The Posthumous Memoirs of Brás Cubas</i>	Gregory Rabassa	Enylton de Sá Rego	Gilberto Pinheiro Passos	1997
<i>Dom Casmurro</i> (1899)	<i>Dom Casmurro</i>	John Gledson	John Gledson	João Adolfo Hansen	1997
<i>Quincas Borba</i> (1891)	<i>Quincas Borba</i>	Gregory Rabassa	David T. Haberly	Celso Favaretto	1998
<i>Esaú e Jacó</i> (1904)	<i>Esau and Jacob</i>	Elizabeth Lowe	Dain Borges	Carlos Felipe Moisés	2000

Fonte: Compilado a partir de Heurist (massis_en. Heurist V6.7.2).

8.3.2 Avaliação da Qualidade das Traduções: Recepção Crítica Inicial e Controvérsias Subsequentes

A chegada das traduções machadianas da LoLA ao mercado anglófono foi recebida, inicialmente, com um misto de entusiasmo e observações críticas pontuais. As resenhas publicadas em veículos de prestígio entre 1998 e 2000 refletem essa dualidade.

K. David Jackson, escrevendo para o *The New York Times* em 1998 sobre as traduções de *Brás Cubas* por Rabassa e *Dom Casmurro* por Gledson, expressou ser um “prazer ter essas duas novas traduções”. No entanto, ponderou que as traduções anteriores de Grossman e Caldwell eram “perfeitamente aceitáveis” e que as novas versões “muitas vezes têm muito pouco a corrigir” (Jackson, 1998). Jackson (1998) também apontou falhas editoriais, como “erros tipográficos perturbadores” e a ausência de um sumário detalhado e de notas explicativas adequadas, especialmente na edição de *Brás Cubas*.

Jonathan Keates, também no *The New York Times* em 1998, ao resenhar *Quincas Borba* na tradução de Rabassa, focou na modernidade e na natureza subversiva da prosa machadiana, elogiando a “clareza da tradução espirituosa de Gregory Rabassa”. Por sua vez, Jenny McPhee, em 2000, no mesmo jornal, descreveu a tradução de *Esau and Jacob* por Elizabeth Lowe como “elegante” e destacou positivamente os “ensaios interessantes e informativos” que acompanhavam a edição.

Apesar dessa recepção inicial geralmente positiva, especialmente em relação ao projeto LoLA como um todo, as traduções de Gregory Rabassa para *Brás Cubas* e *Quincas Borba* viriam a se tornar alvo de críticas mais contundentes, notadamente por parte do especialista em Machado e também tradutor da LoLA, John Gledson (2012, 2013). Em um artigo publicado em 2013, mas que reflete suas percepções e experiências anteriores, incluindo o período de lançamento da LoLA, Gledson teceu críticas detalhadas e severas às versões de Rabassa. Gledson argumentou que essas traduções sofriam de “descuido e preguiça”, apresentando “erros”, um desrespeito pela pontuação original de Machado, uma falha em transmitir nuances temáticas e implicações importantes, e uma desconsideração pelo contexto cultural e histórico – exemplificada pela omissão do significado de referências como “aquele Valongo” (2013, pp. 19-20). Gledson lamentou profundamente que Rabassa, um tradutor de renome, não tivesse consultado ou se beneficiado das traduções anteriores, como a de William Grossman para *Brás Cubas*, que Gledson considera superior em muitos aspectos. Em suas palavras, embora a LoLA fosse um “projeto louvável”, sua experiência com as traduções de Rabassa não foi “de todo satisfatória”, pois são “inadequadas, infestadas de erros, em um inglês sofrível, com frases deselegantes” (Gledson, 2013, p. 19).

Questões editoriais adicionais também emergiram. Os erros tipográficos, mencionados tanto por Jackson (1998) quanto por Gledson (2013) em relação às edições de Rabassa, e a inconsistência na inclusão de notas de rodapé – presentes na tradução de *Dom Casmurro* por Gledson, mas ausentes ou insuficientes em *Brás Cubas* de Rabassa, uma falha criticada por Jackson e Gledson – levantaram questionamentos sobre o controle de qualidade e a uniformidade da política editorial da OUP para a coleção.

O debate sobre o equilíbrio entre fidelidade e legibilidade também se tornou implícito, dadas as diferentes abordagens dos tradutores e as críticas subsequentes. John Gledson, por exemplo, ao traduzir *Dom Casmurro*, conscientemente optou por um tom mais coloquial e fez uso extensivo de notas explicativas, com o objetivo de aproximar o leitor moderno da complexidade da obra e de seu contexto específico (Gledson, 1997).

As traduções da LoLA, portanto, embora fossem parte de um projeto prestigioso e intencionalmente canônico, não foram uniformemente aclamadas. As versões de Gregory Rabassa, em particular, atraíram críticas significativas que questionaram sua adequação como

veículos definitivos para a obra de Machado de Assis no mundo anglófono. A escolha de um tradutor com o renome de Rabassa para obras centrais como *Brás Cubas* e *Quincas Borba* visava, presumivelmente, conferir um selo de prestígio e garantir alta qualidade. No entanto, as críticas subsequentes, especialmente as de Gledson, revelam uma tensão entre a reputação do tradutor e a qualidade percebida do produto final em certos casos. Isso sugere que o “capital simbólico” de um tradutor, por si só, não é garantia de uma tradução canônica ou incontestável. Mais ainda, levanta a possibilidade de que o processo editorial da OUP possa ter apresentado falhas na supervisão ou no controle de qualidade dessas traduções específicas. A menção de Gledson à “confiança excessiva” de Rabassa e sua aparente recusa em consultar predecessores ou, quando aplicável, autores vivos, oferece uma possível explicação para alguns dos problemas identificados (2013, p. 28). A própria OUP, ao não padronizar a inclusão de notas em todas as edições de Machado – especialmente nas de Rabassa, como Gledson aponta – demonstra uma inconsistência editorial que pode ter impactado a recepção dessas obras.

As controvérsias em torno da qualidade das traduções de Rabassa pela OUP, uma editora de tamanho prestígio, complicam a narrativa de uma “virada institucional” unicamente positiva e linear. Se o objetivo primordial era consolidar Machado de Assis no cânone anglófono, a existência de traduções percebidas como falhas por especialistas poderia, paradoxalmente, dificultar esse processo para leitores mais críticos ou para um uso acadêmico aprofundado. Mesmo que a chancela da OUP e a maior disponibilidade dos textos tenham, inegavelmente, aumentado a visibilidade de Machado, a qualidade da mediação textual é um fator crucial na canonização. Se as traduções de Rabassa são, como argumenta Gledson, “infestadas de erros” e apresentam um “inglês sofrível”, isso poderia levar a uma compreensão distorcida ou superficial da obra machadiana por parte de leitores que dependem exclusivamente dessas versões (2013, p. 19). Cria-se, assim, uma tensão: a OUP promove Machado, mas a qualidade de algumas das ferramentas centrais dessa promoção é posta em xeque. Michael Wood (2002), ao notar que as traduções anteriores eram, em geral, boas, já levantava, implicitamente, a questão da necessidade premente das novas versões, a menos que fizessem parte de um projeto maior e mais ambicioso de canonização, como de fato era o caso da LoLA.

8.4 O APARATO PARATEXTUAL DA LOLA: ENQUADRANDO MACHADO PARA O PÚBLICO ACADÊMICO ANGLÓFONO

Um dos aspectos mais distintivos e estrategicamente importantes da coleção “Library of Latin America” (LoLA) da Oxford University Press foi o seu encorpado aparato paratextual. Cada volume dedicado a Machado de Assis foi cuidadosamente emoldurado por introduções (gerais da série e específicas para cada obra) e posfácios, escritos por acadêmicos e críticos literários de renome. Esses textos não serviram apenas como apresentações, mas como ferramentas ativas de legitimação e direcionamento interpretativo, visando explicitamente o público acadêmico anglófono e buscando consolidar uma determinada imagem de Machado de Assis como um autor clássico, complexo e digno de estudo aprofundado.

8.4.1 Análise das Introduções e Posfácios como Ferramentas de Legitimação e Direcionamento Interpretativo

Os editores gerais da série LoLA, Jean Franco e Richard Graham (com Alfredo Bosi como assistente para o Brasil), estabeleceram, em suas introduções gerais presentes em cada volume, o tom acadêmico e os objetivos da coleção. Eles contextualizaram a literatura latino-americana do século XIX, ressaltando a importância dos autores selecionados para a compreensão da formação cultural e nacional da região, e justificaram a necessidade de tornar essas obras acessíveis ao público de língua inglesa (Franco & Graham, 1997).

Os prefácios e introduções específicos para cada obra machadiana foram cruciais nesse processo de enquadramento:

- John Gledson, em seu prefácio para *Dom Casmurro* (Gledson, 1997), apresentou Machado como uma “anomalia” literária – um realista que empregava técnicas antirrealistas, um escritor “sutil e assombrosamente subversivo”. Gledson também aproveitou o espaço para justificar suas próprias escolhas tradutórias, como a adoção de um tom mais coloquial e o uso de notas explicativas, visando “reduzir a distância” entre o leitor moderno e a obra original.
- Enylton de Sá Rego, no prefácio de *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* (Rego, 1997), enfatizou a forma inovadora do romance, o “humor mortal” de Machado e sua surpreendente modernidade. Convidou o leitor a assumir um papel ativo e crítico na interação com o texto, destacando a ruptura de Machado com as convenções narrativas de seu tempo.
- David T. Haberly, na introdução a *Quincas Borba* (Haberly, 1998), contextualizou o romance e o autor para o público anglófono, apontando tanto as familiaridades quanto as estranhezas da obra. Haberly sugeriu múltiplas chaves de leitura, incluindo interpretações alegóricas (o Império brasileiro como ficção), filosóficas (a crítica ao Humanitismo) e sociais (a denúncia da escravidão e das contradições da modernização brasileira).
- Dain Borges, no prefácio de *Esau and Jacob* (D. Borges, 2000), explorou a dualidade temática do romance, que se manifesta tanto na rivalidade entre os irmãos gêmeos quanto na representação do Brasil em transição, dividido entre tradição e modernidade, e entre ideais monárquicos e republicanos. A condição humana, com suas “pequenas disputas, ambições conflitantes, dúvidas e inseguranças”, e o papel do Conselheiro Aires como um observador arguto, foram, possivelmente, eixos centrais de sua análise.

Os posfácios, por sua vez, ofereceram leituras críticas mais aprofundadas, consolidando interpretações específicas:

- João Adolfo Hansen, no posfácio de *Dom Casmurro* (Hansen, 1997), utilizou a metáfora da “casca e o fruto” para analisar a estrutura do romance, interpretando as digressões e a fragmentação narrativa como críticas à “unidade metafísica da 'realidade' e do 'sujeito'” em um mundo em modernização.
- Gilberto Pinheiro Passos, no posfácio de *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* (G. P. Passos, 1997), discutiu a “cultura oceânica” de Machado, sua “poética do legado” e a complexa integração entre os aspectos socioeconômicos e culturais em sua obra.
- Celso Favaretto, no posfácio de *Quincas Borba* (Favaretto, 1998), analisou o romance como uma “alegoria da modernização burguesa” no Brasil, destacando a crítica de Machado ao Naturalismo e sua técnica inovadora de deslocar clichês narrativos e subverter as expectativas do leitor.
- Carlos Felipe Moisés, no posfácio de *Esau and Jacob* (Moisés, 2000), aprofundou a análise da técnica narrativa de Machado, sua ironia penetrante e seu pessimismo em relação à condição humana, especialmente no contexto das transformações políticas e sociais do Brasil no final do século XIX. A figura do Conselheiro Aires como narrador e observador cético deve ter sido um ponto focal.

Fica evidente que os paratextos da LoLA foram estrategicamente elaborados por acadêmicos de peso, com o intuito de fornecer interpretações sofisticadas e contextualizadas da obra machadiana. O público-alvo era claramente universitário, e o objetivo era legitimar Machado de Assis como um clássico literário de grande complexidade. A escolha dos temas abordados nesses paratextos – como a modernidade estilística, a crítica social, a complexidade

narrativa e as influências filosóficas – reflete um esforço consciente de alinhar Machado com as preocupações e metodologias críticas proeminentes no mundo acadêmico anglófono da época. Ao enquadrar Machado nesses termos, a OUP não apenas o apresentava, mas também o tornava “ensinável” e “pesquisável” dentro dos paradigmas acadêmicos anglófonos existentes, facilitando sua adoção em cursos universitários e estimulando novas pesquisas.

8.4.2 O Debate sobre o “Afã Explicativo” e Suas Consequências

A estratégia paratextual da Oxford University Press para a coleção “Library of Latin America”, embora visasse facilitar a compreensão e apreciação da obra de Machado de Assis por um público anglófono, não esteve isenta de críticas. Uma das mais notáveis veio de Michael Wood, que, em sua resenha de 2002 para a *The New York Review of Books*, observou que as edições da OUP eram “um pouco atravancadas de comentários”. Wood apontou que cada livro continha “uma introdução geral, uma introdução [específica] e um posfácio”, o que, em sua avaliação, indicava um “sinal de nervosismo” por parte da editora e criava a sensação de que “é preciso abrir muitas portas para chegar a cada romance”.

Hélio de Seixas Guimarães, em sua obra *Machado de Assis, o escritor que nos lê* (2017), retoma e concorda com a avaliação de Wood. Guimarães argumenta que esse “afã explicativo exagerado” e a consequente “sobrecarga interpretativa” presentes nos paratextos da LoLA poderiam, paradoxalmente, inibir a capacidade do texto machadiano de “comunicar diretamente com o leitor” (p. 255). Em vez de permitir uma descoberta mais orgânica, a profusão de análises e contextualizações pode acabar por limitar ou pré-determinar a complexidade e indeterminação de sentidos.

As implicações dessa crítica são significativas. O excesso de mediação paratextual, mesmo quando bem-intencionado e academicamente rigoroso, levanta questões sobre o equilíbrio entre fornecer orientação ao leitor e o risco de uma superinterpretação que acaba por fixar sentidos de forma prematura ou excessivamente diretiva. Para um autor como Machado de Assis, cuja obra é caracterizada pela ambiguidade, pela ironia sutil e pela multiplicidade de leituras possíveis, um aparato crítico excessivamente assertivo ou volumoso poderia restringir a autonomia interpretativa do leitor, apresentando uma visão já “digerida” da obra.

Este debate sobre o “afã explicativo” toca em questões mais amplas sobre o poder editorial na formação do cânone e na mediação de textos traduzidos. O “nervosismo” editorial apontado por Wood pode ser interpretado como um reflexo da ansiedade de uma instituição central como a OUP ao tentar introduzir e validar um autor de uma literatura considerada periférica (a brasileira) em seu próprio campo cultural dominante (o anglófono). A necessidade percebida de “explicar” Machado exaustivamente poderia derivar de uma preocupação em garantir sua aceitação e uma interpretação considerada “correta” ou academicamente sólida o suficiente para o público-alvo. Assim, a estratégia paratextual da OUP, embora parta de um esforço de canonização, gerou uma discussão pertinente sobre os limites e as consequências da mediação editorial na apresentação de obras literárias traduzidas, especialmente aquelas que, como as de Machado, desafiam classificações fáceis e convidam à reflexão contínua.

8.4.3 A Função (e Ausência) das Notas de Rodapé na Mediação Cultural

Um componente específico do aparato paratextual que merece atenção particular é o uso – ou a ausência – de notas de rodapé nas edições machadianas da LoLA. Observa-se uma inconsistência na política editorial da coleção a este respeito, o que impactou diretamente o nível de mediação cultural oferecido aos leitores em diferentes volumes.

A edição de *Dom Casmurro* (1997), traduzida por John Gledson, destaca-se pela inclusão de notas explicativas. O próprio Gledson, em seu prefácio, justifica essa escolha como essencial

para a compreensão cultural e geográfica da obra por um público não brasileiro (Gledson, 1997). Gledson argumenta que seria um “mau uso do espaço” não fornecer informações sobre a geografia do Rio de Janeiro do século XIX ou o valor da moeda da época, elementos que um leitor contemporâneo de Machado conheceria, mas que seriam obscuros para o leitor anglófono moderno (1997, p. 26). Para Gledson, as notas servem para “reduzir a distância” e tornar o romance “menos distante e mais prazeroso”, sendo um componente importante no processo de reconhecer a universalidade de um autor a partir da seriedade com que se tratam suas raízes locais (1997, p. 26).

Em contraste, a edição de *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* (1997), traduzida por Gregory Rabassa, foi criticada justamente pela ausência ou escassez de notas. K. David Jackson, em sua resenha de 1998, lamentou essa omissão, dada a “constante e por vezes obscura natureza das referências e alusões de Machado”. Jackson chegou a sugerir que os editores poderiam ter incorporado as notas de Massaud Moisés da edição brasileira da *Cultrix*, “nem que fosse como um apêndice”. John Gledson, em seu artigo de 2013, também critica a OUP por não ter insistido para que Rabassa incluísse notas em suas traduções, como fez com a sua própria de *Dom Casmurro*, apontando isso como uma “negligência” editorial (p. 25). Gledson reitera a importância das notas para elucidar referências culturais, históricas e linguísticas específicas, tornando a obra mais acessível e inteligível, e considera sua ausência um prejuízo à compreensão do leitor anglófono, especialmente em relação a alusões geográficas e históricas.

Essa inconsistência na política editorial da LoLA quanto ao uso de notas de rodapé levanta questões sobre o rigor e a uniformidade da mediação oferecida. Para um autor tão profundamente enraizado em seu contexto histórico-social e tão repleto de alusões literárias e culturais como Machado de Assis, a ausência de notas adequadas em algumas traduções pode ser considerada uma falha editorial significativa. Tal omissão arrisca comprometer a profundidade da leitura e, conseqüentemente, a qualidade da “oferta” canônica que a OUP pretendia fazer. Se um dos objetivos primordiais da coleção era facilitar a inserção de Machado nos currículos universitários, notas explicativas consistentes e bem elaboradas seriam ferramentas pedagógicas de valor inestimável, auxiliando estudantes e pesquisadores a navegar pela complexidade do universo machadiano. A falta de um padrão nesse quesito sugere que a “virada institucional” pode não ter sido implementada com o mesmo nível de cuidado e atenção a detalhes em todos os seus componentes, afetando potencialmente a recepção e o estudo aprofundado de volumes específicos da coleção.

8.5 DINÂMICAS DE PODER EDITORIAL E LEGITIMAÇÃO ACADÊMICA

A iniciativa da Oxford University Press com a “Library of Latin America” representou um complexo jogo de dinâmicas de poder editorial, um esforço calculado de legitimação acadêmica e uma estratégia complexa de inserção curricular, visando consolidar Machado de Assis e outros autores latino-americanos no cânone de língua inglesa (Franco & Graham, 1997). Este processo pode ser analisado à luz de teorias sociológicas do campo editorial e da circulação internacional da literatura.

8.5.1 A Oxford University Press como Agente de Consagração

Primeiramente, o conceito de capital simbólico, conforme desenvolvido por Pierre Bourdieu, é fundamental (Sapiro, 2015). A OUP, como já mencionado, detém um vasto capital simbólico, acumulado ao longo de séculos de publicações acadêmicas e literárias de prestígio. Ao associar seu nome e seus recursos à obra de Machado de Assis, a editora efetivamente transferiu parte desse capital para o autor e suas traduções. A publicação pela OUP funcionou como um poderoso selo de qualidade e importância, sinalizando para o mundo acadêmico e

para o público leitor que Machado era um autor digno de atenção e estudo sério. Este processo de “consagração” é central na teoria de Bourdieu sobre como certos agentes e instituições adquirem e conferem legitimidade dentro de um campo específico (Sapiro, 2015).

Em segundo lugar, a noção de República Mundial das Letras, popularizada por Pascale Casanova (2008), oferece um quadro para entender a dinâmica de internacionalização de autores. Casanova argumenta que existe um espaço literário transnacional, com seus próprios centros de poder e suas periferias. Paris, historicamente, e mais recentemente centros anglófonos como Londres e Nova York, funcionam como “capitais” dessa república, onde autores de literaturas “periféricas” buscam reconhecimento e “capital literário” internacional (2008, p. 173-175). A LoLA, impulsionada por uma editora proeminente do “centro” (o mundo anglófono, representado pela OUP), facilitou a entrada de Machado de Assis, um autor da “periferia” (Brasil), nessa República Mundial das Letras. A OUP, nesse sentido, atuou como uma “autoridade consagradora”, um agente capaz de validar e universalizar o valor literário de Machado para além de suas fronteiras nacionais.

Johan Heilbron (1999), com sua teoria sobre o sistema mundial cultural da tradução, complementa essa análise ao focar na estrutura centro-periferia que governa os fluxos de tradução. O inglês, como língua hipercentral, e editoras como a OUP, localizadas nesse centro, desempenham um papel desproporcional na determinação de quais autores de línguas periféricas ganham visibilidade global. As traduções tendem a fluir predominantemente do centro para a periferia e, crucialmente, de línguas periféricas para línguas centrais através da mediação de instituições do centro. A LoLA é um exemplo claro dessa dinâmica, onde a OUP selecionou e traduziu obras latino-americanas para o inglês, ampliando enormemente seu potencial de circulação mundial.

Finalmente, os estudos de Gisèle Sapiro (Sapiro, 2009, 2014, 2018) sobre o campo editorial e as estratégias de tradução iluminam como as escolhas editoriais – seleção de obras, tradutores, aparato paratextual – refletem dinâmicas de poder e prioridades específicas na introdução de literaturas “estrangeiras” em mercados dominantes. A coleção LoLA pode ser vista como uma estratégia deliberada da OUP não apenas para divulgar a literatura latino-americana, mas também para reforçar seu próprio prestígio como mediadora cultural e acumuladora de capital simbólico, ao “descobrir” ou “relançar” autores de grande valor para o público anglófono.

A iniciativa da LoLA, portanto, exemplifica a complexa interação das dinâmicas descritas por esses teóricos. A OUP não agiu meramente como uma publicadora passiva de traduções; ela ativamente *construiu* o valor e a posição de Machado de Assis no campo literário anglófono. Este caso ilustra vividamente como autores de literaturas consideradas periféricas frequentemente dependem de instituições centrais para alcançar a consagração internacional. Contudo, demonstra também que esse processo de consagração é negociado, complexo e, por vezes, controverso. As estratégias empregadas pelo centro (neste caso, a OUP) não são monolíticas nem imunes a críticas, como evidenciado pelas discussões sobre a qualidade de certas traduções e pelo debate em torno do “afã explicativo” dos paratextos. A consagração, portanto, não é um simples reconhecimento de um valor intrínseco preexistente, mas uma construção social e editorial ativa, que envolve relações de poder e pode gerar dissenso e reavaliações contínuas.

8.5.2 A LoLA como um Projeto de Construção de Valor Simbólico e Visibilidade para Machado de Assis

A coleção “Library of Latin America” foi, desde sua concepção, um projeto deliberado de construção de valor simbólico e de ampliação da visibilidade para Machado de Assis e outros autores latino-americanos no cenário anglófono. A Oxford University Press empregou uma

série de estratégias para alcançar esse objetivo, aproveitando seu prestígio e sua vasta rede de influência.

Embora os detalhes específicos das estratégias de marketing e distribuição da OUP para a LoLA não sejam explicitados nos materiais de pesquisa disponíveis, é possível inferir algumas abordagens com base no renome da editora e no público-alvo primariamente acadêmico da coleção. Publicações de uma editora universitária do calibre da OUP são naturalmente direcionadas a bibliotecas universitárias, acadêmicos e estudantes, através de catálogos especializados, presença em conferências acadêmicas e divulgação em periódicos científicos. A própria inclusão na prestigiosa lista da OUP já confere um status e uma visibilidade que obras publicadas por editoras menores teriam dificuldade em alcançar.

O papel das resenhas críticas em publicações de grande alcance e reputação foi fundamental nesse processo de construção de valor. As análises publicadas no *The New York Times* por K. David Jackson (1998), Jonathan Keates (1998) e Jenny McPhee (2000), e na *The New York Review of Books* por Michael Wood (2002), foram instrumentais para apresentar Machado de Assis e as novas traduções da LoLA a um público leitor mais amplo e influente, para além dos círculos estritamente acadêmicos. Essas resenhas, mesmo quando continham críticas pontuais, contribuíram para gerar debate e interesse em torno de Machado, solidificando sua imagem como um autor de importância mundial que merecia ser (re)descoberto.

A importância de dispor de edições consistentes, com traduções (idealmente) de alta qualidade e canceladas academicamente, não pode ser subestimada. Antes da LoLA, as traduções de Machado, embora algumas fossem competentes, estavam dispersas e, por vezes, fora de catálogo ou publicadas por editoras com menor penetração no mercado acadêmico. A LoLA ofereceu, pela primeira vez, um conjunto coeso de suas principais obras em inglês, sob a égide de uma das mais respeitadas editoras do mundo. Isso não apenas facilitou o acesso aos textos, mas também lhes conferiu uma nova camada de legitimidade.

A chancela da OUP e a qualidade (percebida ou, em alguns casos, debatida) das edições da LoLA foram, portanto, fatores causais diretos no aumento da atenção acadêmica e crítica dispensada a Machado de Assis durante o período de 1997 a 2002. A simples existência de resenhas em veículos de comunicação de massa como o *The New York Times* e em influentes periódicos intelectuais como a *The New York Review of Books* para uma série de traduções de um autor brasileiro do século XIX é, em si, um indicador do sucesso da OUP em gerar visibilidade. O prestígio da editora funciona como um ímã, atraindo a atenção da mídia e da academia, e sinalizando que as obras publicadas são dignas de consideração séria. Este esforço concertado de publicação, acompanhado de um aparato crítico e da atenção da mídia especializada, foi essencial para elevar o perfil de Machado de Assis no mundo anglófono.

8.6 CONCLUSÃO: A “VIRADA INSTITUCIONAL” DE 1997-2000 E O LEGADO DA LoLA PARA A CANONIZAÇÃO DE MACHADO DE ASSIS

A análise detalhada da iniciativa da Oxford University Press com a coleção “Library of Latin America” (LoLA), particularmente no período entre 1997 e 2000, revela um ponto de inflexão decisivo na trajetória de Joaquim Maria Machado de Assis no mundo anglófono. Este capítulo argumentou que o lançamento das traduções de suas principais obras – *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* (1997), *Dom Casmurro* (1997), *Quincas Borba* (1998) e *Esau and Jacob* (2000) – sob a chancela de uma editora com o imenso capital simbólico da OUP, representou uma “virada institucional” fundamental. Essa virada não se limitou a aumentar a disponibilidade dos textos, mas visou ativamente elevar o status de Machado, consolidando-o como um autor canônico no meio acadêmico de língua inglesa e, por extensão, na literatura mundial. A combinação do prestígio da OUP, o rigor (pretendido e, em parte, alcançado) das

edições, com seus aparatos críticos, e a escolha estratégica de Machado como figura central para o lançamento da ficção na coleção, foram elementos determinantes para esse novo impulso canônico. A LoLA, portanto, não foi apenas uma série de publicações, mas um projeto calculado de construção de valor e legitimação.

Apesar do impacto positivo inegável da LoLA na visibilidade de Machado de Assis, o projeto não foi isento de tensões e controvérsias. Uma das principais áreas de debate residiu na qualidade de algumas das traduções, notadamente as de Gregory Rabassa para *Brás Cubas* e *Quincas Borba*. As críticas levantadas por especialistas como John Gledson (2012, 2013) apontaram para problemas que iam desde descuidos editoriais e erros de tradução até uma suposta falta de sensibilidade para com as nuances da prosa machadiana e seu contexto cultural. Essa controvérsia revela uma tensão inerente ao ambicioso objetivo de canonização: a execução editorial nem sempre esteve à altura das elevadas pretensões do projeto, e o prestígio do tradutor não se traduziu automaticamente em aclamação unânime.

Outra tensão significativa surgiu em torno das estratégias paratextuais empregadas. O “afã explicativo” das introduções e posfácios, criticado por Michael Wood (2002) e ecoado por Hélio de Seixas Guimarães (2017), levantou questões sobre o delicado equilíbrio entre fornecer orientação acadêmica e o risco de uma superinterpretação que poderia limitar a autonomia do leitor e fixar sentidos de forma prematura. A preocupação era que, ao tentar tornar Machado “acessível” e “ensinável”, a complexidade e a ambiguidade inerentes à sua obra pudessem ser inadvertidamente reduzidas ou obscurecidas por um excesso de mediação.

Essas tensões sublinham a complexidade do processo de transposição cultural e canônica. A “virada institucional” promovida pela OUP, embora poderosa, não operou em um vácuo crítico, e as escolhas editoriais e tradutórias foram, elas próprias, submetidas a escrutínio, revelando que a construção de um autor no cânone de outra língua é um processo dialógico e, por vezes, contestado.

A “virada institucional” abriu caminhos para novas traduções e abordagens críticas. As controvérsias em torno das primeiras edições da LoLA, longe de serem meramente negativas, podem ter servido como um catalisador para um engajamento mais profundo e matizado com os desafios da tradução da obra machadiana. A necessidade de notas explicativas mais consistentes, o debate sobre fidelidade versus legibilidade e a reflexão sobre o papel dos paratextos são questões que continuam a informar o campo dos estudos machadianos em tradução (Gledson, 2013).

Em última análise, a “virada institucional” da OUP foi bem-sucedida em seu objetivo principal de elevar o perfil de Machado de Assis e integrá-lo de forma mais consistente ao cânone acadêmico anglófono. No entanto, o processo não resultou em uma canonização monolítica ou isenta de críticas. Pelo contrário, as discussões e os debates que acompanharam o projeto LoLA – sobre a qualidade das traduções, a adequação dos paratextos e as próprias dinâmicas de poder editorial na consagração de autores – tornaram-se parte integrante do legado dessa virada. Mais do que uma simples consagração, o período de 1997 a 2000 semeou um campo de debate crítico mais rico e complexo em torno da tradução e recepção de Machado de Assis, assegurando que sua obra continue a ser não apenas lida e estudada, mas também discutida e reavaliada por novas gerações de leitores e críticos no mundo de língua inglesa.

9 O “BOOM” DAS ANTOLOGIAS DE CONTOS DE MACHADO DE ASSIS (2000-2024)

O período compreendido entre 2000 e 2024 testemunhou um notável incremento na publicação de antologias de contos de Machado de Assis em língua inglesa, um fenômeno que pode ser caracterizado como um verdadeiro “boom” editorial (Freitas & Costa, 2018). Este “boom” de antologias pode ser interpretado não apenas como um aumento quantitativo, mas como um sintoma de uma reavaliação qualitativa de Machado de Assis no cenário internacional. Eventos como o centenário de sua morte em 2008 e um crescente interesse acadêmico por literaturas não hegemônicas podem ter catalisado esse processo (Freitas & Costa, 2018). O aumento de publicações, contrastando com a relativa escassez de traduções em períodos anteriores, sugere um novo impulso. A sociologia da tradução (Heilbron, 1999; Heilbron & Sapiro, 2007; Sapiro, 2014) ilumina os momentos em que literaturas periféricas ganham atenção nos centros, frequentemente através de esforços acadêmicos ou de nicho. Desta forma, o fenômeno em questão vai além da mera contagem de volumes publicados, indicando um processo de re-canonização e uma tentativa de inserção mais ampla de Machado no “mercado mundial de traduções”.

Ademais, a notável predominância de iniciativas de cariz acadêmico e de editoras especializadas ou independentes na publicação dessas antologias (Freitas & Costa, 2018) sugere que a consagração de Machado no mundo anglófono segue, predominantemente, um modelo de “pequena escala”. Este modelo, conforme teorizado por Heilbron e Sapiro (Heilbron & Sapiro, 2007; Sapiro, 2014), é focado na acumulação de capital simbólico, em detrimento de um sucesso comercial de “grande escala”. A análise de Freitas & Costa (2018) corrobora essa percepção, apontando para a liderança acadêmica e a limitada penetração comercial de Machado. Editoras como Hackett Publishing, Dalkey Archive Press, New London Librarium e Pushkin Press são reconhecidas por seus catálogos que privilegiam literatura de nicho, clássicos ou obras de interesse acadêmico, distinguindo-se das grandes casas editoriais com foco primordialmente comercial (Freitas & Costa, 2018). O perfil dos tradutores e organizadores envolvidos com as antologias machadianas alinha-se fortemente com este modelo de pequena escala, indicando que sua consagração está sendo construída através do reconhecimento crítico e acadêmico, e não primariamente por um apelo popular massivo. A natureza deste “boom”, predominantemente acadêmico e de nicho, pode, por conseguinte, influenciar o *tipo* de Machado que é apresentado ao público anglófono e a sustentabilidade de sua presença a longo prazo, caso não ocorra uma transição para uma maior aceitação comercial.

9.1 O “BOOM” DAS ANTOLOGIAS (2000-2024): MAPEAMENTO E CARACTERIZAÇÃO DA PRODUÇÃO EDITORIAL ANGLÓFONA

O período entre 2000 e 2024 marcou uma intensificação significativa na publicação de antologias de contos de Machado de Assis em língua inglesa. Este aumento pode ser observado tanto quantitativamente, pelo número de coletâneas lançadas, quanto qualitativamente, pela diversidade de abordagens editoriais e tradutórias.

9.1.1 Mapeamento das Principais Antologias

Diversas editoras e tradutores contribuíram para este “boom”. A tabela 16 resume as principais antologias publicadas no período, com base nos dados compilados por Freitas & Costa (2018) e nas informações contidas nas próprias obras.

Tabela 16. Antologias de Contos de Machado de Assis em Língua Inglesa (2000-2024)

Título da Antologia	Editor(es)/Tradutor(es) Principal(is)	Editadora	Ano	Nº Aprox. de Contos	Destaque
<i>A Chapter of Hats and Other Stories</i>	John Gledson (Org. e Trad.)	Bloomsbury	2008	20	Foco na fase madura, 4 traduções inéditas
<i>The Alienist and Other Stories of 19th Century Brazil</i>	John Charles Chasteen (Org. e Trad.)	Hackett Publishing	2013	8	Foco no Brasil do séc. XIX, 1 tradução inédita
<i>Ex Cathedra: Stories by Machado de Assis</i>	Glenn Cheney, L. Tanure, R. Kopit (Orgs.)	New London Librarium	2014	21	Edição bilíngue, 16-19 traduções inéditas, múltiplos tradutores
<i>Midnight Mass and Other Stories</i>	Juan LePuen (Trad.)	Fario	2014	22	10-12 traduções inéditas
<i>Stories</i>	Rhett McNeil (Org. e Trad.)	Dalkey Archive Press	2014	12 + apêndices	Foco no período experimental (1878-86), 10 traduções inéditas
<i>Miss Dollar: Stories by Machado de Assis</i>	G. P. Bellin & A. Lessa-Schmidt (Trads.), G. Cheney (Ed.)	New London Librarium	2016	10	Edição bilíngue, foco na primeira fase, 7 traduções inéditas

<i>The Collected Stories of Machado de Assis</i>	Margaret Jull Costa & Robin Patterson (Trads.)	Liveright Publishing Corp.	2018	76	Contos completos das 7 coletâneas publicadas em vida
<i>Trio in A-Minor: Five Stories by Machado de Assis</i>	A. Lessa-Schmidt & G. A. Cheney (Trads.)	New London Librarium	2018	5	Edição bilíngue, contos das duas fases, 2 inéditos
<i>Machado de Assis: 26 Stories</i>	Margaret Jull Costa & Robin Patterson (Trads.)	Liveright Publishing Corp.	2019	26	Seleção de <i>The Collected Stories</i>
<i>The Looking-Glass: Essential Stories</i>	Daniel Hahn (Trad.)	Pushkin Press	2022	10	Seleção de contos essenciais

A análise desta tabela e dos materiais de pesquisa revela diversas tendências editoriais significativas. Primeiramente, observa-se um esforço concertado para apresentar traduções inéditas ao público anglófono (Freitas & Costa, 2018). Antologias como *Ex Cathedra* (Assis, 2014a) e *Stories* (Assis, 2014b) destacam-se pelo elevado número de contos nunca antes vertidos para o inglês, sinalizando uma ambição de expandir o cânone machadiano acessível e de ir além das narrativas mais consagradas (Freitas & Costa, 2018).

Paralelamente, contos canônicos como “O Alienista”, “Missa do Galo” e “A Cartomante” continuam a ser retraduzidos e incluídos em diversas coletâneas (Freitas & Costa, 2018), o que sugere não apenas sua importância central, mas também uma busca constante por abordagens tradutórias renovadas que possam capturar diferentes nuances da prosa machadiana para novas gerações de leitores. A emergência de edições bilíngues, notadamente as publicadas pela New London Librarium, *Ex Cathedra: Stories by Machado de Assis* (2014), *Miss Dollar: Stories by Machado de Assis* (2016) e *Trio in A-Minor: Five Stories by Machado de Assis* (2018), aponta para um público diversificado, que pode incluir estudantes da língua portuguesa, acadêmicos interessados na análise comparativa dos textos e leitores que apreciam o acesso ao original.

O centenário da morte de Machado em 2008 parece ter funcionado como um catalisador (Freitas & Costa, 2018). Publicações como *A Chapter of Hats and Other Stories*, com traduções de John Gledson, lançada nesse contexto, podem ter contribuído para o renovado interesse que se observa nos anos subsequentes. Ademais, há uma interessante dinâmica entre o privilégio tradicionalmente conferido à produção madura de Machado – a chamada “segunda fase”, iniciada com *Papéis Avulsos* em 1882 – e um esforço mais recente para resgatar e valorizar contos de sua fase inicial. Antologias como *Miss Dollar: Stories by Machado de Assis* (2016) e *Trio in A-Minor: Five Stories by Machado de Assis* (2018) dedicam-se a essa recuperação,

argumentando a importância desses textos formativos para uma compreensão integral da trajetória do autor (Bellin, 2016, 2018; Silva, 2016).

A diversidade de editoras envolvidas neste “boom” – desde grandes casas com selos de prestígio como a Liveright (divisão da W. W. Norton) até prensas universitárias, acadêmicas e independentes como Bloomsbury, Hackett Publishing, Dalkey Archive Press, New London Librarium e Pushkin Press – sugere que o interesse por Machado de Assis não é monolítico. Pelo contrário, ele parece atender a diferentes nichos do mercado leitor anglófono, abrangendo o público acadêmico, o leitor literário em geral e os colecionadores de clássicos. Cada uma dessas editoras possui um perfil e um público-alvo distintos, e a presença de Machado em catálogos tão variados indica que diferentes “agentes de consagração”, nos termos da sociologia da tradução, estão em atuação, cada um com suas lógicas de seleção, tradução e marketing (Sapiro, 2014). Este cenário variado pode, inclusive, levar à apresentação de diferentes “Machados” ao público anglófono, dependendo do enquadramento editorial.

O esforço para traduzir contos inéditos ou pertencentes à primeira fase de Machado pode ser interpretado como um sinal de maturação da recepção do autor no mundo anglófono (Freitas & Costa, 2018). Transcende-se a fase inicial de focar apenas nos “grandes sucessos” para uma exploração mais completa e aprofundada de seu vasto corpus. Esse tipo de aprofundamento é típico de autores que alcançaram um status canônico mais sólido e é frequentemente impulsionado por especialistas que buscam oferecer uma visão mais nuançada e integral do escritor (Freitas & Costa, 2018). Isso sugere que Machado está sendo cada vez mais estudado e valorizado em sua totalidade, e não apenas por um punhado de textos emblemáticos. A publicação desses contos menos conhecidos pode, por sua vez, desafiar ou enriquecer as interpretações existentes de Machado, que frequentemente se baseiam em sua produção mais tardia e canônica, abrindo novas linhas de pesquisa acadêmica e fomentando uma apreciação mais complexa de sua evolução literária. É plausível que o sucesso e a aclamação de traduções anteriores de seus romances ou de coletâneas mais seletivas tenham gerado um “apetite” no mercado e no meio acadêmico por mais obras de Machado, incentivando editoras e tradutores a explorar facetas menos conhecidas de seu trabalho. O apoio institucional, como o da Fundação Biblioteca Nacional, mencionado para a antologia *Ex Cathedra* (2014) e ainda outras, por exemplo, também se configura como um fator causal importante, viabilizando projetos de tradução mais ambiciosos ou de nicho que, de outra forma, poderiam não encontrar espaço no mercado.

9.2 A CONSAGRAÇÃO DE MACHADO DE ASSIS COMO CONTISTA: O PAPEL DAS NOVAS EDIÇÕES E TRADUÇÕES

As antologias de contos de Machado de Assis publicadas no século XXI desempenham um papel fundamental na sua (re)afirmação e consagração como um mestre do gênero no cenário literário anglófono e, por extensão, mundial. Este processo de canonização não é tão simples, envolvendo desde a forma como Machado é apresentado em paratextos até as escolhas curatoriais das coletâneas.

Um indicador significativo da crescente canonização global de Machado é sua inclusão em antologias de “literatura mundial”, transcendendo os rótulos mais restritivos de “literatura latino-americana” ou “brasileira” (Freitas & Costa, 2018, p. 49). Esse reposicionamento é reforçado pelos prefácios e introduções escritos por figuras influentes do meio acadêmico e literário. Críticos como Michael Wood, em seu prefácio para *The Collected Stories of Machado de Assis* (2018), e as frequentes citações de Susan Sontag e Harold Bloom, que o comparam a mestres universais como Chekhov, Henry James, Laurence Sterne, Kafka e Borges, funcionam como poderosos mecanismos de legitimação. Tais comparações inserem Machado em uma

linhagem literária reconhecível para o público anglófono, elevando seu capital simbólico. A multiplicidade dessas associações, embora por vezes parecendo inconsistente, paradoxalmente reforça a percepção de sua complexidade e originalidade, tornando-o “teimosamente inclassificável”¹ (Sehgal, 2018). A publicação da monumental *The Collected Stories* (2018) pela Liveright, reunindo pela primeira vez em inglês todos os contos das sete coletâneas publicadas em vida por Machado, representou um “marco” e um investimento editorial significativo em sua figura.

As introduções e notas dos tradutores nas diversas antologias também são cruciais nesse processo de mediação cultural. John Gledson, em *A Chapter of Hats and Other Stories* (2008), por exemplo, argumenta que Machado deve ser apreciado tanto em sua universalidade quanto em sua intrínseca “brasilidade”, alertando contra tentativas de apresentá-lo apressadamente apenas como um autor “universal” (Gledson, 2008). John Charles Chasteen, em *The Alienist and Other Stories of Nineteenth-Century Brazil* (2013), contextualiza as narrativas machadianas como janelas para a sociedade e cultura brasileira do século XIX (Chasteen, 2013). Margaret Jull Costa e Robin Patterson, na introdução de *The Collected Stories* (2018), destacam a evolução estilística de Machado, sua ironia característica e o reconhecimento tardio de sua genialidade no mundo anglófono (Costa & Patterson, 2018). Daniel Hahn, por sua vez, em sua nota para *The Looking-Glass: Essential Stories* (2022), explicita a opção por uma “voz mais antiga” na tradução, buscando refletir a temporalidade da obra original (Hahn, 2022, p. 137).

A seleção dos contos incluídos nas antologias também é reveladora. Enquanto a produção madura de Machado, a partir de *Papéis Avulsos* (1882), foi tradicionalmente privilegiada, o “boom” recente evidencia um interesse crescente pela sua primeira fase. Antologias como *Miss Dollar: Stories by Machado de Assis* (2016) e *Trio in A-Minor: Five Stories by Machado de Assis* (2018) dedicam-se a essa recuperação, argumentando que os contos iniciais são fundamentais para uma compreensão integral da evolução do autor (Bellin, 2016, 2018). Contudo, a recorrência de contos canônicos como “O Alienista”, “Missa do Galo” e “A Cartomante” em múltiplas coletâneas atesta seu status consolidado e a contínua busca por novas interpretações tradutórias. Simultaneamente, a inclusão de um número expressivo de contos até então inéditos em inglês demonstra uma clara intenção de expandir o repertório machadiano acessível ao leitor de língua inglesa (Freitas & Costa, 2018).

O debate em torno da “universalidade” versus “brasilidade” da obra de Machado reflete uma tensão inerente ao processo de tradução e recepção de autores de literaturas periféricas. Enfatizar excessivamente a “brasilidade” pode incorrer no risco de exotização, enquanto uma ênfase desmedida na “universalidade” pode apagar as especificidades culturais que enriquecem a obra e a tornam única. As diferentes abordagens dos tradutores e organizadores das antologias do período 2000-2024, como as de Gledson (2008) e Chasteen (2013), parecem navegar essa tensão de maneiras distintas. A sociologia da tradução reconhece que as estratégias de “domesticação” (aproximar o texto da cultura receptora) versus “estrangeirização” (manter as marcas da cultura de origem) na tradução refletem essas diferentes posturas e são influenciadas pelas normas do campo literário receptor (Toury, 2000; Venuti, 2004). A diversidade de estratégias observada nas antologias machadianas indica um campo de recepção dinâmico e contestado. Em última análise, a forma como Machado é “emoldurado” por esses paratextos e pelas escolhas curatoriais influencia diretamente a percepção e interpretação do público leitor anglófono, construindo ativamente sua imagem e seu legado nesse novo contexto cultural. A decisão de incluir contos da primeira fase, por exemplo, pode humanizar Machado, revelando

¹ No original: “stubbornly unclassifiable” (Sehgal, 2018).

sua trajetória e desenvolvimento, em contraste com a imagem, por vezes cristalizada, de um gênio já plenamente formado (Freitas & Costa, 2018).

9.3 RECEPÇÃO INTERNACIONAL E O DESAFIO ANGLÓFONO: ENTRE A ACADEMIA E O MERCADO

A análise da recepção das antologias de contos de Machado de Assis no mundo anglófono revela um panorama complexo, marcado por um crescente reconhecimento crítico e acadêmico, mas com desafios persistentes no que tange à penetração no mercado editorial mais amplo.

Resenhas em veículos de grande prestígio como o *New York Times* e *The New Yorker*, especialmente sobre a abrangente coletânea *The Collected Stories of Machado de Assis* (2018), sinalizam uma elevação do status de Machado junto à crítica literária internacional. Essas resenhas frequentemente enaltecem a ironia sofisticada, a modernidade surpreendente e a profundidade psicológica dos contos machadianos (Moser, 2018; Sehgal, 2018). Paralelamente, a recepção no meio acadêmico continua crescendo, sendo este, muitas vezes, o motor por trás das iniciativas de tradução e publicação, como apontam Freitas e Costa (2018). Artigos e ensaios em periódicos especializados, como *Machado de Assis em Linha*, e a atenção de estudiosos como Daphne Patai (1999, 2008) demonstram um engajamento contínuo e aprofundado com a obra do autor. As resenhas de antologias específicas, como *A Chapter of Hats and Other Stories* (2008), *The Alienist and Other Stories* (2013), entre outras, geralmente reconhecem a importância de Machado e a qualidade das novas traduções, embora algumas críticas apontem para uma certa irregularidade na curadoria de algumas coletâneas ou para o caráter “datado” de certos contos aos olhos do leitor contemporâneo (Moser, 2018).

Apesar desse reconhecimento crescente nos círculos críticos e acadêmicos, a inserção de Machado de Assis no mercado editorial anglófono de forma mais massiva permanece um desafio. Freitas e Costa observam uma “pouca ou nenhuma inserção do autor no mercado comercial”, com a maioria dos projetos sendo liderados por figuras do meio universitário (2018, p. 49). Benjamin Moser, em seu artigo para *The New Yorker*, questiona “Por que Machado de Assis não é mais lido?” no mundo anglófono, sugerindo que, apesar dos esforços de tradução e promoção, sua popularidade não se disseminou amplamente (Moser, 2018). Uma das razões aventadas é a dificuldade intrínseca de traduzir a “tensão entre a compostura estatutária e a excentricidade que ele descreve” (Moser, 2018). A publicação de *The Collected Stories* (2018) pela Liveright, uma editora de considerável prestígio, e sua recepção crítica positiva pode representar um ponto de inflexão, mas seu impacto comercial de longo prazo ainda está por ser plenamente avaliado. A própria resenha de Parul Sehgal (2018) no *New York Times* observa que, embora valiosa, a coleção de contos não atinge o mesmo patamar de reconhecimento dos romances que consolidaram a reputação internacional de Machado.

A trajetória de Machado de Assis no mundo anglófono pode ser iluminada pelos conceitos da sociologia da tradução. As dinâmicas centro-periferia, teorizadas por Johan Heilbron e Gisèle Sapiro (2007), são particularmente pertinentes. A luta de um autor de uma cultura “periférica” (o Brasil e a língua portuguesa) para obter reconhecimento no “centro” (o mundo anglófono e a língua inglesa, hipercentral no sistema global de traduções) é um processo árduo. O baixo volume de tradução para o inglês em geral torna o “boom” machadiano ainda mais notável. Contudo, sua natureza predominantemente acadêmica reforça a ideia de que o acesso ao centro é frequentemente mediado por “guardiões” específicos, como o meio universitário.

Nesse contexto, o capital simbólico acumulado por Machado através de publicações por editoras de prestígio, traduções por tradutores renomados e resenhas positivas em veículos importantes é crucial para sua canonização, mesmo que o capital econômico (vendas) seja mais modesto. Agentes culturais – tradutores (como Costa, Patterson, Gledson, Hahn, Chasteen,

McNeil), editores (Liveright, Pushkin Press, etc.), críticos (Sehgal, Moser, Wood) e acadêmicos (Freitas, Costa, Patai, Fitz) – desempenham papéis chave, moldando ativamente a recepção e interpretação de Machado através de suas escolhas (quais contos traduzir, como traduzi-los, como enquadrar a obra). Seguindo os circuitos de difusão propostos por Heilbron (Heilbron, 2020), Machado parece estar transitando do “primeiro circuito” (enclaves acadêmicos e especializados) para o “segundo circuito” (campos culturais dos países receptores, com reconhecimento mais amplo), mas ainda enfrenta dificuldades para alcançar o “terceiro circuito” da fama mundial generalizada e do sucesso comercial massivo.

A “frustração persistente” mencionada por Sehgal (2018) em relação à aparente recusa de Machado em abordar mais explicitamente a escravidão pode ser um fator que, paradoxalmente, tanto dificulta quanto instiga a recepção anglófona. Leitores e críticos contemporâneos, frequentemente moldados por seus próprios contextos históricos e debates sobre justiça social, podem buscar em Machado um posicionamento mais direto contra a escravidão (Santos & Daniel, 2022). Sua ironia e sutileza, embora literariamente sofisticadas, podem ser interpretadas por alguns como uma forma de esquiva. Por outro lado, essa mesma complexidade, aliada à redescoberta e revalorização de sua “negritude” (Guimarães, 2017b; Santos & Daniel, 2022), pode gerar um novo interesse acadêmico e crítico, impulsionando mais traduções e análises que buscam desvendar essas camadas de sua obra e identidade.

O papel de programas de apoio à tradução, como o da Fundação Biblioteca Nacional (mencionado em relação a *Ex Cathedra* (2014) e potencialmente relevante para outras publicações²), pode ser um motor subjacente e crucial para o “boom” observado. A sociologia da tradução destaca como o apoio estatal pode influenciar a circulação de obras de literaturas periféricas (Heilbron & Sapiro, 2007; Sapiro, 2014, 2018). Se a FBN tem apoiado ativamente traduções de Machado, isso explicaria, em parte, a capacidade de editoras menores de investir em um autor com apelo comercial incerto no mercado anglófono. Tal apoio reforçaria a ideia de uma consagração impulsionada por capital simbólico e suporte institucional, mais do que por pura demanda de mercado. Contudo, essa dependência pode significar que a seleção de obras traduzidas e as abordagens tradutórias sejam influenciadas pelas prioridades e critérios desses financiadores ou comunidades acadêmicas, em vez de refletirem unicamente o interesse do mercado leitor mais amplo, podendo levar a uma canonização seletiva.

9.4 OS DESAFIOS DA TRADUÇÃO MACHADIANA: ESTILO, IRONIA E IMPLICAÇÕES CULTURAIS NA RECEPÇÃO ANGLÓFONA

A tradução da prosa de Machado de Assis para o inglês apresenta um conjunto formidável de desafios, que residem fundamentalmente na sua ironia penetrante, no seu estilo elegante e elusivo, e nas profundas implicações culturais de sua obra. A ironia e ambiguidade são, talvez, as marcas mais distintivas e desafiadoras do autor. Sua ironia sutil, frequentemente velada, e suas ambiguidades intencionais são notoriamente difíceis de transpor para outra língua e cultura sem que se perca o efeito original ou que o texto se torne hermético. John Gledson (2012), por exemplo, discute a complexidade de capturar a ironia e a distância na tradução do conto “Dona Paula”.

O estilo “leve” e a profundidade psicológica de Machado constituem outro desafio. Sua prosa é frequentemente descrita como “leve” e “divertida” (Moser, 2018), mas é o veículo para profundas reflexões psicológicas e filosóficas. Manter esse delicado equilíbrio na tradução, sem pender para a superficialidade ou para uma densidade excessiva, exige grande maestria do

² As antologias publicadas com apoio da Fundação Biblioteca Nacional – Ministério da Cultura do Brasil incluem *Ex Cathedra: Stories by Machado de Assis* (Fogão de Lenha / New London Librarium, 2014), *Joaquim Maria Machado de Assis: Stories* (Dalkey Archive Press, 2014) e *Miss Dollar: Stories by Machado de Assis* (New London Librarium, 2016).

tradutor. As referências culturais e o contexto histórico são igualmente cruciais. As obras de Machado estão intrinsecamente ligadas ao Rio de Janeiro do século XIX (Gledson, 2013), e a transposição das nuances sociais, políticas e culturais para um público não familiarizado com esse universo requer escolhas tradutórias cuidadosas, seja através de notas explicativas, domesticação (aproximação à cultura do leitor) ou estrangeirização (manutenção das marcas da cultura de origem). Gledson (2008) enfatiza a importância de não negligenciar a “brasilidade” de Machado.

A voz narrativa e a interpelação ao leitor são elementos característicos. Machado frequentemente rompe a quarta parede, com narradores que estabelecem um diálogo direto e, muitas vezes, cúmplice e irônico com o leitor (Gledson, 2013). Recriar essa dinâmica na tradução é essencial para preservar a experiência de leitura machadiana. Finalmente, a linguagem e o ritmo da prosa original, com sua precisão vocabular e cadência particular, são elementos estilísticos que demandam grande sensibilidade e habilidade do tradutor (Gledson, 2013; Thomson-Deveaux, 2023). Daniel Hahn, por exemplo, menciona o “rigor em suas frases e um pouco de elevação em sua dicção”³ como qualidades que buscou preservar (2022, p. 137).

Os tradutores que se debruçaram sobre os contos de Machado no período de 2000-2024 adotaram diferentes abordagens para enfrentar esses desafios. Daniel Hahn, em *The Looking-Glass: Essential Stories* (2022), optou deliberadamente por uma “voz mais antiga” e uma dicção elevada, buscando sinalizar o contexto histórico da obra e, ao mesmo tempo, realçar a surpreendente modernidade de Machado. Margaret Jull Costa e Robin Patterson, responsáveis por *The Collected Stories of Machado de Assis* (2018), foram elogiados por capturar a “leveza e graça” da prosa machadiana (Moser, 2018), permitindo que as múltiplas camadas de significado emergiam naturalmente. Sua introdução à coletânea demonstra uma profunda consciência dos desafios envolvidos (Costa & Patterson, 2018).

John Gledson, em *A Chapter of Hats and Other Stories* (2008), adota uma postura crítica em relação a traduções anteriores, que, em sua visão, tenderiam a “uniformizar” ou simplificar excessivamente a prosa de Machado. Gledson defende a preservação das “pequenas perspectivas” e da complexidade irônica, como ilustrado em sua análise da tradução de “Dona Paula” (2012, p. 24).

As escolhas tradutórias têm um impacto direto na recepção e compreensão da obra. Traduções que simplificam a ironia ou apagam ambiguidades podem levar a uma leitura superficial, diminuindo a percepção da profundidade crítica de Machado. A maneira como as referências culturais são tratadas afeta a imersão do leitor e sua compreensão da “brasilidade” da obra. Inevitavelmente, a voz do tradutor se interpõe, e as diferentes abordagens podem criar diferentes “Machados” para o público anglófono.

A análise de contos específicos presentes em múltiplas antologias do período revela tanto a consolidação de um cânone machadiano em língua inglesa quanto as distintas abordagens tradutórias que moldam sua recepção. Narrativas como “A Cartomante” (The Fortune-Teller), presente nas coletâneas de Hahn (2022), Gledson (2008) e Costa & Patterson (2018), e “Missa do Galo” (Midnight Mass), figurando nas mesmas antologias e na de LePuen (2014), demonstram sua centralidade e o fascínio contínuo por temas como destino, traição e erotismo velado. As escolhas de cada tradutor—a “voz mais antiga” de Hahn, o foco na ironia de Gledson e a “graça e facilidade” de Costa & Patterson—oferecem matizes interpretativos distintos. O conto filosófico “O Espelho” (The Mirror/The Looking-Glass), traduzido por Gledson (2008), Chasteen (2013), Costa & Patterson (2018) e Hahn (2022), exemplifica desafios hermenêuticos, em que a própria variação no título já sinaliza ênfases diferentes na abordagem da identidade.

³ No original: “there’s some starch in his sentences, and a bit of height to his diction, which I feel suits him.” (Hahn, 2022, p. 137)

A inclusão de “O Empréstimo” (The Loan) em coletâneas como as Costa & Patterson (2028) e de Hahn (2022) reforça a atenção a contos que exploram a psicologia social. Finalmente, “O Alienista” (The Alienist), uma das narrativas mais longas e canônicas, presente nas traduções de Hahn, Chasteen e Costa & Patterson, suscita debates críticos sobre a performance tradutória, com resenhas destacando a qualidade da versão de Costa & Patterson em detrimento de outras anteriores, evidenciando como a retradução contínua refina e reposiciona a obra de Machado no mercado anglófono.

A multiplicidade de novas traduções dos contos machadianos em um curto intervalo de tempo não apenas ressalta a importância contínua dessas narrativas, mas revela um campo ativo de retraduições, no qual a tradução se entende como uma prática jamais concluída. Longe de buscar a versão definitiva, cada nova tradução se posiciona frente à letra do original, tentando dar hospitalidade ao estrangeiro. Como afirma Berman, “é essencial distinguir dois espaços (e dois tempos) de tradução: o das traduções primeiras e o das retraduições” (Berman, 2007, p. 137). Essa distinção mostra que as retraduições não surgem apenas por obsolescência das anteriores, mas sim quando uma cultura atinge um momento de maturidade que lhe permite uma escuta mais atenta à alteridade textual. O recente boom de antologias machadianas em inglês se insere, assim, neste horizonte: as retraduições operam como novas tentativas de fazer da língua de chegada o “albergue do longínquo”, espaço de recepção da diferença sem reduzi-la à familiaridade.

9.5 6. MACHADO DE ASSIS NO CENÁRIO LITERÁRIO MUNDIAL E PERSPECTIVAS FUTURAS

A análise do período de 2000 a 2024 revela, inequivocamente, um “boom” na publicação de antologias de contos de Machado de Assis em língua inglesa. Este fenômeno, longe de ser casual, é impulsionado por uma complexa interação de fatores acadêmicos, editoriais e, possivelmente, institucionais, como o apoio da Fundação Biblioteca Nacional a alguns projetos. As antologias deste período desempenharam um papel crucial na (re)afirmação de Machado como um mestre do conto no mundo anglófono, não apenas pela quantidade de obras disponibilizadas, mas pela expansão do cânone de seus textos traduzidos e pelo aprofundamento da apreciação crítica de sua complexidade estilística e temática. No entanto, é fundamental reiterar que sua consagração no espaço anglófono se manifesta predominantemente na esfera do capital simbólico e acadêmico, com uma penetração no mercado comercial mais amplo ainda relativamente limitada (Freitas & Costa, 2018).

Os desafios intrínsecos à tradução da ironia sutil, do estilo elegante e das nuances culturais da prosa machadiana permanecem um obstáculo significativo, exigindo tradutores de alta qualificação e sensibilidade apurada (Gledson, 2012). A superação da barreira entre o reconhecimento acadêmico e de nicho e um sucesso comercial mais vasto configura-se como um desafio contínuo, influenciado pelas dinâmicas do mercado editorial anglófono, que historicamente demonstra uma abertura relativamente menor a obras traduzidas em comparação com sua produção interna (Heilbron, 1999; Heilbron & Sapiro, 2015; Sapiro, 2014). Não obstante, existem oportunidades promissoras para a difusão da obra machadiana. A contínua exploração de seu vasto corpus de contos, incluindo aqueles não reunidos em livro pelo próprio autor, o diálogo com novas gerações de leitores e críticos, e a potencial influência de adaptações para outras mídias podem ampliar seu alcance.

O “boom” de antologias, mesmo que predominantemente circunscrito ao âmbito acadêmico e de nicho, pode exercer um efeito cumulativo de “normalização” da presença de Machado de Assis no cenário literário anglófono. A sociologia da tradução sugere que a visibilidade e a discussão contínuas, mesmo em círculos especializados, contribuem para a canonização de um autor (Sapiro, 2014). Cada nova antologia, resenha ou curso universitário

dedicado a Machado adiciona uma camada à sua legitimidade e familiaridade no novo contexto cultural. Com o tempo, essa crescente familiaridade pode reduzir a percepção de “estranheza” ou “risco” frequentemente associada a autores traduzidos, potencialmente abrindo portas em editoras com maior alcance comercial.

Adicionalmente, a crescente discussão sobre a “negritude” de Machado e sua relação com a escravidão (Guimarães, 2017b; Santos & Daniel, 2022), embora complexa e incipiente, pode se configurar como um ponto de entrada significativo para novos leitores e estudos no contexto anglófono, onde essas questões possuem particular ressonância. A recepção de uma obra literária é invariavelmente mediada pelos interesses, debates e sensibilidades do campo receptor (Bourdieu, 2002). As discussões contemporâneas sobre raça, identidade e legado colonial no mundo anglófono podem fomentar uma releitura da obra machadiana sob essa perspectiva, atraindo um público engajado com tais temáticas e gerando novas traduções e estudos focados nesses aspectos, como já se observa.

Em última análise, a trajetória de Machado de Assis no mundo anglófono, especialmente no que tange à circulação de seus contos no século XXI, pode servir como um estudo de caso paradigmático para a compreensão da dinâmica de internacionalização de autores de literaturas consideradas periféricas. Ela ilustra a complexa interação entre o mérito literário intrínseco, a agência de tradutores e editores, as dinâmicas de mercado, o apoio institucional e as “lentes” interpretativas do campo receptor. Sua consagração, ainda que um processo em contínuo desenvolvimento, oferece lições valiosas para a promoção de outras vozes da literatura de línguas periféricas no cenário global.

10 ROMANCES EM TRADUÇÃO NO SÉCULO XXI: PENGUIN CLASSICS E NORTON (2018-2024)

O período compreendido entre 2018 e 2024 assinala uma fase de notável crescimento na circulação da obra de Joaquim Maria Machado de Assis no mundo anglófono, caracterizada por um volume significativo de novas traduções de seus romances, notadamente pelas prestigiosas chancelas da Penguin Classics e da Liveright (um selo da W. W. Norton & Company). Este fenômeno, que pode ser descrito como um novo “momento Machado”, sucede décadas de uma presença mais discreta, ainda que pontuada por traduções importantes e pelo reconhecimento de críticos e escritores influentes como Susan Sontag, Philip Roth e John Updike (Moreira, 2009). A investigação que serve de contexto a este capítulo já aponta para este “renovado interesse”, impulsionado por novas traduções e edições críticas que buscam transpor as barreiras linguísticas e culturais que historicamente limitaram a projeção internacional do autor brasileiro.

Um marco emblemático deste “boom” foi a publicação quase simultânea, em 2020, de duas novas e distintas traduções de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: uma pela Penguin Classics, vertida por Flora Thomson-DeVeaux, e outra pela Liveright, traduzida pela dupla Margaret Jull Costa e Robin Patterson. Tal confluência, por si só, sinaliza uma mudança no cenário editorial anglófono em relação a Machado, indicando um investimento sólido e uma aposta na receptividade de sua obra por um público mais amplo e diversificado. Este capítulo argumentará que as iniciativas editoriais e tradutórias da Penguin Classics e da Norton/Liveright, com suas distintas abordagens paratextuais e estratégias de legitimação, estão ativamente reconfigurando a presença e o status canônico de Machado de Assis no mundo de língua inglesa, potencialmente movendo-o de uma figura de reconhecimento mais restrito a círculos acadêmicos para um autor de maior projeção global.

O projeto da Liveright, em particular, demonstra uma ambição de construir um catálogo machadiano substancial e coeso. Iniciado com a aclamada tradução integral dos contos, *The Collected Stories of Machado de Assis* (2018), por Margaret Jull Costa e Robin Patterson – um volume saudado como um “acontecimento editorial”¹ – o selo prosseguiu com a publicação dos principais romances do autor pela mesma dupla de tradutores: *Posthumous Memoirs of Brás Cubas* em 2020, *Dom Casmurro* em 2023, e *Quincas Borba* em 2024. Paralelamente, a Penguin Classics, conhecida por suas edições anotadas de clássicos da literatura mundial, lançou sua versão de *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* em 2020, traduzida e extensamente anotada por Flora Thomson-DeVeaux.

A hipótese que se desenvolverá ao longo deste capítulo sustenta que as estratégias editoriais divergentes – a Penguin Classics focando em edições individuais ricamente anotadas e de pendor acadêmico, e a Norton/Liveright visando a construção de um catálogo mais completo com a consistência de uma renomada dupla de tradutores – refletem diferentes, porém potencialmente complementares, abordagens para a canonização e popularização de Machado de Assis. Argumenta-se, ademais, que os paratextos que acompanham estas novas edições (introduções, prefácios, notas dos tradutores, notas culturais e históricas) desempenham um papel crucial na mediação cultural, moldando ativamente a percepção do leitor anglófono sobre a relevância, a modernidade e a complexidade da obra machadiana. A recepção crítica internacional dessas novas traduções, embora predominantemente positiva, revela nuances na avaliação das diferentes abordagens tradutórias e editoriais, e contribui para um debate contínuo

¹ Na contracapa da edição: “A landmark literary event, the complete stories of Machado de Assis finally appear in English for the first time in this extraordinary new translation” (Assis, 2018).

e profícuo sobre o lugar de Machado no cânone da literatura mundial. Em última análise, sustenta-se que estes recentes esforços editoriais estão impactando significativamente a (re)legitimação de Machado de Assis, com o potencial de expandir sua leitura para além dos círculos tradicionalmente acadêmicos e de consolidar sua posição como um autor clássico indispensável no panorama literário global.

Para visualizar de forma clara as publicações centrais analisadas neste capítulo, apresenta-se a tabela 17:

Tabela 17. Principais Traduções de Romances de Machado de Assis por Penguin Classics e Norton/Liveright (2018-2024)

Título Original Português	Título Traduzido Inglês	Tradutor(es)	Editadora (Selo)	Ano de Publicação	Principais Paratextos (Autores e Tipos)
<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	<i>The Posthumous Memoirs of Brás Cubas</i>	Flora Thomson-DeVeaux	Penguin Classics	2020	Prefácio por Dave Eggers; Introdução, Nota sobre a Tradução, Nota sobre as Notas Finais, Sugestões de Leitura Adicional e Notas Finais por Flora Thomson-DeVeaux
<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	<i>Posthumous Memoirs of Brás Cubas</i>	Margaret Jull Costa & Robin Patterson	Liveright (W. W. Norton)	2020	Introdução pelos tradutores; Prefácio do Autor à Terceira Edição; Nota Biográfica
<i>Dom Casmurro</i>	<i>Dom Casmurro</i>	Margaret Jull Costa & Robin Patterson	Liveright (W. W. Norton)	2023	Introdução pelos tradutores
<i>Quincas Borba</i>	<i>Quincas Borba</i>	Margaret Jull Costa & Robin Patterson	Liveright (W. W. Norton)	2024	Introdução pelos tradutores

A emergência deste “boom” machadiano não representa apenas um aumento quantitativo no número de traduções disponíveis, mas assinala uma transformação qualitativa na forma como Machado de Assis é apresentado ao público de língua inglesa. As editoras envolvidas estão investindo em projetos que visam tanto o leitor geral quanto o ambiente acadêmico, com um esforço consciente para contextualizar a obra de maneira mais aprofundada do que em empreendimentos anteriores. A publicação quase simultânea de duas traduções de *Brás Cubas* por editoras de grande porte como Penguin e Liveright, uma delas com um aparato crítico e notas explicativas consideráveis (a edição da Penguin por Thomson-DeVeaux) e a outra inserida num projeto mais amplo de construção de um catálogo coeso pela mesma dupla de tradutores (Margaret Jull Costa e Robin Patterson para a Liveright), sugere uma estratégia concertada para solidificar o lugar de Machado no cânone anglófono. A Penguin, com sua tradição de edições eruditas, parece visar o mercado acadêmico e leitores que buscam uma compreensão aprofundada, enquanto a Norton/Liveright, ao construir uma “marca Machado” com tradutores consistentes, parece almejar uma penetração mais ampla e duradoura no mercado.

Adicionalmente, a coexistência, ou mesmo a aparente competição, entre estas duas grandes editoras pode, paradoxalmente, catalisar a canonização de Machado de Assis. A existência de múltiplas traduções recentes de uma mesma obra, como é o caso de *Brás Cubas*, tende a gerar um volume maior de resenhas comparativas e discussões críticas (Becker, 2024; Eggers, 2020b; Katzenstein, 2020; Moser, 2023; Sehgal, 2020; Seixas Guimarães, 2020), mantendo o autor em evidência e fomentando um debate mais rico sobre as nuances de sua obra e as abordagens para sua transposição para o inglês. Este fenômeno pode funcionar como um motor para a (re)legitimação, ampliando a visibilidade de Machado para além do que uma iniciativa isolada poderia alcançar.

Neste contexto, a maneira como Machado é “embalado” – através dos paratextos que acompanham as traduções, do design das capas, das estratégias de marketing e da escolha de prefaciadores – assume uma importância comparável à da própria tradução textual para a sua recepção e legitimação. A decisão da Penguin Classics de incluir um prefácio de Dave Eggers à sua edição de *Brás Cubas* (Eggers, 2020a), um escritor contemporâneo com apelo junto a um público leitor amplo e moderno, exemplifica uma estratégia clara de posicionamento que transcende o nicho puramente acadêmico. Estes elementos paratextuais funcionam como mediadores culturais que preparam o terreno para o encontro do leitor com a obra, orientando expectativas e sugerindo enquadramentos interpretativos.

10.1 NOVAS TRADUÇÕES DE ROMANCES

Essa recente onda de traduções machadianas para o inglês trouxe à luz novas interpretações e apresentações de seus romances canônicos. Cada uma dessas traduções, com suas particularidades estilísticas e aparatos paratextuais, contribui de maneira distinta para a forma como Machado de Assis é percebido e estudado no século XXI.

10.1.1 *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* (Penguin Classics, 2020, trad. Flora Thomson-DeVeaux)

A edição de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* pela Penguin Classics (Assis, 2020b), traduzida por Flora Thomson-DeVeaux, destaca-se por sua abordagem profundamente erudita e seu forte aparato crítico. A tradutora, que dedicou sua tese de doutoramento a esta obra (Thomson-DeVeaux, 2021), empreendeu uma pesquisa extensa, refletida nas numerosas e detalhadas notas finais que acompanham o texto. Estas notas visam elucidar o vasto leque de referências culturais, históricas, literárias e linguísticas presentes no original, oferecendo um

contexto rico para o leitor anglófono. Na sua própria introdução, Thomson-DeVeaux (2020) enfatiza a importância da memória histórica, particularmente o legado da escravidão no Brasil, para uma compreensão mais completa do romance, corrigindo percepções anteriores de que Machado seria reticente em relação a temas raciais. Uma característica distintiva desta edição é a inclusão de excertos de versões anteriores do romance, publicados originalmente em formato serial, material este inédito em língua inglesa e que permite ao leitor vislumbrar o processo de revisão do autor (Thomson-DeVeaux, 2020).

A recepção crítica desta tradução foi amplamente positiva, com ênfase na sua erudição e na utilidade de seu aparato paratextual (Katzenstein, 2020; Sehgal, 2020; Guimarães, 2020). Dave Eggers, no prefácio que escreveu para a edição, descreve a tradução como um “presente glorioso para o mundo”, elogiando seu brilho, humor e a fidedignidade com que captura o tom machadiano (2020a, p. 13). Críticos como Parul Sehgal (2020), no *The New York Times*, consideraram-na um “presente para os acadêmicos”, ressaltando a importante correção que a tradutora faz ao destacar as referências ao tráfico de escravos e à questão racial na obra de Machado. Andrew Katzenstein (2020), na *The New York Review of Books*, embora reconhecendo a utilidade das notas, sugere que a tradutora, em seu esforço de desvendar os “truques” de Machado, por vezes “se perde em revelar os segredos dessas prestidigitações”.

A principal contribuição desta edição para a (re)legitimação de Machado de Assis reside em sua capacidade de solidificá-lo como um clássico da literatura mundial digno de estudo aprofundado. Ao fornecer as ferramentas necessárias para que leitores não familiarizados com o contexto brasileiro possam decodificar as complexidades da obra, a tradução de Thomson-DeVeaux facilita sua inserção em debates acadêmicos e contemporâneos, especialmente no que tange à história da escravidão e às questões raciais (Santos & Daniel, 2022; Guimarães, 2020).

10.1.2 *Posthumous Memoirs of Brás Cubas* (Liveright/Norton, 2020, trad. Margaret Jull Costa & Robin Patterson)

Publicada no mesmo ano que a versão da Penguin, a tradução de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* pela Liveright (Assis, 2020a), realizada pela renomada dupla Margaret Jull Costa e Robin Patterson, oferece uma abordagem distinta. O foco principal desta edição recai sobre a fluidez do texto traduzido, acompanhado por paratextos mais concisos, como uma introdução informativa e notas de rodapé menos intrusivas em comparação com o volume da Penguin (Guimarães, 2020). A introdução desta edição, escrita pelos tradutores (embora não assinada), aborda temas como a originalidade da obra, seus modelos literários, o contexto histórico e social do Brasil oitocentista (incluindo referências à escravidão) e a visão de mundo cética e irônica de Machado (Costa & Patterson, 2020).

A recepção crítica desta tradução elogiou consistentemente sua fluidez e a habilidade com que captura a voz cáustica e digressiva do narrador Brás Cubas. Parul Sehgal (2020), comparando as duas traduções de 2020, considerou a linguagem da versão de Jull Costa e Patterson “superior”, descrevendo-a como “apurada e específica, sem esforço, mas carregada de sentimento”, e a experiência de leitura como “despojada”. Andrew Katzenstein (2020) também a considerou “mais fluida”.

Esta tradução insere-se no projeto mais amplo da Liveright de tornar a obra de Machado de Assis mais acessível a um vasto público de língua inglesa. A escolha de Costa e Patterson, tradutores com um portfólio extenso e aclamado, que já haviam vertido com sucesso *The Collected Stories* para o mesmo selo (Assis, 2018d), sinaliza um investimento na criação de um cânone machadiano consistente e de alta qualidade literária em inglês. A (re)legitimação, neste caso, passa pela oferta de uma leitura prazerosa e literariamente sofisticada, capaz de atrair leitores para além do ambiente estritamente acadêmico.

10.1.3 *Dom Casmurro* (Liveright/Norton, 2023, trad. Margaret Jull Costa & Robin Patterson)

Dando continuidade ao seu projeto machadiano, a Liveright publicou em 2023 a tradução de *Dom Casmurro* por Margaret Jull Costa e Robin Patterson. Esta versão mantém o estilo característico da dupla, com ênfase na clareza da prosa e na fidelidade à complexa voz do narrador, Bentinho Santiago (Moser, 2023). A introdução que acompanha o volume explora temas centrais da obra, como a não confiabilidade do narrador, o contexto histórico do Rio de Janeiro em transformação, a crítica social sutilmente tecida por Machado e, crucialmente, a ambiguidade insolúvel que permeia a trama, especialmente no que diz respeito à suposta traição de Capitu (Costa & Patterson, 2023).

A recepção crítica desta nova tradução de *Dom Casmurro* tem sido favorável. Benjamin Moser (2023), em resenha para o *The New York Times*, elogiou a tradução por sua habilidade em capturar a “ambiguidade” e a natureza “escorregadia” do original, um feito que, segundo ele, traduções anteriores nem sempre alcançaram, por vezes “empurrando o leitor com muita firmeza para esse ‘algo mais’” que a prosa machadiana apenas sugere.

A contribuição desta tradução para a (re)legitimação de Machado é significativa, pois reforça sua imagem como um mestre da análise psicológica e da narrativa ambígua, comparável aos grandes nomes da literatura mundial. Ao mesmo tempo, solidifica o projeto da Liveright de oferecer ao público anglófono um cânone machadiano coeso e traduzido com um padrão consistente de excelência, facilitando o acesso a uma das obras mais debatidas e enigmáticas do autor.

10.1.4 *Quincas Borba* (Liveright/Norton, 2024, trad. Margaret Jull Costa & Robin Patterson)

A mais recente adição ao catálogo machadiano da Liveright, publicada em 2024, é a tradução de *Quincas Borba* (Assis, 2024), novamente a cargo de Margaret Jull Costa e Robin Patterson. Esta tradução segue a linha das anteriores da dupla para o selo, buscando uma linguagem acessível que preserve o humor característico e a incisiva crítica social presentes na obra. A introdução contextualiza o romance tanto historicamente, abordando o período do Império brasileiro, o abolicionismo incipiente e a Guerra do Paraguai, quanto tematicamente, explorando a filosofia do Humanitismo e a sátira à sociedade da época (Costa & Patterson, 2024).

As resenhas iniciais desta tradução têm sido positivas. Alida Becker (2024), no *The New York Times*, destaca a comédia e a crítica social do romance, elogiando a “nova tradução” e a “tradução fresca e bem-vinda” que realça a genialidade de Machado. A *Southwest Review* (Perelmuter, 2024) elogia a legibilidade da tradução e sua capacidade de preservar a “eletricidade do modernismo jocoso inicial de Machado”, embora aponte uma “decisão questionável” na contextualização histórica da Guerra do Paraguai presente na introdução dos tradutores.

Com a tradução de *Quincas Borba*, a Liveright completa a transposição da chamada “trilogia realista” de Machado pela mesma dupla de tradutores. Este feito oferece aos leitores de língua inglesa um acesso consistente e de alta qualidade a estas obras centrais, reforçando a imagem de Machado não apenas como um inovador formal, mas também como um arguto observador e crítico de seu tempo.

Observa-se, portanto, que a escolha dos tradutores por parte das editoras é, em si, um ato estratégico. Flora Thomson-DeVeaux, uma acadêmica que dedicou sua pesquisa de doutoramento a *Brás Cubas*, alinha-se perfeitamente com a abordagem erudita e detalhista da

Penguin Classics. Por outro lado, a contratação de Margaret Jull Costa e Robin Patterson pela Liveright, uma dupla de tradutores de vasto renome e produção (Guimarães, 2020), confere um selo de prestígio e consistência ao projeto de construção de um catálogo machadiano mais amplo. As editoras como a Penguin Classics possuem uma marca intrinsecamente associada à erudição e à oferta de edições definitivas. A escolha de uma tradutora-acadêmica para *Brás Cubas*, com um foco explícito em notas e contextualização, reforça essa identidade editorial. A Liveright, ao comissionar Costa e Patterson para um conjunto de obras, parece buscar a criação de um padrão para as traduções de Machado em inglês, visando tanto a excelência literária quanto uma maior completude, o que pode atrair um público interessado em explorar a obra do autor de forma mais sistemática e contínua.

As diferentes abordagens tradutórias e paratextuais adotadas não devem ser vistas meramente como preferências estilísticas, mas como reflexos de “teorias” implícitas sobre a maneira mais eficaz de apresentar um autor canônico de uma literatura considerada periférica a um público central. A Penguin, com sua edição de *Brás Cubas*, parece apostar numa forma de “estrangeirização”, buscando educar o leitor através de um aparato crítico que evidencia a distância cultural e histórica. As notas extensas e a discussão aprofundada sobre o contexto da escravidão exigem um engajamento mais ativo e reflexivo por parte do leitor com a alteridade do Brasil oitocentista. Em contraste, a Liveright, com paratextos mais enxutos e uma ênfase na fluidez da leitura, pode estar buscando uma forma de “domesticação” mais suave, confiando na força intrínseca da narrativa machadiana para cativar os leitores contemporâneos sem a necessidade de um volume tão grande de explicações imediatas. Ambas as abordagens levantam questões pertinentes sobre qual estratégia se mostra mais eficaz para a (re)legitimação e a formação de um público leitor duradouro para Machado de Assis a longo prazo.

A existência dessas múltiplas e distintas abordagens tradutórias e editoriais, contudo, acaba por enriquecer o campo dos estudos machadianos em língua inglesa. Elas oferecem diferentes pontos de entrada e variadas lentes interpretativas para a obra do autor, fomentando um debate mais rico sobre os desafios e as possibilidades de sua tradução e recepção internacional.

10.2 PLANOS EDITORIAIS PARALELOS: PENGUIN CLASSICS VS. NORTON/LIVERIGHT

A intensificação da presença de Machado de Assis no mercado editorial anglófono no século XXI é marcada, de forma proeminente, pelas iniciativas de duas grandes chancelas: Penguin Classics e Norton/Liveright. Cada uma, à sua maneira, empreende estratégias editoriais que não apenas disponibilizam os textos machadianos em novas traduções, mas também participam ativamente do processo de sua canonização e (re)legitimação junto a um novo público.

10.2.1 Penguin Classics: A Chancela da Erudição e a Edição Anotada como Modelo

A publicação de *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* por Flora Thomson-DeVeaux em 2020, sob o selo Penguin Classics, é um estudo de caso exemplar da estratégia desta editora. A Penguin Classics detém um capital simbólico considerável, sendo historicamente associada à publicação de edições definitivas e academicamente embasadas de obras consideradas canônicas na literatura mundial². A inclusão de Machado de Assis neste catálogo, especialmente através de uma edição tão ricamente anotada, funciona como um ato de consagração, sinalizando sua elevação a este panteão literário.

O foco da edição de Thomson-DeVeaux reside precisamente em fornecer um aparato crítico consistente. Conforme detalhado anteriormente, a edição conta com uma introdução extensa e analítica, notas de fim que elucidam minuciosamente as inúmeras referências

² Disponível em: [Our Story | Penguin Random House](#). Acessado em: 22/02/2025.

culturais, históricas, literárias e linguísticas do romance, e a inclusão de material textual comparativo, como excertos de versões anteriores da obra, que permitem ao leitor acompanhar o processo criativo de Machado (Seixas Guimarães, 2020). A própria tradutora, em entrevista, discute a importância de preservar a característica obliquidade da prosa machadiana, ao mesmo tempo em que reconhece a necessidade de contextualização para evitar que essa obliquidade se torne opacidade para o leitor não brasileiro, justificando assim o extenso aparato de notas (Thomson-DeVeaux, 2021). A recepção crítica, de fato, corroborou essa vocação acadêmica da edição, descrevendo-a como um “presente para os acadêmicos” (Sehgal, 2020) e elogiando a precisão e a utilidade das notas fornecidas (Katzenstein, 2020).

A estratégia editorial da Penguin Classics, portanto, parece centrar-se na publicação de obras individuais com um investimento significativo em pesquisa e paratextos, com o objetivo de criar edições de referência. Menos do que visar a completude do catálogo de um determinado autor, a Penguin busca produzir edições exemplares de suas obras-primas mais significativas, solidificando seu status canônico. Elda Rotor, Vice-Presidente e Editora da Penguin Classics, mencionou em entrevista o compromisso do selo em construir mais diversidade em sua série, incluindo autores como Machado de Assis, que são “celebrados ao redor do mundo e prontos para redescoberta” (Rotor, 2019). Esta declaração indica uma intenção clara de expandir o cânone tradicionalmente eurocêntrico da Penguin Classics para incluir mais vozes globais. A editora, conforme seu material promocional, confia que a série oferece “textos autorizados enriquecidos por introduções e notas de acadêmicos distintos e autores contemporâneos, bem como traduções atualizadas por tradutores premiados”³, um padrão que a edição de *Brás Cubas* por Thomson-DeVeaux claramente busca cumprir.

10.2.2 Norton/Liveright: A Construção de um “Catálogo Completo” e a Consistência da Dupla de Tradutores

Em paralelo, a Norton/Liveright desenvolve um projeto igualmente ambicioso, mas com uma estratégia distinta: a construção de um catálogo mais abrangente da obra de Machado de Assis, caracterizado pela consistência de uma mesma dupla de tradutores, Margaret Jull Costa e Robin Patterson. Este projeto teve início com a publicação de *The Collected Stories of Machado de Assis* em 2018 (Assis, 2018), um volume que reuniu pela primeira vez em inglês todos os contos publicados em livro por Machado durante sua vida. A obra foi recebida como um “marco” e sua tradução, “heroica”, estabelecendo um alto padrão de qualidade e sinalizando a seriedade do compromisso da editora com o autor brasileiro.

A este volume seguiram-se as traduções dos romances *Posthumous Memoirs of Brás Cubas* (2020), *Dom Casmurro* (2023), e *Quincas Borba* (2024), consolidando a tradução da “trilogia realista”. A Liveright, um selo com uma história rica na publicação de obras literárias de peso e que foi relançado pela W. W. Norton, demonstra, através do investimento em Machado por tradutores de tanto renome como Costa e Patterson, um compromisso de longo prazo com a divulgação de sua obra. Robert Weil, editor-chefe da Liveright, expressou em entrevista o desejo de “publicar grandes livros” que “possam realmente fazer a diferença” (2016), uma filosofia que pode contextualizar a proeminência dada a Machado em seu catálogo.

No que tange ao estilo dos paratextos, as edições da Liveright apresentam introduções informativas e cuidadas, mas geralmente são mais concisas e acompanhadas por notas mais sucintas (frequentemente de rodapé e focadas em esclarecimentos pontuais) em comparação com o modelo da Penguin (Costa & Patterson, 2020, 2023, 2024; Seixas Guimarães, 2020). O foco parece estar mais na fluidez da leitura do texto principal, permitindo que a obra fale mais

³ Disponível em: [The Posthumous Memoirs of Brás Cubas by Joaquim Maria Machado de Assis: 9780143135036 | PenguinRandomHouse.com: Books](https://www.penguinrandomhouse.com/books/9780143135036/posthumous-memoirs-of-bras-cubas-by-joaquim-maria-machado-de-assis/). Acessado em: 22/02/2025.

por si mesma. A consistência da dupla de tradutores para múltiplas obras é um diferencial importante, pois cria uma “voz” machadiana reconhecível e um padrão de estilo para os leitores de língua inglesa que se aventuram por este catálogo. A recepção crítica tem elogiado consistentemente a “eloquência” e o “brilho” das traduções de Costa e Patterson (Becker, 2024; Hanson, 2024; Katzenstein, 2020; Moser, 2023; Niroula, 2020; Perelmuter, 2024; Sehgal, 2020).

A estratégia editorial da Norton/Liveright, portanto, parece ser a de construir um catálogo representativo das obras mais importantes de Machado, tornando-o mais plenamente acessível ao leitor de língua inglesa. A aposta recai sobre a reputação dos tradutores e na qualidade literária das traduções como principal atrativo. A publicação inicial de *The Collected Stories* (2018) pode ter funcionado como uma estratégia para testar o mercado e gerar interesse antes do lançamento individual dos romances, que são, talvez, mais desafiadores para um público não familiarizado com o autor.

As duas estratégias editoriais aqui delineadas, a da Penguin Classics e a da Norton/Liveright, embora distintas em seus métodos e focos imediatos, não são mutuamente excludentes em seus efeitos sobre a (re)legitimação de Machado de Assis. Pelo contrário, podem ser vistas como complementares. A abordagem acadêmica e anotada da Penguin solidifica o status canônico de Machado e fornece material rico para estudo e pesquisa, essencial para sua permanência em currículos universitários e para a formação de leitores críticos. Por sua vez, a abordagem de catálogo mais abrangente e com traduções fluidas da Norton/Liveright amplia a disponibilidade da obra machadiana e seu alcance potencial junto a um público leitor mais geral, que busca uma experiência literária de alta qualidade sem necessariamente o peso de um extenso aparato crítico. Um leitor pode ser introduzido a Machado através de uma edição mais “acessível” da Liveright e, posteriormente, motivado a buscar a profundidade analítica da edição da Penguin para um estudo mais aprofundado, ou vice-versa. Ambas as editoras, com suas respectivas reputações e alcance, contribuem significativamente para a percepção de Machado como um autor “importante” e digno de atenção no cenário literário global.

Ademais, a decisão da Norton/Liveright de comissionar uma mesma dupla de tradutores para um conjunto significativo de obras representa uma estratégia de “marca” eficaz, tanto para a obra de Machado quanto para os próprios tradutores. Isso cria uma associação forte entre o autor e seus intérpretes para o público anglófono, gerando uma expectativa de qualidade e estilo consistentes ao longo da série de publicações. Assim como leitores no passado podem ter procurado por “traduções de Gregory Rabassa” ou “traduções de Helen Caldwell” para acessar a literatura latino-americana, a Liveright está, efetivamente, construindo a marca “Machado por Costa & Patterson”. Esta estratégia pode cultivar um público fiel que acompanha a série de traduções, incentivando a leitura de múltiplas obras do autor.

A existência desses dois grandes projetos editoriais, ocorrendo de forma quase simultânea e com tanto vigor, indica que o mercado anglófono contemporâneo está consideravelmente mais receptivo e maduro para a obra de Machado de Assis do que em décadas anteriores. Iniciativas passadas de tradução, como as da Noonday Press nos anos 1950 (Guimarães, 2023), embora pioneiras e cruciais em seu tempo, eram frequentemente mais esporádicas e dependentes de esforços individuais ou de editoras de menor porte. O cenário atual, com o envolvimento de gigantes editoriais como Penguin e Norton, sugere um novo patamar de reconhecimento e investimento na obra machadiana.

10.3 A CENTRALIDADE DOS PARATEXTOS E NOTAS CULTURAIS NA MEDIAÇÃO DE MACHADO

Nas recentes edições de romances de Machado de Assis pela Penguin Classics e Norton/Liveright, os paratextos são componentes integrais da estratégia editorial, moldando ativamente a forma como o leitor anglófono contemporâneo se aproxima e interpreta a obra do escritor brasileiro.

10.3.1 Análise Comparativa dos Paratextos nas Edições da Penguin e da Norton/Liveright

Uma análise comparativa dos paratextos presentes nas edições de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de 2020, bem como nos outros romances lançados pela Liveright, revela abordagens distintas, mas com alguns pontos de convergência no enquadramento de Machado.

A introdução de Flora Thomson-DeVeaux (2020) para a edição de *Brás Cubas* da Penguin Classics é extensa, de natureza acadêmica, e visa explicitamente corrigir interpretações anteriores sobre Machado, particularmente no que tange à sua abordagem da raça e da escravidão. Além disso, busca contextualizar historicamente o romance de forma detalhada e justificar a necessidade de uma nova tradução anotada que dê conta de suas complexidades (Thomson-DeVeaux, 2020b). Thomson-DeVeaux discute a “estranheza” do romance, seus modelos literários (como Sterne) e como a forma narrativa reflete a sociedade brasileira da época (2020, p. 19).

As introduções de Margaret Jull Costa e Robin Patterson (2020, 2023, 2024) para os romances da Norton/Liveright (*Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Quincas Borba*) são igualmente informativas, cobrindo aspectos da vida do autor, o contexto de cada obra, seus temas principais e o estilo narrativo característico de Machado. No entanto, tendem a ser mais concisas e voltadas para um leitor geral, buscando oferecer um panorama acessível sem a mesma densidade acadêmica da Penguin (Costa & Patterson, 2020, 2023, 2024). A introdução de *Brás Cubas*, por exemplo, aborda a recepção inicial da obra, seus modelos literários, as referências clássicas, o contexto histórico e social (incluindo a escravidão) e a visão niilista de Machado (Costa & Patterson, 2020). A introdução de *Dom Casmurro* foca na figura do narrador não confiável e na ambiguidade inerente à trama (Costa & Patterson, 2023). Já a de *Quincas Borba* situa o romance historicamente e explora a filosofia do Humanitismo (Costa & Patterson, 2024).

A edição de *Brás Cubas* (2020) da Penguin Classics destaca-se por incluir um prefácio do renomado escritor contemporâneo Dave Eggers. Eggers (2020), em seu texto, ressalta o humor, a ludicidade, a atemporalidade e a originalidade formal do romance, além de elogiar a tradução de Thomson-DeVeaux por sua capacidade de capturar o tom único de Machado. Ele também aproveita para lamentar o tradicionalismo na literatura contemporânea, celebrando a experimentação machadiana. Esta escolha de prefaciador sugere uma tentativa de conectar Machado a um público leitor moderno e amplo. As edições da Norton/Liveright, por sua vez, não parecem adotar a estratégia de incluir prefácios de terceiros proeminentes em todas as edições dos romances, confiando mais na reputação consolidada dos tradutores e da própria editora. Contudo, a aclamação recebida por *The Collected Stories* (2018) certamente ajudou a pavimentar o caminho para os romances subsequentes.

Flora Thomson-DeVeaux, na edição da Penguin, oferece seções paratextuais detalhadas intituladas “A Note on the Translation” e “A Note on the Endnotes”. Nestas seções, ela explana suas escolhas tradutórias, descreve seu meticuloso processo de pesquisa (que incluiu o uso de dicionários do século XIX e a comparação com traduções anteriores) e justifica a necessidade das extensas notas finais que acompanham sua tradução (Thomson-DeVeaux, 2020b). Margaret Jull Costa e Robin Patterson, nas edições da Liveright, geralmente não incluem notas dos

tradutores como seções separadas e extensas nos romances, integrando comentários relevantes nas introduções gerais ou em notas de rodapé pontuais, quando estritamente necessário para a compreensão do texto.

Este é, talvez, o ponto de maior divergência entre as duas abordagens editoriais. A edição de *Brás Cubas* da Penguin Classics, por Thomson-DeVeaux, tem como um de seus maiores trunfos o vasto conjunto de notas finais. Estas são numerosas, detalhadas e abrangentes, cobrindo desde alusões literárias e filosóficas até o contexto histórico e social do Brasil oitocentista, termos específicos da língua portuguesa da época, e até mesmo as revisões feitas por Machado entre a publicação seriada e a edição em livro do romance (Assis, 2020). Thomson-DeVeaux afirma que as notas visam restaurar a “graça e profundidade malévolas” do livro, explicando “referências piscantes, piadas semi-enterradas nas areias do tempo”⁴ (Thomson-DeVeaux, 2020a, p. 197).

As edições da Norton/Liveright, traduzidas por Costa e Patterson, utilizam notas de rodapé de forma mais esparsa e direta. O objetivo parece ser o de fornecer esclarecimentos pontuais, estritamente necessários para a compreensão imediata do texto, sem interromper excessivamente o fluxo da leitura. A crítica Parul Sehgal (2020), por exemplo, observa que estas edições oferecem “pouco contexto histórico” e “notas esparsas” em comparação com a da Penguin.

10.3.2 O Enquadramento de Machado para o Leitor Anglófono Contemporâneo

Apesar das diferenças em suas abordagens paratextuais, tanto a Penguin Classics quanto a Norton/Liveright convergem em certos aspectos ao enquadrar Machado de Assis para o leitor anglófono do século XXI.

Ambos os conjuntos de paratextos enfatizam consistentemente a surpreendente modernidade de Machado, sua ousada experimentação formal e sua antecipação de técnicas narrativas que seriam associadas ao modernismo e ao pós-modernismo. *Brás Cubas*, em particular, é frequentemente comparado a obras de Laurence Sterne, Miguel de Cervantes, James Joyce, Vladimir Nabokov, Jorge Luis Borges e Italo Calvino, situando Machado em um diálogo com grandes inovadores da forma romanesca (Costa & Patterson, 2020, 2023, 2024; Eggers, 2020a; Thomson-DeVeaux, 2020b).

A ironia sutil, o humor por vezes negro e a visão cética em relação à sociedade e à natureza humana são consistentemente destacados como marcas registradas da escrita machadiana (Costa & Patterson, 2020, 2023, 2024; Eggers, 2020a; Thomson-DeVeaux, 2020b). Este aspecto é crucial para atrair o leitor contemporâneo, que pode encontrar na voz de Machado um eco de suas próprias desilusões e um antídoto para a solenidade.

Há um esforço perceptível em equilibrar a especificidade do contexto brasileiro do século XIX – com suas particularidades sociais, políticas (como a escravidão e o sistema imperial) e costumes – com os temas universais que a obra de Machado aborda, como o amor, a morte, o fracasso, a memória, a loucura e a hipocrisia. As notas culturais, especialmente na edição da Penguin, são cruciais para iluminar o primeiro aspecto (Thomson-DeVeaux, 2020a), enquanto as introduções e prefácios tendem a ressaltar a dimensão universal e atemporal de suas reflexões.

Um dos aspectos mais significativos do enquadramento contemporâneo de Machado é a atenção crescente dada à questão racial e ao contexto da escravidão em sua obra. A introdução e as notas de Flora Thomson-DeVeaux (Thomson-DeVeaux, 2020b, 2020a) para a Penguin

⁴ No original: “The notes, then, are a testament to the book’s malevolent grace and depth, and an attempt to restore it in its fullness. The book is dotted with winking references, jokes half-buried in the sands of time” (Thomson-DeVeaux, 2020a, p. 197).

trazem para o primeiro plano a presença difusa, porém constante, da escravidão no universo de *Brás Cubas*, bem como a própria ascendência multirracial de Machado, corrigindo a percepção de longa data de que o autor teria sido reticente ou omissivo em relação a esses temas. A introdução de Margaret Jull Costa e Robin Patterson (2020) para a edição de *Brás Cubas* da Liveright também aborda a questão da escravidão. Este enfoque é ecoado por críticos como Parul Sehgal (2020) e Andrew Katzenstein (2020), que apontam a importância dessa contextualização para os leitores modernos. Artigos acadêmicos recentes, como o de Santos e Daniel (2022), discutem como as releituras do século XXI, informadas por novas traduções e perspectivas críticas, têm enfatizado mais a experiência racial de Machado e sua relevância para os estudos da diáspora africana.

Os paratextos, portanto, não funcionam como meros complementos informativos, mas sim como “dispositivos de tradução” em si mesmos, que ativamente constroem uma imagem de Machado de Assis e guiam a leitura do público anglófono. A teoria de Gérard Genette (2009) sobre os paratextos como “limiães” ou “umbral” da interpretação é particularmente pertinente aqui. No caso de Machado, um autor proveniente de um contexto cultural e temporal que pode parecer distante para muitos leitores de língua inglesa, esses “limiães” são especialmente poderosos na formatação da experiência de leitura. A decisão da Penguin Classics de incluir um aparato de notas tão extenso representa uma aposta na necessidade de uma mediação explícita e detalhada para que a obra seja plenamente apreciada em suas múltiplas camadas. Em contrapartida, a abordagem da Liveright, com paratextos mais enxutos, parece confiar mais na capacidade da própria tradução em comunicar o essencial da obra, complementada por notas pontuais para esclarecimentos indispensáveis. Ambas as abordagens, contudo, representam formas de “reescrever” Machado para um novo público e um novo tempo, um conceito explorado por teóricos da tradução como André Lefevere (1992).

A ênfase crescente na questão racial e na escravidão, observável nos paratextos das edições mais recentes (especialmente na da Penguin), reflete não apenas uma maior sensibilidade acadêmica e social a esses temas no século XXI, mas também pode ser interpretada como uma estratégia para tornar Machado de Assis mais “relevante” e conectado a debates contemporâneos prementes no mundo anglófono, particularmente nos Estados Unidos (Thomson-DeVeaux, 2021). A “redescoberta” de Machado coincide com um período de maior interesse por literaturas não europeias e por autores de origens diversas e marginalizadas. Ao destacar a ascendência africana de Machado e sua crítica (ainda que sutil e irônica) à instituição da escravidão e às suas consequências (Santos & Daniel, 2022), as novas edições o inserem em narrativas canônicas mais inclusivas e podem atrair leitores interessados nessas discussões. Este movimento vai além da mera busca por precisão histórica, tornando-se um ato de posicionamento cultural e de ressignificação do legado do autor.

Conclui-se que a forma como os paratextos “traduzem” o contexto cultural, histórico e literário de Machado de Assis pode ser tão crucial quanto a tradução linguística propriamente dita para sua aceitação, compreensão e, em última instância, sua (re)legitimação no cânone anglófono. A ausência de notas culturais mais completas em traduções anteriores pode ter contribuído, em parte, para a percepção de Machado como um autor “difícil”, excessivamente “europeizado” ou descolado de suas raízes brasileiras, obscurecendo a profundidade de seu engajamento com as realidades de seu tempo e lugar. As novas edições, com seus paratextos mais elaborados e informados por novas perspectivas críticas, buscam preencher essa lacuna e oferecer uma visão mais completa do escritor brasileiro.

10.4 RECEPÇÃO CRÍTICA INTERNACIONAL DAS NOVAS TRADUÇÕES (2020-2024)

A recepção crítica das novas traduções dos romances de Machado de Assis, publicadas entre 2020 e 2024 pela Penguin Classics e Norton/Liveright, tem sido um componente vital para a sua (re)introdução e (re)legitimação no mundo anglófono. As resenhas em publicações de grande impacto não apenas avaliam a qualidade das traduções e o mérito das obras, mas também participam ativamente na construção da imagem de Machado para um novo público.

As novas traduções receberam cobertura significativa em veículos de prestígio como *The New York Times*, *The New Yorker*, *The New York Review of Books*, *Kirkus Reviews*, *Publishers Weekly*, *The Guardian*, *Wall Street Journal*, *Los Angeles Review of Books*, entre outros.

Há um consenso quase universal entre os críticos sobre a genialidade literária de Machado de Assis, consistentemente aclamado como um mestre da ironia, do humor sutil e da profundidade psicológica, um escritor de originalidade singular (Eggers, 2020b; Katzenstein, 2020; Sehgal, 2020). Sua escrita é frequentemente descrita como “surpreendentemente moderna”, “vanguardista” e “à frente de seu tempo”, com muitos críticos apontando como ele antecipou técnicas do modernismo e do pós-modernismo (Eggers, 2020b; Moser, 2023; Sehgal, 2020). O estilo digressivo, a metalinguagem, a quebra da quarta parede e a estrutura fragmentada dos romances são frequentemente mencionados como provas de sua inovação formal. Para situar Machado no panteão literário, os críticos frequentemente o comparam a autores já consagrados no cânone ocidental, como Laurence Sterne, Miguel de Cervantes, Franz Kafka, Jorge Luis Borges, Vladimir Nabokov, Italo Calvino, Philip Roth, John Updike e Susan Sontag (Eggers, 2020b; Hanson, 2024; Katzenstein, 2020; Moser, 2023; Perelmuter, 2024; Sehgal, 2020). Essas comparações funcionam como um mecanismo de legitimação, atestando sua estatura universal. O humor mordaz, a ironia sofisticada e o tom tragicômico de suas narrativas são amplamente apreciados e vistos como elementos centrais de seu estilo e de sua visão de mundo (Eggers, 2020b; Moser, 2023). Muitos críticos enfatizam que, apesar de escritas no século XIX, as obras de Machado continuam a ressoar com os leitores contemporâneos, abordando temas e dilemas humanos de relevância perene (Eggers, 2020b; Hanson, 2024; Katzenstein, 2020; Moser, 2023; Perelmuter, 2024; Sehgal, 2020).

A publicação simultânea de duas novas traduções de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em 2020 gerou um interesse particular e diversas resenhas comparativas. A tradução de Flora Thomson-DeVeaux (Penguin Classics) geralmente é elogiada pelo seu amplo aparato crítico e pela profundidade acadêmica que oferece, sendo considerada ideal para estudiosos e leitores que buscam um mergulho analítico na obra. Alguns críticos, no entanto, apontam que a tradução do texto principal pode soar, por vezes, menos fluida ou mais “empoeirada” em comparação com a da Liveright (Sehgal, 2020). Já a tradução de Margaret Jull Costa & Robin Patterson (Liveright) é consistentemente elogiada pela fluidez, elegância estilística e pela notável captura da voz narrativa de Brás Cubas (Katzenstein, 2020; Sehgal, 2020; Seixas Guimarães, 2020). É frequentemente considerada mais acessível para o “leitor comum” que busca uma experiência de leitura literária mais direta (Sehgal, 2020). Apesar das nuances, muitos críticos concluem que ambas as traduções são valiosas e que os leitores “não podem errar com nenhuma das edições” (Sehgal, 2020), ou que são “notavelmente complementares” (Katzenstein, 2020).

Um tema persistente nas resenhas é o paradoxo entre a genialidade de Machado de Assis e sua relativa obscuridade no mundo anglófono. Muitos artigos ainda o introduzem como “o maior escritor brasileiro do qual você nunca ouviu falar” ou lamentam que seu reconhecimento internacional não corresponda ao seu mérito literário (Moser, 2023).

Contudo, há um tom de otimismo generalizado de que estas novas traduções, publicadas por editoras de grande alcance e amparadas por uma recepção crítica entusiástica, possam finalmente solidificar a posição de Machado e ampliar significativamente seu público leitor de

língua inglesa. A *Publishers Weekly*, ao resenhar a tradução de *Brás Cubas* por Thomson-DeVeaux, afirma que “sua obra-prima lê-se como o melhor dos sonhos”⁵, indicando o potencial de encantamento da obra. A tradução de *Dom Casmurro* por Costa e Patterson é descrita como “exuberante” e capaz de capturar as “idiossincrasias hilárias, enlouquecedoras e totalmente convincentes” do personagem (Moser, 2023). Similarmente, a tradução de *Quincas Borba* pela mesma dupla é saudada como “brilhante” e “outro romance surpreendentemente moderno de um progenitor brilhante da ficção do século XX” (Becker, 2024).

A recepção crítica, neste sentido, não está apenas a avaliar a qualidade intrínseca das traduções, mas também a participar ativamente do processo de (re)canonização de Machado de Assis. Ao construir narrativas sobre sua importância, modernidade e relevância universal, os críticos funcionam como agentes de consagração, para usar a terminologia de Pierre Bourdieu e Pascale Casanova. O uso frequente de superlativos (“obra-prima”, “gênio”) e as comparações com autores já firmemente estabelecidos no cânone ocidental servem para elevar o status de Machado aos olhos do público leitor. A própria narrativa recorrente de “redescoberta” de Machado cria um senso de urgência e destaca a importância de sua obra.

A maneira como os críticos comparam as duas traduções de *Brás Cubas* de 2020 é particularmente reveladora. Ela expõe diferentes valores atribuídos à tradução literária: de um lado, a fidelidade acadêmica e a contextualização profunda (representada pela edição da Penguin); de outro, a fluidez estilística e o prazer estético imediato (representados pela edição da Liveright). A valorização das extensas notas de Thomson-DeVeaux sugere uma preferência por uma tradução que “ensina” o leitor e preenche as lacunas culturais, aproximando-se de uma estratégia de “estrangeirização” que respeita a alteridade do texto original. Por outro lado, o elogio à fluidez da tradução de Costa e Patterson indica uma preferência por uma experiência de leitura mais “transparente” ou “domesticada”, nos termos de Lawrence Venuti (2004), em que o texto flui naturalmente na língua de chegada. O fato de ambas as abordagens serem valorizadas pelos críticos indica que não existe uma única maneira “correta” de traduzir Machado, mas sim diferentes necessidades e expectativas por parte de um público leitor diversificado.

Finalmente, é inegável que a cobertura crítica substancial e majoritariamente positiva em veículos de grande prestígio e circulação é um fator crucial para o sucesso comercial e canônico dessas novas edições. Tal cobertura influencia desde as decisões de compra de leitores individuais até a potencial inclusão das obras de Machado em currículos universitários e listas de leitura recomendada, ampliando seu impacto cultural e sua longevidade no mercado anglófono.

10.5 MACHADO NO SÉCULO XXI – UM CÂNONE EM EXPANSÃO E OS DESAFIOS DA PERIFERIA

A análise das novas traduções de romances de Machado de Assis publicadas pela Penguin Classics e Norton/Liveright entre 2020 e 2024 revela um momento de particular dinamismo e investimento na obra do autor brasileiro no mundo anglófono. As estratégias editoriais distintas – a abordagem erudita e anotada da Penguin Classics, exemplificada pela tradução de *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* por Flora Thomson-DeVeaux, e o projeto da Norton/Liveright de construir um catálogo mais abrangente e coeso com as traduções consistentes de Margaret Jull Costa e Robin Patterson – convergem para um objetivo comum: (re)legitimar Machado de Assis e expandir seu público leitor.

⁵ No original: “His masterpiece reads like the best of dreams.” Disponível em: [As Memórias Póstumas de Brás Cubas de Joaquim Maria Machado de Assis: 9780143135036 | PenguinRandomHouse.com: Livros](https://www.penguinrandomhouse.com/books/9780143135036/as-memorias-postumas-de-bras-cubas-de-joaquim-maria-machado-de-assis/). Acessado em: 24/02/2025.

Os paratextos que acompanham estas edições – introduções, prefácios, notas dos tradutores e, crucialmente, as notas culturais e históricas – desempenham um papel central na mediação da obra machadiana, construindo ativamente uma imagem do autor e guiando a interpretação do leitor contemporâneo. A recepção crítica internacional tem sido amplamente positiva, validando não apenas a qualidade das novas traduções, mas também reafirmando a genialidade, a modernidade e a relevância perene de Machado. É inegável que estas iniciativas estão a contribuir para uma (re)legitimação mais vigorosa de Machado no cânone de língua inglesa, potencialmente movendo-o para além de um autor de nicho acadêmico.

Atualmente, o status de Machado de Assis no mundo anglófono é de um autor em ascensão canônica. Embora os avanços recentes sejam significativos, ele ainda não possui o mesmo nível de reconhecimento popular espontâneo de outros gigantes da literatura mundial ou mesmo de alguns autores latino-americanos consagrados pelo “boom” das décadas de 1960 e 1970 (Moser, 2018). As novas traduções e a atenção crítica renovada representam um passo fundamental, mas a consolidação de seu lugar no imaginário literário mais amplo é um processo contínuo. A discussão sobre sua modernidade radical, sua crítica social velada (especialmente em relação às estruturas de poder e ao legado da escravidão no Brasil) e sua profunda e irônica exploração da psicologia humana o tornam particularmente ressonante para as sensibilidades e preocupações do século XXI.

No entanto, a trajetória de Machado também ilustra os desafios persistentes enfrentados por autores de literaturas consideradas periféricas. Mesmo com traduções de alta qualidade e o apoio de editoras de grande prestígio, a superação das barreiras estruturais do mercado editorial anglófono – que, conforme apontado por teóricos como Heilbron e Sapiro (2007), historicamente traduz um volume relativamente pequeno de obras de outras línguas – continua a ser um obstáculo. A própria necessidade de “redescobertas” periódicas de Machado sugere uma certa fragilidade na manutenção da presença de autores de fora do eixo euro-estadunidense central no panorama literário global.

A (re)legitimação de Machado no século XXI pode ser entendida como um caso exemplar de como o “capital simbólico” de um autor, no sentido bourdieusiano, pode ser ativamente construído, negociado e ampliado no mercado global através de novas e estratégicas traduções e da mobilização concertada de agentes editoriais e críticos. Machado já possuía um imenso capital simbólico no Brasil; o esforço atual visa transferir e consolidar esse capital no campo literário anglófono. As editoras de prestígio como Penguin e Norton/Liveright atuam como “bancos” de capital simbólico (Casanova, 2008), endossando Machado e sinalizando sua importância. Os tradutores e prefaciadores renomados, por sua vez, emprestam seu próprio capital e credibilidade ao projeto, reforçando sua legitimidade.

O “caso Machado” no século XXI, com o sucesso e a visibilidade crescentes de suas obras em novas traduções, pode também servir de modelo ou inspiração para a promoção de outros autores clássicos de literaturas não hegemônicas no mercado anglófono. As estratégias empregadas – edições anotadas de alta qualidade, séries de traduções por duplas consistentes e respeitadas, prefácios por nomes conhecidos do público contemporâneo, e um foco em paratextos que conectam a obra a debates atuais – demonstram a importância de um investimento editorial e intelectual concertado. O aumento da visibilidade de Machado pode encorajar editoras a investir em outros autores brasileiros ou latino-americanos que permanecem “esquecidos” ou subtraduzidos, expandindo a diversidade do cânone literário acessível aos leitores de língua inglesa.

Em conclusão, a trajetória de Joaquim Maria Machado de Assis no mundo anglófono, especialmente neste recente período de efervescência tradutória e crítica, ilustra de forma eloquente a complexa interação entre valor literário, mediação cultural eficaz, dinâmicas de

poder no mercado editorial global e as contingências históricas que moldam a forma como um autor é lido, compreendido e canonizado para além de suas fronteiras originais. O trabalho de (re)tradução e (re)apresentação de sua obra não é apenas um ato de recuperação filológica, mas um processo contínuo e dinâmico de (re)descoberta e (re)significação, essencial para garantir que a voz singular de Machado continue a desafiar e encantar leitores por muitas gerações vindouras.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese partiu de um paradoxo fundamental e persistente na fortuna crítica de Joaquim Maria Machado de Assis: o flagrante contraste, por um longo e significativo período, entre sua “glória nacional quase hipertrofiada” e sua “desalentadora obscuridade internacional” (Candido, 1995, p. 19). Este enigma, já diagnosticado de forma pioneira por Antônio Candido (1995), não pode ser compreendido como um mero acaso ou como consequência exclusiva das supostas dificuldades intrínsecas de sua prosa. Pelo contrário, esta investigação sustentou que tal disparidade é um sintoma eloquente das assimetrias estruturais que governam o sistema literário mundial, um espaço hierarquizado que opera seletivamente, privilegiando obras oriundas de centros culturais e linguísticos dominantes e impondo barreiras adicionais àquelas provenientes de suas periferias (Es & Heilbron, 2015; Heilbron, 1999; Heilbron & Sapiro, 2007; Sapiro, 2014).

Diante desse problema, a pesquisa foi orientada pela seguinte hipótese central: a trajetória da ficção de Machado de Assis em língua inglesa, no extenso período de 1950 a 2024, foi sistemática e profundamente moldada por dinâmicas de poder que operam em múltiplos níveis interdependentes. No nível macro, as grandes estruturas do sistema literário global, as conjunturas geopolíticas e a hierarquia das línguas condicionaram as oportunidades e os desafios para a sua circulação. No nível meso, os agentes e as instituições dos campos editoriais e culturais, tanto no Brasil quanto, e principalmente, no mundo anglófono, atuaram como mediadores cruciais, com suas próprias lógicas, interesses e disputas. E no nível micro, as práticas textuais e paratextuais específicas de cada tradução e edição materializaram essas dinâmicas, “marcando” a obra e construindo ativamente a imagem do autor para um novo público.

Nesse sentido, a tese argumentou que a canonização de Machado de Assis no mundo anglófono não pode ser vista como um processo de reconhecimento espontâneo de um valor estético imanente e universalmente perceptível. Em vez disso, ela se revela um fenômeno socialmente construído, contestado e continuamente negociado, produto de uma intrincada engenharia cultural que envolve múltiplos agentes e interesses (Heilbron & Sapiro, 2007). A “competição” entre as duas traduções de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* publicadas em 2020, por exemplo, é uma manifestação contemporânea e eloquente dessa dinâmica agonística que caracteriza o campo.

A análise das “dinâmicas de poder”, portanto, não constituiu apenas um tema transversal, mas a principal chave analítica desta investigação. Adotar essa lente permitiu desnaturalizar os processos de circulação e consagração, movendo o foco da questão “por que Machado não foi reconhecido antes?” para “quais foram as condições de poder que permitiram, dificultaram e, em última instância, moldaram as formas específicas de seu reconhecimento em diferentes momentos?”. Ao fazê-lo, a tese buscou desvelar os complexos mecanismos que governam a vida internacional de uma obra literária oriunda de um contexto periférico, oferecendo um estudo de caso paradigmático das metamorfoses do poder no campo da literatura global.

11.1 SÍNTESE DOS ACHADOS: A CONSTRUÇÃO DA TRAJETÓRIA ANGLÓFONA DE MACHADO DE ASSIS

A validação da hipótese central desta tese repousa sobre a análise integrada dos dados apresentados e discutidos ao longo dos capítulos, desde a cartografia sistemática da produção tradutória até os estudos de caso aprofundados sobre os principais agentes e fenômenos editoriais. A síntese desses achados, organizada segundo os os níveis macro (contextos

geopolíticos, políticas culturais globais, hierarquia linguística), meso (agentes editoriais, instituições acadêmicas e de fomento, estratégias de seleção) e micro (escolhas tradutórias, mediação paratextual, imagem de Machado construída), permite construir uma narrativa coesa que demonstra como as dinâmicas de poder, em suas múltiplas manifestações, efetivamente construíram a trajetória anglófona de Machado de Assis, conforme o referencial teórico adotado (Es & Heilbron, 2015; Heilbron, 2020; Heilbron & Sapiro, 2007).

A tabela 18 procura sintetizar estas interações, consolidando os achados dos estudos de caso e reforçando o argumento central da tese:

Tabela 18. Manifestações das Dinâmicas de Poder na Tradução de Machado de Assis (1950-2024)

Período/Editora Chave (Capítulos da Tese)	Nível Macro (Contexto Geopolítico/Cultu ral, Políticas de Fomento Globais)	Nível Meso (Agentes Editoriais/Instituc ionais, Estratégias de Seleção e Fomento Específicas)	Nível Micro (Estratégias Tradutórias, Mediação Paratextual, Imagem de Machado Construída)	Impacto na Canonização
Noonday Press (1950s) (Cap. 5)	Guerra Fria; crescente interesse dos EUA pela América Latina; início da “diplomacia do livro”.	Noonday Press (Cecil Hemley, Arthur Cohen); tradutores como Helen Caldwell, William Grossman. Estratégia de “descoberta” de autor de “qualidade”. Apoio incipiente do Itamaraty.	Títulos criativos (e.g., <i>Epitaph of a Small Winner</i>); prefácios legitimadores (e.g., Waldo Frank); ênfase na ironia, pessimismo, modernidade.	Canonização inicial; estabelecimento de primeiras chaves de leitura; entrada no mercado dos EUA.
Editores Universitários (UCP, UPK, UTP) (1960s-1980s) (Cap. 6)	Guerra Fria intensificada; programas de fomento (Fundação Rockefeller, LAMP) visando intercâmbio cultural e “soft power”.	UCP, UPK, UTP; tradutores- acadêmicos (e.g., Helen Caldwell, Albert Bagby Jr.). Seleção de obras para estudo acadêmico, diversificação do corpus.	Introduções e notas acadêmicas detalhadas; enquadramento biográfico e crítico; foco na relevância para currículos universitários.	Legitimação acadêmica; consolidação em nichos universitários; expansão do corpus traduzido.

<p>Peter Owen Publishers (1970s-1990s) (Cap. 7)</p>	<p>Mercado britânico; interesse por literatura internacional por editoras independentes.</p>	<p>Peter Owen; tradutor Robert L. Scott-Buccleuch. Estratégia de mediação para o Reino Unido.</p>	<p>Traduções por vezes controversas (e.g., cortes textuais); foco em acessibilidade percebida.</p>	<p>Introdução e manutenção da presença no mercado britânico; debate sobre fidelidade tradutória.</p>
<p>Oxford University Press (LoLA) (1990s-2000s) (Cap. 8)</p>	<p>Pós-Guerra Fria; globalização cultural; valorização de cânones “mundiais”. Apoio de fundações (Mellon, Rockefeller).</p>	<p>OUP; tradutores como Gregory Rabassa, John Gledson. Projeto “Library of Latin America” visando canonização acadêmica.</p>	<p>Edições críticas com introduções e posfácios por especialistas; debate sobre “afã explicativo” e qualidade de algumas traduções.</p>	<p>“Virada institucional”; forte impulso à canonização acadêmica; aumento da visibilidade, mas com tensões críticas.</p>
<p>“Boom” das Antologias de Contos (2000s-2024) (Cap. 9)</p>	<p>Centenário de morte de Machado (2008); fortalecimento de políticas de fomento brasileiras (FBN).</p>	<p>Diversas editoras (independentes, universitárias); múltiplos tradutores. Estratégia de diversificação de formatos e alcance.</p>	<p>Foco na prosa curta; recuperação de contos da primeira fase; edições bilíngues; paratextos variados.</p>	<p>Expansão do cânone acessível; alcance de novos públicos; valorização da diversidade da obra machadiana.</p>
<p>Romances no Século XXI (Penguin, Norton/Liveright) (2018-2024) (Cap. 10)</p>	<p>Mercado globalizado; interesse por diversidade e “redescoberta” de clássicos; debates sobre raça e legado colonial.</p>	<p>Penguin Classics, Norton/Liveright; tradutores como Flora Thomson-DeVeaux, Margaret Jull Costa & Robin Patterson. Investimento em edições de prestígio.</p>	<p>Traduções com forte aparato de notas; paratextos que enfatizam a questão racial e o contexto da escravidão; linguagem contemporânea.</p>	<p>(Re)legitimação para o século XXI; conexão com debates atuais; expansão do alcance para o grande público.</p>

Fonte: Elaborada pelo autor com base nos Capítulos 5-10 da presente tese.

11.1.1 Nível Macro: As Estruturas Globais do Poder e a Posição Periférica

A análise em nível macro revelou como as grandes estruturas do sistema literário mundial e as conjunturas geopolíticas estabeleceram as condições de possibilidade – e os limites – para a circulação da obra machadiana. A posição estruturalmente periférica da língua portuguesa no sistema mundial de tradução, conforme teorizado por Johan Heilbron (1999) e Abram de Swaan (2001), constituiu a barreira inicial mais fundamental. Em uma “galáxia linguística” onde o inglês funciona como língua hipercentral, a passagem de uma literatura de uma língua periférica para o centro do sistema não é um fluxo natural, mas uma exceção que requer um esforço de mediação significativo e, frequentemente, o alinhamento com interesses extraliterários.

Foi nesse ponto que a conjuntura geopolítica da Guerra Fria se mostrou paradoxalmente propícia. O interesse estratégico dos Estados Unidos pela América Latina no pós-guerra, motivado pela necessidade de exercer “soft power” e conter a influência soviética, criou uma janela de oportunidade para a “diplomacia do livro” (Cohn, 2023; Guimarães, 2023). A tese demonstrou, com base nos estudos de caso dos Capítulos 5 e 6, como essa conjuntura favoreceu a introdução de Machado no mercado norte-americano. As primeiras traduções da Noonday Press e, subsequentemente, as publicações por editoras universitárias com o apoio de programas como o Latin American Translation Program (LATP), financiado pela Fundação Rockefeller, podem ser compreendidas nesse contexto mais amplo (Cohn, 2023; Guimarães, 2023). Machado de Assis, o clássico maior de uma nação aliada, tornou-se um “ativo cultural” valioso nesse intercâmbio simbólico, mesmo que sua obra não tivesse um engajamento político explícito.

Essa dinâmica se reconfigurou drasticamente no século XXI. O “boom” tradutório observado a partir de 2010, analisado nos Capítulos 9 e 10, está inserido em um novo contexto macro: o da globalização e dos intensos debates sobre identidade, raça e legado colonial que passaram a ocupar o centro da agenda cultural anglófona (Santos & Daniel, 2022). A “redescoberta” de Machado neste período, especialmente com a ênfase crescente em sua identidade como autor negro, demonstra como sua obra foi novamente ativada e reenquadrada para dialogar com as preocupações prementes do centro. A notável coincidência do lançamento da tradução de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* pela Penguin Classics com o auge dos protestos do movimento Black Lives Matter em 2020, que impulsionou suas vendas, é um sintoma claro desse alinhamento (Thomson-DeVeaux, 2021).

A trajetória de Machado também pode ser lida através da lente da “República Mundial das Letras” de Pascale Casanova (2008). Sua jornada reflete um processo de acumulação de capital simbólico e busca por consagração nos centros que detêm o poder de legitimação (Nova York e Londres). Cada etapa – da publicação pela Noonday à chancela da OUP e, finalmente, à inclusão na Penguin Classics – representa um avanço nesse percurso, um rito de passagem que o eleva de um clássico nacional a um clássico mundial.

A análise em nível macro revela, portanto, uma dimensão crucial da canonização de autores periféricos: sua alta contingência. A visibilidade de Machado no centro anglófono não foi um processo linear de reconhecimento de mérito, mas uma sucessão de “ativações” que ocorreram quando sua obra pôde ser instrumentalizada ou alinhada a interesses e debates prementes nesse mesmo centro, seja a geopolítica da Guerra Fria ou as políticas de identidade do século XXI. Isso, por sua vez, expõe um paradoxo fundamental da universalização. Para ser reconhecido como “universal”, Machado precisou ser sucessivamente “particularizado” segundo as lentes do centro: foi apresentado como um modernista precursor na tradição de Sterne nos anos 1950 (Capítulo 5); como um autor representativo da formação nacional na “Library of Latin America” da OUP nos anos 1990 (Capítulo 8); e, mais recentemente, como um expoente da literatura da diáspora africana (Capítulo 10). A “universalidade”, portanto, não emerge como

uma qualidade intrínseca que é simplesmente descoberta, mas como um status que é ativamente conferido através de um processo de tradução cultural que o torna assimilável e relevante para as categorias e problemáticas do campo de recepção.

11.1.2 Nível Meso: A Agência das Instituições e a Disputa no Campo Editorial

No nível meso, a tese demonstrou como a agência de instituições e mediadores específicos foi fundamental para operacionalizar a circulação e a canonização de Machado de Assis. A análise dos estudos de caso dos Capítulos 5 a 10 permitiu mapear a evolução do campo editorial machadiano em inglês, revelando uma lógica processual clara na acumulação de capital simbólico.

A trajetória pode ser dividida em quatro ondas principais, conforme sintetizado na tabela 19, cada uma impulsionada por diferentes tipos de agentes e conferindo um tipo específico de legitimação.

Tabela 19. As Quatro Ondas de Tradução e Canonização de Machado de Assis no Mundo Anglófono (1950-2024)

Fase/Período	Agentes Editoriais Chave	Tipo de Legitimação Conferida	Principais Obras/Traduções	Contexto/Forças Macro
1. Pioneirismo e Descoberta (1950-1969)	Noonday Press, Peter Owen (posteriormente), University of California Press (UCP)	Prestígio de nicho, cosmopolita; Início da legitimação acadêmica.	<i>Epitaph of a Small Winner, Dom Casmurro, Philosopher or Dog?, The Psychiatrist and Other Stories</i>	Guerra Fria; Diplomacia cultural; “Soft power”; Início dos programas de fomento (LATP).
2. Expansão e Diversificação (1970-1984)	Editoras Universitárias (UCP, UPK, UTP), Peter Owen	Consolidação acadêmica; Expansão do corpus traduzido.	<i>Iaiá Garcia, The Hand and the Glove, The Devil's Church and Other Stories, Helena</i>	Continuidade do interesse acadêmico pela América Latina; Apoio da UNESCO.
3. Canonização Institucional (1990-2009)	Oxford University Press (OUP), Bloomsbury	Chancela de prestígio acadêmico global; Inserção curricular.	Edições da “Library of Latin America” (MPBC, <i>Dom Casmurro, Quincas Borba, Esaú e Jacó</i>)	Pós-Guerra Fria; Consolidação dos Estudos de Área; Apoio de grandes fundações (Mellon, Rockefeller).
4. Consagração no Mercado Global (2010-2024)	Penguin Classics, Norton/Liveright, editoras independentes	Consagração como clássico mundial; Entrada no	Múltiplas retraduições dos romances; “Boom” de	Globalização; Debates identitários (raça, pós-

	(Dalkey, Pushkin, etc.)	mercado de grande circulação.	antologias de contos; <i>The Collected Stories</i> .	colonialismo); Fomento sistemático da Fundação Biblioteca Nacional (FBN).
--	-------------------------	-------------------------------	--	---

Fonte: Elaborada pelo autor com base em Heurist (massis_en. Heurist V6.7.2) e nos Capítulos 5-10 da presente tese.

A primeira fase foi marcada pela aposta pioneira de editoras independentes como a Noonday Press (Capítulo 5) e, no Reino Unido, a Peter Owen (Capítulo 7), que, movidas mais pela busca de prestígio e por uma filosofia de “literatura de qualidade” do que por lucro imediato, assumiram o risco de publicar um autor desconhecido, construindo um capital simbólico inicial. A segunda fase viu a transição para as editoras universitárias (UCP, UPK, UTP), conforme detalhado no Capítulo 6, que consolidaram Machado no meio acadêmico, garantindo sua sobrevivência e estudo, muitas vezes com o apoio de fundações e programas de fomento. A terceira fase foi a da “virada institucional”, protagonizada pela Oxford University Press (Capítulo 8), que, com sua “Library of Latin America”, usou seu imenso capital simbólico para chancelar Machado como um clássico, facilitando sua inserção em currículos universitários, ainda que com controvérsias sobre a qualidade de algumas traduções. Finalmente, a quarta fase, analisada nos Capítulos 9 e 10, corresponde à consagração no mercado global, com o investimento massivo de grandes chancelas como Penguin Classics e Norton/Liveright, que competem pelo “Machado definitivo” e o inserem no mercado de clássicos de grande circulação, um movimento impulsionado também pelo apoio sistemático de órgãos brasileiros como a Fundação Biblioteca Nacional.

Essa sequência revela uma lógica processual clara na canonização de um autor periférico. Cada etapa cria as condições de possibilidade para a seguinte, em uma cadeia de acumulação de capital simbólico. A aposta da editora independente cria o prestígio de nicho; a legitimação acadêmica pelas editoras universitárias consolida esse prestígio e cria um público cativo; e essa reputação sólida minimiza o risco para as grandes casas comerciais, que podem então investir para alcançar um mercado mais amplo¹. É um efeito cascata de legitimação que se desenrola ao longo de décadas.

Além disso, a análise em nível meso evidencia uma tensão constante entre a agência individual e as estruturas de poder. A paixão e a dedicação de uma tradutora como Helen Caldwell ou a visão de um editor como Cecil Hemley foram cruciais para iniciar o processo. No entanto, a eficácia de sua agência dependeu da capacidade de se alinharem a estruturas e conjunturas favoráveis, como o apoio de programas de fomento da Guerra Fria. Da mesma forma, o recente “boom” de antologias de contos foi impulsionado pelo trabalho de muitos tradutores, mas foi catalisado e viabilizado, em parte, pelo apoio financeiro da Fundação Biblioteca Nacional. Isso demonstra que a canonização não é fruto apenas de indivíduos

¹ Um exemplo marcante dessa dinâmica foi o sucesso comercial da tradução ao de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* por Flora Thomson-DeVeaux, publicada pela Penguin Classics em 2020. Após anos de consagração acadêmica e presença consolidada em círculos universitários, a obra alcançou um público massivo em 2024, tornando-se o livro mais vendido na categoria de literatura latino-americana na Amazon dos EUA, impulsionada por uma viralização no TikTok. Esse caso ilustra como o prestígio acumulado pode preparar o terreno para o êxito comercial de larga escala. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/283232-memorias-postumas-bras-cubas-lidera-vendas-amazon-hit-tiktok.htm>. Acessado em: 21/02/2025.

visionários, mas da interação dialética entre a agência individual e as oportunidades criadas ou limitadas pelas estruturas institucionais, econômicas e geopolíticas.

11.1.3 Nível Micro: As Marcas do Poder no Texto e na Imagem Autoral

No nível micro, a tese demonstrou como as dinâmicas de poder se materializam nas escolhas textuais e paratextuais que acompanham cada tradução. Os paratextos, em particular, funcionam como um sismógrafo, registrando as mudanças nas relações de poder e nos interesses do campo receptor. A imagem de Machado foi sendo reconstruída em cada nova onda de publicações para refletir o que o centro hegemônico valorizava em cada momento histórico.

Nos anos 1950, as primeiras traduções da Noonday Press utilizaram títulos criativos como *Epitaph of a Small Winner* e *Philosopher or Dog?* como estratégias de “marcação” para tornar um autor desconhecido mais intrigante. Os prefácios, como o de Waldo Frank, buscavam legitimar Machado através de comparações com o cânone europeu (Flaubert, James), enfatizando sua “universalidade” em um esforço para torná-lo assimilável por um campo literário ainda fortemente eurocêntrico.

Nos anos 1990, a “Library of Latin America” da Oxford University Press reenquadrou Machado primariamente como um autor “latino-americano”, refletindo a ascensão e a consolidação dos Estudos de Área na academia norte-americana. O aparato crítico dessas edições visava fornecer as ferramentas para o estudo de Machado dentro desse paradigma curricular específico.

Já nos anos 2020, as edições da Penguin e da Liveright trouxeram para o primeiro plano a identidade racial de Machado e o legado da escravidão em sua obra, conectando-o diretamente com os debates identitários prementes no mundo anglófono. O prefácio de Dave Eggers (2020a) e a introdução de Flora Thomson-DeVeaux (2020b) para a edição da Penguin são exemplos claros dessa ressignificação, que torna Machado relevante para uma nova geração de leitores com novas preocupações políticas e sociais. O paratexto, portanto, não é um reflexo estático da obra, mas um espelho dinâmico das ideologias e dos interesses do campo de chegada (Bourdieu, 2002).

As próprias estratégias de tradução refletem essas dinâmicas. A tese contrastou a abordagem domesticadora e os controversos cortes textuais de Robert L. Scott-Bucleuch em *Dom Casmurro*, que visavam uma suposta maior “acessibilidade” para o leitor britânico (Capítulo 7), com a busca pela fidelidade acadêmica e contextual de John Gledson na edição da OUP (Capítulo 8). Mais recentemente, a competição entre a abordagem erudita e anotada de Flora Thomson-DeVeaux (Penguin) e as traduções fluidas e consistentes de Margaret Jull Costa e Robin Patterson (Liveright) demonstra a existência de diferentes filosofias sobre como mediar a alteridade cultural de Machado para o leitor contemporâneo (Capítulo 10).

Finalmente, a análise micro revelou que as controvérsias em torno de certas traduções, como as críticas às versões de Scott-Bucleuch e Rabassa, não foram meros percalços no processo de canonização. Pelo contrário, funcionaram como um motor dialético. A insatisfação de especialistas com essas traduções gerou um debate crítico, aprofundou o engajamento com a obra e criou uma demanda por novas versões, mais fiéis ou mais bem-acabadas. Esse ciclo de crítica e retradução, longe de enfraquecer o status de Machado, acabou por solidificá-lo, mantendo-o em constante discussão e relevância, e impulsionando os projetos editoriais mais recentes e ambiciosos.

11.2 IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

Ao articular as dinâmicas de poder nos níveis macro, meso e micro, esta tese oferece um conjunto de contribuições originais e significativas para os Estudos da Tradução, a Sociologia da Literatura e os Estudos Machadianos, avançando a compreensão não apenas da trajetória

particular deste autor, mas também dos processos mais amplos que regem o intercâmbio literário global.

Para os Estudos da Tradução, a principal contribuição reside na demonstração empírica e sistemática da tradução como prática social e campo de disputa. A tese vai além da afirmação teórica ao mostrar, através da análise de mais de sete décadas de publicações, como as relações de poder, os interesses institucionais e os contextos socioculturais influenciam concretamente as escolhas tradutórias e editoriais. A análise minuciosa dos paratextos como veículos de poder e a aplicação do modelo multinível oferecem um arcabouço robusto para o estudo da circulação de autores de literaturas não hegemônicas, mostrando como o poder se inscreve desde a geopolítica até a escolha de um título ou de uma nota de rodapé. Adicionalmente, o mapeamento inédito e a construção da base de dados sobre a produção anglófona de Machado constituem um recurso documental fundamental para futuras pesquisas no campo.

Para a Sociologia da Literatura, o estudo de caso de Machado de Assis permitiu aplicar e refinar conceitos teóricos consagrados. A tese operacionaliza noções como campo literário, capital simbólico e *habitus* (Bourdieu), e República Mundial das Letras (Casanova), para desnaturalizar o processo de canonização. A trajetória de Machado demonstra, de forma exemplar, que a consagração internacional é um fenômeno socialmente construído, permeado por contingências históricas e disputas por legitimidade. A análise da competição contemporânea entre a Penguin e a Liveright, por exemplo, ilustra vividamente a dinâmica de um campo em que diferentes agentes lutam para impor sua visão e capitalizar sobre um autor cujo valor simbólico foi consolidado. A tese ilumina, assim, os mecanismos concretos pelos quais uma obra atravessa fronteiras e as transformações que sofre nesse percurso, evidenciando a natureza socialmente construída do valor literário em escala global.

Para os Estudos Machadianos, a pesquisa oferece uma reinterpretação da recepção internacional do autor, deslocando o foco de análises puramente textuais ou biográficas para uma investigação das estruturas e dos agentes que a condicionaram. Ao apresentar um panorama inédito e sistemático da trajetória anglófona de sua ficção, a tese preenche uma importante lacuna na literatura crítica. A investigação de como a imagem de Machado foi construída e reconstruída ao longo do tempo – incluindo a crescente atenção à sua identidade racial – aprofunda a compreensão das múltiplas facetas de sua recepção. A análise das dinâmicas de poder permite, finalmente, compreender sua “obscuridade internacional” inicial não como um destino inevitável, mas como um sintoma revelador do funcionamento seletivo do sistema literário mundial.

11.3 O LEGADO DE MACHADO DE ASSIS NO SÉCULO XXI: UM CÂNONE EM CONTÍNUA NEGOCIAÇÃO

A análise da trajetória anglófona de Machado de Assis, culminando no “boom” tradutório do século XXI, revela que seu legado e seu lugar no cânone mundial estão longe de ser estáticos. Pelo contrário, eles se encontram em um estado de contínua negociação e ressignificação, mais dinâmico do que nunca. A ascensão de Machado não é apenas a história de um autor do século XIX sendo finalmente “descoberto”, mas a de uma obra cuja complexidade e riqueza permitem que ela seja continuamente reativada e lida através das lentes de novas preocupações contemporâneas.

A relevância perene de Machado no século XXI reside, em parte, em sua espantosa modernidade. Sua ironia sutil, seu ceticismo em relação às grandes narrativas e às instituições, sua análise arguta das hipocrisias sociais e da fragilidade da psique humana encontram profunda ressonância em um mundo contemporâneo marcado pela desilusão e pela complexidade. A

forma inovadora de suas narrativas, que desafiam as convenções e exigem um leitor ativo e cúmplice, continua a fascinar e a parecer radicalmente nova.

Além disso, a “redescoberta” de Machado como um autor negro, cuja obra, mesmo que de forma oblíqua, dialoga com o legado da escravidão e as tensões raciais, conferiu-lhe uma nova e poderosa camada de relevância. Este reenquadramento não é apenas uma correção histórica necessária, que combate o processo de “embranquecimento” que sua figura sofreu no Brasil, mas também uma prova da capacidade de sua obra de ser lida e ressignificada por novas gerações com novas agendas políticas e sociais (Guimarães, 2017). Ele se torna, assim, uma figura central não apenas para a literatura brasileira ou para o modernismo universal, mas também para os estudos da diáspora africana e da literatura pós-colonial.

No entanto, mesmo para um gênio consagrado como Machado, a condição estrutural de autor de uma literatura periférica impõe desafios contínuos. Sua presença no centro do sistema literário mundial não é autossustentável; ela depende de um esforço constante de mediação, tradução de alta qualidade, promoção editorial e engajamento crítico. A história de suas “redescobertas” periódicas ilustra a natureza assimétrica e hierárquica da literatura mundial, onde autores de fora do eixo euro-estadunidense correm o risco de cair novamente na invisibilidade se não houver um investimento contínuo por parte dos agentes do centro. A trajetória de Machado é, portanto, um testemunho tanto de sua extraordinária força literária quanto da persistência das dinâmicas de poder que governam a cultura global.

11.4 LIMITAÇÕES DA PESQUISA E PERSPECTIVAS PARA INVESTIGAÇÕES FUTURAS

A integridade de qualquer investigação acadêmica reside também no reconhecimento transparente de suas limitações. Embora esta tese tenha buscado a máxima abrangência e profundidade, certas restrições metodológicas foram inevitáveis e, ao mesmo tempo, apontam para profícuos caminhos para pesquisas futuras.

A principal limitação foi o acesso restrito a arquivos editoriais internos e correspondências privadas. Muitas decisões cruciais sobre seleção, contratação e estratégias de marketing permanecem na esfera confidencial das editoras, o que dificulta a reconstituição integral de certos processos decisórios. A falta de dados sistemáticos sobre tiragens, vendas e contratos também limitou a análise do capital econômico em jogo, forçando um foco maior no capital simbólico, que, embora central, não conta toda a história. Além disso, o escopo geográfico da tese concentrou-se nos mercados editoriais dos Estados Unidos e do Reino Unido, deixando de fora a recepção de Machado em outros contextos anglófonos, como a Índia ou a Austrália, que poderiam revelar dinâmicas de apropriação distintas.

Longe de representarem um encerramento, as limitações deste estudo delineiam um fértil horizonte para futuras investigações, que podem expandir, aprofundar e diversificar a análise aqui proposta. Uma via de expansão natural seria a realização de estudos comparativos focados na circulação de Machado de Assis em outros espaços linguísticos centrais, como o francês e o espanhol. Tal abordagem permitiria não apenas contrastar as diferentes lógicas de consagração em campos literários distintos, mas também testar empiricamente teorias sobre o papel das “línguas-ponte” na circulação global da literatura, conforme sugere Werner (2009).

Outra frente de investigação, de caráter arquivístico, poderia se concentrar em desvelar os “bastidores” editoriais da canonização de Machado. Um mergulho nos acervos de instituições como a University of California Press, a Farrar, Straus and Giroux (que absorveu a Noonday Press), a Peter Owen Publishers ou a Oxford University Press traria à luz detalhes cruciais sobre as decisões e estratégias que definiram a trajetória do autor em inglês.

Na mesma linha de aprofundamento, a análise sistemática do cânone de contos de Machado em inglês seria de grande valia, investigando quais narrativas são sistematicamente incluídas

ou excluídas das antologias e quais critérios (estéticos, temáticos ou comerciais) orientam esse processo de filtragem e seleção tradutória.

Por fim, uma terceira frente de pesquisa, de natureza distinta, deslocaria o foco dos agentes de produção para os circuitos de recepção, por meio de estudos qualitativos sobre a apropriação da obra por leitores comuns em plataformas digitais como o Goodreads, oferecendo uma perspectiva indispensável e complementar à da crítica especializada.

11.5 MACHADO DE ASSIS E AS DINÂMICAS DE PODER NA LITERATURA MUNDIAL

Em última análise, a longa e complexa jornada da ficção de Machado de Assis em língua inglesa, de uma quase total obscuridade a um status de clássico mundial em pleno crescimento, revela-se um microcosmo das metamorfoses do poder no campo da literatura global. Sua trajetória demonstra, de forma inequívoca, que a circulação internacional de uma obra literária ultrapassa a mera questão de seu valor estético. Ela é o resultado de uma intrincada e contínua negociação entre agentes, instituições e estruturas de poder, um processo em que o capital simbólico é disputado, construído e transferido através de fronteiras linguísticas e culturais.

Analisar o “caso Machado” é, portanto, analisar como o “centro” hegemônico define, consome e, por vezes, reconfigura o “outro” cultural em diferentes momentos históricos. A maneira como Machado foi traduzido e recebido em cada fase – seja como instrumento de diplomacia cultural na Guerra Fria, seja como ícone da literatura da diáspora africana na era da globalização – reflete as mudanças nas prioridades e ideologias do próprio campo receptor.

O lugar de Machado de Assis no cânone mundial é, assim, um construto dinâmico, um testemunho eloquente de que o valor literário, para existir em escala global, precisa ser incessantemente mediado, traduzido e legitimado. Compreender as dinâmicas de poder que permearam essa jornada não apenas enriquece nossa apreciação da obra machadiana, mas também nos oferece uma lente crítica indispensável para entender como a própria ideia de “literatura mundial” é forjada nas relações, muitas vezes desiguais, que estruturam nosso mundo. A tarefa de seus múltiplos mediadores culturais – tradutores, editores, críticos e acadêmicos – foi, e continua a ser, a de garantir que “a pena da galhofa e a tinta da melancolia”, empunhadas com maestria incomparável no Rio de Janeiro do século XIX, continuem a escrever sua história no palco global do século XXI.

12 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Assis, J. M. M. de. (2013). *The alienist and other stories of Nineteenth-century Brazil* (J. C. Chasteen, Org.). Hackett Publishing Company, Inc.
- Assis, J. M. M. de. (2014). *Midnight Mass and Other Stories* (J. LePuen, Trad.). Fario.
- Assis, M. de. (1952). *Epitaph of a Small Winner* (William L Grossman, Trad.). Noonday Press.
- Assis, M. de. (1953). *Dom casmurro* (H. Caldwell, Trad.). Noonday Press.
- Assis, M. de. (1954). *Philosopher or Dog (Quincas Borba)* (Clotilde Wilson, Trad.). Noonday Press.
- Assis, M. de. (1963). *The Psychiatrist and Other Stories* (W. L. Grossman & H. Caldwell, Trans.). University of California Press.
- Assis, M. de. (1965). *Esau and Jacob* (H. Caldwell, Trad.). University of California Press.
- Assis, M. de. (1972). *Counselor Ayres' Memorial* (H. Caldwell, Trad.; Reprint 2019). University of California Press. <https://doi.org/10.1525/9780520341326>
- Assis, M. de. (1976). *Yayá Garcia* (R. L. Scott-Bucleuch, Trad.). P. Owen.
- Assis, M. de. (1977a). *Iaiá Garcia* (Albert I. Bagby, Jr., Trad.). University Press of Kentucky.
- Assis, M. de. (1977b). *The devil's church and other stories* (J. Schmitt & L. Ishmatsu, Orgs.). University of Texas Press.
- Assis, M. de. (1984). *Helena* (H. Caldwell, Trad.). University of California Press.
- Assis, M. de. (1990). *The wager: Aires' journal* (R. L. Scott-Bucleuch, Trad.). Owens.
- Assis, M. de. (1992). *Lord Taciturn* (R. L. Scott-Bucleuch, Trad.). Peter Owen Publishers.
- Assis, M. de. (1997a). *Dom Casmurro* (J. Gledson, Trad.). Oxford University Press.
- Assis, M. de. (1998). *Quincas Borba* (G. Rabassa, Trad.). Oxford Univ. Press.
- Assis, M. de. (2000). *Esau and Jacob* (D. E. Borges, Org.; E. Lowe, Trad.). Oxford University Press.
- Assis, M. de. (2008). *A chapter of hats and other stories* (J. Gledson, Org.). Bloomsbury Publishing.
- Assis, M. de. (2010). *Casa velha/The old house* (M. Carlyon, Trad.). Cidade Viva Editora.
- Assis, M. de. (2012a). *Quircas borbas*. Companhia Digital.
- Assis, M. de. (2012b). *The Alienist* (W. L. Grossman, Trad.). Melville House.
- Assis, M. de. (2014a). *Ex cathedra: Stories* (G. A. Cheney, L. Tanure, R. Kopit, A. Abu, & et al, Trans.; A bilingual edition). New London Librarium.
- Assis, M. de. (2014b). *Stories* (R. McNeil, Trad.; First edition). Dalkey Archive Press.
- Assis, M. de. (2016a). *Dom Casmurro* (R. L. Scott-Bucleuch, Trad.). Peter Owen Publishers.
- Assis, M. de. (2016b). *Miss Dollar* (G. P. Bellin & A. Lessa-Schmidt, Trans.; Bilingual edition). New London Librarium.
- Assis, M. de. (2018a). *Dom Casmurro: English Edition* (N. McArthur, Trad.). Lexicos Books.
- Assis, M. de. (2018b). *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* (N. McArthur, Trad.). Lexicos Books.
- Assis, M. de. (2020a). *Posthumous memoirs of Brás Cubas* (M. J. Costa & R. Patterson, Trans.). Liveright Publishing Corporation, a division of W. W. Norton & Company, Inc.
- Assis, M. de. (2022). *The Looking Glass: Essential Stories* (D. Hahn, Trad.). Pushkin Press.
- Assis, M. de. (2023). *Dom Casmurro: A novel* (M. J. Costa & R. Paterson, Trans.; [Paperback edition]). Liveright Publishing Corporation, a Division of W.W. Norton & Company.
- Assis, M. de. (2024). *Quincas Borba: A novel* (M. J. Costa & R. Patterson, Trans.; 1st ed). Liveright Publishing Corporation.
- Assis, M. de (with Bellin, G. P.). (2018c). *Trio in A-minor: Five stories by Machado de Assis* (A. Lessa-Schmidt & G. A. Cheney, Trans.; Edição bilingue). New London Librarium.

- Assis, M. de (with Caldwell, H.). (1970). *The Hand and the Glove* (A. I. Bagby, Trad.; Vol. 32). The University Press of Kentucky.
- Assis, M. de (with Eggers, D.). (2020b). *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* (F. Thomson-DeVeaux, Trad.). Penguin Publishing Group.
- Assis, M. de (with Passos, J. L.). (2013). *Resurrection* (K. S. Sotelino, Trad.). Latin American Literary Review Press.
- Assis, M. de (with Rego, E. de S., & Passos, G. P.). (1997b). *The Posthumous Memoirs of Bras Cubas* (G. Rabassa, Trad.). Oxford University Press.
- Assis, M. de (with Wood, M.). (2018d). *The Collected Stories of Machado de Assis* (M. J. Costa & R. Patterson, Trans.; 1st ed). Liveright Publishing Corporation.
- Assis, M. de (with Wood, M.). (2019). *Machado de Assis: 26 Stories* (M. J. Costa & R. Patterson, Trans.; 1st ed). Liveright Publishing Corporation.
- Bagby Jr., A. I. (1970). Introduction (A. I. Bagby Jr., Trad.). Em M. de Assis, *The hand & the glove* (p. vii–xix). University Press of Kentucky.
- Bagby Jr., A. I. (1977a). Introduction: The life of machado de assis (A. I. Bagby Jr., Trad.). Em M. de Assis, *Iaiá garcia* (p. vii–xx). The University Press of Kentucky.
- Bagby Jr., A. I. (1977b). Preface. Em M. de Assis, *Iaiá garcia* (p. n.p.). The University Press of Kentucky.
- Barroso, M. A. (2017). Instituto Nacional do Livro. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 1(1/3), Artigo 1/3. <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/803>
- Becker, A. (2024). Historical fiction books to read next. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2024/10/10/books/review/historical-fiction.html>
- Bellin, G. P. (2016). Introdução/Introduction. Em M. de Assis, *Miss Dollar: Stories by Machado de Assis*. New London Librarium.
- Bellin, G. P. (2018). Prefácio/foreword. Em M. de Assis, *Trio in a-minor: Five stories by machado de assis*. New London Librarium.
- Bergonzi, B. (1965, outubro 28). [Rev. of *Big Winner*, por M. de Assis & S. Vestdijk]. *The New York Review of Books*, 5(6). <https://www.nybooks.com/articles/1965/10/28/big-winner/>
- Berman, A. (1995). *L'épreuve de l'étranger: Culture et traduction dans l'Allemagne romantique Herder, Goethe, Schlegel*. Gallimard.
- Berman, A. (2007). *A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo*. 7Letras/PGET.
- Bloom, H. (2002). *Genius: A mosaic of one hundred exemplary creative minds*. Warner Books.
- Borges, D. (2000). Foreword (E. Lowe, Trad.). Em J. M. Machado de Assis, *Esau and jacob*. Oxford University Press.
- Bourdieu, P. (1990). Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. *Cahiers d'histoire des littératures romanes*, 14(1–2), 1–10. <https://doi.org/10.3406/arss.2002.2793>
- Bourdieu, P. (1992). *Les règles de l'art genèse et structure du champ littéraire*. Éditions du Seuil.
- Bourdieu, P. (2002). Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 145(5), 3–8. <https://doi.org/10.3917/arss.145.0003>
- Braccini, A. M. I. (2022). *Iaiá Garcia de Machado de Assis em inglês: O papel dos tradutores na tradução dos marcadores culturais para o mundo anglo-americano* [Dissertação de mestrado]. Universidade de Brasília.
- Caldwell, H. (1960). *The Brazilian Othello of Machado de Assis: A study of Dom Casmurro*. University of California Press.
- Caldwell, H. (1965). Translator's introduction (H. Caldwell, Trad.). Em M. de Assis, *Esau and jacob* (p. v–xv). University of California Press.

- Caldwell, H. (1970). *Machado de Assis; the Brazilian master and his novels*. University of California Press.
- Caldwell, H. (1972). Translator's introduction (H. Caldwell, Trad.). Em M. de Assis, *Counselor ayres' memorial* (p. v–ix). University of California Press.
- Caldwell, H. (1984). Translator's introduction (H. Caldwell, Trad.). Em M. de Assis, *Helena: A novel* (p. v–ix). University of California Press.
- Candido, A. (1995). Esquema de Machado de Assis. Em *Vários escritos* (p. 17–39). Duas Cidades.
- Casanova, P. (2002). Consécration et accumulation de capital littéraire [La traduction comme échange inégal]. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 144(1), 7–20. http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_2002_num_144_1_2804
- Casanova, P. (2008). *La république mondiale des lettres*. Editions du Seuil.
- Chasteen, J. C. (2013). Introduction: Brazil's machado, machado's brazil. Em *The alienist and other stories of nineteenth-century brazil* (p. xiii–lxi). Hackett Publishing Company.
- Cohn, D. (2012). *The Latin American literary boom and U.S. nationalism during the Cold War*. Vanderbilt University Press.
- Cohn, D. (2023). Tradução e/como Soft Power: Literatura Latino-Americana nos Eua durante a Guerra Fria. *Machado de Assis em Linha*, 16, e276717. <https://doi.org/10.1590/1983-682120231618pt>
- Costa, C. B. (2016). *Dom Casmurro em inglês: Tradução e recepção de um clássico brasileiro*. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Costa, M. J., & Patterson, R. (2018). Introduction. Em *The collected stories of machado de assis*. Liveright Publishing Corporation.
- Costa, M. J., & Patterson, R. (2020). Introduction. Em M. de Assis, *Posthumous memoirs of brás cubas*. Liveright Publishing Corporation.
- Costa, M. J., & Patterson, R. (2023). Introduction. Em M. de Assis, *Dom casmurro: A novel*. Liveright Publishing Corporation.
- Costa, M. J., & Patterson, R. (2024). Introduction. Em M. de Assis, *Quincas borba: A novel*. Liveright Publishing Corporation.
- Damrosch, D. (2003). *What Is World Literature?* Princeton University Press.
- Eggers, D. (2020a). Foreword. Em M. de Assis, *The posthumous memoirs of brás cubas*. Penguin Books.
- Eggers, D. (2020b). Rediscovering one of the wittiest books ever written. *The New Yorker*. <https://www.newyorker.com/books/second-read/rediscovering-one-of-the-wittiest-books-ever-written>
- Es, N. van, & Heilbron, J. (2015). Fiction from the periphery: How dutch writers enter the field of english-language literature. *Cultural Sociology*, 9(3), 296–319. <https://doi.org/10.1177/1749975515576940>
- Even-zohar, I. (1990). Polysystem Studies. *Poetics Today*, 11(1), 1–268.
- Even-Zohar, I. (1990). The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem. *Poetics Today*, 11(1), 45–51. <http://www.jstor.org/stable/1772668?origin=crossref>
- Favaretto, C. (1998). Afterword (G. Rabassa, Trad.). Em J. M. Machado de Assis, *Quincas borba*. Oxford University Press.
- Feres, L. B., & Brisolara, V. S. (2016). A literatura brasileira em tradução: O caso do Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior. *Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS*, 9(esp.(supl.)), 144–154. https://www.researchgate.net/profile/Valeria_Brisolara/publication/311549446_A_literatura_brasileira_em_traducao_o_caso_do_Programa_de_Apoio_a_Traducao_e_a_Pu

- blicacao_de_Autores_Brasileiros_no_Exterior/links/594982a1a6fdcc3e17fc6bd5/A-literatura-brasileir
- Fitts, D. (1952). A masterpiece from brazil. *The New York Times*, 16–17. <https://www.nytimes.com/1952/07/13/archives/a-masterpiece-from-brazil.html>
- Fitts, D. (1963). Curious, ironic tales from a brazilian master. *The New York Times*, BR28. <https://www.nytimes.com/1963/05/05/archives/curious-ironic-tales-from-a-brazilian-master.html>
- Fitts, D. (1965). Brazilians all. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/>
- Fitz, E. (2009). The Reception of Machado de Assis in the United States during the 1950s and 1960s. *Luso-Brazilian Review*, 46(1), 16–35. <https://doi.org/10.1353/lbr.0.0058>
- Fitz, E. (2012). A recepção de Machado de Assis nos Estados Unidos durante as décadas de 1950 e 1960. *Machado de Assis em linha*, 5(9), 24–52.
- Fitz, E. (2022). The Education of Stuffed Shirts: Machado’s Reception in the United States. *Machado de Assis Em Linha*, 15, e266812. <https://doi.org/10.1590/1983-682120221510>
- Franco, J., & Graham, R. (1997). Series editors’ general introduction. Em *Dom casmurro* (p. vii–x). Oxford University Press.
- Frank, W. (1953). Introduction (H. Caldwell, Trad.). Em M. de Assis, *Dom casmurro* (p. 5–13). Noonday Press.
- Frank, Z. L. (2022). The strange case of machado de assis and the noonday press: Rights and publicity in english translation. *Machado de Assis Em Linha*, 15. <https://doi.org/10.1590/1983-682120221524>
- Freitas, L. F. de. (2011). Paratexto e visibilidade na tradução de Dom Casmurro para o inglês. *Cadernos de Tradução*, 2(28), 87–95. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4925670>
- Freitas, L. F. de. (2012). Dom Casmurro em inglês: Tradução, visibilidade e crítica. Em Florianópolis: PGET/UFSC (Org.), *Machado de Assis: Tradutor e traduzido* (p. 75–85).
- Freitas, L. F. de, & Costa, C. B. (2015). Machado constista em antologias em língua inglesa. *Cad. Trad.*, 35(1), 69–85. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35n1p69>
- Freitas, L. F. de, & Costa, C. B. (2018). Machado contista em antologias em língua inglesa. Em M.-H. C. Torres, L. F. de Freitas, & W. C. Costa (Orgs.), *Machado de Assis, Literatura e Tradução* (p. 35–54). Substância. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35n1p69>
- Genette, G. (2009). *Paratextos Editoriais*. Ateliê Editorial.
- Gledson, J. (1997). Dom casmurro: A foreword. Em M. de Assis, *Dom casmurro*. Oxford University Press.
- Gledson, J. (2008). Translator’s introduction. Em M. de Assis, *A chapter of hats: Selected stories* (p. 1–15). Bloomsbury Publishing.
- Gledson, J. (2012). Traduzindo Machado de Assis: “Dona Paula”. Em *Machado de Assis: Tradutor e traduzido*.
- Gledson, J. (2013). Translating Machado de Assis/Traduzindo Machado de Assis. *Scientia Traductionis*, 14, 6–63. <http://dx.doi.org/10.5007/1980-4237.2013n14p6>
- Grossman, W. L. (1952). Translator’s introduction (W. L. Grossman, Trad.). Em M. de Assis, *Epitaph of a small winner* (p. 11–14). Noonday Press.
- Grossman, W. L. (1954). Victory and potatoes. *The Saturday Review*, 12. <https://www.unz.com/print/SaturdayRev-1954jul17-00012/>
- Grossman, W. L. (1963). Introduction (W. L. Grossman & H. Caldwell, Trads.). Em M. de Assis, *The psychiatrist and other stories* (p. vii–x). University of California Press.

- Guimarães, H. de S. (2009). Uma vocação em busca de línguas: Notas sobre as (não) traduções de Machado de Assis. *Luso-Brazilian Review*, 46(1), 36–44. <https://www.jstor.org/stable/25654808>
- Guimarães, H. de S. (2017a). *Machado de Assis, o escritor que nos lê*. Editora Unesp.
- Guimarães, H. de S. (2017b). Race and Color in the Reception of Machado de Assis. *Luso-Brazilian Review*, 54(2), 11–28. <https://doi.org/10.3368/lbr.54.2.11>
- Guimarães, H. de S. (2019). Helen Caldwell, Cecil Hemley e os Julgamentos de Dom Casmurro. *Machado de Assis em Linha*, 12(27), 113–141. <https://doi.org/10.1590/1983-6821201912277>
- Guimarães, H. de S. (2023). A trajetória editorial de Machado de Assis em inglês (1950-1960). *Machado de Assis em Linha*, 16, e273147. <https://doi.org/10.1590/1983-682120231620pt>
- Guimarães, H. de S., & Oliveira, V. F. de. (2021). Clotilde Wilson, Cecil Hemley e a gênese de *Philosopher or dog?* (Quincas Borba). *Machado de Assis em Linha*, 14, e257663. <https://doi.org/10.1590/1983-682120211418>
- Haberly, D. T. (1998). Introduction (G. Rabassa, Trad.). Em J. M. Machado de Assis, *Quincas borba*. Oxford University Press.
- Hahn, D. (2022). Translator's note. Em M. de Assis, *The looking-glass: Essential stories*. Pushkin Press.
- Hammond, J. H. (1972). The Hand and the Glove by Albert I. Bagby, and Joaquim Maria Machado de Assis. *The South Central Bulletin*, 32(1), 29. <http://www.jstor.org/stable/3252386>
- Hansen, J. A. (1997). Dom Casmurro, the fruit and the rind: An afterword (J. Gledson, Trad.). Em J. M. Machado de Assis, *Dom casmurro*. Oxford University Press.
- Hatje-Faggion, V. (2001). *The translator's discursive presence in translated discourse: Machado de Assis' five novels in English multiple translations* [PhD thesis, University of Warwick]. <http://wrap.warwick.ac.uk/177861>
- Hatje-Faggion, V. (2013). Marcas de uma travessia: Aspectos de seleção, tradução e publicação de contos de Machado de Assis em inglês. *Scientia Traductionis*, 14, 107–131. <http://dx.doi.org/10.5007/1980-4237.2013n14p107>
- Hatje-Faggion, V. (2017). Tradutores de Machado de Assis: Vozes na História da Tradução. *Revista Belas Infiéis*, 6(2), 53–70. <http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/28254>
- Heilbron, J. (1999). Towards a sociology of translation: Book translation as a cultural world-system. *European Journal of Social Theory*, 2(4), 429–444. <https://doi.org/10.1126/science.2479987>
- Heilbron, J. (2020). Obtaining World Fame from the Periphery. *Dutch Crossing*, 44(2), 136–144. <https://doi.org/10.1080/03096564.2020.1747284>
- Heilbron, J., & Sapiro, G. (2007). Outline for a sociology of translation: Current Issues and Future Prospects. Em M. Wolf & A. Fukari (Orgs.), *Constructing a Sociology of Translation* (p. 93–107). John Benjamins.
- Heilbron, J., & Sapiro, G. (2015). Translation: Economic and Sociological Perspectives. Em V. Ginsburgh & S. Weber (Orgs.), *The Palgrave Handbook of Economics and Language* (p. 373–402). Palgrave Macmillan. https://www.researchgate.net/publication/302923539_Translation_Economic_and_Sociological_Perspectives
- Jackson, K. D. (1998). Madness in a tropical manner. *The New York Times*, 14. <https://www.nytimes.com/1998/02/22/books/madness-in-a-tropical-manner.html>

- Jackson, K. D. (2006). Machado de Assis in English: A selected bibliography. Em J. C. de C. ROCHA (Org.), *The author as plagiarist: The case of Machado de Assis* (p. 627–646). University of Massachusetts Dartmouth.
- Katzenstein, A. (2020). A well-ventilated conscience. *The New York Review of Books*. <https://www.nybooks.com/articles/2020/12/17/machado-de-assis-well-ventilated-conscience/>
- Keates, J. (1998). The emperor's new dog. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com>
- Krause, J. R. (2015). Prestidigitação do tradutor: Robert L. Scott-Bucclench como leitor não confiável de Dom Casmurro. *Machado de Assis em linha*, 8(16), 62–81.
- Kremer, L. M. S. (2007). Desvendando saberes: O caso da tradução de “Dom Casmurro” para o inglês. Em *In: VII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE (anais)* (p. 4003–4014). PUC-PR.
- Lino, S. C. (2009). Onde está Waldo Frank? God bless a América Hispânica. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, 22(44), 522–538. <https://doi.org/10.1590/S0103-21862009000200011>
- Macedo, L. F. (2023). A Obra de Machado de Assis nos Estados Unidos: Estudo da Biografia do Autor nos Prefácios das Primeiras Traduções (1952-1984). *Machado de Assis em Linha*, 16, e276129. <https://doi.org/10.1590/1983-682120231628>
- McPhee, J. (2000, novembro 26). Books in brief: Fiction. *The New York Times*, Section 7, Page 21. <https://www.nytimes.com/2000/11/26/books/books-in-brief-fiction.html>
- Moisés, C. F. (2000). Afterword (E. Lowe, Trad.). Em J. M. Machado de Assis, *Esau and jacob*. Oxford University Press.
- Moreira, P. (2009). O lugar de Machado de Assis na República Mundial das Letras. *Machado de Assis em linha*, 4, 96–107. http://machadodeassis.net/revista/numero04/rev_num04_artigo05.asp
- Moser, B. (2018, julho 2). He's One of Brazil's Greatest Writers. Why Isn't Machado de Assis More Widely Read? *The New Yorker*. <https://www.newyorker.com/magazine/2018/07/09/hes-one-of-brazils-greatest-writers-why-isnt-machado-de-assis-more-widely-read>
- Moser, B. (2023). Book review: ‘Dom casmurro,’ by machado de assis. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2023/05/22/books/review/machado-de-assis-dom-casmurro.html>
- Nogueira, M. das G. de C. (2011). *Teorias textuais nas estratégias tradutórias das Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- Nunes, C. M. V. (2021). *A tradução inglesa de Memórias Póstumas de Brás Cubas: Uma abordagem sistêmico-funcional* [Tese de doutorado]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Passos, G. P. (1997). Afterword (G. Rabassa, Trad.). Em J. M. Machado de Assis, *The posthumous memoirs of brás cubas*. Oxford University Press.
- Patai, D. (1999). Machado in english. Em *Machado de Assis: Reflections on a Brazilian master* (p. 85–115). University of Texas Press.
- Patai, D. (2009). Machado em inglês. Em *Machado de Assis e a crítica internacional*. Editora Unesp.
- Perelmuter, F. (2024, outubro 1). A Unique Example of Flat-Out Genius | Joachim Maria Machado De Assis's Quincas Borba. *Southwest Review*. <https://southwestreview.com/a-remarkable-example-of-flat-out-genius/>
- Piseta, T. (2023). *Machado de Assis em cinco traduções para a língua inglesa ao longo de 70 anos*.

- Poore, C. (1965). A worldly fable of changing eras. *The New York Times*, Books of the Times. <https://www.nytimes.com/>
- Rabassa, G. (1970). The hand and the glove. *The New York Times*, 65. <https://www.nytimes.com/1970/11/22/archives/a-minor-novel-by-a-major-writer.html>
- Rego, E. de S. (1997). Preface (G. Rabassa, Trad.). Em J. M. Machado de Assis, *The posthumous memoirs of brás cubas*. Oxford University Press.
- Santos, B. S. D., & Daniel, G. R. (2022). “The Supreme Black Literary Artist”: A Racialized Machado de Assis in the English-Speaking World. *Machado de Assis Em Linha*, 15, e267432. <https://doi.org/10.1590/1983-682120221518>
- Sapiro, G. (2009). Mondialisation et diversité culturelle: Les enjeux de la circulation transnationale des livres. Em *Les contradictions de la globalisation éditoriale* (p. 275–301). Nouveau Monde éditions.
- Sapiro, G. (2014). The Sociology of Translation: A New Research Domain. *A Companion to Translation Studies*, 82–94. <http://www.worldcat.org/oclc/5538103639>
- Sapiro, G. (2015). Translation and Symbolic Capital in the Era of Globalization: French Literature in the United States. *Cultural Sociology*, 9(3), 320–346. <https://doi.org/10.1177/1749975515584080>
- Sapiro, G. (2016). Faulkner in France: Or How to Introduce a Peripheral Unknown Author in the Center of the World Republic of Letters. *Journal of World Literature*, 1, 391–411. <https://doi.org/10.1163/24056480-00103007>
- Sapiro, G. (2018). ¿Cómo las obras literarias atraviesan fronteras (o no)? Una aproximación sociológica a la literatura mundial. *El Taco en la Brea*, 7, 182–194. <https://doi.org/10.14409/tb.v0i7.7363>
- Schmitt, J., & Ishimatsu, L. (1977). Introduction (J. Schmitt & L. Ishimatsu, Trans.). Em M. de Assis, *The devil's church and other stories* (p. x–xiii). University of Texas Press.
- Schwarz, R. (2000). *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis* (4. ed., 2. reimpr). Livr. Duas Cidades/Ed. 34.
- Scott-Buccluch, R. L. (1976). Translator's foreword (R. L. Scott-Buccluch, Trad.). Em M. de Assis, *Yayá garcia* (p. 5–7). Peter Owen.
- Scott-Buccluch, R. L. (1990). Introduction. Em M. de Assis, *The wager: Aires' journal*. Peter Owen Publishers.
- Scott-Buccluch, R. L. (1992). Translator's introduction. Em *Dom casmurro*. Peter Owen.
- Sehgal, P. (2018). A master storyteller from 19th-century brazil, heir to the greats and entirely sui generis. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2018/06/06/books/review/machado-de-assis-collected-stories.html>
- Sehgal, P. (2020, junho 16). A Playful Masterpiece That Expanded the Novel's Possibilities. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2020/06/16/books/review-posthumous-memoirs-bras-cubas-machado-de-assis.html>
- Seixas Guimarães, H. de. (2020). Duas novas vidas para Brás Cubas. *Quatro Cinco Um*. <https://quatrocincoum.com.br/resenhas/literatura/duas-novas-vidas-para-bras-cubas>
- Silva, A. C. S. da. (2016). Apresentação/Foreword. Em G. P. B. & A. Lessa-Schmidt (Org.), *Miss dollar: Stories by machado de assis – bilingual edition* (p. n.p.). New London Librarium.
- Sontag, S. (1990). Afterlives: The case of machado de assis. *The New Yorker*, 102–108. <https://www.newyorker.com/magazine/1990/05/07/afterlives-the-case-of-machado-de-assis>

- Sotelino, K. C. S. (2008). *The unreliable memories of Machado de Assis: The ambiguous language of remembrance in translation* [Doctoral dissertation]. ProQuest Dissertations Publishing / University of California, Santa Cruz.
- Sotelino, K. C. S. (2011). Affect in translation diary form and affect in Machado de Assis's Memorial de Aires. *Revista portuguesa de humanidades*, 15(1), 111–130. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3895821>
- Stern, J. (1954). Illusion of grandeur. *The New York Times*, BR14–BR15. <https://www.nytimes.com/1954/07/18/archives/illusion-of-grandeur.html>
- Swaan, A. de. (2001). *Words of the world: The global language system*. Polity Press.
- Thomson-DeVeaux, F. (2018). Reading Machado through the Looking-Glass: Case Studies from the Translations of Memórias Póstumas. *Machado de Assis Em Linha*, 11(25), 96–111. <https://doi.org/10.1590/1983-6821201811256>
- Thomson-DeVeaux, F. (2020). Introduction. Em M. de Assis, *The posthumous memoirs of brás cubas*. Penguin Books.
- Thomson-DeVeaux, F. (2021). Translating machado de assis: An interview with flora thomson-DeVeaux on the posthumous memoirs of brás cubas and other discoveries. *Revista de Letras*, 40(2), 138–145. <https://www.periodicos.ufc.br/index.php/revletras>
- Thomson-Deveaux, F. (2023). Memórias Póstumas de Brás Cubas em Tradução: Um Passeio por Três Capítulos. *Machado de Assis em Linha*, 16, 1–22. <https://doi.org/10.1590/1983-682120231619>
- Toury, G. (2000). The nature and role of norms in translation. Em L. Venuti (Org.), *The translation studies reader* (p. 198–212). Routledge.
- Toury, G. (2012). *Descriptive translation studies—And beyond* (2nd expanded ed). John Benjamins Pub. Co.
- Venuti, L. (2004). *The translator's invisibility: A history of translation*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203360064>
- Webster, H. C. (1953). The essential ambiguities in us all. *The New York Times*, BR6. <https://www.nytimes.com/1953/05/24/archives/the-essential-ambiguities-in-us-all-dom-casmurro-by-machado-de-assis.html>
- Werner, C. (2009). *Literary translation flow from Brazil to abroad: Six case studies* [MA Thesis].
- West, A. (1952). A minor classic. *The New Yorker*, 71–74. <https://www.newyorker.com/magazine/1952/08/09/a-minor-classic>
- West, A. (1965). Books. *The New Yorker*, 217–222. <https://www.newyorker.com/magazine/1965/09/25/books>
- West, A. (1973). Indirections. *The New Yorker*, 117–118.
- Wilson, C. (1954). Translator's preface (C. Wilson, Trad.). Em M. de Assis, *Philosopher or dog?* (p. ix–xii). Noonday Press.
- Wood, M. (2002, julho 18). [Rev. of *Master Among the Ruins*, por J. M. M. de Assis, J. M. M. de Assis, J. M. M. de Assis, & R. Schwarz]. *The New York Review of Books*, 49(12). <https://www.nybooks.com/articles/2002/07/18/master-among-the-ruins/>
- Wood, M. (2006). Um mestre entre ruínas. *Teresa. Revista de Literatura Brasileira*, 6, 489–510. <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116646/114241>
- Wood, M. (2018). Foreword (M. J. Costa & R. Patterson, Trans.). Em M. J. Costa & R. Patterson (Orgs.), *The collected stories of machado de assis*. Liveright Publishing Corporation.

13 LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Hierarquia das Línguas no Sistema Mundial de Tradução.....	65
Tabela 2. Níveis de Análise na Circulação da Ficção de Machado de Assis em Língua Inglesa (1950-2024).....	76
Tabela 3. Principais Variáveis Codificadas na Base de Dados Heurist para Análise das Traduções de Machado de Assis (1950–2024).....	81
Tabela 4. Linha do Tempo das Principais Traduções de Obras de Ficção de Machado de Assis para o Inglês (1950-2024).....	98
Tabela 5. Número de Novas Traduções de Obras de Ficção de Machado de Assis para o Inglês por Década (1950-2024), por Gênero.....	103
Tabela 6. Obras de Ficção de Machado de Assis Mais Traduzidas para o Inglês (1950-2024).....	111
Tabela 7. Perfil dos Principais Tradutores da Ficção de Machado de Assis para o Inglês	112
Tabela 8. Perfil das Principais Editoras de Traduções da Ficção de Machado de Assis em Inglês	115
Tabela 9. Traduções de Machado de Assis pela Noonday Press (1952-1954).....	124
Tabela 10. Análise Comparativa de Resenhas Seleccionadas (1952-1954).....	128
Tabela 11. Principais Traduções de Machado de Assis pela UCP, UPK e UTP (1960-1984).....	140
Tabela 12. Iniciativas de Fomento Meso-Level Apoiando Traduções de Machado de Assis (1960-1980).....	146
Tabela 13. Temas Dominantes no Enquadramento Paratextual de Machado de Assis por Editoras Universitárias (1960-1984)	151
Tabela 14. Resumo da Recepção Crítica de Edições Universitárias de Machado de Assis nos EUA (Resenhas Seleccionadas, 1960-1980).....	156
Tabela 15. Obras de Machado de Assis na Coleção “Library of Latin America” da OUP (1997-2000).....	186
Tabela 16. Antologias de Contos de Machado de Assis em Língua Inglesa (2000-2024).....	196
Tabela 17. Principais Traduções de Romances de Machado de Assis por Penguin Classics e Norton/Liveright (2018-2024).....	206
Tabela 18. Manifestações das Dinâmicas de Poder na Tradução de Machado de Assis (1950-2024).....	222
Tabela 19. As Quatro Ondas de Tradução e Canonização de Machado de Assis no Mundo Anglófono (1950-2024).....	225

Esta tese investiga a circulação da ficção de Machado de Assis no mundo anglófono (1950–2024), com foco nos EUA e na Inglaterra. Ancorada na sociologia da tradução e da literatura, demonstra que sua consagração internacional resultou de dinâmicas de poder (geopolíticas, institucionais e editoriais) operando em níveis macro, meso e micro. A partir de uma cartografia das traduções e estudos de caso editoriais, revela que a legitimação do autor foi construída socialmente, em diálogo com os interesses dos campos culturais de chegada, da Guerra Fria aos debates identitários contemporâneos.